OBRAS

DO

DR. LUIZ DE CASTRO

COM UM PREFACIO

DE

LUIZ DE CASTRO, FILHO

TOMO SEGUNDO

MISCELLANEA

LISBOA
TYP. DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA
309, Rua da Rosa, 309
1890

OBRAS

DO

DR. LUIZ DE CASTRO

COM UM PREFACIO

POR

LUIZ DE CASTRO, FILHO

TOMO II

MISCELLANEA

LISBOA

TYP. DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

RUA DA ROSA, 309

1889

A MODA[1]

I

Rainha soberana do universo, autócrata de todas as bolas mais ou menos ôcas, que por ahi chamão cabeças, tu, que ao despertares o primeiro pensamento da dengosa loureira, agitas sonhando o casto seio da mais austera matrona, tu, que entesas ou abaixas os collarinhos ao xixisbéo pizaflôres, e ao grave senador, tu, que ora me imprensas as pernas em grevas de casimira, ora m'as deixas fluctuar perdidas em bombachas hemisphericas, tu, que ora vestes a minha vizinha de gridefé dos pés até á cabeça, ora a fazes rutilar como um arco iris ou uma arara, imperiosa moda, eu te saúdo. Quem pode

[1] Revista Popular (1859).

n'este mundo dos mortaes eximir-se ao teu sceptro absoluto? Tresloucado, quem julga, que tu só diriges a tesoura do alfaiate, a agulha da costureira, a sovella do sapateiro e a fôrma do chapelleiro.

Não, a moda tudo rende e avassalla, desde o acto mais frivolo até á acção mais momentosa. E vão lá dizer que ella não influe nos destinos da humanidade. Olá, se influe. É que muitas vezes se disfarça com nomes emprestados, ora são gostos da épocha, ora tendencias do seculo, ou espirito do tempo, ora progressos da nação; historias, é a moda e sempre a moda, a moda, que já vestiu nossa mãe Eva com meia duzia de folhas de figueira, e ora envolve cada uma de suas filhas em sessenta varas de fazenda.

Se eu não tivera escripto já um artigo, em que procurei mostrar que *tudo no mundo é velho,* seria aqui o logar de vêr como as nossas maiores novidades não são mais do que reinvenções antigas. E porque? Porque houve um tempo, em que isto ou aquillo era moda, e depois a moda passou, e a cousa esqueceu-se, e a moda voltou, porque é uma roda, que de contínuo gira, e a cousa tornou a lembrar.

E vá lá alguem infringir os sagrados preceitos da moda! Vá alguem sobre pretexto de que o thermometro marca 90 gráus, apresentar-se sem ser vestido de pesada lã preta n'uma sala, onde duzentos

fogareiros humanos elevão o calor da atmosphera quasi ao gráu de agua fervente, vá, atreva-se, e espere-lhe pela volta Ou vá, embora passe ás mil maravilhas, responder que bem, a quem lhe pergunta pela saude, e verá o juizo, que d'elle fórmão. O mais que a moda nos permitte que passemos, hygienicamente falando, é soffrivelmente, assim assim, e isso mesmo quando não anda alguma doença em voga, alguma d'estas molestias romanticas, como ataques de nervos, enxaquecas, etc., porque então é de rigor, que a tenhamos tambem.

A moda impera como despota sobre a linguagem, já prescrevendo, já banindo termos e expressões sem outra razão mais do que o seu capricho, sobre os divertimentos publicos e particulares, sobre os jogos, substituindo aos de fôrça, os de azar, sobre as dansas, trocando as figuradas pelas passeadas.

> Não são os gostos eternos:
> Teve o passapié amigos,
> Ainda não ha quinze invernos;
> Foi a gloria dos antigos,
> Hoje é mofa dos modernos.

E esses modernos, de que falava o bom Tolentino, já para nós são antigualhas.

Debalde em ralhar te canças;
Deixa ao tempo os seus caminhos;
Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,
Hystericos, Josésinhos,
Feitiços e contradansas.

E fôrão-se uns, os outros ficárão. As poupas fôrão-se, ou antes mudárão-se do toutiço para as duas fontes, as tranças ainda muito boa gente as usa postiças. Os hystericos nem se fôrão, nem se irão, emquanto houver

D'essas velhas presumidas,
Que emfim de mez fingem dôres,
Só ás môças concedidas,
E têem de compradas côres
As rôxas faces tingidas.

Cuja bôcca pestilente,
Ante um espelho ensaiada,
Torcendo-se destramente,
Aprende a abrir a risada
Por onde inda resta um dente.

Os Josésinhos, esses já lá vão, pelo menos foi-se o nome, cousa essencialissima n'estas cousas, e que tinha o defeito grave de ser portuguez, cousa que a moda toda franceza reprova hoje. Consolemo'-nos com a esperança, de que talvez um dia succeda o contrário. Os feitiços hão de durar emquanto hou-

ver papalvos no mundo, nem sei quando elles se acabarão. Quanto ás contradansas, essas têem passado por gravissimos e profundos melhoramentos, mas duram ainda felizmente para gloria das *rainhas do baile*, das *interessantes meninas* X***, da *espirituosa* sr.ª R.... das *sympathicas manas F....* dos *guipures, que realção os toilettes,* e de todas essas cousas bonitas, que fazem embasbacar os folhetinistas.

Mas não é só sobre o que a alguem se antolhará frivolidades, que se exerce o ferrenho dominio da moda. D'elle não é exempta a politica, essa entidade tão séria, nem a administração dos Estados, nem a propria religião. Tem havido épochas de carolice e beatismo, tem havido outras, e não sei se a nossa não será d'essas, de scepticismo e philosophismo. Tem havido, ha e haverá prégadores da moda, egrejas da moda, missas da moda. Com a litteratura o mesmo se dá, que outra cousa não são essas chamadas escholas, classica, romantica, realista, idealista, e sabe Deus quantas mais. Ora são moda os sonetos e as odes, ora as quadras e os hymnos.

Nem as sciencias escapão a esta influencia, que abala o universo, e entre todas se avantaja n'isto a medicina. Respeito e venero muito os medicos, e por isso não quero pendencias com taes senhores. Vejo que todo o mundo ralha d'elles quando são, e

todo o mundo os chama e os quer á sua cabeceira, quando se vê em apêrtos, e a braços com a pallida enfermidade. Ninguem tanto como Molière e Bocage, fizeram rir á custa dos discipulos de Esculapio, ninguem lhes jogou tantas chufas, tantos mortaes doestos. E que eram Molière e Bocage, quando doentes? Dois fanaticos crentes da medicina, que anciosos observavão á risca as mais miudas prescripções d'ella, e cheios de susto procuravão lêr nos rostos dos seus facultativos a sentença de morte e de vida. E Bocage, que escrevia

> Lavrou chibante receita
> Um doutor com todo o esmero;
> Era para certa môça,
> Que ficou sã como um pero.
>
> «Tão cedo! É milagre! (assenta
> A mãe que de gôsto chora)
> — Minha mãe, não é milagre,
> Deitei o remedio fora.»

não só não deitava fora os remedios, mas até quando na sua ultima molestia se viu abandonado da medicina, e exgottados os recursos da arte já lhe não queriam receitar os Galenos, agarrava-se aos charlatães e empiricos, e com supersticiosa fé tragava as inculcadas mézinhas, que lhe receitavão, de sorte que só Deus sabe se com acêrto (substituido

comtudo o adjectivo *rico*, que bem mal caberia ao poeta) se lhe não poderia ter posto o epitaphio, por elle mesmo feito

> Aqui jaz um homem rico
> N'esta rica sepultura:
> Escapava da molestia,
> Se não morresse da cura.

Não, avisado pelo exemplo alheio, creio eu firmemente no poder da medicina, sobretudo desde que vi o livro de lembranças, que em confiança me mostrou um doutor meu amigo. N'este precioso vade meco escrevia o grande homem de um lado as receitas, que não vinhão no formulario, mas cuja efficacia a sua longa prática, e agudissimo espirito de observação lhe havião provado, e do outro ia lançando as reflexões, que a applicação d'essas receitas com o andar do tempo lhe ia suggerindo. E o mais curioso era ouvil-o contar os differentes casos, a que devia a colheita das suas receitas. Um só exemplo bastará para dar idéa do valor do livrinho e da perda, que não será, se, morrendo o auctor (não sei se este astro já se apagaria no céo medico, tomando talvez por engano algum dos seus proprios récipes) elle se extravia, sem haver quem o dê á estampa.

Tratava o meu Hippocrates de umas teimosas ter-

çãs um lavrador; e tantos sulfatos, pilulas, e tizanas lhe metteu no bucho, de modo que em dois mezes, não sei como o pobre homem durou tanto, de gordo e rochunchudo, que era, o pôz litteralmente na espinha. Extenuado e aborrecido de tanto remedio e constante dieta, e meio desenganado já de que teria de bater a bota, entendeu o doente conforme o annexim, e os annexins são maximas de sabedoria dos nossos maiores, que morra Martha, mas morra farta, e mandando preparar um prato de sardinhas assadas, que era o seu favorito, pregou com ellas todas da parte de dentro, assentou-lhe por cima com uma tarraçada de vinho, deitou-se, contando já *acordar defuncto* no outro dia, e amanheceu — bom e curado. Veiu o doutor, informou-se do caso, pasmou da cura, e conforme o seu louvavel costume não deixou de tomar nota da receita no seu canhenho, em que escreveu: Contra maleitas — sardinhas assadas e vinho.

Passados tempos foi o medico chamado para curar um alfaiate, atacado da mesma molestia. Foi, como era seu dever, e achou o doente ardendo em febre. Travou-se no peito do facultativo uma lucta renhida entre o proprio interesse e o amor á sciencia. Se elle applicava a sua famosa receita, curado ficava o enfermo de uma só vez, e não se fazião mais visitas, mas tambem por outro lado, que trium-

pho, que gloria, exterminar de um só golpe molestia tão rebelde. A noticia havia de correr, e para curar as *malditas* ninguem mais chamaria, senão a elle. Finalmente resolveu-se o illustre facultativo a transigir com a consciencia e com o interesse: curaria promptamente aquelle doente, mas o primeiro, que lhe cahisse nas mãos, havia de pagar-lhe pelo menos duas duzias de visitas, antes de levantar-se da cama. Ordenou-lhe pois que sem demora, com vontade ou sem ella, comesse sardinhas assadas e lhes bebesse vinho por cima, nem sahiu d'alli emquanto não viu cumprido o récipe.

No dia seguinte foi vêr o enfermo, contando achal-o talvez a coser um par de calças, que de madrugada houvesse cortado, e encontrou-o, curado sim, mas — defuncto. Não se sarapantou com o caso o doutor, que não era bisonho n'elles, e sacando do seu livrinho de annotações, onde havia escripto: Contra maleitas — sardinhas assadas e vinho, accrescentou mui tranquillamente do outro lado — excepto sendo alfaiate.

Havia pouco, que o homem tinha feito esta preciosa descoberta, quando eu vi o livro; pelo tempo adeante é provavel, que achasse mais excepções á sua regra.

Mas aonde fui eu parar com o meu tagarelar? Quero falar em alhos, e falo em bugalhos, como

essas faladeiras sempiternas, que começão a narrar um conto, mas tantos outros lhe vão entretecendo pelo meio, e encadeando uma tão comprida ladainha, que por fim (e quando a cousa tem fim, ainda graças ao céo) ninguem mais é capaz de achar o fio á meada, e em vez de uma historia temos cincoenta, mas nenhuma acabada. São talvez achaques da edade. Não ha remedio, senão tornar a lêr, para vêr o que realmente vinha a ser, o que eu queria dizer.

Já achei. Dizia eu, que entre todas as sciencias é a medicina talvez a que mais cede ao impulso da moda, mas como respeito e venero muito os medicos, nem quero brincadeiras com elles, que posso quando menos me precatar cahir-lhes dedaixo da escota, não serei eu, que demonstre esta verdade, deixando antes falar outro por mim :

«Poder-se-ha crer, que o austero templo de Esculapio não haja sabido fechar as suas portas aos escandalos da moda ? Lêde, amigos, lêde os annaes das sciencias medicas [1], e vereis, segundo os tempos e os logares successivamente elevadas ás nuvens ou expostas no pelourinho as diversas doutrinas onthologica, chimica, mechanica, physiologica, etc., e os differentes methodos *purgante, vomitante,*

[1] Se tiverdes valor para isso. *(Nota do auctor.)*

excitante, debilitante, expugnante, expectante, jugulante, etc. Hoje é a sangria, a dieta, a agua fria, ámanhã são os excitantes, os ferruginosos, os tonicos. Tiverão as sanguesugas seu tempo, em que fôrão uma panacéa, e depois viram-se desenthronizadas pela ventosa. Outr'ora andárão em voga os banhos quentes, depois chegou a vez aos frios. A transfusão do sangue, a electricidade, a homopathia, a acupunctura, o magnetismo, etc. [1], todos tiverão seus dias de gloria e de olvido. Houve um tempo, em que tudo se administrava em bolos e pilulas, depois cahiu a fórmula nas infusões e nos cozimentos. Hontem eram da moda os *drasticos*, hoje são os *minorativos,* ámanhã será outra cousa. Oh! a moda, a moda...

«Um grave doutor objectará, que tratando-se de sciencias, é a qualificação de moda um solecismo injurioso, e que se um systema, uma doutrina cede o passo a outra, é progresso e não moda, que isso deve chamar-se. Não passa de especiosa a objecção. Uma doutrina outr'ora adoptada, depois abandonada e de novo reintegrada no seu posto, é claro, que devia pelo menos ter sido reconhecida tão boa pelo seu primeiro auctor, como algumas centenas

[1] Actualmente parece ser o hypnotismo, que será supplantado — por qualquer cousa. *(Nota do auctor.)*

de annos mais tarde por quem a resuscitou das suas cinzas. Ora não será isto exactamente o que succede ás modas? Caia uma grande personagem doente, cure-se por um methodo antigo, enterrado desde seculos, e não é preciso mais para que este renasça, e torne a ser moda. Não haverá enfermo, que por elle não queira ser tratado, e as victimas só Deus poderá contal-as. Exemplo bem frisante nos offerecem os banhos frios, que depois de terem curado Cesar Augusto, fizerão verdadeiro furor em Roma; mas a morte de Marcellus, attribuida a um banho d'esta natureza, foi a desgraça não só do systema, mas tambem do medico Musa, que o havia resuscitado.»

E já que falamos em Roma e em modas, vamos vêr o que ellas erão na capital do mundo conhecido. Se eu me propozesse escrever um livro ou um tratado profundo sobre modas, e quem sabe se ainda me dará para ahi, que quem anda por este mundo está exposto a tudo, prometto que havia (nada custa a prometter no conjunctivo) de folhear quanto alfarrabio herdamos dos antigos, e sem que me assustasse o volume do calhamaço nem o crespo do latim, espiolhar quanta phrase se referisse aos costumes da épocha, e d'este modo, competentemente digerido, expremer o succo, e apresentar um espelho consciencioso e fiel das modas d'outras eras.

Mas aqui, que só trato de escrevinhar um artigo ligeiro, para recreio ou aborrecimento dos leitores (tem isso seus conformes), seja-me licito dispensar-me a mim mesmo d'esse longo e fastidioso trabalho, e aproveitando-me da papinha, onde a acho já feita, soccorrer-me das investigações, a que procedeu o abalizado A. Debay, que nos garante estrictamente historico tudo quanto nos conta.

Dizem que o mundo marcha, e eu, que já andei ao collo e agora ando por meu pé, acredito piamente que elle caminha, e que nós caminhamos com elle. Mas para onde marcha é que vem a ser a questão. Para a perfectibilidade, dizem os optimistas. Pois seja. Mas se comparo o que hoje fazemos com o que fazião, por exemplo, os Romanos, vejo que não temos hoje nem Cincinnatos nem Caligulas. Ora, se ficamos atraz do povo rei tanto nas virtudes, como nos vicios, para onde vamos pois? Para a mediocridade, dirão os péssimistas. Pois seja... Não, não é. Eu creio no progresso da humanidade, e é de fé crer n'elle, mas não creio no progresso da moda. Essa gira n'um circulo vicioso, e vae degenerando, abastardando-se sempre com o enfezamento da raça. Pois se o progresso moral, intellectual, social, industrial, é de fé, creio que o não é menos o do rachitismo physico. Onde estão os homens, que havião de fazer hoje a guerra como a

fazião os heroes de Homero? E até os brutos parece que vão decrescendo. Ora, quizera que me pegassem na armadura d'um corcel de batalha dos antigos tempos, sobre esta armadura uma sella, e sobre a sella um cavalleiro vestido de todas as peças, com lança, montante e acha d'armas, e me pozessem tudo em cima d'um d'esses cavallos da nossa cavallaria de agora, que por ahi andão choutando pelas ruas da cidade, e haviamos de vêr.

Outro tanto succede com as modas; ha por ahi muito luxo, muita ostentação, muito fausto, ás vezes acompanhado de muita miseria occulta, mas que é tudo isso á vista do que ia em Roma no tempo da sua gloria, e talvez ainda no da sua decadencia? Que babylonia não era a casa, ou antes, o palacio d'uma patricia rica! Compunha-se de aposentos para os amos e um lanço de edificio para os escravos, no qual havia quartos, gabinetes, salas e outras peças, que servião para alojamentos e officinas. E que mundo não ia por estas officinas! Na falta d'essas lojas de modas, hoje tão frequentes em todas as cidades, reunia a dama elegante e favorecida da fortuna na sua casa todas as artes e officios, que servião ao vestuario e embellezamento da sua pessoa, fabricando-se alli a maior parte dos tecidos ordinarios. Os mais ricos vinhão do oriente.

Escolhia a Romana entre as suas escravas, duas

ou tres, que mais gôsto lhe pareciam ter para o corte e combinação dos vestidos e adornos, e d'ellas fazia suas modistas. O dever d'estas era virem todas as manhãs, ao levantar da matrona, dar-lhe conta do que havia a sua imaginação podido inventar novo na noite passada. Muitas vezes tambem fazião as modistas o papel de vestideiras, trazião os vestidos á senhora, dispunhão e variavão as côres, e davão ás pregas uma elegancia artistica, occultando habilmente debaixo de bem lançadas vestes as imperfeições physicas, e fazendo realçar as bellezas do corpo.

Os aposentos habitados pela matrona compunhão-se d'um quarto de dormir, d'um de vestir, com uma antecamara, onde attentas ás ordens, que se lhes dessem, estavão as escravas, e d'um salão para receber visitas.

Noite e dia guardava uma escrava a porta do quarto de dormir da senhora, vedando a entrada a todo o profano. Logo depois de levantar deixavão-se entrar os joalheiros, os bufarinheiros de enfeites, as ramalheteiras, as portadoras de cartas, etc., mas durante o mysterioso trabalho do toucador, prohibição absoluta a quem quer que fôsse, de penetrar os umbraes do santuario, em que se fabricavão os encantos. Hoje em dia ainda ha uma ou outra faceira, que quando nem toda a sua belleza é posti-

ça, se deixa de vez em quando lubrigar antes de concluida a laboriosa obra da sua composição, mas em tal imprudencia não havia Romana, que cahisse, e Ovidio dava a este respeito excellentes conselhos, para que jámais o cofre, que encerrava os encantos da dama, se abrisse aos olhos do amante.

Ao luxo de escravas e adornos pessoaes correspondia a riqueza das alfaias do aposento. O leito, as cadeiras, as mesas, os canapés, poltronas, veladores, etc., tudo era d'uma madeira de limoeiro *(orbis citreus)*, preciosissima pelos seus veios côr de fogo, que formavão variados desenhos. As taças, gomis, amphoras e outros vasos, erão de ouro, prata ou murrha, especie de porcelana cheirosa e de várias côres, mais estimada que o mesmo ouro. As lampadas e candelabros brilhavão tanto pela riqueza da materia, como pela elegancia da forma e belleza do trabalho, extendendo-se o luxo das patricias até a èsses vasos mysteriosos, chamados de noite, posto que sirvão tambem de dia. Havia-os de ouro, de prata cinzelada, e embutidos de pedras preciosas; os mais estimados, porém, sempre erão os da tal murrha. Attingião estes utensilios preços fabulosos (o de Lollia Paulina custou obra de 10:000$000 da nossa moeda), pelo que havia tambem uma ou duas escravas, cuja unica obrigação era guardal-os. A profusão de pinturas, esculpturas,

dourados e decorações de toda a especie, a riqueza dos aparadores carregados de vasos preciosos, a multidão de escravos vestidos de brilhantes librés, tudo annunciava nos aposentos da fastosa patricia o apogeu do luxo e da vaidade.

E se na riqueza dos objectos desbancavão as damas romanas as nossas modernas, na variedade d'elles creio que não lhes ficavão muito atraz. Creio, digo, porque não sou mui versado n'estas materias. Vejamos porém a resenha, que o historiador Julius Pollux nos faz dos trastes indispensaveis ao toucador feminino.

«Tesouras, navalha de barbear, pinças, raspador, furador, differentes especies de escôvas para dentes, unhas e cabello, pentes de várias formas, rolhas queimadas e preparadas em oleo perfumado para ennegrecer ou acastanhar o cabello, sabonetes gaulezes para o alourecer ou avermelhar; massas e aguas cosmeticas, frascos de essencias, perfumes naturaes e compostos; extractos de cheiro, gomis, seringas e differentes outros trastes de asseio, todos de grande riqueza; *strigilles*, especie de almofacinhas de marfim para raspar e limpar a pelle ao sahir do banho; crescentes, tranças, cabelleiras, dentes falsos, anquinhas, semiglobos de algodão para simular formas encantadoras, e ataduras de couro macio para comprimir o demasiado desenvolvimento

d'estas mesmas formas, quando se dá; pedra pomes oleaginosa para polir o pescoço, os braços, as espáduas e dar á pelle o macio do setim e a doçura do velludo; arrebiques encarnados e brancos; pomadas adoçantes e astringentes; collares e brincos para as orelhas; alfinetes e ganchos de mil formas diversas para o penteado; cadeias de ouro, colchetes, braceletes, anneis, camafeus; flôres artificiaes, grinaldas guarnecidas de perolas e pedraria; borboletas, cigarras, môscas e outras joias artisticamente trabalhadas; tunicas, mantos bordados e franjados; mitras, charpas com flechas de ouro e prata; cintos resplandecentes de pedras preciosas; faxas de purpura, fitas, véos, calçado de todos os feitios e luxo sem egual; finalmente um sem numero d'outros objectos, que seria longo referir.»

Agora não vão pensar que o bom Pollux faz aqui o que soem fazer os figurões e potentados, que depois de interminavel calendario dos seus titulos, todos correspondentes a outros tantos merecimentos, quando a imaginação já nada mais lhes suggere, concluem ainda por meia duzia de etc. etc., para nos persuadirem que ainda nos poupão a leitura de muitas outras qualificações honorificas, que os distinguem. Não, senhores, o meu auctor que diz, que havia ainda uma infinidade de objectos de toucador, que elle por brevidade ou outra qualquer ra-

zão, omitte, e que realmente os havia, e elle da sua existencia tinha conhecimento. Nem seria difficil provar que realmente assim era, e, completar não digo, mas encher mais o quadro, folheando os poetas latinos, homens de inteiro crédito, e que pelas relações intimas, que entretinhão com as musas, algumas de carne e osso, a cujo santuario tinhão accesso, por lá descobrírão muita cousa, que depois em muito segredo e confiança vínhão contar a quem lhes comprava os versos. Respeitemos porém o silencio do sr. Julius Pollux, e não penetremos mais ávante nos mysterios, de que nos levantou a pontinha do véo.

Mas que esta discreção compense uma petulancia, que estou tentado a commetter. Depois de lida a lista dos objectos de toucador, é natural a curiosidade de saber como se empregavão, e, por Jupiter (estamos em Roma), que não posso ceder á tentação de assistir ao levantar e vestir d'uma Romana. Levarei, porém, só um ôlho aberto para não vêr tudo, e os que nem assim me quizerem acompanhar, que esperem á porta, que eu prometto avisal-os quando tornar a sahir, para que continuem a lêr.

A patricia sahia do seu quarto de dormir para o *balnearium,* ou sala de banho, e depois de banhada entregava-se nas mãos d'uma turba multa de es-

cravas, que das differentes funcções, que lhes incumbião, tínhão tambem nomes differentes. As principaes erão:

As *stringillistes,* encarregadas de esfregar, escovar e raspar a pelle com as taes almofacinhas de marfim, para tirar todas as impurezas epidermicas.

As *brunideiras,* que polião o pescoço, as espáduas, o collo, os braços, as mãos e os pés, com uma pedra pomes preparada para o effeito.

As *auctoristas* ou *perfumadeiras,* cujo mestér era untar a pelle com oleos perfumados, para tornal-a mais dôce. Fazião-se as uncções especialmente á volta das articulações para facilitar o jôgo dos membros.

Bem limpa, polida e perfumada a matrona, envolvião-na em lençoes impregnados de vapor de beijoim, myrrha e outros balsamos, e levavão-na para o toucador, onde a extendião sobre um leito de repouso. Alli entregava-se ella mollemente a um dôce somno, para reparar as fadigas do banho, e assim que acordava mandava começar o complicado trabalho do vestir e toucar. Immediatamente tratavão as escravas *cosmetas* de preparar os instrumentos e as substancias, que cada uma tinha a seu cargo. Tambem estas escravas tomavão o nome das funcções, que lhes incumbião, e vínhão a ser:

Depilaristas, as que arrancavão os indiscretos cabellos brancos.

Ciniflones e *Picatrices*, as que penteavão e escovavão os cabellos.

Psecasies, que davão pomada ao cabello e lhe insuflavão as essencias.

Phialiges, as que applicavão o arrebique.

Stimmiges, as que pintavão as pestanas, sobrancelhas, cantos das palpebras, e tingião as cabeças grisalhas.

Dropecistes, as que cortavão as unhas, callos, etc.

Seguião-se:

As *vestipices* ou vestideiras.

As *ornatrices*, que arranjavão os ornatos e adornos.

As *catoptristes*, que mantinhão os espelhos.

As *plambaries*, que agitavão os leques.

As *appreciatrices*, que davão o seu parecer sobre a elegancia da patricia.

As *parasitas*, cuja obrigação era fazerem-lhe cumprimentos.

As *cubicularias* ou criadas de quarto.

As *janitrices* ou guardiãs das portas.

E finalmente as *lorarias*, que armadas d'um azorrague, servião para corrigir as outras.

Collocadas á volta do aposento, guardavão to-

das estas escravas profundo silencio. Cada uma tinha na mão os frascos e vasos de oleos, essencias, pomadas, aguas perfumadas, leite de jumenta, etc., bem como os differentes instrumentos, de que a arte de embellezar se servia, e todas com os olhos pregados na senhora estavão attentas a executar as ordens ao menor signal, que a ligeira distracção era severamente punida.

Tres escravas cosmetas davão principio á obra: a primeira molhava em leite de jumenta perfumado a mais fina esponja, com que lavava o rosto, o peito e os braços á senhora; a segunda limpava a pelle com um panno de linho batido antes de ser tecido, e a terceira seccava-a com pennugem de cysne.

Terminada esta primeira operação, approximavão-se as *phialiges* com vasos de arrebique branco e vermelho. O branco fazia-se, como ainda hoje, de carbonato de chumbo diluido com a saliva d'uma joven. Mas o halito d'esta môça devia ser de grande pureza, e para prova fazião-na bafejar uma esponja, em que o olfacto não devia encontrar depois o menor cheiro. Dava-se primeiramente sobre a pelle uma camada de branco, e ás vezes duas, se a primeira não bastava, e depois applicava-se o encarnado.

Seguia-se a pintura das pestanas e sobrancelhas, que, como vimos, incumbia ás *stimmiges*, dando-se

o nome de *calliblepharon* a tudo quanto tangia a este serviço.

Passava-se ao difficilimo trabalho do penteado, a que talvez ainda voltemos, e depois ao das unhas, que tambem era longo e minucioso, pois que as damas romanas dedicavão especialissimo cuidado aos dedos e unhas. Era entre as escravas mais habilidosas, que se escolhião as *dropecistes,* cujos instrumentos erão um canivete pequeno para cortar as unhas, uma pinça para arrancar as pelliculas epidermicas, e uns pós *onyxocales* para polir a unha e dar-lhe uma côr rosada.

Depois das mãos vinhão os pés. As *dropecistes* cortavão as unhas, tiravão com o buril todas as impurezas, que se tinhão introduzido debaixo d'ellas ou nos seus cantos, aparavão os callos, picavão a epiderme endurecida dos calcanhares, e passavão entre os dedos e pela planta dos pés ligeiras embrocações de oleo perfumado. Terminada esta operação, perguntava-se á dama, que calçado queria, e logo duas escravas postas de joelhos a calçavão.

Mas antes de vestirmos a matrona, cumpre saber de que peças se compunha o seu guarda-roupa. Eis as principaes:

Subparum, tecido de linho, algodão ou seda, que fazia as vezes de camisa.

Castuea, especie de collete sem barbatanas.

Strophia, faixas para comprimir o volume dos seios.

Intusiata, roupão que servia de penteador.

Impluviata, vestido comprido.

Mendicula, vestido de cerimonia pelo modêlo das togas magistraes.

Patagiata, tunica recamada de flôres, ouro e prata.

Patagium, tunica propriamente dicta, bordada de franjas.

Tunicula, meia tunica, que só descia até ao joelho, ornada de bordados.

Caltha, mantilha côr de violeta.

Ralta e *Spissa,* duas especies de tunicas, só differentes pela côr e pelo tecido. Tinha uma as malhas mui apertadas, e a outra as tinha lassas e ligeiras.

Crocula, vestido curto côr de açafrão.

Œnomides, vestido que cingia estreitamente o corpo, deixando descobertas as espáduas.

Linteolum cœsicum, vestido muito aberto no peito.

Lidos, vestido de baixo commum dos dois sexos.

Epomis, manto curto, que as mulheres penduravão dos hombros.

Rica, charpa, que passando á volta da cabeça, cahia sobre as espáduas.

Mithra, véo raro e ligeiro, com que se ornava o penteado.

Cumatile e *plumatile,* duas especies de mantas, cujo estofo pintado imitava a plumagem do pavão a ponto de illudir os olhos.

Klanis, vestido fino, que arrastava pelo chão.

Laconica, vestido transparente imitado do que trazião as mulheres da Laconia.

Penuta, vestido sem mangas, contra o frio e a chuva.

Corinum, véo côr de cêra.

Melinum, outro véo côr de mel.

Exotica, vestido extrangeiro ou asiatico.

Regilla, vestido amplissimo de cauda comprida e guarnecido de pelles finissimas.

Basilica, vestido dicto real, mais rico ainda que o precedente.

Toga, vestido semi-circular em forma de manto, e commum dos dois sexos.

Pallium, outro manto.

Peplum, especie de *pallium,* que deixava um hombro descoberto. Havia-os ornados de colchetes de ouro, e pedras preciosas.

Stola, vestido talar de trazer por cima da tunica, e de ordinario côr de purpura e ornado de franjas e bordados de ouro. Abria acima da cintura, para deixar admirar a riqueza do collete.

Finalmente, por sobre todos os vestidos lançavão as patricias romanas uma manta de graça, prêsa no hombro direito por um fecho rico. A cauda d'esta manta, de desmarcado comprimento, arrastava por terra, regulando-lhe os movimentos algumas escravas, conforme a senhora caminhava para a direita ou para a esquerda.

Mas entre todos os artigos de vestidura nenhum havia mais rico, mais magnifico, nem mais resplandecente do que o collete, que comtudo nenhuma semelhança tinha com o collete moderno, esse apparelho compressor, que assassina a natureza sob pretexto de reformal-a. O collete das Romanas era uma sorte de corpinho sem mangas, que cingia brandamente o corpo sem descer da cintura nem subir para o collo senão até onde era preciso para suster os seios sem comprimil-os, e o das patricias era feito de tela de ouro ou prata, recamado de perolas e pedraria. E como era tão rico, não se esquecião as damas de arranjar sempre alguma abertura no peito do vestido, por onde lh'o admirassem.

Conhecidos os vestidos, vejamos como se envergavão.

Trazião-os as escravas da vestuaria, apresentando-os successivamente ás *vestipices* ou vestideiras, que os ajustavão ao corpo da senhora. Vestia-se primeiro a tunica de baixo de finissimo tecido de

linho, algodão ou sêda, e cingia-se ao corpo por um cinto. Seguia-se a *castula,* ou collete, applicando-se antes d'isso ás damas, cujos seios erão por demais volumosos, uma faixa larga de pelle mui macia, para comprimil-os. Depois vinha a vez da tunica de cima, que costumava ser de lã ou sêda, ora ornada de franjas, ora de bordaduras. As mangas cobrião apenas o alto dos braços, dividindo-se em duas largas tiras, cahidas d'ambos os lados e apanhadas com colchetes de ouro. No corte acima do seio uma franja de purpura, de dupla tintura, contrastava pela sua côr brilhante com a tunica sempre alva de neve, e a orla de baixo tambem por via de regra era ornada de franja semelhante.

O comprimento da tunica annunciava a edade e o estado de quem a trazia; a das solteiras não descia senão até meia perna, mas a das casadas e matronas, cahindo até aos pés, assignalava-se tanto pela amplidão como pelos adornos. Além da franja de purpura juntavão-lhe as patricias outra de bordados de ouro, entrelaçados de perolas e pedraria. Pouco a pouco fôrão as tunicas passando por um progresso mais completo que os vestidos modernos; estes ao passo que se decotavão por cima, fôrão crescendo para baixo e alargando a roda, aquellas ao passo que minguavão por cima, deixando a descoberto collo e espáduas, encurtavão tambem por

baixo, mostrando uma perna bem feita, e um pé delicadissimo calçado com um magnifico borzeguim estrellado de ouro ou de tentadores cupidinhos e recamado das mais preciosas pedras.

Cingia rico cinto a tunica, e a escrava, que o apertava cumpria que fôsse habilissima para dispor artisticamente na base dos seios uma profusão de pregas symetricas e graciosas. A's vezes lançava-se por cima da tunica outra mais curta, *tunicula,* de côr differente, mas harmonisante.

O complemento da vestidura era ou o pallio ou a toga, ambas extremamente difficeis de trajar com graça e elegancia, pois que para segural-as se não empregavão nem alfinetes, nem colchete, nem fita, nem especie alguma de prisão. Uma ponta descia do hombro esquerdo até ao peito, a outra rodeava o corpo, passando por baixo do braço direito, e por cima do hombro esquerdo ia cahir sobre as costas. Nunca porém arrastava pelo chão. Gastavão as Romanas horas e horas de proveitoso estudo em effectivo e incessante exercicio, ensaiando-se a traçar com garbo e gentileza o seu manto. Não me admira. Uma occasião tinha eu de acompanhar uma senhora, aonde não vem agora ao caso; não lhe faltava mais do que pôr o chale (ainda então se usavão chales); pois, senhores, tive de esperar duas horas e dezoito minutos marcados pelo relogio, pri-

meiro que se ajustassem todas as pregas do tal lencinho.

Eram as *ornatrices*, que davão a ultima de mão á majestosa armação da matrona romana, e exigia o seu mestér muito gôsto e longo habito, como quem tinha de arranjar, reconstruir, regularisar e harmonisar tudo que parecia defeituoso. Mettião os brincos nas orelhas, punhão os collares, as grinaldas, os diademas, os alfinetes, os braceletes e todas as joias, que entravão na composição d'uma dama.

Emquanto durava toda esta complicada tarefa, estavão sentadas n'um canto do aposento, formando um augusto areópago as *appreciatrices*, cujo dever era emittir a sua opinião sobre o que assentava bem ou mal, e deante da senhora se mantinha firme e immovel uma escrava, tendo na mão um espelho, de que aquella não despregava os olhos, já dirigindo a obra das cabelleireiras, já estudando posições graciosas.

Durante tão prolongado e aturado trabalho não era extranho que a altiva e orgulhosa Romana perdesse muitas vezes a paciencia. De facto a menor contrariedade lhe excitava a colera, levando-a a actos de crueldade, que lhe servião de distracção. A' mais ligeira falta, ao menor descuido, lançava ella mão d'um alfinete comprido, de que tinha sempre boa dóse ao alcance, e cravava-o nas carnes da

delinquente, escolhendo sempre as partes mais sensiveis, com preferencia os seios, ou mandava-a açoutar até cahir a pelle aos pedaços, e, costumada aos jogos sanguinarios do Circo, conservava-se impassivel aos gritos, que a dôr arrancava. Hoje que os costumes são mais brandos, tão delicadas as maneiras e tão humanos os sentimentos, o mais que a senhora faz quando o penteado lhe não sae a gôsto, é — atirar com um frasco, um vaso, um castiçal, ou qualquer outra cousa á cabeça da criada.

II

Hoje são moda os certamens politicos, se é que realmente o são, que quasi me quer parecer que já se lhes vae passando o tempo. Politica e partidos, cheios de vida quando começárão a ser moda as constituições, como ellas fôrão envelhecendo e esfriando. Ha até por ahi muito misanthropo *soi-disant* philosopho, que assevera que politica e partidos já não são senão questões pessoaes, um jôgo do empurra, ou do pilha-pilha, um tira-te d'ahi, para que eu me sente, como praticão os garotos, que

tanto gritão ao cocheiro *olha a trazeira*, até que elle, assentando-lhe o chicote, atira de catrambias o rapazelho, que se empoleirara atraz, e então correm todos os berradores a vêr quem primeiro ha de empolgar o logar vazio, para a seu turno ser alvo e depois victima da opposição dos mammados. Maldizentes, incredulos, os que assim falão! A politica é uma cousa muito nobre e excellente, e infinitos os desinteressados, que lhe trabálhão na vinha. Não advertem os que d'ella ralhão, que é o despeito, que lhes enche de vento as bochechas, como tenho ouvido pôr de rastos os titulos e condecorações, que não tinhão, muitos que hoje não perdem enterro, baile nem festança, em que se possão pavonear com suas insignias, parecendo surdos quando os não chamão por *sr. commendador*. E quando por acaso se achão em alguma roda, onde ninguem lhes conhece a graduação, inventão mil engenhosos estratagemas, para a darem a conhecer.

Ainda ha pouco, estando juntos uns poucos de individuos, observei (não vão agora suppôr que sou algum grande observador), que um d'elles mordia os beiços, que por signal erão de alguidar, e fazia uma carantonha muito feia, todas as vezes que o chamavão sr. Anastacio. Será alcunha? perguntei eu a mim mesmo. Mas pôr por alcunha um nome

de santo seria na verdade mui grande irreverencia. Em breve porém se me abrírão os olhos. Achou o homem pé, embora trouxesse o assumpto pelos cabellos, para principiar a desfiar um aranzel muito comprido sobre o aviltadas que andavão as commendas, e arrastadas pela lama, e depois de ter repetido esse feio dicto, que se attribue a tantos, que já a ninguem pertence, de que outr'ora penduravão-se os ladrões nas cruzes, e hoje pendurão-se as cruzes nos ladrões, accrescentou: «Olhem que contra mim falo, mas verdade, verdade. Ha muito tempo (depois soube que havia tres dias), derão-me uma commenda, *não que eu a pedisse,* etc.» Era aonde o sujeito queria chegar. Principiárão todos a chamal-o *sr. commendador*, e elle a inchar e empavezar-se como um perú, ou como um sapo, que forceja para tornar-se do tamanho d'um boi.

Mas nada d'isto era o que eu queria dizer. Hoje são moda os certamens politicos, e já o fôrão as luctas braço a braço, o jôgo da barra, as justas, os torneios, etc., etc., e houve um tempo, em que a guerra dos poetas fez mais bulha do que a *Batrachomyomachia* do grande Homero, e quasi tanta como a *Gaticanea* do pequeno Carvalho Nem julguem que era só com armas de cortezia, que se combatia; não, as settas hervadas, os dardos inflammados, os farpados virotes, andavão á roda

pelo ar, voavão, revoavão, arremessados, repellidos, ferindo, derribando, entorpecendo, como já veremos. Era guerra de palavras, em verdade, mas crúa guerra, em que fervião os dictos agudos, os conceitos satyricos, os remoques mais ou menos engraçados, mas pelo menos, se havia basta descompostura, erão todas poeticas.

De todos os tempos fôrão sempre as escholas o elemento das disputas e as academias o foco das contendas. Viu-se isso por exemplo na Nova Academia, de que foi presidente o padre Domingos Caldas Barbosa, brazileiro de nascimento, auctor da *Vida de Lereno,* e conhecido entre os collegas academicos, cada um dos quaes tomava um nome arcade, por Lereno Celynunthino. Bocage, que não deixava de ser tambem arcade sob o nome de Elmano Sadino, mas que queria ter a sua eschola propria, de que fôsse elle o rei, embirrou com a tal Arcadia, ou por ventura a Arcadia embirrou primeiro com elle, e entre chufas e graças foi-se encarniçando a guerra.

Disfarçada e dissimulada ao principio tornou-se a lucta afinal aberta, e rompêrão por fim as hostilidades, atirando Bocage a primeira bomba, e que bomba!

Preside o neto da rainha Ginga
A' corja vil, aduladora, insana;
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos deseguaes se exgota a pinga.

Vem pão, manteiga e chá, tudo á catinga:
Masca farinha a turba americana;
E o orangotango a corda á banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga.

Um bando de comparsas logo acode
Do fôfo conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode:

Applaudem de contínuo as frioleiras
Belmiro em dithyrambo, o ex-frade em ode;
Eis aqui de Lereno as quartas feiras.

Correu primeiramente anonymo o soneto, a que se dava diversa paternidade, mas infelizmente para Bocage não havia senão um homem capaz de accumular em quatorze linhas tantas chufas mordazes, e tantas insolencias mesmo, mas tambem só um era capaz de pintar assim com mão de mestre os banquetes pastorís da Arcadia e a magra hospitalidade do seu Mecenas o conde de Pombeira, e esse era Bocage.

Não são os poetas raça muito soffredora, nem gente para calar-se quando lhe assentão a espada;

carecia a Arcadia d'um desfôrço e o abbade de Almoster apanhou a luva, escondendo comtudo, á guisa do seu adversario, a mão, que atirava a pedra:

Ha junto do Parnaso um turvo lago
Onde em rãs existem transformados
Os trovistas de cascos esquentados,
Cerebro frouxo ou de miolo vago.

Aqui Bocage vive e d'aqui ralha,
E co'a tartárea lingua ponti-aguda,
Bons e máus, máus e bons, tudo atassalha.

É vil insecto, e o genio atroz não muda;
Bem como a escura côr não muda a gralha,
E o hediondo fedor não perde a arruda.

A este soneto respondeu Bocage com um chorrilho d'elles, que se podem lêr nas suas obras [1], cada qual mais de levar couro e cabello, alcançando afinal *mettre les rieurs de son côté*, como dizem os francezes. Era que no genero *agaiatado* e satyrico, não havia quem lhe désse agua ás mãos.

Depois de ter desfechado os seus tiros sobre a

[1] Veja-se por ex. aquelle

De insipida sessão no inutil dia
Juntou-se do Parnaso a gallegage, etc.

Arcadia como corpo collectivo, toma Bocage por alvo de suas envenenadas frechas cada um dos seus mais conspicuos membros, começando a derriçar ora n'um ora n'outro, e fazendo-lhes amargar a ousadia, com que havião querido medir-se com elle. Um dos que mais lhe provárão as iras, sendo seu verdadeiro martyr, foi o padre Caldas. Ora, convem saber que Caldas foi mui pouco favorecido pelo lado physico, e Bocage não era homem, que perdesse por generoso esta vantagem, que lhe offerecia o seu contrário. Vejamos o retrato, que d'aquelle faz Rebello da Silva, de quem são extrahidos estes apontamentos:

«Caldas era torrado na côr e tirante a mulato; feio como o peccado e sobre feio propenso a visagens, proprias para engatilharem o riso contra elle. Tinha por costume acompanhar-se á viola quando improvisava, afinando além d'isso as trovas por uma cantiga particular. D'aqui procediam as allusões e os motejos da eschola elmanista, pouco soffredora, e por natureza inclinada a frechar de ridiculo quanto offerecia margem aos seus tiros.»

Apesar de feio e do seu estado ecclesiastico, lambia-se Caldas por mulheres, e por elle suspirou mais do que uma velha, toda derretida ao ouvir-lhe as namoradas endeixas. Foi talvez por isto, que o chamárão o Anacreonte portuguez, mas este titulo,

que os seus admiradores lhe davão na melhor boa fé, desafiou contra elle as iras de alguns homens, cujo voto era de qualidade, e entre elles o de Filinto Elysio, que assim o apostrophava do seu desterro de Pariz:

> Os versinhos anões e anãs Nerinas
> Do cantarino Caldas, a quem parvos
> Põem alcunha de Anacreonte luso,
> E a quem melhor de Anacreonte fulo
> Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
> Imita Anacreonte em versos, quanto
> Negro perú na alvura ao branco cysne.

Se o sério Francisco Manuel do Nascimento assim se deixava arrastar por um repente de humor satyrico, que não faria o folgazão Bocage! De tão espicaçado quiz Caldas tambem mostrar os dentes, e depondo por um instante a viola, como diz Rebello da Silva, ensaiou as armas de Juvenal. Dos bicos da penna alguns chascos lhe cahirão bons, como

> De todos sempre diz mal
> O impio Manuel Maria;
> E se de Deus o não disse,
> Foi porque o não conhecia,

mas Elmano pagou-lhe com usura o devaneio mordaz, e respondendo-lhe logo com

Dizem que o Caldas glotão
Em Bocage aferra o dente...
Ora é forte admiração
Vêr um cão morder a gente,

atenazou-o sem lhe dar tréguas nem descanço com uma enfiada de epigrammas de todo o genero, entre os quaes citaremos apenas um soneto, como amostra das licenças poeticas, que então erão moda:

Nojenta prole da rainha Ginga,
Sabujo ladrador, cara de mico,
Loquaz saguim, burlesco Theodorico,
Osga torrada, estupido resinga;

Eu não te accuso de poeta pinga!
Tens lido o mestre Ignacio e o bom Suppico;
De ôcas idéas tens o casco rico...
Mas teus versos tresandão a catinga.

Se a tua musa nos outeiros acampa,
Se ao Miranda fizeste ode demente,
E o mais que ao mundo estólido se encampa,

É porque sendo, oh! Caldas, tão sómente
Um cafre, um gôso, um parvo, um...

O resto é por demais energico. Não se julgue que estas amabilidades se não dizião tambem cara a cara. Onde quer que Caldas e Bocage se encontra-

vão n'uma companhia, tinhamos briga certa, de palavras, bem entendido. N'uma reunião, em que ambos se encontrárão, deu-se o mote:

Eu vi nos braços da aurora
O sol tremendo com frio,

e tanto instárão com o tonsurado vate para que o glosasse, tanto o apertárão as suas admiradoras, que elle por fas ou por nefas teve de afinar a garganta e entoar, cantada na forma do costume, esta decima:

Tenho visto até agora
Mil cousas, que são portentos:
Trinta velhos rabujentos
Eu vi nos braços da aurora;
Um cão puxar uma nora,
Correr para traz um rio,
Vélas arder sem pavio;
Vi um defuncto a correr,
Só me falta agora vêr
O sol tremendo com frio.

Ora, posto que seja mais facil rimar disparates, do que acêrtos, e eu, que o diga, que já na minha meninice derricei pelas cordas da *banza sebenta*, não se pode negar inteiramente alguma graça a este repente. Mas estava presente o grande improvisador, que não perdendo o ensejo de acabrunhar a sua vi-

ctima, ergue se. passa a mão pelos cabellos, como soía, quando queria desaffrontar o cerebro. para que lhe borbulhassem mais vivas idéas. e desanda no contrário catanada bravia entre gargalhada dos circumstantes.

Se isto vae de foz em fora,
Tambem com luz diamantina,
Vir raiando a matutina
Eu vi nos braços da aurora,
Só me falta vêr agora
O caranguejo d'um rio!
Vêr os effeitos do cio!
Cantar modas um macaco!
A lua a tomar tabaco!
E o sol tremendo com frio!

Não parece mais que estavão os dois n'uma assembléa legislativa? Mas, que quereis! Era moda, e o que é moda é bonito

Comtudo, se os poetas, *genus irritabile*, assim se batião a golpe e estocada, tambem ás vezes justavão com lanças embotadas. Um dia foi Bocage visitar José Bersane, levando uns calções novos de sêda preta, caso n'elle raras vezes visto. Quiz a desgraça que elle com o seu habitual estouvamento, se atirasse para cima d'um canapé, que sobre desfazer-se de caruncho, estava armado de um traiçoeiro prego, que ao pobre poeta rompeu de alto

abaixo os mimosos calções. Começou logo a respeito da velhice do traste entre o dono da casa e a visita um tiroteio, de que apenas se recordão as seguintes quadras:

Fugiu do incendio de Troya,
Lá d'esse incendio voraz,
Eneas co'o pae ás costas,
E o moço co'aquillo atraz.

Lá que Deus formou o mundo
Em seis dias é de fé;
E ao setimo descançou
Aqui n'este canapé.

Inda antes d'existir mundo,
E inda antes de haver Adões,
Já eu tinha este preguinho,
Com que rompia calções.

Quando a velha eternidade
Por esta casa passou,
Disse a este canapé,
Sua benção, meu avô!

Mas agora me lembra que tinha ainda alguma cousa, que dizer sobre as modas das senhoras donas Romanas, que, como se terá visto, sabião tratar-se. Falámos nos vestidos, vamos ao toucado.

De extrema simplicidade era o penteado das Gre-

gas na remota antiguidade e das Romanas nos primeiros seculos da fundação da cidade eterna.

Apartavão-se os cabellos no alto da cabeça, e entretecidos em compridas tranças, ou se deixavão pender estas pelas costas abaixo, ou se arredondavão em anneis largos, que fluctuavão sobre o collo. Mas a simplicidade de pouca variedade é susceptivel, e a moda é essencialmente variavel; foi-se pois complicando o toucado ao passo, que se ia refinando a civilisação, e se a simplicidade natural havia sido extrema, muito mais longe atirou a barra o artificio. Começou a cousa por se enrolarem á volta da cabeça á guisa de corôas as duas tranças formadas pelos cabellos separados em partes eguaes; depois principiou-se a apanhar o cabello todo no occipicio, dividindo-o alli em trancinhas, anneis, cachos, nós e differentes ornatos.

Com o luxo fôrão crescendo os enfeites, *apurando-se o gôsto*. Já se ornava a cabeça de capellas de flôres e grinaldas de perolas; cingia-se a fronte de uma especie de diadema; variavão de forma os anneis, as tranças; as faxas, que se passavão á volta dos roletes, brilhavão de pedraria; fitas primeiramente de sêda, e depois de ouro e prata, com desenhos em relêvo adornavão os cabellos e vínhão fluctuar sobre as espáduas; e complicando-se cada vez mais, tornava-se difficilima a arte de toucar.

De complicada e difficil foi mistér dividil-a em vários ramos, cada um dos quaes contou suas celebridades. Havia cabelleireiros exclusivamente para as tranças e madeixas, outros que só se occupavão de cachos e riçados, outros, que não tratavão senão de poupas e topetes (*tutuli* chamavão os Romanos a cousa; veja-se o *magnum lexicon),* e ainda outros, e erão estes os mais peritos e experimentados, que davão a ultima de mão ao edificio do toucado.

Quando Roma se viu senhora do mundo, crescêrão tão prodigiosamente o luxo e a casquilharia, que não havia conquista nem entrada triumphal, que não trouxesse alguma innovação ao trajar e ao pentear. Os Romanos, que impunhão a sua lingua e as suas leis aos povos vencidos, adoptavão mui tas vezes o vestir dos captivos, que, trazidos dos confins do universo, acompanhavão na capital do orbe conhecido o carro triumphador. O resultado era que as modas variavão tanto ou mais do que hoje em Pariz. A's vezes enrolados com tiras de ouro e púrpura prendião-se os cabellos em delicadas redes de perolas finas; outras era com alfinetes e frechas de ouro, que se seguravão numerosas tranças á volta de uns diademas resplandecentes de pedras finas A' fôrça de tanto quererem ornar a cabeça, fôrão se as Romanas pouco e pouco costu-

mando a toucados tão ricos, tão complicados, que acabárão por achal-os tanto mais bellos, quanto mais ridiculamente sobrecarregados aos olhos dos ginjas, que não sabião apreciar o que era moda.

Vírão-se então penteados dictos *amorosos,* que consistião em dar ao cabello a forma d'uma pomba, ou d'um coração em labareda trespassado por settas; outros chamados *guerreiros,* que representavão um elmo, um escudo, uma catapulta, uma torre com suas ameias. E tão grande quantidade de trancinhas redondas e chatas, de anneis, madeixas, laços, etc., exigião estes toucados, que para pentear assim uma cabeça eram precisos os despojos de outras vinte. Não se conhecião então os penteados á Eugenia nem as mangas á Garibaldi, mas havia toucado de *palmeira,* de *chorão,* de *arethusa,* sendo porém inquestionavelmente de todos o mais artistico o *olympico,* composto d'uma infinidade de tranças desde a grossura d'um dedo á da mais fina agulha, e d'uma multidão de cachos de todas as dimensões. Coberta a cabeça toda de palhetas de ouro e prata, de perolas, fitas e faxas, vinha um diadema de brilhantes pedras moveis com lavores facetados completar este toucado, tão resplandecente aos raios do sol, que não podia a vista por muito tempo supportar-lhe o brilho.

Os cabelleireiros de Pariz têem fama em todo o

mundo pelo talento e engenho, com que qualquer d'elles

Enfeita á moda martyres cabeças,

mas duvido muito que houvesse Romana, quando Roma era Roma, que confiasse d'elles a sua. O mais a que elles alli poderião aspirar seria á categoria de apprendizes.

Era preciso variar, pois que variar é o fim principal da moda; mas o genio inventivo é limitado, quando o campo, sobre que elle se exerce, tambem o é; ora a cabeça humana não é nenhum *mar infindo.* O remedio era alargar tanto quanto possivel esse campo, embora se cahisse em extravagancias e monstruosidades, e assim se virão em Roma essas torreadas poupas altas, que tambem entre nós vogárão.

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena
Que o furtado colchão, fôfo e de penna,
A filha o ponha alli, ou a creada.

A filha, môça esbelta e aparaltada,
Lhe diz co'a dôce voz, que o ar serena:
«Sumiu-se-lhe o colchão, é forte pena,
Olhe não fique a casa arruinada.»

«Tu respondes-me assim, tu zombas d'isto,
Tu cuidas que por ter pae embarcado,
Já a mãe não tem mãos?» E dizendo isto,

Arremette-lhe á cara e ao penteado:
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sae-lhe o colchão de dentro do toucado.

Consideravel era o commercio, que em Roma se fazia com cabellos extrangeiros, crescentes e cabelleiras. Por uma d'essas excentricidades, de que entre todos os povos e a respeito de todas as cousas encontramos exemplos, veiu tempo, em que as casquilhas romanas, parecendo-lhes em demasia vulgar a côr natural dos cabellos, principiárão a tingil-os de ruivo por meio d'um sabão gaulez, que continha uma dóse forte de chlorêto de soda. Não tardou porém que, não lhes bastando este meio infiel e ás vezes perigoso, se lembrassem ellas dos cabellos postiços. Começou-se então a despojar de suas ruivas tranças as mulheres dos Cattos e dos Sicambros; da Belgica e da Gallia se mandárão vir cabellos louros, e abrírão-se lojas, onde se vendião chinós gaulezes e topetes teutonicos. Das mulheres passou esta moda para os homens, muitos dos quaes, não satisfeitos com trazerem cabelleiras rubras, ainda para tornal-as mais brilhantes as cobrião com pó de ouro, o que em todo o caso era

mais bello e mais racional quiçá do que o polvilho, de que usavão nossos avós. E tão geral se tornou a moda dos cabellos louros e vermelhos, que entre a aristocracia romana se não vião outros.

Mas a roda desandou, e rejeitadas as côres, chegou a vez á preta. Deixárão-se então em paz as marrafas boreaes, e logo os chimicos da épocha, que não erão pêcos, inventárão differentes processos *melausgeneos,* isto é, que tornavão negros os cabellos castanhos, os grisalhos e até os brancos. E como ainda hoje ha muito quem goste d'esta moda, permittão-me que lhes inculque a *Hygiene completa dos cabellos* por A. Debay, obra em que encontrarão todas as receitas de tinturas proprias para o effeito, usadas entre os antigos e modernos, com indicação das que se devem preferir. Quem assim fizer, poderá remoçar-se muito em segredo, sem ter de confiar-se d'uma discreção de cabelleireiro, que não passa por ser das mais seguras.

As flôres naturaes e artificiaes, já singellas, já reunidas em racimos ou ramalhetes, fazião parte quasi obrigada da vestidura, sobretudo do toucado, das senhoras romanas. Assim gosavão de grande consideração as ramalheteiras, tendo entrada privilegiada nos quartos reservados das patricias, que alli mais de espaço escolhião as flôres, com que se ornassem. E de facto a tal gráu de perfeição chegou a

estephanoplocia, ou arte de tecer grinaldas, imitar flôres, variar e harmonisar as côres, compôr capellas e magnificos ramalhetes, dar uma fórma elegante ás espigas, feixes, palmas, etc., que dão os pintores pelos modelos ás floristas, quando tinhão de pintar grupos de flôres. N'este genero foi insigne entre outras Glycera, a amante de Pausias.

Tinhão sua linguagem as flôres, e as Romanas as fazião falar, dispondo-as de certo modo, em certos logares. Assim significava a madresilva entretecida nos cabellos d'uma donzella nubil: *Quero casar-me*: um junquilho: *Escutar-te-hei*: uma murta: *Correspondo a teus votos*. Uma tulipa em cabellos de mulher casada queria dizer: *Amo meu esposo e desprezo as adulações dos homens*.

Falaria sempre verdade a tulipa? É provavel, se formos a julgar pelas condecorações e titulos, que entre os modernos vierão substituir as flôres, e que todos até mais não poder expressivos das qualidades das pessoas, que com elles se enfeitão. Bem sei que as más linguas pretendem que haja por ahi muito cavalleiro, que nunca cavalgou, muito conselheiro, que nunca deu conselhos, muito doutor, que nunca ensinou cousa nenhuma, muito brigadeiro, que nunca brigou, tanto barão que nunca foi forte[1];

[1] Aqui não posso deixar de fazer uma observação. O nosso

não se me esconde que é com particularidade sobre cargos e officios das casas soberanas que ellas descarregão todo o seu veneno, chegando a dizer:

Da côrte os cargos são todos
Nominaes e de favor.
A tulipa das Romanas
E' de dama de honor.

Deixal-as, que eu não as acredito, e peço aos leitores que fação outro tanto.

Distinguia-se o calçado das matronas romanas tanto pela variedade das formas como pela riqueza da materia e elegancia do trabalho. Calçavão as patricias conforme lhes dava na cabeça a sandalia, o sapato, a chinela, a botina simples ou o cothurno. Carregadas de bordaduras e joias, com pedras e botões de ouro, môscas, cigarras, escaravelhos, ser-

grande etymologista Constancio, que comtudo tambem dormitou ás vezes como Homero, diz que a palavra *barão*, vem da latina *baro*, termo usado por Hirt. Pausa e Cicero no sentido de homem forte. Em alguns diccionarios latinos porém que consultei, entre os quaes citarei o *Magnum Lexicon* por andar nas mãos de todos, só encontrei *baro* com o significado de *tôlo*, *pascacio*, *insensato*, o mesmo que *varo* ou *varro*, que quer dizer *rustico*, *bronco*. D'aqui concluo que não podem os nossos *barões* de hoje ser os *barones* d'outr'ora, posto que se pareção as palavras. *(Nota do auctor.)*

uma Romana, estimando-se muito mais o trabalho artistico d'estas joias, do que a sua materia prima por mais rica, que fôsse. Havia alfinetes para o cabello, que custavão 100:000 cruzados, e ainda no museu de Portici se conserva um da imperatriz Sabina, que representa a deusa da abundancia, n'uma mão a cornucopia, e com a outra acariciando um golfinho.

Os collares passavão-se umas poucas de vezes á roda do pescoço, deixando-se cahir sobre o peito uma volta, a que um magnifico camafeu servia de fecho. Braceletes de tres a cinco fios de perolas, ou de ouro embutido de pedraria, ornavão braços e punhos. Nos dedos brilhavão anneis, e os mais ricos cintos cingião o corpo, tendo-se até tornado historicas muitas d'estas joias.

No tempo de Plinio, tão vulgares se tínhão feito as perolas e as pedras preciosas, que a mais modesta patricia julgaria descer da sua dignidade, se se mostrasse em publico sem ellas, a ponto de dizer Juvenal que mais facil fôra fazer sahir um consul sem os seus fasces do que uma dama sem as suas joias.

Sempre os anneis fôrão moda entre as Romanas, que principiárão por trazel-os no dedo minimo, depois no annular, em seguida em todos e em ambas as mãos, acabando por multiplicar o numero

d'elles, de modo que dama havia, que trazia os dedos tão escondidos sob ouro e pedraria, como um guerreiro os seus debaixo do guante. Levou-se o luxo ao ponto de mudar de anneis segundo as estações e os dias. Brilhavão os anneis do verão pela delicadeza e leveza, e os do inverno erão muito mais pesados e massiços, mas as pedras que n'elles se engastavão tinhão sempre alto valor pela belleza do seu trabalho microscopico. Existe em Florença um onix antigo, do tamanho d'uma unha, em que se vê gravada uma *catagogia*, ou festa de Venus, representando dezesete pessoas, perfeitamente distinctas e d'uma pureza de execução quasi impossivel de egualar.

Entre as arrecadas, em que se revelava todo o orgulho ou antes loucura das Romanas, as mais estimadas erão as chamadas *crotales*, formadas de tres ou quatro fios, tendo na extremidade inferior um guizinho, cujo som argentino attrahia a attenção pública. Havia mulherzinha, que trazia pendente de cada orelha o valor de tres herdades. Era tal o furor das Romanas de toda a classe e condição pelas joias, que um imperador, querendo combater o celibato, prohibiu a toda a mulher solteira ornar-se com ellas. Pois senhores, logo se multiplicárão os casamentos, e as infelizes, que de todo em todo não achavão marido, ião accusar se per-

ante os magistrados de haver dado á luz um filho illegitimo, preferindo esta vergonha ao desgôsto de se não poderem enfeitar com pedras preciosas.

Egualmente ricas erão as ligas, que comtudo não servião para manter as meias, trastes que as Romanas não conhecião, porém para prender umas calcinhas de finissimo linho, e tambem se trazião na perna nua.

Tudo isto, porém, nada era comparado com o luxo de escravas, de que se cercava toda a dama d'alta prosapia. Não havia patricia, que pudésse ter menos de vinte escravas exclusivamente destinadas ao serviço da sua pessoa, e as matronas das primeiras familias tínhão cincoenta, cem, ou mais ainda. Hoje que não podem ter escravos, vingão-se os nababos da Europa nos cavallos e nas equipagens.

Para que se faça idéa do que são as cavallariças, não d'um principe, ou duque, mas d'uma simples familia de fidalgos (dos de agora), dos Aguados, em Pariz, permittão-me que extraia do *Universo Illustrado* de janeiro d'este anno o seguinte:

«Os cavallos e carruagens de que se compõe esta estrebaria occupão quatro alojamentos differentes. Um é no castello de Grossouvre, no Nievre; outro no solar Aguado, praça da Vendôme; outro na praça do Marché Saint-Honoré, outro na rua de Ville-l'Evêque. O numero total dos cavallos é actual-

pares de arreios, 20 sellas e
Dezoito homens se empregão
serviço d'estas cavallariças.»

Formavão os perfumistas, gr
tambem uma das classes ma
Roma. Uns vendião perfumes c
vão alguns compostos; outros
versas preparações chimicas, cor
e vermelho, aguas e unguentos
as rugas, tinturas para os cabe
brancelhas, emplastos e pós depi
cahir os pêlos, que desfeavão ce
po, etc.; e ainda existia outra cla
mais instruidos, que tratavão das
prias para embellezar o corpo, ba
quantidade de receitas cosmeticas
chas nos restão, para provar o c
davão estas cousas. *Então* disse?
Critão, medico da imperatriz Plo
obra sobre

mette, quando emboccando a epica tuba, assim entôa:

> Discite, quæ faciem commendet cura, puellæ,
> Et quo sit vobis forma tuenda modo [1].

Se a arte do dentista não tinha attingido a perfeição de hoje, nem por isso deixavão de fabricar-se muito bons dentes postiços, que tão destramente se collocavão, que impossivel era descobrir-lhes o artificio.

Desconhecidos erão então os nossos espelhos de vidro, mas havia-os muito bons e sobre tudo muito ricos de discos de prata ou aço polido. Infelizmente era tão alto o seu preço, que nem todas as mulheres lhe podião chegar, e imaginem lá o que não seria uma mulher com espelho. Havia d'estes trastes de valor incrivel, cercados de perolas e pedras preciosas, com o reverso guarnecido d'uma chapa de

[1] Encôntrão-se comtudo n'estes fragmentos alguns bons conselhos, que ás vezes escapavão da musa de Ovidio:

> Prima sit in vobis morum tutela, puellæ:
> Ingenio facies conciliante placet.
> Certus amor morum est; formam populabitur ætas.
> Et placitus rugis vultus aratus erit.
> Tempus erit, quo vos speculum vidisse pigebit,
> Et veniet rugis altera causa dolor.
> Sufficit et longum probitas perdurat in ævum,
> Fertque suos annos: hinc bene pendet amor.

parte superior
ral os. Dos lados pendião de co
finissimas esponjas para limpar a
a embaciava. O espelho de Laïs
tiguidade, o de Cleopatra custou
mas a imperatriz Sabina não duv
lhão pelo d'ella.

Os leques são muito mais antig
nos. D'elles se servião os Indios,
Medas, os Assyrios, os Egypcios,
fazião-os de pennas da cauda de
Romanas, porém, era isto simples
çárão pois por introduzir entre as
de madeira ou marfim, que tinhão
dar-lhes mais consistencia, e passár
embutidos de ouro e pedras precio
tambem a de lisonjear a vaidade,
entregar-se a este luxo.

A palavra tabella, que tantas vez
em Ovidio, Propercio e Tibullo
cousa

Romanas, que trazião ao lado escravos que lh'os levassem.

«Uma moda singular, vinda, dizem, do Egypto, firmou o seu imperio tyrannico entre as senhoras romanas; consistia ella em rolar e apertar entre os dedos bolinhas de crystal, para extrahir das mãos o excesso de calorico e tornal-as frescas. Mal a bola de crystal principiava a aquecer, trocava-se por outra de ambar, que, esquentada a seu turno, derramava odor agradavel. Tínhão as Romanas escravas especialmente encarregadas de trazer atraz d'ellas cestinhos de filagrana de ouro ou prata com estas bolinhas, de que principalmente se fazia uso nas festas publicas, no circo, nos theatros. Exercitavão-se, porém, as damas em particular, a rolar estas bolas, e passal-as d'uma mão para outra com toda a graça, que tal manobra exigia.»

Recommendo esta moda, que pode servir de entretenimento ás donas e donzellas, que nos bailes costumão ficar sentadas, mas podendo atraz dos leques esconder os bocejos, que o somno, o tédio, o abhorrecimento, ou o despeito lhes causa.

Ainda duas palavras sobre as carruagens e liteiras, e deixaremos em paz as Romanas. Não tendo inventado ainda os coches suspensos, servião-se os antigos de carros assentes sobre o eixo, e ordinariamente de duas rodas, e de liteiras levadas por

mulas brancas ou por escravos. Está visto que as liteiras das patricias não podião deixar de distinguir-se pela profusão dos ornatos e luxo dos pannos e almofadas. Escolhia-se a madeira mais rica, nem se poupavão os entalhos e embutidos de metaes preciosos. Os apoios de marfim massiço representavão os pés d'uma esphinge, as garras d'um unicornio ou as prêsas d'um abutre; os varaes erão tambem guarnecidos de argolas de ouro e marfim, fluctuando nas extremidades fitas ou bandeirolas das côres da patricia, e fôfos coxins e cortinas franjadas de ouro guarnecião o interior d'estas liteiras, que devião dar seus ares com os palanquins dos Chinezes.

Segundo a jerarchia ou a fortuna da patrona, èrão seis ou oito escravos, duas ou quatro mulas, que levavão a liteira; dois negros, especie de batedores, a precedião; outros dois escravos a seguião, levando estrados; e outros dois ainda ião aos lados, armados de leques. Negligentemente reclinada sobre as almofadas, apoiado o corpo no cotovêllo esquerdo, procurava a Romana attrahir os olhares com o luxo do seu trajar, brilhante libré e numero de seus escravos.

Taes erão as grãs senhoras d'outr'ora, taes serião as de hoje, se podessem — dirá qualquer outro, que menos do que eu as venere.

III

Muito receio tenho, que abhorrecidos já e enfastiados de tanto ouvirem falar em moda, não virem os leitores folha e passem adeante. Dirijo-me aos leitores do sexo masculino, pois quanto ás leitoras, se essas mostrarem tédio, a culpa não será do assumpto, porém de quem o trata. Negregada sorte a do escriptor publico. Se escreve cousas sérias e graves, conspira-se contra elle a linda turba das Marilias e Nerinas, que querem leitura que as divirta, e a quem nenhum cuidado dão o *mar* e *os ventos*. Ora não sei, que haja no mundo quem queira provocar contra si o brilhante esquadrão das saias, nem goste infinitamente mais de estar a bem do que a mal com ellas. Se quereis uma prova bem clara e recente, ahi a tendes. Ainda ha pouco um dos meus irmãos em *Revista Popular* escreveu n'estas paginas cobras e lagartos contra as mulheres, paraphraseando muito soffrivelmente aquelle bem conhecido verso, de que não quizera ser eu o auctor,

Mulher pura e fiel não ha, nem houve,

falando muito a seu talante em descrenças, desenganos, coração morto e reduzido unicamente a uma especie de esponja, que chupa e expelle o sangue, e espraiando-se sobre outras quejandas amabilidades. Pois bem, o tal senhor do coração morto, pelo sim pelo não, quando chegou ao fim da sua historia estacou, nem se atreveu a solettrar o seu nome, senão transpondo-lhe e invertendo-lhe as syllabas, e isso mesmo só do nome de baptismo. É que eu bem vos conheço, meus grulhas contra as mulheres, ralhaes, queixaes-vos d'ellas, na ausencia, e na presença daes a beiça por um risinho de agrado e todos vos derreteis com um volver de olhos formosos. Mas deixem estar, que eu ainda hei de denunciar o auctor da tal *historia de hontem* e sobre tudo das reflexões, que a precedem, declinando-lhe todos os nomes e pronomes, pois não vejo razão para que elle, assignando outras cousas que tem escripto, quizesse fazer correr anonymas estas, que afiança serem egualmente verdadeiras.

Reatando o fio do discurso, ia eu dizendo, que um pobre escriptor vê-se em apuros; se escreve cousas substanciaes, não tem leitoras, se escreve frioleiras, não tem leitores [1]. E ainda isso não é o

[1] Fique bem entendido, e para isso o ponho aqui em nota, que falo em generalidades. Ha leitoras, que gostão de leitura succulenta, como ha leitores, que só lêem babozeiras.

peor. Se umas e outros se contentassem com virar folha, *vade in pace*, é um desgôsto perguntarmos a alguem se leu o nosso artigo, que julgavamos tão interessante, e ouvir-lhe dizer, que *ainda* não (este *ainda* é apenas uma cortezia, que traduzida quer dizer, nem li, nem lerei), mas, emfim, paciencia; porém, quem desagrada áquellas, bem pode ir preparando os ouvidos para ouvil-as na primeira occasião, e quem não satisfaz estes, arrisca-se a lêr uma bella manhã em alguma das folhas diarias de maior voga uma judiciosa critica, em que a seu respeito se diz:

«A fecunda penna do sr. F. deu-nos mais um artigo, em que se não desmente a costumada facecia do auctor.»

O que pouco mais ou menos quer dizer:

«O bobo F. escreve mais do que devera.»

Ora aturem-os. Mas deixem estar, que eu voto á deusa da fortuna, que apenas me sahir a sorte grande toda inteira, quebro os bicos da penna na parede, que me ficar mais perto, e depois... não escrevo mais, e lucro com isso e o publico nada perde.

E porque não me havia de sahir a sorte, se ella sae tantas vezes e a tanta gente? É verdade que não compro bilhetes, que não me sobra para isso o dinheiro, mas tambem se os comprasse, não tinha tanta graça. A fortuna é caprichosa, quanto mais a

buscão, mais foge, e pelo contrario, a quem a arremessa pela porta entra pela janella. Não quero pois correr atraz d'ella, a vêr se ella se lembra de correr atraz de mim. O mais que farei, isso sim prometto fazel-o, é logo que pescar, que ella me vem no encalço, encurtar um pouco o passo, afrouxar na carreira, e deixar-me agarrar depressa, não vá ás vezes ser o diabo, e ella, mudando de tenção antes de alcançar-me virar de rumo. Hei de fazer pouco mais ou menos o que Camões conta que fazião as nymphas da ilha de Venus:

Uma de industria cahe e já releva, etc.

Mas deixar barcos e redes e largar-me atraz da fortuna por esses mares fora, talvez na mesma hora, em que ella vinha sorrateira bater-me á porta, e fugir-lhe assim, julgando buscal-a, e ir esbarrar talvez sabe Deus com que, isso não, não o farei, porque tambem estudei quando rapaz o meu Horacio (por signal, que o dei muitas vezes ao demo), apanhando com proveito muito bôlo do padre Bernardo, que era o maior latinista da minha terra n'aquelle tempo, pelo que me lembra que elle diz, não sei onde:

Qui brevi fortes jaculamur ævo
Multo? Quid terras alio calantes
Solo mutamus?

E em outra parte:

Timor et Minæ
Scandunt eodem quo dominus; neeque
Decedit ærata triremi, et
Post equitem sedet atra Cura.

Agora se quizerem, que eu traduza, dir-lhes-hei que rosas, que o mesmo padre Bernardo supra referido muitas vezes em plena aula, todo refestelado na sua cadeira magistral, de oculos no nariz, livro aberto deante de si, vermelho lenço de tabaco desdobrado sobre a còxa direita, e brincando com a palmatoria, que nunca largava da mão, declarou intraduzivel este *Post equitem sedet atra Cura.*

É por isso que, subindo a rostrada trireme d'um bilhete, não me quero engolfar pelo mar da loteria, apesar de tantas vezes me terem offerecido a sorte grande por essas esquinas e ruas da cidade, que metade bastava para eu ser ha muito já millionario. Mas não a offereciáo de graça, que é do que eu estou á espera, pois não tenho fé em sorte vendida, desde que ouvi dizer que a fortuna dá-se. não se compra

Datur, non emitur fortuna,

é verdade que isso era no tempo, em que se falava latim.

Assim *pois* logo que eu fôr rico, deixo de escrever, a não ser alguma carta de boas-festas, e por conseguinte tambem de quebrar a cabeça atraz de assumptos, que prendão as attenções, quando na litteratura como na politica quem quer agradar a todos, a ninguem agrada. E comtudo a *moda* é cousa que a todos interessa. O maior ginja, o mais esqualido jarreta, não sabe ser insensivel a um cumprimento dirigido ao desempeno das suas pantalonas ou ao airoso do laço da sua gravata [1]. É que todos mais ou menos queimamos o nosso grãozinho de incenso deante da divindade da moda, e que ella é uma deidade prova-se com a auctoridade irrefragavel dos poetas.

Nos vastos intermundios de Epicuro
O grão paiz se extende das chimeras,
Que habita immenso povo differente
Nos costumes, no gesto e na linguagem;
Aqui nasceu a moda, e d'aqui manda
Aos vaidosos mortaes as várias formas
De seges, de vestidos, de toucados,
De jogos, de banquetes, de palavras,
Unico emprêgo de cabeças ôcas;
Tresentas bellas, caprichosas filhas
Presumidas a cércão, e se occupão
Em buscar novas artes de adornar-se.

[1] Ha muita gente, que não sabe ligar a devida importancia a um lenço mais ou menos bem posto. A esses recommendo

Já se vê pois que impera d'alto a moda, e que obedecer-lhe não é baixeza.

Falamos das modas dos antigos, ou para melhor dizer falei eu ou escrevi, e quem quiz ouviu-me ou leu-me, e pedia agora a boa ordem duas palavras sobre as modas dos modernos. Mas, santo breve de marca, em que labyrintho de Creta ia eu metter-me! Nada, n'essa não caio eu, que não tornava a sahir. Como o Proteu da fabula ou mil vezes peor do que elle, muda a moda a cada instante, e tentar descrever as modificações, alterações, substituições por que tem passado a vestidura do unico animal, a que a natureza a não deu sua, fôra tentar o infinito. É verdade que as modas renascem, girando n'um contínuo circulo

Quantas modas
Não vêdes vós sediças, que resurgem,
Como o fétido Lazaro, e campeião
Mui galhardas por esse mundo louco!
Os mantéos enrocados ide vêl-os
Co'as calças golpeadas na mais secia
Côrte da Europa, e mais lidada forja
Das tremulantes, e assopradas modas,

a leitura d'uma obra profunda e instructiva, como são quasi todas as obras francezas, intitulada : *Art de bien mettre sa cravate, enseigné en trent leçons.* Um nó bem dado, um lâço bem feito, custa horas de estudo deante do espelho.

mas nunca resuscitão taes quaes vivêrão. O mais simples artigo de traje compõe-se de tantas formas, e todas tão caprichosas, que admittem innumeras combinações, e sempre apparece um adminiculo, que grudado á velha moda resurgida, lhe dá seus ares de nova.

Quem quizer enfronhar-se um pouco no que ia entre os nossos avós a respeito de modas e luxo, basta-lhe lêr as antigas pragmaticas, especie de comportas de manteiga, com que, quando se não estudava ainda a economia politica, se presumia represar a torrente do luxo, que levava foz em fora a fortuna das familias e a moralidade do povo. Se então de nenhum prestimo fôrão essas leis, hoje podem ter algum valor archeologico para a historia das modas.

Entre povo nenhum tem variado tanto e tão depressa as modas, nem sido por vezes levadas a tanto excesso, como entre os francezes. Quanto á mutabilidade é conhecido, senão o quadro, pelo menos a noticia d'aquelle quadro, em que o pintor para dar idéa dos differentes trajares nacionaes do mundo, pintou outros tantos casaes, macho e femea, cada um vestido á moda do seu paiz. Não sabendo, porém, como ataviar o francez, desenhou-o o artista inteiramente nú, com um fardo de fazendas debaixo do braço, e no fardo este lettreiro: *Espero, para*

vestir-me, que appareça a ultima moda. Temos muito que esperar!

Quanto á exaggeração pode dar-nos d'ella alguma idéa a anecdota seguinte, para garantir a authenticidade da qual basta estar em lettra redonda.

Navegava um marinheiro com vento de servir por uma das ruas da *cité* de Pariz, quando avistou pela prôa duas fragatas, que velejando a par com todo o panno largo, cutellos e varredouras fora, barravão completamente a passagem do canal. Ora o nosso marinheiro, que com levar menos panno era melhor de véla, nem queria retardar a marcha seguindo nas aguas das fragatas, nem virar de bordo á busca d'outro canal, mas logar para passar ávante ao lume d'agua tambem o não havia. As duas fragatas erão pura e simplesmente duas elegantes parizienses, que com o bojo immenso das suas saias fechavão de lado a lado uma das estreitas ruas da cidade antiga, e o marinheiro não vendo uma pollegada de terra por onde romper, formou o pulo e com rara agilidade saltou por cima das saias e entre os corpos das duas senhoras, applaudido dos espectadores e d'ellas mesmas.

Passava-se isto no reinado de Luiz XV, épocha, em que tambem revivérão os toucados altos, formando escadas e andares quasi a topetar com as nuvens, para proscrever os quaes no tempo de

Luiz XVI bastara uma palavra do grande rei, que achara mais racional o penteado de duas inglezas, apparecidas na sua côrte. Agora, porém, resurgirão estas torres de cabello empoado de branco, por um lado de tão desconforme altura, que as damas tinhão de ir de joelhos nas carruagens por não poderem sentadas accommodar os toucados debaixo do tejadilho, e por outro de tão complicada architectura, que muitas vezes as senhoras vendo-se obrigadas a principiar de vespera o penteado para um baile, passavão a noite recostadas n'uma cadeira a fim de evitarem o desabamento do custoso edificio.

Comtudo não é com isto que quero por despedida entreter os leitores; trato de cousas mais sérias e de muito maior gravidade,

paulo majora canamus.

Quero falar d'uma moda assassina, que tem talvez levado antes do tempo á sepultura mais victimas do que qualquer dos flagellos, que affligem a humanidade. Não tenho a menor esperança de que por mais que eu possa dizer deixe uma só mulher de continuar a fazer uso d'esses apparelhos constrictores, que não deixão funccionar livremente os orgãos mais essenciaes á vida; será prégar no deserto, mas não importa, saiba-se ao menos o mal, que

se faz, não se peque por ignorancia, e pode ser que alguma mãe de familia no ultimo quartel da existencia faça aproveitar á filha ou á neta a experiencia, que lhe não serviu. Para que não me averbem de *fossil* ou de misanthropo, não serei eu quem fale, mas deixarei falar um homem abalisado, e será ainda o sr. A. Debay, cujo excellente capitulo sobre o *collete* feminino para aqui transcreverei, parecendo não poder terminar melhor estas rabiscas, que deixo traçadas sobre modas.

«O collete moderno, como as mulheres hoje o usão, foi absolutamente desconhecido das grandes nações da antiguidade, a que devemos a nossa civilisação. Ensinárão-nos comtudo os historiadores d'aquellas épochas, que as mulheres se servião de differentes cintos, como meio de fazer realçar os encantos do corpo.

«Dizia Homero que, ornada com o seu cinto, era Venus mais encantadora e que Juno lh'o pedia emprestado para avassallar o rei dos deuses.

«Mas se os varios cintos (*stethodesmon, strophion, zona, anamaska'is*) então em voga nada tinhão commum com o collete moderno, bem se deixa perceber comtudo que a vaidade feminina trabalhava por descobrir meios de arredondar as formas, manter os seios, ou dissimulal-os, quando por demais volumosos, e achatar um ventre proeminente, isto

«Applicando mal as faxas,
ama muitas vezes defeituoso
E especialmente nas meninas
niciosos effeitos do cinto Qu
envolvimento aos quadris, arr
a base do peito, e sendo a pr
desegual resultão d'ahi defor
cede ás vezes partir-se quasi a
cahir o tronco para um lado,
bro, emquanto o outro se abai

«Refere Tacito que as faxas
dos nas Gallias, penetrárão n'e
dos Romanos. Os Gaulezes su
rão até ao tempo de Carlos M
romano, que só então tomou u

«Herbé, auctor d'uma obra
cezes, conta que no imperio d
tão justo o vestido das mulhere
dos os contornos se desenhavão
relêvo...

«No reinado de Luiz IX tão arraigada vivia ainda a moda dos vestidos justos, que se cosião no corpo mesmo das pessoas, para ficarem mais apertados. Até então nada de barbatanas, nada de varas metallicas. A rainha Joanna de Bourbon imaginou uma mantilha, que, guarnecida por deante d'uma vareta mettida n'um galão de ouro, descia até á cintura. Esta vareta, que era durissima, applicava-se sobre o peito, dividindo-o em duas partes eguaes. Fôrão Izabel de Baviera e as damas da sua côrte as primeiras, que usárão de colletes com barbatanas para manterem direitos corpos arruinados pelos excessos. Catharina de Medicis transportou a moda para França, e logo principiárão todas as damas a imprensar o peito em estojos tão rigidos, que mal as deixavão respirar. Estes corpinhos guarnecidos de barbatanas, que passavão de tempos a tempos por suas modificações, continuárão a ser por perto de quatrocentos annos peça indispensavel da vestidura. Fôrão precisas todas as luzes do seculo XVIII e a grande revolução de 1789 para abrir os olhos ás mulheres, e fazel-as abandonar suas couraças de barba de baleia. Cedendo ao imperio da razão, comprehendêrão ellas os perigos d'esta moda, e, imitando de longe o trajar grego, mostrárão-se em toda a elegancia de suas graças naturaes.

«Pouco durou, ainda em mal, esta volta á razão.

Em 1810 veiu outro genero de corpinho de barbatana, o collete moderno, comprimir de novo o seio ás mulheres, e os homens tiverão a barbaridade de achar galante uma mulher espartilhada, têsa e guindada. Desde então, para agradar aos homens, todas se sujeitárão ao collete, porfiando, o que é peor, qual se arrocharia mais, qual mais desfiguraria o peito, e mais depressa se suicidaria. Não costumão as modas em França durar mais que alguns mezes, mas de todas a mais fatal, a do collete, formando excepção á regra, subsiste ha meio seculo com incrivel tenacidade. D'aqui veiu que a menina, que se teria tornado grande e bella, ficou fraca e acanhada, sem graças, nem saude, e d'essa creança petulante, que promettia uma mãe vigorosa, fez o collete uma creatura debil, sem seios, que dar á sua progenie.

«Se podemos definir a belleza a harmonia perfeita d'um todo com as suas partes e das partes com o todo, a mulher realmente bella não o será mais depois que tiver a cintura esganada como um foguete, pois que este esganamento quebra os contornos harmoniosos e as linhas correctas, que constituem a belleza do corpo humano. O collete só poderá convir a mulheres mal configuradas do peito ou disformes de construcção, para disfarçar lhes estes defeitos. N'uma mulher bem feita é o collete um

insulto á natureza e á belleza, e longe de realçar os encantos d'uma cintura flexivel, torna-a empertigada e destituida de graça. Comprimi n'um collete as encantadoras formas de Venus, e vereis como as admiraveis perfeições d'este formoso corpo desapparecem de repente, ficando apenas uma figura burlesca. Finalmente, se a graça reside na flexibilidade e elegancia dos movimentos, jámais mulher imprensada em estreito collete poderá ser graciosa, pois que de necessidade ha de mover-se contrafeita, e duras hão de ser as suas attitudes.

«Pobres victimas do collete, que vos julgaes mais seductoras com uma cintura de vespa ou de formiga, ide aos nossos museus, apascentae os olhos sobre essas estatuas de Venus e de Niobe, vêde essas formas arrebatadoras, essa harmonia de proporções e contornos, admirae esses modêlos encantadores da verdadeira belleza, e ficareis convencidas de que uma cintura proporcionada ás demais partes do corpo é uma perfeição, e tudo o mais aberração e deformidade.»

Se todo o mal do collete fôsse desfigurar a mulher, que dizem (eu d'isso nada sei) ser a obra prima das mãos do Creador, paciencia; mas a cousa vae mais longe, senão vejamos:

«Segundo os sabios physiologistas, que têem estudado a natureza, essa artista por excellencia, deve

a caixa ossea do peito d'uma mulher bem configurada, ser mais estreita no vertice do que na base. As ultimas costellas vão-se alargando para dar ao ventre a amplidão necessaria aos orgãos da digestão e reproducção. Livremente funccionão n'um peito de ampla base o coração e os pulmões, que mal podem dilatar-se n'esses peitos de base estreita, desfigurados pelo uso do collete. Com effeito a compressão d'este arnez muda a direcção das costellas, apertando-as e enterrando-as, ao passo que tambem diminue consideravelmente os dois diametros do peito e o espaço triangular vulgarmente chamado vazio do estomago. Os pulmões, o coração, o figado, o estomago, o utero tudo esta compressão constante aperta e desloca; as funcções pulmonares, circulatorias, digestivas e reproductivas soffrem um constrangimento tanto mais forte, quanto mais estreito é o collete. Não podendo o estomago receber a quantidade de alimento necessaria á nutrição, definha o corpo, e os musculos peitoraes e lombaes perdem pouco a pouco o vigor, incapazes de suster o corpo. Bem como o apparelho, que se põe n'uma perna fracturada, lhe entisica os musculos, assim a pressão contínua do collete adelgaça e enfraquece os do espinhaço, a ponto de não poder uma mulher habituada ao collete, mais ter-se direita quando privada d'elle.

«Não resta pois duvida, que a compressão do collete é nociva á liberdade das quatro funcções principaes da economia, respiração, circulação, digestão e nutrição. Ora é impossivel pear o livre exercicio d'estas importantes funcções sem occasionar no organismo graves desordens, que se transmittem á posteridade. Facilmente se comprehende que se a belleza, fôrça e saude de uma creança dependem de que nada lhe haja contrariado o desenvolvimento durante a sua existencia intra-uterina, nunca uma mulher de cintura delgada, ventre chato, extenuada, contundida por um collete poderá dar o ser a um ente bem construido e vigoroso. Finalmente obsta o collete ao desenvolvimento dos seios, destroe-lhes a firmeza, achata-os, amollece-os, torna-os frouxos antes da edade, podendo dizer-se, que apressa a velhice, estragando as molas da vida.

«Ultimamente fez Serres, o professor de anthropologia no museu de historia natural, ouvir estas graves palavras: «O collete calca para baixo a massa intestinal, e o utero, orgão fluctuante, é a seu turno calcado pelos intestinos e deslocado sem cessar. D'ahi nascem as terriveis affecções d'este orgão, tão frequentes em Pariz, que dentro em pouco não haverá medicos, que cheguem para ellas.

«Bem o vêdes, senhores, o uso do collete não é só funesto a quem o traz; se não tomarmos tento,

ainda elle pode vir a extinguir a raça, que esta moda ridicula e assassina ataca a mesma fonte da vida, tendendo a alteral-a.»

«Erro gravissimo é esse, em que labórão as mães, julgando o collete um meio excellente para lhes corrigir os defeitos de construcção e falta de garbo das filhas, nem ha para ellas cousa, que corra tanta pressa, como applicar essa camisola a estas frageis creaturas, cujo busto não tarda a desviar-se do recto, pendendo para deante, para traz, para a direita ou para a esquerda. Não pouco contribue esse erro das mães para augmentar a deformidade, que ellas se propõem combater, e eis aqui como: nas pessoas de tenra edade e constituição delicada, exerce o collete uma compressão ás vezes intoleravel sobre esta ou aquella parte do busto; então busca a menina evitar a dôr, cedendo á acção do collete, mas sendo a dôr permanente como a compressão que a causa, permanente deve ser tambem o meio empregado para fugir-lhe. Dá isto resultado opposto ao que se esperava; aggrava-se em vez de diminuir o desvio que com o collete se queria remediar, e a falta de rectitude do garbo torna-se um habito, que arraigando-se cada vez mais, acaba por tornar-se incuravel.

«Outro inconveniente do collete nas meninas, é fazer-lhes perder a vontade de brincar, correr e fol-

gar como pede a edade; a camisola de barbatana, que as comprime, torna-lhes difficeis e até penosos os jogos, que exigem flexibilidade do corpo e rapidez de locomoção. E a saude desfalece, perde-se a actividade folgazã, e a frescura se fana. Á noite tirão-as do estojo, para na manhã seguinte as tornarem a metter n'elle. Pobres creanças, e é para tornar-vos mais seductoras, que na sua cegueira assim vos atormentão vossas mães!

«Sem fazer mais longa resenha dos tristes resultados d'esta compressão do peito, repetiremos com todos os physiologistas e medicos, que os colletes de barbatanas e varetas são um dos mais perigosos inimigos da saude e da belleza, nem uma multidão de deformidades, molestias e mortes prematuras conhecem outra causa. Possa a seguinte tabella, organisada por um medico celebre, abrir os olhos ás mães cegas, que na esperança de fazer ás filhas uma cintura elegante e esbelta, encerrão-as desde a mais tenra edade n'um collete inflexivel. É esta tabella o fructo de quarenta annos de observações assiduas.

De cem meninas, que trazem collete,
25 succumbem a molestias do peito;
15 morrem das consequencias do primeiro parto;
15 ficão valetudinarias depois do mesmo;
15 tornão-se deformes;

30 sómente resistem, vindo porém mais cedo ou mais tarde a soffrer indisposições mais ou menos graves.

«Nem as mulheres ignorão, que o collete lhes faz mal, senão, vêde quando n'uma companhia alguma d'ellas se sente indisposta, como todas gritão á uma: *desapertem-a, depressa, desapertem-a.* Córtão-se os cordões; o ar precipita-se immediatamente nos pulmões, e logo a desmaiada volta a si após algumas aspirações vivificantes. Mas a licção de nada aproveitará a esta pobre victima, que ámanhã tornará a arrochar-se da mesma forma.

«Parece, porém, que não é já a moda, que obriga as mulheres a atormentarem-se dentro de um collete, pois que a moda muda todos os dias, e o collete, afora algumas leves modificações, tem-se conservado o mesmo quanto á forma e ao fim. Pensamos exactamente como o auctor da *Physiologia das paixões*, que é aos homens, que se deve attribuir essa persistencia do collete n'um paiz, onde tão rapidas são as variações da moda; não aos homens cordatos e de bom senso, mas a esses que trazem constantemente na bôcca esta parva exclamação: *Oh! que linda cintura; que cintura delicada e encantadora; cabia-me n'esta mão...* Ora, sendo da natureza da mulher gostar de agradar segue-se, que ella, ouvindo todos os dias render preito a uma

cintura fina, aperta se, aperta se até rebentar para que lhe dirijão egual comprimento.

«No mesmo dia, em que os homens acharem ridicula uma cintura estrangulada, cahirão por terra os colletes, as mulheres respirarão livremente, gosarão de melhor saude, nem darão tão estropiada progenie.

«Apesar dos incalculaveis males, que causa, tem o prejuizo feito do collete base indispensavel da vestidura feminina, nem mulher que não seja dotada de espirito superior, ousará sem elle apresentar-se n'uma companhia, tanto é verdade, que mesmo entre os povos mais civilisados se introduzem á surrelfa modas em manifesta contradicção com o bom gôsto, e tanto se acha a belleza convencional quasi sempre em opposição com a real. E ainda se riem do costume barbaro, que leva as Chinas a entalar os pés entre tábuas até tornal-os redondos como os de um jumento, e obriga a India a furar o nariz e o labio inferior para pendurar anneis.

«Conduzia o sabio Cuvier uma joven senhora, pallida e morbida a passeio pelo Jardim das Plantas, e vendo-a parar, para admirar uma flôr graciosa e bella e de brilhantes côres, assim lhe disse: «Ainda hontem vos parecieis com esta flôr, minha senhora, e ámanhã ella se parecerá comvosco.» Com effeito na manhã seguinte levou Cuvier ao mesmo sitio a

dama, que soltou um grito de dôr, vendo a formosa flôr da vespera agora pallida, curvada e desfallecida. Quiz ella saber a causa, e o professor illustre lhe respondeu: «Senhora, esta flôr é vossa imagem, como vós ella definha sob uma pressão, que a estrangula;» e mostrou-lhe uma ligadura, que praticara na haste da flôr. «Como esta planta murchareis vós tambem debaixo da compressão horrivel do collete; pouco a pouco ireis perdendo os encantos da mocidade e difficultada por esse atroz apparelho a circulação da seiva da vida, como eu com esta ligadura sustei a passagem dos succos nutritivos n'esta pobre flôr, como ella vos fanareis, como ella morrereis antes do tempo.» Seguiu a dama o conselho do grande naturalista, e depressa recuperou a saude.»

Pois não! Essa agora não engulo eu. Não duvido nada absolutamente da authenticidade da anecdota, muito menos duvido ainda da excellencia dos conselhos do bom Cuvier, estou perfeitamente convencido da analogia intima que existe entre o effeito da ligadura estreita, applicada á haste d'uma planta e o d'essa machina infernal, a que chamão collete, a comprimir o peito d'uma mulher, mas que a tal dama, quem quer que ella fôsse, aproveitasse a licção — pode ser, mas duvido. E senão vejamos, eu aposto já 100 contra 1 em como de quantas lêrem

estas linhas não haverá uma unica, que me mande de presente o seu collete em signal de que renuncia a elle.

Aqui tencionava pôr termo a estas mal alinhavadas linhas, mas realmente é triste concluir por uma cousa, de que nenhum proveito se espera. Prefiro pois ao eclipsar-me por hoje deixar aos leitores algumas regras uteis, para pelos traços physiognomicos conhecer o caracter e a indole dos individuos. Nem esta arte é chimerica, como muita gente se persuadirá, mas muito positiva e real, e de incontestavel vantagem para os que a possuem. Examinem o exterior das pessoas, cujo interior conhecerem, e verão se um não corresponde ao outro da maneira abaixo descripta.

Para maior clareza dividiremos o corpo humano em tres regiões, *cabeça, tronco* e *membros,* e principiaremos pela

CABEÇA

Cabeça grande: denota um individuo preguiçoso, dorminhoco, tôlo, cabeçudo.

Cabeça pequena: imaginação viva, ardente, colorida; raciocinio pouco seguro, espirito mais brilhante que solido; caracter irascivel, arrebatado, indocil.

Cabeça regular: juizo seguro; imaginação medio-

cre; caracter egual, e moderado; espirito prudente, reflectido.

A cabeça, para ser bem configurada, deve ser oblonga, convexa na região frontal e occipital, um tanto achatada sobre as fontes, offerecendo uma forma oval na secção horisontal.

MODO DE TRAZER A CABEÇA

Têsa, deitada para traz: juizo fraco, caracter obstinado, arrogante, arrebitado.

Baixa: lentidão, preguiça, timidez, espirito meditativo

Direita: juizo são, caracter egual, firme sem obstinação.

ROSTO

Largo e chato: preguiça, idiotismo, estupidez.

Pequenissimo e convexo: viveza, mobilidade, astucia, genio rixoso.

Largo e quadrado: caracter fraco, pouco espirito.

Redondo: espirito inventivo, caracter arrebatado, colerico.

Oval: juizo seguro, caracter egual.

TESTA

Chata e desproporcionada: espirito lento, preguiçoso.

Pequena e convexa: espirito vivo, caracter arrebatado.

De tamanho regular: espirito, generosidade.

Enrugada, carregada: genio pensativo, scismatico, avaro, ambicioso.

Baixa: astucia, hypocrisia, maldade.

Polida: espirito, adulação.

Proeminente: imaginação viva, espirito profundo.

Desegual, aspera: espirito tortuoso, caracter intratavel, máus costumes.

FONTES

Convexas: pouco espirito.

Levemente concavas: espirito franco, sem refolhos.

Cabelludas: lascivia, gula.

Sulcadas de veias: caracter facilmente inflammavel.

SOBRANCELHAS

Arqueadas, grandes, espessas e ligadas uma á outra: orgulho, colera, obstinação, audacia.

Pequenas e finas: espirito timido.

Horisontaes e delgadas: caracter alegre, franco; espirito agradavel, estouvado.

PESTANAS

Longas, espessas: pouca actividade, genio sonhador.

Grossas e asperas: espirito pesado, descarado.

Muito moveis: caracter timido; espirito versatil.

OLHOS

Grandes e languidos: caracter bom, confiança, espirito mediocre.

Pequenos e faiscantes: espirito enthusiastico, caracter vivo, muita actividade e penetração.

Brilhantes e de tamanho regular: bom coração, prudencia, generosidade.

Mui á flôr do rôsto: muita memoria, pouco juizo, caracter fraco.

Pequenos e encovados: espirito forte, caracter energico.

Grandes e lacrimejantes: fraqueza de espirito, perfidia, sensualidade.

Bem fendidos, sêccos e brilhantes: orgulho, arrebatamento, obstinação, imaginação forte.

Da forma de amendoas e um tanto humidos: coração amante e languido, espirito facil, caracter fraco e benevolo.

Esbranquiçados e sem brilho: espirito preguiçoso, timido, coração frio, egoista.

Pardos: espirito solido, caracter obstinado.

Vermelhos: ambição, avareza, embriaguez, brutalidade.

Negros, resplandecentes: espirito, coragem, temeridade.

Azues: optimo coração, caracter meigo, espirito calmo e conciliador.

PUPILLAS

Muito grandes: espirito e caracter fraco.

Deseguaes: espirito tortuoso, caracter extravagante.

Fixas: espirito absorto, contemplativo.

Em geral annuncião os olhos, que se movem rapidamente, um caracter vivo, e os que se movem lentamente, um espirito preguiçoso, um temperamento pesado.

ORELHAS

Pequenissimas: timidez, receio.

Grandissimas: pouca intelligencia.

Vermelhas: amor, sensualidade.

Pallidas: desdem, despejo.

Destacadas: doçura, docilidade.

Chatas e colladas ao craneo: obstinação, indocilidade, pouca amabilidade.

NARIZ

Grande e aquilino: juizo são, caracter firme.

Comprido, da forma de apagador: espirito vagaroso, imaginação fraca, inveja, genio depreciador e satyrico.

Rombo: presumpção, desdem, mordacidade, zombaria, insolencia.

Curto, grosso e rubicundo na ponta: colera, brutalidade.

Pequeno e arrebitado: espirito zombeteiro, inconstante, curioso e frivolo, mau genio, pouca firmeza de caracter.

VENTAS

Largas e abertas: arrogancia, arrebatamento, sensualidade.

Compridas e pontudas: espirito subtil e sagaz, caracter disputador.

Puxadas atraz e arreganhadas: pouco espirito, desdenhoso e vão.

BÔCCA

Grande: audacia, intemperança, gula.

Pequena: sobriedade, timidez.

Entreaberta: simplicidade, ingenuidade.

Mui aberta: idiotismo, pusillanimidade.

Labios finos, horisontaes: agudeza de espirito, bom natural.

Labios delgados: maldade, avareza.

Grossos, e o superior saliente: caracter lento, preguiçoso.

O *labio inferior grosso e pendente:* propensão lasciva, espirito grosseiro.

Cantos da bócca arreganhados: caracter frio, desdenhoso.

Arco da bócca com a convexidade voltada para baixo: caracter falso e vil.

DENTES

Cerrados: caracter duro, cabeçudo.

Compridos e afilados: audacia, voracidade, colera.

Pequenos, chatos, separados: fraqueza, timidez.

BARBA (parte inferior do rosto)

Comprida e quadrada: fanfarrice, indiscreção, curiosidade.

Redonda: doçura, timidez.

Pontuda: caracter amavel, espirito folgazão.

BARBA (cabellos da cara)

Branda e luzidia: amorosidade, ternura, sociabilidade.

Espessa e negra: juizo seguro, caracter firme.

Aspera, ouriçada: caracter intratavel, arrebatado, duro, obstinado.

PESCOÇO

Grosso e curto: espirito grosseiro, caracter brutal.

Comprido e delgado: astucia, espirito.

Sulcado de veias grossas: arrebatamento, estouvamento.

Têso: dureza, obstinação.

Cahido para deante: genio pensativo, triste, timido.

As linhas horisontaes do rosto indicão por via de regra o equilibrio, a harmonia do physico e do moral; espirito cordato, juizo são, paixões dôces. Pelo contrario as linhas arqueadas, tortuosos, revelão caracter altivo, soberbo, desdenhoso, intratavel, obstinado. As linhas arquedas, com a convexidade voltada para baixo, designão natural timido, espirito astucioso, caracter falso.

TRONCO

TRONCO

Quadrado, largo na base: fortaleza, robustez, coragem

Abahulado por deante, peito em forma de aza: espirito desenvôlto, engenho activo, inclinações amorosas, saude fraca.

Estreito na base: fatuidade, toleima.

ESPÁDUAS

Largas e reforçadas: constancia, firmeza, energia.

Estreitas e pequenas: fraqueza, timidez, astucia, imaginação viva.

PEITO

Largo e quadrado: espirito solido, caracter firme.

Estreito e apertado: astucia, timidez, propensão amorosa

Carnudo: preguiça, lentidão, caracter indeciso, espirito mulheril.

Velloso: Coração quente, lascivo.

COSTAS

Espessas e largas: fôrça physica, coragem, firmeza de caracter.

Estreitas e fracas: timidez, effeminação.

Proeminentes: indiscreção, loquacidade.

VENTRE

Largo e chato: juizo são, fôrça de caracter.

Estreito: previdencia, timidez.

Grosso: gula, intemperança, fanfarrice.

Cabelludo: temperamento quente, voluptuoso, lascivo.

MEMBROS

Extremidades musculosas, tendinosas, solidamente articuladas, annuncião fôrça physica; curtas, carnudas, arredondadas, denotão caracter timido.

PERNAS

Compridas, delgadas e nervosas: inclinações amorosas.

Pequenas, arredondadas: molleza, timidez.

Barriga da perna alta e quadrada: fôrça, coragem.

Dicta baixa e oblonga: fraqueza, pusillanimidade.

MÃOS E PÉS

Compridos, largos, quadrados, fortemente articulados: caracter firme, espirito solido.

Curtos, estreitos arredondados: coração e espirito fracos.

Dedos afilados: doçura, generosidade.

Dedos nodosos e curvos: egoismo, avareza, usura, alma vil e grosseira.

Agora, se com estes preciosos dados ainda os leitores se deixarem bigodear por algum sonso, que não reconheção á primeira vista, a culpa não será minha.

O OUTRO MUNDO[1]

Quem lêr estas tres palavras talvez fique com vontade de perguntar-me, se eu já fui lá, ao tal outro mundo. Responder-lhe-hei ingenuamente que não, mas que isso não quer dizer nada. Não ha por ahi tanto quem fale em Pariz, sem nunca lá ter ido? Se só nos fôsse licito falar e escrever sobre o que vimos com os proprios olhos corporaes, estavamos bem servidos! Depressa se nos seccara a prosa. Embora não haja ido ao outro mundo por ora, posso muito bem ter de lá boas noticias. E senão, vão vêr.

Nada mais vulgar do que dizer-se por ahi que o outro mundo é paiz, para onde muita gente vae,

[1] Revista Popular.

mas, de onde ainda ninguem voltou. É engano, alguem tem ido e tem voltado, ou então mente-se muito em lettra redonda, o que não posso acreditar. Andão por ahi os livros cheios de historias do outro mundo, e decerto não havemos de dizer que sejão inventadas. Quem se havia de atrever a mentir pela imprensa, cousa tão séria, a alavanca mais poderosa da civilisação, a salvaguarda das instituições liberaes, o pharol da intelligencia? Não falta por ahi quem pregue muito honradamente a sua pêta, mas é de bôcca, quando se trata de escrever e de escrever para os prelos não ha quem não tenha tento em si, não lhe vá escapar alguma cousa que não seja muito verdadeira. É que todos se lembrão de que as palavras vão-se e o que está escripto fica, ou como dizião os antigos, que já tinhão feito esta descoberta: *verba volant, scripta manent*. (O que ainda assim soffre suas excepções, que ha escriptos que só dúrão emquanto o papel não acha applicação).

E quereis d'isto um exemplo bem *perto*?[1] Passa o *Jornal do Commercio* com razão por uma das folhas mais sérias e veridicas, que pode haver. Ha de custar a apanhal a em alguma claudicação e geral-

[1] Todos sabem que a redacção d'esta *Revista* é na rua do Ouvidor, n.º 69, e a do *Jornal do Commercio* na mesma rua, n.º 65. Mette-se pois só uma casa de permeio.

mente só diz que vale mais um *consta* d'ella do que muitas affirmativas de outras. Pois bem, d'esta folha tão amante da verdade conheço eu alguns redactores, que são mesmo uma cêsta rôta de carapetões quando *fálão*, prova evidente de que nem os almocreves de petas *escrevem* o que assim não é, e prova tambem de que tudo o que eu disser fundado na auctoridade de bons livros, que *por brevidade* não citarei, é a pura verdade.

Por via de regra ninguem tem pressa de ir para o outro mundo, e a razão mais forte que d'isto dão, é não saberem como as cousas por lá são. Aqui temos pois a utilidade de espiolhar o que vae além da campa para que ninguem tenha mais esta desculpa, que por fim de contas não será admittida. Quando soar a hora fatal, e de cima troar a tremenda voz, que nos chama, nem um momento de graça, nem um instante de espera, é acudir ao chamamento. E de todos os bens, que fazião as delicias da nossa vida n'este mundo, de todos os thesouros accumulados sabe Deus ás vezes como, nada levaremos, nada nos seguirá, senão as nossas obras, as boas como as más. Ainda bem quando aquellas poderem contrapesar estas. Acabadas todas as distincções, todas as vaidades, irão, pasto de vermes, descançar no pó, que tudo nivela, o mendigo como o rei, o potentado como o proletario. Debalde, pobres ri-

cos, ergueis sobre um cadaver soberbos mausoléos de marmore e de bronze, afastae essa lapide, derrocae essa fabrica de granito, que encontraes? A podridão do sepulcro, como na rasa campa, sobre a qual ás vezes nem a cruz de pau se levanta, nada, senão um numero. Porque os pobres que emquanto trabálhão se contão por cabeças como o gado, não têem nome nem na vida nem na morte, um numero basta, é mais simples, e tambem mais expressivo.

Embora! Nem por isso será menos profundo o seu somno. Para o pobre a morte é o repouso, é o termo da miseria, e para ti, rico avarento, usurario desalmado? Ah! de que servem então esses palacios, cujas pedras são orfãos esmagados e o cimento sangue de viuvas? De que servem esses titulos, essas grandezas, essas condecorações, com que buscaes esconder um peito refalsado e empedernido? De que te serve tanta rapina, tanto dolo, tanto roubo, tanto assassinato, tanto peitar a justiça, tanto ouro mal havido? Louco, julgaste eterno o viver, e eis que a vida te foge. Hontem começaste a gosar do fructo de tantos crimes, e hoje ahi tens deante de ti a morte, e tu na ultima agonia a quereres offerecer quanto tens para apagar o passado, e o demonio do desespêro a rir e a dizerte, que já nada é teu, que já nada possues, que nada tens que sacrificar em expiação á justiça divina, nada, nada.

E debalde quererás escarnecer ainda do castigo, que apesar de tardio está já prestes a alcançar-te, debalde quererás vomitar a ultima blasphemia, bradar: o outro mundo é uma illusão! Debalde, que através das sombras da morte te verás cercado de espectros, a clamar vingança contra ti, e n'esses espectros reconhecerás o misero lavrador, a quem para arredondar as tuas immensas terras, usurpaste o campinho paterno, que lhe dava o pão, como o havia dado ao pae e ao avô; reconhecerás o desgraçado, a quem offereceste como para remil-o da sua necessidade, uma centesima parte do valor da sua casinha, e a quem depois, como não pudesse pagar-te no prazo fixo, expulsaste d'esse seu unico abrigo mandando-o que fôsse morrer ao vento, á chuva e ao frio; reconhecerás a viuva, que te vinha pedir um trapo, com que cubrir a nudez, e a quem rasgaste as orelhas para lhe arrancar os aros de ouro, ultima reliquia de melhores dias; reconhecerás o teu crédor, a quem mandaste assassinar na estrada, para lhe tomares outra vez o que lhe havias pago; reconhecerás o pae de familia, a quem despiste a derradeira camisa a trôco d'um pedaço de pão para seus filhos, que no outro dia terião outra vez fome; reconhecerás todas as tuas victimas, e reconhecerás que ha um Deus, que é justo.

Não, não é uma palavra vã a eternidade, o impio

o confessa no seu leito de morte, o malvado o proclama no estertor do seu derradeiro agonisar. É ahi, ante a visão horrenda da morte, quando o homem paira um momento como suspenso entre esta e a outra vida, quando o coração já não bate ao impulso das paixões, que o agitavão, e o primeiro arrebol d'além tumulo já parece reflectir-se nas feições do moribundo, é ahi, ante a mudez do sepulcro, que se avizinha, é ahi que se cala o ruido, com que o amor proprio, a soberba, a loucura, querião abafar a voz da consciencia. Então, todo o mortal conhece que ha outro mundo, em que se ajustarão as contas, que n'este quasi sempre ficão por saldar; como isso será porém... Mas vamos vêr o que vae pelo outro mundo.

O outro mundo, posto que maior do que este, divide-se comtudo em menos partes; são apenas tres: céo, inferno e purgatorio. Sejamos methodicos, vamos por pontos, e como é de razão, comecemos debaixo para cima, que sente menos a transição quem passa do máu para o bom do que viceversa. Ora por baixo está o inferno, como todos sabem, e por elle principiaremos.

Os antigos, muitos dos modernos e sobretudo os cabalistas collocão os infernos no centro da terra. O dr. Swinden nas suas investigações sobre o fogo do inferno, pretende que este logar de tormentos

esteja no sol, *por que é o sol o fogo perpetuo*. Desenvolvendo a doutrina têem accrescentado outros que os condemnados entreteem este fogo em constante actividade, não sendo as manchas do disco solar senão os depositos de combustivel, que elles para isso vão formando.

Aqui temos a primeira difficuldade, pouca coherencia nas noticias. A ninguem porém cause isto espanto, nem vá julgar que é prova de ser tudo patranha. Não vêmos nós tantas vezes as gazetas contarem de maneira tão diversa e encontrada factos occorridos na mesma cidade, ás nossas barbas, aos olhos de todo o mundo? Ora se isto se dá nas cousas de casa, o que não será a respeito de paizes tão distantes, com os quaes não temos communicações regulares, nem sequer um telegraphinho? Não quer isto dizer que sejão falsidades, não, são apenas modos differentes de vêr.

Milton, que tinha noticias mui positivas e exactas do outro mundo, obtidas não sei por que via, nos conta que o abysmo, em que foi precipitado Satanaz, quando teve o louco orgulho de querer ser egual ao seu Creador, fica tres vezes tão distante do céo como o centro do universo da extremidade do polo, isto é, segundo os calculos dos astronomos, gente que tudo reduz a algarismos, 990,000,000 de léguas. E como o anjo das trevas levou nove dias a

cahir, segue-se que viajava na razão de 4100 léguas por segundo. Já era andar.

O inferno de Milton é um globo enorme cercado d'uma triplice abobada de fogos devorantes e collocado no seio do antigo chaos e da morte informe. Correm alli cinco rios: a Estyge, fonte execravel consagrada ao odio; o Acheronte, rio negro e profundo, em que a dôr habita; o Cocyto, assim chamado dos agudos suspiros, que echoão por suas lugubres margens; o ardente Phegetonte, cujas ondas precipitadas em torrentes de fogo levão aos corações a raiva; e o tranquillo Lethes, que em tortuoso leito vae rolando suas aguas silenciosas.

Além d'este rio se extende uma região deserta, escura e gelada, eternamente batida das tempestades e d'um diluvio de saraiva enorme, que longe de derreter-se ao cahir eleva-se em montões, semelhando as ruinas de antiga pyramide. Em roda se avistão precipicios horrendos, abysmos de neve e de gêlo. Aqui de intenso que é produz o frio os effeitos do fogo, e o ar gélido queima e dilacera. É para estes logares de terror que em tempos dados as furias de azas de harpias arrastarão os réprobos, que assim sentem alternadamente os tormentos dos dois extremos da temperatura, tormentos, cuja rapida successão os torna mais atrozes ainda. Arrancados do seu leito de fogo, sentem-se elles precipi-

tados em golfões de gêlo, onde immoveis, quasi extinctos, ficão a tremer e tiritar até que de novo os arremêssão ao infernal brazeiro Assim passão e repassão d'um supplicio para outro, e para maior desespêro atravéssão de cada vez o Lethes. Ao cruzal-o anceião os condemnados por alcançar-lhe a onda encantada: uma só gôtta anhélão, que uma só gôtta bastaria para em dôce olvido os fazer perder o sentimento de seus males. Debalde! Com olhares terriveis e chammejantes, ouriçada de serpentes a cabeça, se lhes oppõe Medusa, e semelhantes áquella que Tantalo tão em vão perseguia, se lhes furta a lympha fugitiva aos labios, que a aspírão.

Á porta do inferno duas figuras horrisonas: uma que até á cintura representa uma mulher, acaba n'uma enorme cauda de serpente dobrada em anneis longos e escamosos, e armada de mortal ferrão na extremidade. Á volta de seus rins uma matilha de cães ferozes, escancarando sem cessar as fauces de Cerbero, atroão perpétuamente os ares com os mais horrendos uivos. Este monstro é o Peccado, filha sem mãe sahida do cerebro de Satanaz, e tem nas mãos as chaves do inferno. A outra figura (se assim pode chamar-se um espectro informe, um phantasma sem substancia nem membros distinctos), negra como a noite, feroz como as furias, terrivel como o mesmo inferno, vibra um dardo

formidavel, e o que parece ser-lhe cabeça lhe cinge a apparencia d'um real diadema. É a Morte, filha de Satanaz e do Peccado.

Mal o primeiro homem se tornou culpado, lançárão a Morte e o Peccado sobre o abysmo uma ponte larga e sólida. Com paciencia soffreu o pégo inflammado esta assombrosa fabrica, cujo desmarcado comprimento se extende dos confins do inferno ao ponto mais remoto d'este mundo fragil, e é por meio d'esta facil communicação que os espiritos perversos veem e vão, çorrompendo ou punindo os homens na terra.

As noticias, que Milton tinha do inferno, erão do tempo, em que este ainda não era habitado senão pelas legiões de diabos e diabinhos, que havião sido precipitados dos céos. Temos porém informações mais recentes, de quando já as profundezas se achavão assaz povoadas de almas idas d'este mundo. Quem nol-as dá é o Tasso, d'onde as houve sabe-o elle.

Quando o rouco e lugubre som da trombeta infernal chama os habitantes das sombras eternas, abala-se nos seus abysmos negros e profundos o Tartaro, respondendo com longos gemidos o ar tenebroso. De repente acodem a passos precipitados as potencias do orco: que espectros extranhos, horrendos, espantosos! O terror e a morte lhes ha-

bitão nos olhares; com figura humana alguns têem pés de bêstas féras; entrelaçados de serpentes os cabellos, recúrvão-se-lhes em tortuosas corcovas as costas immensas, fendidas. — Alli se encóntrão immundas harpias, centauros, esphinges, gorgonas, scyllas, que ládrão e devórão; hydras, phythos, chimeras, que vomitão torrentes de fumo e chammas; polyphemos, geryões, mil monstros tão phantasticos como jámais sonhou a imaginação, se misturão, se barálhão, se confundem. Uns á esquerda, outros á direita se collocão do seu sombrio monarcha. Sentado entre elles empunha este um sceptro rude e pesado, e sua fronte soberba ergue se acima do mais elevado rochedo, do escolho mais sobranceiro, nem o Calpe, ou o Atlas serião a seu lado mais que leves collinas[1]. Impressa no feroz semblante, uma horrivel majestade lhe augmenta o terror e redobra o orgulho; qual funesto cometa lhe brilha o olhar com o fogo dos venenos, em que lhe nádão os olhos; uma barba longa, espessa, hedionda, lhe circumda o rosto descendo sobre o velloso peito; a bôcca gottejando sangue impuro, se lhe abre como vasto abysmo, de que se exhala um halito empestado, e turbilhões de fogo e fumo. E assim que das entra-

[1] Milton dá a Satanaz quarenta mil pés de altura. Esta concordancia é mais uma prova de que não ha aqui improviso

nhas abrazadas vomita o Etna com terrivel estampido negras torrentes de enxofre e betume. Ao troar da sua voz terrivel, o abysmo treme, cala espavorido o Cerbero, a Hydra emmudece, e immovel suspende o Cocyto o seu curso [1].

O Dante tambem parece que viajou pelos *inania regna*, ou então conversou com alguem que de lá viesse. Conta elle que a forma do inferno se assemelha a um funil ou cone invertido. O espaço que vae da porta do inferno ao rio Acheronte, divide-se em duas partes: na primeira estão as almas dos que vivêrão sem honra, e que alli são atormentados por zangões, que lhes picão o rosto. Correm estes condemnados atraz d'uma bandeira, que sem cessar volteia á roda d'um circulo. Na segunda habitão as creanças mortas sem baptismo, que alli deixão ouvir contínuos gemidos. Á volta do inferno ha circulos concentricos. O segundo contém os luxuriosos, agitados sem cessar e arrebatados já para aqui já para alli. O terceiro povóão n'o os gulosos, extendidos na lama, e de contínuo expostos a um temeroso diluvio de chuva, neve e saraiva. O quarto encerra os pródigos e avarentos, condemnados a arremessar eternamente pêsos enormes uns contra os

[1] *Et phelegetonte requierunt murmura ripæ.*

CLAUDIANO.

outros. Os demais circulos estão egualmente bem repartidos. É um inferno geometrico.

Não sei bem se cada povo tem realmente o seu inferno, ou se são as noticias, que cada um de lá tem recebido, que varião um pouco. Sobre este ponto não me pronuncio, preferindo deixar ao leitor ampla liberdade para seguir a opinião, que muito bem lhe parecer. É mais commodo. Só exporei o que alguns povos têem averiguado sobre aquelles logares tenebrosos, e de todas estas informações se poderá formar um todo, que não deve ficar muito longe da verdade. É trabalho, que deixarei tambem aos leitores, se o quizerem tomar, bem entendido.

Dizem os Drusas, e elles que-o dizem lá terão suas razões para isso, que tudo quanto se comer no inferno saberá a fel e amargura, e que em signal de reprovação eterna trarão os condemnados um barrete de cerdas de pé e meio de comprimento.

Os Gregos sabião que o inferno era um logar vasto e escuro, dividido em differentes regiões, umas horriveis, onde lagôas de agua infecta e lodosa exhalavão pestiferos vapores (falta de atêrro, sem duvida), com um rio de fogo, torres de ferro e bronze, fornalhas ardentes, monstros e furias encarniçados; outra risonha, pacifica, destinada aos heroes e aos sabios. O logar mais proximo da terra era o Erebo, onde se erguião os palacios da Noite, do Somno e

dos Sonhos. Alli residião tambem Cerbero, o cão tinhoso, as Furias e a Morte, e era por lá que cem annos vagávão as sombras sem ventura, cujos corpos não tinhão recebido as honras da sepultura. Quando Ulysses evocou os mortos, só d'entre os habitantes do Erebo, pôde apanhar alguns, os outros estavão a sete chaves. O segundo inferno era o dos malvados: alli encontrava cada crime condigno castigo, os remorsos devorávão as suas victimas, e os gritos agudos da dôr e o ranger dos dentes retumbavão dissonantes por aquella horrida morada. O Tartaro propriamente dicto ficava além do inferno: era a prisão dos deuses. Cercado de triplices muralhas de bronze, sustentava elle os vastos fundamentos da terra e dos mares. Formavão os Campos Elysios, residencia afortunada das almas virtuosas, a quarta divisão dos infernos, sendo preciso atravessar o Erebo para chegar a elles.

Entre os Judeus modernos serão felizes os justos, atormentados no inferno os perversos e os que nem fôrem bons nem máus, tanto judeus como pagãos, descerão com seus corpos a um abysmo, onde chorarão doze mezes, subindo e descendo d'um logar menos penoso para outro mais rigoroso. Passado este prazo serão consumidos seus corpos e queimadas suas almas, dispersando-as o vento debaixo dos pés dos justos. Accrescentão os rabbinos, que no

primeiro dia de cada anno, passa Deus revista ao numero e estado das almas no inferno.

Em sete provincias differentes se dividia o inferno dos Romanos: a primeira continha as creanças nascidas mortas, que não devião ser punidas nem premiadas; a segunda os innocentes condemnados á morte; a terceira os suicidas; a quarta os perjuros; a quinta os heroes, cuja gloria havia sido manchada pela crueldade; a sexta era o Tartaro, ou logar dos tormentos, e a setima os Campos Elysios, como entre os gregos

O inferno dos musulmanos tem sete portas, e cada uma o seu supplicio particular. Acha se este inferno cheio de torrentes de fogo e enxofre, onde carregados de cadeias de sessenta varas são os condemnados continuamente mergulhados e remergulhados pelos anjos máus. A cada uma d'estas sete portas está uma guarda de dezenove demonios, sempre promptos a exercer a sua barbaridade contra os réprobos e sobretudo contra os infieis, lançados para toda a eternidade n'estas prisões subterraneas, onde as serpentes, os sapos e as gralhas aggravão ainda os tormentos d'estes miseraveis. Os mahometanos não jazerão aqui mais de sete mil annos quando muito, findos os quaes lhes alcançará o propheta a liberdade. Aos condemnados não se dão senão fructos amargos, semelhantes a cabeças de

diabos, e só beberão de fontes enxofradas e ferventes, que lhes causarão colicas terriveis.

Alguns Japonezes averiguárão que o castigo dos máus é passar para o corpo d'uma raposa, onde é o seu inferno.

Os Guebres ensinão-nos que os perversos são victimas d'um fogo lento, que os queima sem consumil-os. Um dos tormentos do inferno é o cheiro nauseabundo, que exhalão as almas dos scelerados, das quaes umas habitão pavorosos carceres, onde um fumo espesso as suffoca, e um numero prodigioso de insectos e reptís venenosos as devorão; outras jazem até ao pescoço nas ondas negras e geladas d'um rio; outras estão rodeadas de diabos furiosos, que as dilacerão ás dentadas; e ainda outras suspensas pelos pés, são continuamente traspassadas a golpes de punhal.

Na ilha Formosa consta, que os homens passão depois da morte por uma estreita ponte de bambús lançada sobre profunda cova cheia de immundicies. Debaixo dos passos dos que vivêrão mal alúe a fragil ponte, e elles caem precipitados n'este hediondo fôsso.

Os Cafres, que não passão por grandes descobridores n'este mundo, descobrírão no outro trese infernos e vinte e sete paraisos, onde cada qual encontra o logar, que mereceu occupar segundo as

suas obras bôas ou más. Os selvagens de Missis-sipi crêem que os malvados irão para um paiz des-graçado, onde não haverá caça. Os Virginianos fô-rão dar com o inferno no occidente exactamente nos confins do mundo, e os Floridanos mándão as almas criminosas para o meio das montanhas do norte, onde ficão expostas á voracidade dos ursos e ao rigor da neve e das geadas.

Os Calumcos até têem para as bêstas de carga um inferno, onde as que não cumprírão bem o seu dever cá por baixo, são condemnadas a andar sem descanço com os mais pesados fardos ás costas.

É tempo de sahirmos do inferno e entrarmos no purgatorio.

Os protestantes nem á mão de Deus Padre que-rem admittir que haja purgatorio, deixando aliás passar o inferno. Antes negassem este. É da essen-cia da justiça proporcionar a pena ao delicto, e se o homem como creatura finita não pudér commet-ter uma offensa infinita, que mereça um castigo tambem infinito como é o do inferno, seguir-se ha, que por maiores que sejão os crimes da humanida-de, visto serem limitados, por não poder esta pro-duzir nada, que o não seja, poderão ser expiados com penas temporarias, qualquer que seja a inten-sidade e duração das mesmas. Ora estas penas tem-porarias são do purgatorio, não do inferno, e assim

teriamos primeiro de negar a existencia d'este do que a d'aquelle. Além d'isto poderia alguem dizer que repugna á idéa da misericordia divina, não se deixar apaziguar por uma eternidade de tormentos, sem jámais dar por assaz punido o peccado. A isto respondem os theologos, que a natureza do delicto deve medir-se, não por aquelle que o perpetra, mas por aquelle, contra quem se dirige, e que sendo infinita a Divindade, infinita é a offensa, que contra ella commettemos, e infinita deve ser a pena. Em materias theologicas não me metto.

O que é certo, o coração o sente, e a razão o demonstra, é que os crimes e as virtudes encontrarão um dia o justo castigo e o merecido premio, como... Deus o sabe e nós o experimentaremos a seu tempo.

Não ha nada que melhor dê a conhecer um paiz como é uma descripção de viagem. Que o digão os leitores, que têem apreciado as *Dezeseis horas em terra e vinte e dois dias no mar*. Tomemos pois por guia um dos viajantes, que têem visitado o purgatorio, e escolhamos logo um que haja chegado tambem ao paraiso, para ficarmos já sabendo alguma cousa sobre a terceira parte do outro mundo.

Nem julguem, que seja cousa impraticavel ir em vida ao purgatorio; pode qualquer correr a aventura, bastando indicar-lhe o logar por onde ha de entrar, e quanto ao caminho, que depois ha de to-

mar, isso fica lá por sua conta. Ora esse logar eu mesmo já o indiquei em outra escrevinhação, mas como ha já muito tempo, aqui o repetirei. É na Irlanda, n'uma ilha formada por um lago da provincia de Ulton. Divide-se esta ilha em duas partes, uma das quaes agradavel e fertil, a outra erma e esteril. N'aquella fica um convento de Agostinhos, n'esta a caverna ou antes cavernas de S. Patricio, pois que são ellas nove, que entre si communicão. Vem lhe o nome de ter ella sido mostrada no anno 433 áquelle patrono dos irlandezes por Nosso Senhor, que conduzindo o a uma região bravia, alli com a vara traçou os contornos da gruta. Mais accrescentou Deus que quem n'ella entrasse bem preparado pelos sacramentos e dentro passasse uma noite, faria assim o seu purgatorio, sendo lhe perdoados todos os peccados; os impenitentes, porém, morrerião. Effectivamente muitos têem ido visitar aquelles subterraneos; a maior parte d'elles por lá têem ficado, porém, os que volvérão a sahir, nunca mais se desviárão do caminho da fé, mas tambem nunca mais ninguem os tornou a vêr sorrir, tão amargos lhes havia o que vírão tornado os prazeres d'este mundo.

Tomemos por guia um d'estes intrepidos viajantes, mil vezes mais audazes do que quantos têem tentado através dos gêlos polares descobrir a pas-

sagem do noroeste, e seja elle Tundal, guerreiro irlandez, que em 1149 commetteu a estupenda empresa.

Não lhe faltárão privações, por que passar. Em primeiro logar teve de trepar uma altissima e vastissima montanha. D'um lado lhe ficava um fogo sulfureo, escuro, mal cheiroso, cujos ardores erão indefiniveis, do outro estavão as vertentes cobertas de neve, revolvida por ventos gelados e endurecida por um frio intoleravel. Arremessados sem cessar d'uma para outra encosta, soffrem os suppliciados inexplicavel tormento. Com elles desceu Tundal á guela do dragão de fogo, monstro horrivel chamado Acheronte, em cujo ventre os demonios debaixo da forma de lobos, ursos, leões, serpentes, sapos e outros bichinhos d'estes, lacérão, mordem, fazem em postas os que o dragão devorou, saciando n'elles o seu odio diabolico. As dôres e angustias, que alli soffreu o viajante, ninguem as pode exprimir, e o que elle mesmo podia contar, ninguem o acreditaria. Melhor será pois calar. Logrou comtudo escapar d'este logar de afflicção, graças a uma oração, que dirigiu a Deus, e chegou a uma ponte suspensa sobre um abysmo espantoso. Alta e estreita, estava esta ponte guarnecida de folhas de navalhas e de pontas agudas, e por ella teve Tundal de passar, conduzindo uma vitella esperta como um alho em

castigo de haver furtado outra aos paes. Poz-se elle a chorar como uma creança, reputando infallivel a queda, mas passar era forçoso e elle tentou passar.

Agarrada pelas pontas levanta-se a vitella sobre os pés de traz, sem querer passar: segue-se um tiro eu puxas tu até que Tundal obrigou o animal a avançar. Indiziveis terror e angustia lhe acompanhárão os primeiros passos. Oura-lhe a cabeça, escorrégão-lhe os pés, e já exultão os demonios, mas felizmente pode ganhar outra vez o equilibrio, segurando-se na vitella Assim continúa a marchar, tomando todas as precauções possiveis para não cahir. Mas agora é o animal, a quem resválão as patas trazeiras, e o homem o sustém com todas as suas fôrças. Cae aqui levanta acolá, seguem os dois o seu caminho, sustentando-se reciprocamente. Das pontas, que o ferem, leva Tundal já todos ensanguentados os pés e quanto mais se adeanta maior é o seu terror, mas eis que em sentido opposto vem vindo outro desgraçado, com um feixe de trigo, que havia furtado, e que em penitencia devia trazer ás costas. Nenhum dos dois quiz ceder o passo ao outro. O desconhecido pede a Tundal, que recue com a sua vitella, para que elle possa passar. Tundal pela sua parte mostra os pés a verter sangue, e allegando achar-se em maior perigo pede ao outro que deixe livre o caminho. Assim instão um com o

outro, sem saber nenhum o que deva fazer, em quanto os demonios no abysmo deixão ouvir uivos pavorosos, aguardando a sua prêsa. Deus porfim se amerceia dos dois infelizes, que passão um ao lado do outro, sem saber como. Continuando felizmente o seu caminho, chega Tundal á outra margem.

Um muro altissimo se lhe offerece então deante, de incomparavel belleza, e fabricado de materias preciosissimas. Uma unica entrada havia, fechada por uma porta feita dos mais ricos metaes e brilhante de pedraria. Achava-se o irlandez a umas quinhentas braças do muro, quando, aberta de repente a porta, lhe chega um perfume, com que nada têem comparavel os mais deliciosos aromas do mundo. Com elle se sentiu Tundal tão fortificado, que lhe pareceu poder agora soffrer sem custo todos os supplicios, por que acabava de passar. Olhando através da porta, fere-lhe os olhos um resplendor mais brilhante que o sol. Logo viu sahir-lhe ao encontro numerosissima procissão com tochas e ramos de palmeira todos de ouro. Erão homens de todas as condições, ecclesiasticos e leigos, trajando cada um conforme a sua jerarchia, e trazendo as vestes e as insignias, com que havia servido Deus n'esta terra. Saudando-o todos com respeito, alegria e amor, conduzem n'o pela porta no meio de

uma harmonia, como elle nunca ouvira outra, que se lhe approximasse. Some-se a procissão, e só duas personagens réstão para mostrar ao extrangeiro as maravilhas da mansão celeste.

Com ellas percorre Tundal todas as dilicias d'esta bemaventurada residencia, vendo cousas, que não têem nome em lingua de homens. Achavão-se estes espaços inundados d'uma luz tal, que comparado com ella é o sol no pino do meio-dia menos brilhante do que uma candeia a par do mesmo sol. Era todo aquelle logar como um formosissimo prado, semeado de hervas e arvores de toda a especie, esmaltado de flôres, cujos perfumes bastarião para fazer viver eternamente. Alli viu pessoas d'ambos os sexos, como elle jámais acreditaria que houvessem vivido tantas sobre a terra. Tão pouco podião seus olhos allarcar os limites do paraiso, em que ellas se achavão. Andavão em grupos, umas por aqui e outras por alli, visitando se reciprocamente e encorporando-se já a um já a outro bando. Todos estes coros formavão uma certa ordem cantando em suaves harmonias os louvores de Deus. Qual uma estrella se distingue da outra pela sua claridade, tal havia uma differença harmoniosa no brilho, que lhes relumbrava das vestes e dos ròstos. Divergia a forma d'estas vestes segundo o estado, que cada qual tivera na terra. Umas erão de

ouro, outras côr de violeta, azues outras, e tambem as havia brancas e de differentes tintas. Bemdizendo o Creador gosavão todas estas almas não só da propria, mas tambem da alheia felicidade. Todas tomavão parte na alegria de Tundal, regosijando-se de que houvesse escapado ao furor dos demonios, de modo que a elle pareceu-lhe que a sua chegada alli viera augmentar o bem-estar d'aquelles bem-aventurados.

Mas era preciso partir, e Tundal voltou á terra, até que um dia foi-se, e então de vez. Se tornou a achar tudo da mesma forma, algum dia o saberemos.

Se nem todos os povos conhecem o purgatorio, não ha nenhum que não saiba tanto do inferno como do paraiso. Vem esta palavra do hebraico ou do chaldaico *pardes*, de que os gregos fizerão παράδεισος, que entre elles significava, não um jardim de flôres, mas um vergel plantado de arvoredo. Pois que se acha em Xenophonte, é provavel que fôsse este termo tomado dos Persas. No segundo livro d'Esdras c 2 v. 8 pede Nehemias ao rei Artaxerxes, que lhe dê cartas para Asaph, guarda do paraiso real, afim de este lhe fornecer as arvores necessarias para os edificios, que ia levantar. Não erão pois só arvores fructiferas, que se cultivavão n'estas varzeas. No *Ecclesiastes* c. 2 v. 5 diz Salomão tambem, que

tinha feito jardins e paraisos. O facto da mesma palavra significar uma tapada e a morada dos bem-aventurados, prova uma cousa. Era que os antigos, que nos legárão o termo, habitando climas quentes, não concebião melhor paraiso do que repousar á sombra das arvores e comer saborosos fructos.

Mas a denominação propria, que Gregos e Romanos dávão á mansão feliz das almas virtuosas, era como já se disse, de Campos Elysios. Alli reinava perpetua a primavera, e o halito dos ventos só se fazia sentir para derramar o perfume das flôres. Novo sol e novos astros jámais os offuscavão nuvens. Bosques balsamicos e moitas de roseiras e de murta cobrião com sua fresca sombra os espiritos afortunados. Se o rouxinol alli descantava os seus amores, interrompido unicamente pelas vozes harmonicas dos grandes poetas e dos musicos afamados. Com dôce murmurio se deslizava o Lethes, cujas ondas fazião olvidar os males da vida. Sempre risonha renovava a terra tres vezes por anno os seus productos, offerecendo alternativamente já flôres já fructos. Nada de dôres, nada de velhice, cada qual conservava eternamente a edade em que fôra mais venturoso. Os prazeres, que mais havião lisonjeado em vida, se gosavão alli ainda. A sombra de Achilles fazia a guerra ás bestas feras e Nestor narrava as suas proezas.

Flath Inns chamavão os Gaulezes o seu paraiso, de que comtudo não tinhão noticias muito exactas. As almas revestião-se de corpos aereos susceptiveis de prazer e de pena, e gosavão de grande poder na sua nova mansão, tendo, porém, pouca influencia sobre as cousas d'este mundo.

Walhalla é o paraiso de Odin, e para elle são transportados depois da morte os heroes cahidos na batalha. Quinhentas portas tem este palacio, e por cada uma d'ellas saem oito heroes a combater seguidos de innumeros espectadores.

Todos os dias de madrugada os desperta um gallo, o mesmo, cujos gritos agudos serão no grande dia da destruição do mundo o primeiro signal da proxima chegada dos genios maus. Tomadas as armas entrão estes heroes na liça, fazendo-se em postas uns aos outros, mas apenas sôa a hora do banquete, montão outra vez a cavallo sãos e escorreitos, recolhem-se ao alcaçar, e toca a beber pelos craneos dos inimigos cerveja e hydromel e a comer enormes taçalhos d'um javali vivo, que a isso se presta da melhor vontade, crescendo-lhe immediatamente novas carnes ao passo que lhe cortão os nacos. A mesa são estes guerreiros servidos pelas Walkirias, formosas mensageiras, que Odin envia aos combates a escolher os que devem ser mortos e a dispensar a victoria.

De caracter um pouco mais selvagem desempenhavão as Walkirias no Walhalla as mesmas funcções, que as huris no paraiso de Mafoma. Virgens maravilhosas são estas, nascidas das pevides de quanta laranja comérão os fieis servos de Allah na sua celestial residencia. Ha-as brancas, amarellas, verdes e encarnadas. Bem boa cousa esta, mas o peor é que para lá chegar, cumpre passar por uma ponte estreita e afiada como o corte d'uma navalha de barba, e quem não é optimo equilibrista, ou está sujeito a vertigens — lá está por baixo o inferno, de que Deus nos livre a todos.

CRENÇAS POPULARES [1]

As superstições são de todos os paizes, de todos os tempos e de todas as religiões. Pode um povo ser mais supersticioso do que outro, mas por fim não ha nenhum inteiramente escoimado nas suas crenças. A religião e a superstição tócão-se de tão perto, que é quasi impossivel traçar entre ellas uma linha divisoria, e marcar com precisão onde uma acaba, e onde principia a outra. A propria Egreja, apesar de reputar a superstição obra do diabo, nem sempre tem podido traçar-lhe raias distinctas, e das crenças originadas entre o povo, muitas cousas têem passado para o culto. Todas as vezes, que as

[1] *Revista Popular* (1859).

superstições não atacavão directamente o dogma, tem nas o clero tolerado e até favorecido, por que d'ahi lhe vinha proveito. O commercio, que na edade-média se fazia com indulgencias, reliquias, bentos, escapularios, rosarios, etc., era realmente grandioso. Só os milagres em si offerecião uma mina inexgottavel. Não podia uma imagem de santo dar a qualquer costa deserta, sem que n'isso se visse um successo milagroso. Logo no bemaventurado logar se erguia uma capellinha, que não tardava a transformar-se em templo, e de toda a parte chovião as offerendas.

Ainda hoje constituem todas estas cousas não mesquinha fonte de pingues benesses, no campo e nas aldeias mais do que nas cidades grandes. Provirá isto no dizer de alguns de que n'estas ha mais illustração, mas tambem é certo que n'aquellas é mais viva a fé, e mais ardente o fervor da devoção. Por isso alli se crê mais, tanto o que é eternamente verdadeiro, como o que, sem o ser, não é comtudo máu. Quanto mais religioso é um povo, mais propenso será á superstição, mas como não ha nenhum que deixe de ter crenças religiosas, tambem o não ha, em que estas adulteradas ou levadas ao excesso, não degenerem em práticas supersticiosas. Levadas ao excesso, disse, porque na realidade outra cousa não é de ordinario a superstição, do que excessivo

enthusiasmo religioso: *superstitio est vitium oppositum adorationi et religioni per excessum.* S. Thomaz.

Os protestantes, inculcando-se a si proprios sectarios da religião racional, pretendem fazer passar os povos catholicos pelos mais supersticiosos. Comtudo a maior parte das crenças, de que n'este artigo pretendo dar succinta idéa, são por elles egualmente compartidas. Nem isto se refere unicamente ao povo baixo e ignorante, os proprios fundadores da sua religião erão os maiores visionarios. Ainda hoje se mostra em Wittemberg o borrão de tinta, que deixou na parede o tinteiro, com que Luthero atirou ao diabo, vindo a disputar com elle sobre os erros do papismo; e seu discipulo Melanchton, o grande reformador dos abusos e superstições, conta com a maior gravidade nos seus escriptos, que a tia de seu pae, tendo enviuvado, vira uma vez entrar-lhe na sala o defuncto marido, acompanhado d'outro phantasma vestido de franciscano, assentar-se a seu lado, pedir-lhe que lhe mandasse dizer missas pela alma, tocar-lhe a mão, que ficou negra para sempre, e desapparecer. A respeito de Calvino diz Boquet, *Discours des sorciers:* «Fazia prodigios com o auxilio do diabo, que nem sempre o servia bem. Um dia quiz elle fazer crêr que resuscitava um homem, que não estava morto, mas

quando feitos os seus conjuros ordenou ao compadre, que se levantasse, não se mexeu este, e por fim achou-se que estava realmente defuncto, por ter representado uma comedia de tão máu gôsto.»

A superstição é mãe de muitos erros: engendra terrores, transtorna as cabeças fracas, e traz os espiritos de contínuo sobresaltados com vãs inquietações. Povôa-nos os dias de demonios, de phantasmas e de espectros e rodeia-nos de monstros imaginarios Dá aos impostores e charlatães, meios faceis de abusarem da credulidade do vulgo, foi ella que conferiu ao poder ecclesiastico indébito predominio sobre o secular, e, se não accendeu as fogueiras da Inquisição, tornou-as possiveis. Comtudo, como poucas cousas haverá no mundo tão absolutamente más, que não tenhão o seu lado bom, tambem se não pode negar que as superstições de algum proveito hajão sido algumas vezes. Em muitas almas pode o temor do diabo o que não conseguiria o amor de Deus. Os espiritos incultos não se podem elevar á contemplação das verdades abstractas, precísão de pôl-as ao seu alcance por meio de signaes externos e palpaveis, e tudo materialisar, por assim dizer. Ri-se o sabio quando ouve bradar por S. Jeronymo ao roncar a trovoada, mas no coração de quem assim clama é o sentimento religioso, que se agita, e que no momento, em que a

lucta dos elementos da natureza ameaça anniquilal-a, não podendo ou não ousando erguer-se até ao Regulador Supremo, que é um espirito, pára junto ao santo, que foi um homem.

Na edade-média, quando os costumes erão ferozes, os instinctos sanguinarios, e ao mesmo tempo mui curto o braço da justiça humana, era esta ultima poderosamente auxiliada pelo temor da graça divina. O que não podia fazer o respeito ás leis, conseguia-o muitas vezes a superstição. S. Luiz, rei de França, impoz aos blasphemos e perjuros a pena de lingua furada e açoutes, á primeira vez, e do ultimo supplicio em caso de reincidencia; e a nossa ordenação do Livro v decretava a pena de degredo e de açoutes ou multa, conforme a qualidade da pessoa, e se o juramento falso era dado em materia criminal, era caso de morte. Comtudo, os proprios reis juravão e perjuravão e rião-se das leis, que os não podião alcançar, e outro tanto fazião os povos a seu exemplo; mas se alguem ouvia contar a historia d'algum impio que no acto de jurar falso cahia redondamente morto como fulminado, ou á vista de todos era arrebatado pelos ares nas unhas do diabo, logo se persignava cheio de salutar terror, e comsigo mesmo protestava não se expôr a semelhante perigo.

Uma das historias sobre este assumpto, que mais

impressão causava, apesar de não haver n'ella nada de sobrenatural, era a do condestavel de Bourbon.

Depois de ter trahido o rei e a patria, viu-se Bourbon egualmente abandonado do seu novo senhor, Carlos v, que já não carecendo d'elle, não só lhe recusou a mão de sua irmã Leonor, mas até negava o soldo aos bandos ferozes, porém bravos, a que devia a conquista do Milanez. Não tendo, com que pagar os seus soldados, fôrça lhe era ao condestavel deixal-os viver á custa do povo. Vexados por toda a casta de rapinas e extorsões vierão os habitantes e magistrados de Milão supplicar ao chefe, que retirasse o seu exercito. Consentiu o condestavel, comtanto que a cidade lhe fornecesse trinta mil ducados, com que pagar os soldos atrazados, e accrescentou, tomando o céo por testemunho, que se depois d'isto commettessem os seus soldados a menor violencia, queria que no primeiro recontro, ou no primeiro assalto, a primeira bala de artilharia disparada lhe levasse a cabeça.

Forneceu-se o dinheiro, mas o exercito não decampou, e os Milanezes tiverão de soffrer mais do que nunca. Finalmente não pôde o paiz exhausto offerecer mais pasto á rapacidade d'aquellas hordas sanguinarias e esfaimadas, e Bourbon teve de conduzil-as ao saque de Roma.

Lembrado, mas já tarde, do seu juramento, tinha

o duque o presentimento da sua propria morte, quando a 5 de maio de 1527 veiu assentar o seu campo deante dos muros da cidade eterna, e sem se deitar, passou armado e sem dormir toda a noite, que precedeu o ataque. Os soldados, que o amavão como pae, fixavão tristemente os olhos na tenda do general. Ao romper d'alva foi elle o primeiro, que munido d'uma escada, marchou á escalada; mas das ameias do castello de S. Angelo o reconheceu Benevenuto Cellini, e com tão certeira mira apontou a sua peça, que a bala foi levar a cabeça ao condestavel, no momento em que elle já bradava: «A cidade é nossa».

Muitos rasgos de castigos milagrosos, com que a Providencia visitava mesmo n'este mundo os perjuros e os malfeitores, corrião entre o povo, e contribuião não pouco para lhe cohibir os desmandos. Se fôsse possivel conter com mão de ferro os perversos, que abúsão da credulidade alheia, não sei se mais valeria deixar ao povo as suas crenças, pela parte maior repassadas de poesia, quando não impressas de verdadeira religião. Que mal virá ao mundo de que na noite de S. João se tirem sortes, se accendão fogueiras, e vão os môços e môças das aldeias apanhar as orvalhadas, e banhar se á meia noite, julgando vêr junto de cada fonte uma moura encantada, a anediar as tranças com pente de ouro?

Já que falamos de mouras encantadas, digamos alguma cousa das fadas, que por ventura vierão do mesmo paiz, do paiz das magas e dos genios bons e máus, peris e dives, do Oriente, embora alguns pretendão que ellas nascessem na terra dos *ogres*, na velha Bretanha, e que não fôssem outra cousa, do que as druidizas d'aquellas selvas. O que é certo, é que as crenças, que achamos espalhadas por muitos povos (e aqui não trataremos d'outras), e que para assim dizer se podem chamar geraes, fôrão-se successivamente misturando e confundido com outras locaes, de modo que o mais das vezes é impossivel remontar-lhes á origem.

Habitavão as fadas em palacios encantados nos fundos dos poços, ás bordas das correntes e nas cavernas das montanhas, e tínhão o poder de tomar formas de animaes e fazel-as tomar aos homens. Tínhão uma rainha, que todos os annos as convocava em assembléa geral, para premiar as que tínhão procedido bem e punir as que havião abusado do seu poder. Algumas estavão encarregadas de levar ao céo as almas dos recem-nascidos. Embora immortaes, erão ellas obrigadas todos os annos n'um certo dia, a tomar a figura d'um animal, e a correr todos os riscos, inclusivé o de morte, a que está exposto o ente, que representavão. Servião muitas vezes de madrinhas de creanças, e por essa occa-

sião dotavão-nas de maravilhosas qualidades, symbolisadas pela varinha de condão. Gostavão de dansar ao luar nos prados escusos, e onde ellas habitavão não vinhão as geadas nem as tempestades destruir as searas ou damnar os fructos.

Havia fadas boas e más, dotadas de differente gráu de poder. Via-se frequentemente uma fada boa vencida por outra má mais poderosa, e vice-versa. As *damas brancas (weisse Frauen)* da Allemanha erão tambem fadas, mas quasi sempre de perigosa especie. Os Escocezes chamavão ás suas fadas *fairs* ou *fair folks,* e Hector de Boëce nos seus *Annaes da Escocia* conta, que a grandeza da casa dos Stuarts, de que Banquo foi o fundador, fôra prophetisada por tres d'estas fadas, que Shakspeare mais tarde converteu em feiticeiras.

Da crença nas fadas restão ainda innumeros vestigios por toda a velha Europa, assim se vê por exemplo junto de Merlingen, na Suissa, uma cisterna negra, a que se dá o nome de *pôço das fadas,* e que toda a gente do paiz olha como um logar encantado. Mas tudo passa n'este mundo de vicissitudes. Os reis absolutos de direito divino já vão longe; o pião, com que jogavão nossos paes, quando rapazes, foi substituido pelo charuto; aos feiticeiros succedêrão os charlatães; os magicos cedêrão o logar aos magnetisadores; e as proprias fadas, cujo

reinado foi tão gracioso, já nem em sonhos se nos mostrão.

Os feiticeiros estavão longe de ser tão innocentes como as fadas; erão impostores, vagabundos, rapinantes e ás vezes scelerados, que da credulidade publica fazião fonte de receita. Suppunha-se que era gente, que com o auxilio de potencias infernaes, podia obrar cousas sobrenaturaes, em virtude d'um pacto feito com o demonio. No reinado de Carlos IX encontrárão-se em Pariz trinta mil feiticeiros, que fôrão postos fora da cidade, e quantos não ficarião ainda por lá! No tempo de Henrique III contavão-se em França mais de cem mil. Já se vê, que o modo de vida devia ser lucrativo. A Inglaterra porém tem sido sempre o paiz classico da feitiçaria, para o que não pouco concorre a vulgarisação da leitura da Biblia, e o modo de interpretal-a, acompanhado de doutas discussões sobre a natureza do diabo, e sua ingerencia na economia politica do governo do mundo. O rei Jacques I escreveu contra a bruxaria um grosso volume, que de pouco serviu, a não ser para mais enredar a questão.

Os feiticeiros erão accusados de 15 crimes: 1.º renegavão de Deus; 2.º blasphemavão; 3.º adoravão o diabo; 4.º dedicavão-lhe os seus filhos; 5.º sacrificavão-lh'os ás vezes antes de baptisados; 6.º consagravão-n'os a Satanaz ainda no ventre da mãe;

7.º promettião ao demonio chamar ao seu serviço quantos proselytos pudessem; 8.º juravão pelo nome do diabo; 9.º não respeitavão lei alguma e commettião incestos; 10.º matavão gente, cozinhavão-na e comião-na; 11.º alimentavão-se de carne humana, e com preferencia de enforcados; 12.º matavão com veneno e sortilegios; 13.º fazião morrer o gado; 14.º fazião perecer os fructos; 15.º erão em todas as cousas escravos do diabo. Nem todas estas accusações careciāo inteiramente de fundamento, e muitas cousas erão verdadeiras, até onde erão humanamente possiveis.

Celebravão os feiticeiros suas reuniões nocturnas, (e ás vezes até diurnas, bem que rarissimamente) a que em algumas linguas se dava o nome de *sabbat*, que se julga derivado do grito de *saboé*, usado nas antigas bacchanaes. Tínhão logar estas reuniões nas encruzilhadas e nos logares desertos e selvagens, junto dos lagos, paúes e pantanos, pois que era alli que se fabricavão a saraiva e os furacões. Sitio, que tivesse sido theatro de semelhantes profanações, nunca mais n'elle brotava um fio de herva. Transportavão-se os feiticeiros pelos ares ás suas assembléas, a cavallo em cabos de vassoura, para o que se untavão com certo unguento, bastando a alguns mais mestres pronunciar umas palavras mysteriosas, e de ordinar o sahião de casa pela chaminé.

Que estas reuniões nocturnas tinhão effectivamente logar, é fora de duvida, mas o que n'ellas se passava não é egualmente liquido. Comtudo o facto de assistirem sempre a ellas demonios *incubos* e *sucubos*, diabos machos e femeas, que se união aos mortaes, e o de se conferir invariavelmente a presidencia a um bode, animal, que em todos os tempos passou pelo symbolo da lubricidade, fazem crer que se não tratava, senão de orgias da mais desenfreada libertinagem, onde confundindo-se promiscuamente todas as edades e sexos, se praticavão as maiores abominações.

Ainda hoje não falta quem acredite em bruxas, máus olhados, pragas juradas, quebrantos e feitiços. Comtudo, quem julgar isto partilha exclusiva de povos ignorantes e atrazados em civilisação, muito se enganará. Na França, na culta França, ainda em 1811 M.elle Lorimier, que d uma eminencia proxima estava desenhando a vista da cidade de Saint-Flour, foi apedrejada pelos camponezes, e conduzida juntamente com outra senhora, que a acompanhava, á presença do magistrado, ambas como feiticeiras. No Auvergne fôrão em 1778 reputados feiticeiros e quasi mortos ás pedradas, os engenheiros, que levantavão a planta da provincia, e em 1820 teve o tribunal de Marselha de julgar um processo de feitiçaria. No proprio foco da illustração, em Pariz,

fazia o magico Moreau maravilhas, não ha trinta annos.

Na Inglaterra em 1815 no processo do assassinato de sir Thomas Overbury, em que mistress Turner figurou como cumplice, accusou-a o Procurador da Corôa de ter ido procurar um certo Dr. Foreman, professor de sciencias magicas, e obtido d'elle segredos, para se fazer amar por sir Arthur Manwaring. A mesa do tribunal estava cheia de papeis, retratos, e outros objectos, que se pretendia serem enfeitiçados. A affluencia de curiosos era immensa. De repente, vergando sob o pêso enorme, que o opprimia, deixou o pavimento da sala ouvir alguns estalos, e no mesmo instante os espectadores, os jurados, os soldados e os juizes, julgando que todos os diabos do inferno vinhão em soccorro da sua amada feiticeira, tratárão de pôr-se a salvo, fugindo em horrivel confusão.

A abolição das leis contra a feitiçaria no Reino Unido apenas data de 23 de março de 1821.

Os *vampiros* do occidente, *broucolaques* da Moréa, e *katakhanes* de Ceylão, erão defunctos já enterrados, que apparecião em corpo e alma, infestavão as aldeias, maltratavão homens e animaes, e chupavão o sangue de seus parentes e amigos, até causar-lhes a morte. Para pôr termo ás suas perigosas visitas, era mistér exhumal-os, empalal-os,

cortar-lhes a cabeça, arrancar-lhes o coração, ou queimal-os. Os que morrião chupados, tornavão se vampiros a seu turno.

Quando n'uma aldeia se fazem notar os estragos d'um vampiro, percorre-se o cemiterio, examinão-se as sepulturas, e aquella, em que se encontra um buraco do diametro d'uma pollegada, abre-se, e acha-se um cadaver fresco e bem disposto, por mais annos que tenhão decorrido desde a sua morte, e em cujas veias circula sangue vermelho e liquido. Ás vezes vê-se o corpo litteralmente nadando em sangue: se com elle se amassar farinha, quem comer d'este pão ficará livre dos ataques de taes espectros. Quanto ao cadaver é preciso reduzil-o a cinzas.

Para descobrir o logar, onde estava enterrado algum vampiro, tambem se empregava outro processo. Um rapazinho montava em pêlo um cavallo inteiro e perfeitamente negro, passeava-o pelo cemiterio, e a sepultura, que elle recusasse pisar, era a que se buscava.

Os Gregos e Turcos imaginão que os cadaveres dos *broucolaques* comem de noite, passeião, fazem a digestão e alimentão-se realmente, crença aliás commum a muitos paizes. Os Allemães persuadem-se que elles *mastigão como porcos*, e que é facil ouvil-os grunhir ao moerem com os dentes o que devorão.

Ruidos ouvidos nos sepulcros d'alguns desgraçados, enterrados vivos em estado de lethargia, podião dar origem a esta crença. Quanto a encontrarem-se frescos cadaveres sepultados com muita antecedencia, tambem é sabido, que ha terrenos, que conservão os corpos intactos por muito tempo. Diz um escriptor francez, que em Tolosa ainda n'uma egreja se mostra um subterraneo, que possue esta propriedade a ponto de se terem encontrado em 1789 cadaveres enterrados havia mais de dois seculos, que parecião vivos, achando-se não menos bem conservados os vestidos, em que estavão envoltos.

O gato representa um papel distincto na historia da superstição. Tendo um soldado romano morto por descuido um d'estes animaes no Egypto, sublevou-se a cidade inteira, sem que a auctoridade do rei pudesse livrar do furor popular o desgraçado matador. Os Egypciacos cultivavão as sciencias, havia entre elles uma bibliotheca immensa, que era publica, e com tudo adoravão os gatos.

Mahomet tinha grande predilecção pelo seu gato. Tendo-se o bichano um dia deitado sobre a manga pendente da jaqueta de seu dono, parecia meditar alli tão profundamente, que o propheta, tendo de ir á oração, e não ousando arrancal-o ao seu extasis, cortou a manga. Na volta viu o gato, que desper-

tando e dando pela attenção, que para com elle tivera o dono, levantou-se para fazer-lhe uma cortezia, curvando o lombo em arco. Mahomet comprehendeu o que isto significava, e assegurou ao animal um logar no paraiso. Depois, passando tres vezes a mão pelas costas do gato, imprimiu-lhe a virtude de cahir sempre de patas para baixo.

Antigamente havia em Pariz o costume de queimar uma ou duas duzias de gatos na fogueira de S. João. Accendia-se este fogo de alegria á volta d'um mastro, junto ao qual se depositavão os bichos fechados dentro de canastras, que se abrião, apenas a chamma havia cingido em tôrno o seu circulo de labaredas. Os pobres gatos não tinhão outro recurso, senão trepar ao mastro, e, ou morrião suffocados pelo fumo, ou arremeçavão-se desesperados ao meio da fogueira. Os espantosos berros d'estes martyres irracionaes divertião extremamente a multidão.

O gato tambem figura com vantagem na feitiçaria; o diabo gosta de tomar-lhe a figura, e de seus miolos se servem as bruxas, como d'um veneno lethal.

Mas se o diabo tomava a forma de gato, não raro tomava tambem a de cão, acompanhando assim, sem se tornar suspeito, os feiticeiros, que se obrigara a servir por certo numero de annos, em troca

de suas almas. Comtudo era facil reconhecel-o debaixo d'este disfarce, e a côr negra o denunciava frequentemente. Em algumas partes cria-se que as almas dos malfeitores passavão para corpos de cães, e o seu uivar á meia noite era presagio de morte.

Os antigos chamavão as furias cadellas do inferno, e sacrificavão cães negros ás divindades infernaes. Na edade-média enforcavão-se ás vezes os grandes criminosos entre dois cães.

Comtudo povos ha, que têem o cão em grande veneração. Eliano fala d'um paiz da Ethiopia, cujos habitantes têem por seu rei um d'estes animaes, e entre os guebres, quando alguem se acha na ultima agonia, approximão-lhe da bôcca a guela d'um cão, afim de que este receba a alma do defuncto. Os reinos de Pegu e de Sião reconhecem um cão por chefe da sua raça, e d'esta ascendencia se glorião. Camões allude a esta crença. A população do Libano divide-se em tres raças: Ausarios, Drusas e Maronitas. Os primeiros são idólatras, professando uns o culto do sol, e outros o do cão. O dogue hespanhol Berecillo, que devorava os Indios em S. Domingos, recebia o soldo de tres soldados.

Os sapos sempre fôrão muito bem quistos das feiticeiras, que nunca deixavão de ter alguns ao seu serviço, vestidos de velludo verde ou carmezim.

Debaixo da figura d'este animal occultava-se de ordinario algum demonio familiar.

O povo attribuia ao sapo a faculdade de produzir com a vista desmaios, espasmos, convulsões e até a morte. O halito d'este animal passava por mortal, e a sua ourina tinha muitas propriedades maleficas. Em compensação de tantos desprêzos, gosava o sapo, sobre as bordas do Orinoco, d'uma especie de culto, que comtudo, fôrça é confessal-o, lhe sahia um tanto caro. Estavão os selvagens tão persuadidos que d'estes animaes dependia dar-lhes chuva ou bom tempo, que quando as suas supplicas, em qualquer d'estes sentidos, não erão attendidas de prompto, batião-lhes com varas, até verem satisfeitos os seus desejos.

A coruja passou sempre por ave agourenta, comtudo se ella se refugia n'um pombal, é bom o agouro. Possue esta ave virtudes admiraveis. Colloquem o seu coração e o pé direito em cima d'uma pessoa adormecida, e ella dirá tudo quanto tem feito, e responderá a todas as perguntas. Se alguem trouxer as mesmas partes d'este passaro debaixo dos braços, no logar onde elles prendem com o tronco, nenhum cão poderá ladrar ao pé de tal individuo. Finalmente pendure-se-lhe d'uma arvore o figado, e vêr-se-hão todas as aves vir pousar por cima.

Para os lavradores é um peccado matar as ando-

rinhas, porque ellas lavárão os pés a nosso Senhor, e as cegonhas são egualmente respeitadas, porque trazem felicidade á casa, em cujo colmo veem fazer o ninho. O certo é, que ambas estas aves são mui uteis á agricultura, pela grande quantidade de bichos nocivos, que destroem.

Por occasião de agouros, cumpre não esquecer os espirros, que erão reputados taes entre os antigos. Do meio dia até á meia noite era favoravel o agouro, e sinistro d'ahi por deante. Para os assistentes era signal de felicidade ou desgraça ouvil-o do lado direito ou do esquerdo. Em todo o caso porém era reputado signal sagrado, e todos saudavão a pessoa, que espirrava, dizendo-lhe: Jupiter te conserve. Vem d'aqui o nosso *dominus tecum.*

Alguns dão a este uso menos remota origem, e dizem que no pontificado de Gregorio o Grande houve na Italia uma peste, cujos primeiros symptomas se manifestavão por meio de espirros, de modo que quem ouvia espirrar alguem, dizia-lhe logo: Deus te ajude. Outros porém remontão pelo contrario ainda mais longe, e conferem a Adão as honras do primeiro espirro. Pretendem os Judeus, que o Creador, expulsando do Paraiso o nosso pae commum, lhe dera o espirro como presagio da morte. Assim continuárão as cousas, até que Jacob, não querendo morrer por motivo tão leve, pediu a Deus

que as mudasse. Comtudo, se d'ahi por deante já o espirro não presagiava a morte proxima, sempre a trazia á lembrança, e o costume de fazer votos pela salvação de quem espirrava, nunca mais se perdeu.

Quando espirra o rei de Sennaar, voltão-lhe os cortezãos as costas, applicando-se a si proprios uma palmada na côxa direita. Quando egual cousa succede a S. M. de Monomotapa, todos os presentes imitão o ruido do nariz real. O signal é ouvido e repetido nas casas proximas, e de casa em casa corre toda a cidade, de modo que um espirro do rei é alli o acontecimento mais *estrondoso.*

Os Siamistas dizem que no inferno ha juizes, que escrevem n'um livro enorme todos os peccados dos homens. O presidente está continuamente occupado a ler este registo, e o infeliz mortal, a quem se refere o artigo, que elle está examinando, nunca deixa de espirrar no mesmo instante. Já se vê com quanta razão se implora o auxilio divino a favor de quem espirra.

O gallo tem o poder de com o seu canto afugentar os demonios e até os leões. Se em quanto o diabo leva a sua prêsa pelos ares, canta o gallo, fôrça lhe é largal-a das unhas. No estomago d'esta ave se forma uma pedra, chamada alectoriana, que tem a propriedade de dar coragem e fôrça, e algumas vezes a riqueza. Quando o gallo chega á edade

de dez annos, põe um ôvo, do qual porém nasce uma serpente ou um basilisco.

Na edade-média era geral a crença n'um purgatorio terrestre, em que era permittido entrar, e d'onde alguns tornavão a sahir. Chamava-se de S. Patricio, e a sua entrada era na Irlanda, n'uma ilha do lago de Derg. A este respeito diz P. L. Jacob:

«Este purgatorio, imitado do antro de Trophonius, tão famoso na historia do paganismo grego, só foi descoberto ou imaginado no seculo XII, mas adquiriu bem depressa uma celebridade, que correu d'uma extremidade da Europa á outra. Os principaes escriptores d'aquelle tempo, não desdenhárão occupar-se mui sériamente do assumpto, em quanto a poesia dos trovadores e minnesingers fazia circular de bôcca em bôcca esta lugubre e maravilhosa lenda, que não devia tardar a inspirar o Dante. Segundo o conto, tinha Jesus Christo conduzido S. Patricio a uma grandissima caverna, que era escurissima por dentro, e alli o deixou um dia e uma noite. Ao sahir vinha o santo expurgado de todos os seus peccados, e a primeira cousa, em que cuidou, foi em fundar perto d'aquella cova uma magnifica egreja e um convento da ordem de S. Agostinho. Depois da sua morte affluia alli a multidão em romaria; alguns temerarios ousárão penetrar na caverna, mas poucos tornárão a vêr a luz do dia.»

Não faltárão historias de pretendidas descidas a este purgatorio, sendo uma das mais celebres a d'um cavalleiro inglez por nome Owen, que não podendo mais soffrer o pêso de seus peccados, alli entrou para purgal-os, tendo-se preparado prévia-mente, jejuado quinze dias, commungado, e despido todas as suas armas, para se cobrir unicamente com a fé e a graça. A sua narração é por demais longa, para achar aqui logar: basta saber, que não faltavão alli diabos, que atormentassem as pobres almas.

Outra lenda, não menos famosa, era a do Judeu errante, que todos conhecem mais ou menos pelo celebre romance de Eugenio Sue. Muita gente havia visto a mysteriosa personagem, de longa barba branca, e que nunca parava, symbolisando o castigo mais horrivel, que um Deus irado podia impor a uma creatura, comtudo sobre a sua origem variavão algum tanto as opiniões. Pretendião uns, que era um certo Cartaphilus, porteiro do pretorio de Poncio Pilato, que vendo Jesus no caminho para o Calvario parar um instante para tomar fôlego, lhe deu um murro nas costas, gritando: «Anda mais depressa, Jesus, anda! Porque te demoras?» O Christo encarou-o e disse-lhe com rosto severo: «Eu vou, mas tu esperarás até que eu volte.» Cartaphilus, que tinha então trinta annos, remoça todas as vezes,

que chega aos cem, e continúa a esperar pela vinda do Senhor até ao fim do mundo.

Segundo outros, não se chamava o Judeu errante Cartaphilus, mas Ahasverus, e era sapateiro. Estando á soleira da sua porta com a mulher e os filhos, para vêr passar o rei dos Judeus com a sua cruz ás costas, e parando este de cançado um momento, empurrou-o e invectivou-o aquelle, ordenando-lhe que andasse. Então lhe disse Jesus indignado: «Eu pararei e repousarei, mas tu caminharás.» Effectivamente partiu Ahasverus, deixando casa e familia, e nunca mais lhe foi permittido parar, nem descançar.

Ainda outros o chamavão Isaac Laguedem.

Esta lenda ou antes allegoria, personificava nas desgraças d'um só homem os males do povo judaico, e além de muitas poesias e composições de toda a natureza, inspirou ao poeta allemão Schubart uma admiravel *rapsodia* lyrica. Vem finalmente o somno fechar as palpebras do eterno peregrino, e o anjo, que o transporta para a caverna, onde lhe será dado repousar, diz-lhe:

«Dorme agora, Ahasverus, dorme em paz, que a colera de Deus não é sempiterna. Quando despertares, ahi estará Elle, esse, cujo sangue viste correr no Golgotha, e cuja misericordia se extende sobre ti, como sobre todos os homens.»

Outra personagem egualmente digna de fé era o Preste João das Indias, a quem os reis de Portugal mandárão differentes embaixadas, sem que nenhuma infelizmente o pudesse descobrir. Ninguem comtudo duvidava na Europa da sua existencia, e esta especie de papa immortal do Oriente, por mais d'uma vez perturbou o somno dos do Occidente. Era um rei e pontifice, metade judeu, metade christão, que havia já muitos seculos regia um vasto imperio, sem que ninguem comtudo pudesse averiguar se na Abyssinia, se na Tartaria. Em 1507 escreveu este Preste João, intitulando-se por graça de Deus rei todo poderoso sobre todos os reis christãos, ao *imperador de Roma e ao rei da França* uma carta, que correu toda a Europa, e em que elle convidava Julio II e Luiz XII a irem estabelecer-se n'aquelles estados, onde se encontravão todas as maravilhas do mundo.

Referem porém os sabios, que no seculo XII fundara um chefe nestoriano por nome *Johannes Presbyter* um grande imperio na Tartaria, e d'aqui podia muito bem originar-se aquella fabula.

A par d'um Preste João houve tambem uma papiza Joanna. Pretende a chronica, que uma joven de Moguncia, educada em Athenas com vestes masculinas, veiu residir em Roma, onde sob o nome de João de Inglaterra adquiriu tal reputação de sabe-

doria e virtude, que foi elevada ao solio pontificio. Tinha ella porém commercio com o diabo, outros dizem que com um frade, e no meio d'uma procissão entre o Coliseu e a egreja de S. Clemente, deu á luz um papa pequenino em habitos pontificaes, ouvindo-se ao mesmo tempo o pae recitar no ar estes dois versos sybillinos:

Papa pater patrum, papissæ pandito partum
Et tibi tunc eadem de corpore quando recedam!

D'esta aventura data o costume de se verificar a virilidade do novo papa por occasião da sua eleição. Tudo isto porém não passa d'uma fabula.

No filho d'uma papiza e do demonio ninguem podia deixar de vêr o antichristo, outra famosa entidade da edade média, ligada com a crença do proximo fim do mundo. Esta ultima fazia tanta conta á gente da Egreja, a quem os que se dispunhão a morrer fazião em vida doação de seus bens, que não é para admirar, que o clero se não esforçasse muito por combatel-a. Logo no quarto seculo da era christã principiou a annunciar-se, que poucos annos de arrependimento restavão á humanidade; mas de seculo em seculo foi o terrivel acontecimento sendo adiado, até que chegou o anno 1000, e então ninguem mais duvidou de que era vindo o

termo fatal. «No fim de mil annos, havia dicto S. João no Apocalypse, sahirá Satanaz da sua prisão, e seduzirá os povos, que ficão nos quatro angulos da terra.» Como para tornar mais certa ainda a imminencia da catastrophe, não faltárão n'aquelle anno signaes ameaçadores: eclipses, cometas, meteoros, inundações, tempestades, epidemias, esterilidade, e aos males reaes vierão ainda juntar-se os que a superstição creava, como Judeus convertidos, mortos resuscitados, vivos fulminados de morte subita, espectros e demonios sahidos do abysmo.

Na vespera do dia, em que se cumpria o anno millesimo, todo o povo se apinhava nas egrejas, e não havia quem não julgasse ouvir já o som das sete trombetas, e não esperasse a cada momento a apparição do Antichristo. O dia passou-se sem novidade, mas isto não podia ser, senão uma curta dilação offerecida ao arrependimento dos peccadores, e levou annos primeiro que os espiritos serenassem inteiramente. Desde então, não tem havido seculo, para o qual se não marcasse mais do que uma vez o fim do mundo, e bem pouco ha ainda, que a uma prophecia no mesmo sentido não faltárão crentes.

Não são porém sómente os christãos, que teem sonhado com o fim do mundo, sonho, que um dia se realisará comtudo. Herodoto marcou ao universo

a duração de 10,800 annos; Dião deu-lhe 13,984; Orpheu 120,000 e Cassandra 1.800,000. A estes é provavel, que nenhum de nós, que actualmente vivemos, chegue a dar o desmentido. Menos prudentes fixárão Aristarcho o termo final do genero humano no anno do mundo 3484 e Daretes no de 5552, e pássão já por visionarios.

Quando o mundo se approximar do seu fim, apparecerá o Antichristo, cujo reinado ha de durar cincoenta annos. Toda a difficuldade está pois em reconhecer a identidade da pessoa. Houve muito quem se persuadisse, que Napoleão o era, mas como ha bastante tempo já, que elle morreu, e o mundo dura ainda, devemos crer, que esta boa gente se enganava.

Quem quer que seja o sujeito, ha de dar-se pelo verdadeiro Messias, fará prodigios capazes de induzir em erro os proprios eleitos, e o seu reino será o da corrupção. Para elle guardão os demonios subterraneos os thesouros escondidos, e com este meio corromperá elle os povos. Segundo S. Jeronymo será o Antichristo um homem filho d'um demonio, mas segundo S. Ireneu, S. Ambrosio, S. Agostinho e outros Padres da Egreja, será um homem como todos os outros, porém mais avantajado em malicia e impiedade. Muitos affirmão, que será Judeu e da tribu de Dan. Segundo uma prophecia muito acre-

ditada, falará elle logo ao nascer todas as linguas, terá garras de leão, e não usará de chinelas. Belzebut, seu pae, se lhe mostrará ao lado, sob a forma de um passaro de quatro pés, cauda, cabeça de boi mui chata, chifres, e pêlo negro bastante aspero. Com um sêllo, que representará em miniatura esta engraçada figura, marcará o Antichristo os seus.

Merlim, o celebre encantador, e bardo do seculo v, não menos famoso pelos seus prodigios, do que pelas suas prophecias, era filho d'um diabo incubo e d'uma druidiza bretã. Até á publicação dos vaticinios de Nostradamus no seculo xvi constituírão os seus o unico livro, em que se encontrava a revelação de todos os grandes acontecimentos, que devião dar-se no mundo. Nunca houve mais generoso protector dos cavalleiros andantes, nem mais acerrimo defensor das damas. A relação das suas aventuras encheria volumes. O inclito mago vive ainda na floresta de Broceliande em Finisterra, dentro d'uma mouta de espinheiros alvares. Não vão porém lá procural-o, que elle não recebe ninguem; está incommunicavel.

A crença nos sonhos fatidicos era das mais vulgares superstições, comtudoco mo parecia d'alguma forma auctorisar-se com a Biblia, na historia de Abrahão e de José, não podia a Egreja condemnal-a, senão com extrema reserva. Tertulliano havia dicto:

«Durante o somno se indicão remedios, descobrem-se roubos, patenteião-se thesouros.» A moderna doutrina do somnambulismo prende-se intimamente á theoria dos sonhos, arvorada em sciencia sob o nome de oneirocritica, e duvido muito, que uma possa ser verdadeira, se a outra é falsa.

No antro de Trophonio, cujo oraculo era famoso por toda a antiguidade, adormecia-se o consultante, fazendo-o respirar certos vapores, e n'esse estado tinha as mais maravilhosas visões, em que se desvendavão todos os arcanos do futuro. Ora, adormecer por meio de aromas, de fluidos magneticos, ou pelo effeito ordinario da natureza, deve tudo vir a dar na mesma.

Comtudo todos os povos teem pretendido vêr nos sonhos uns como reflexos do futuro e advertencias divinas ou diabolicas, e em todos os seculos tem a arte de interpretal-os sido professada pelos adivinhos e ás vezes pelos medicos.

Ensina-nos Hippocrates, que para contrabalançar a malignidade dos sonhos, devemos, quando sonhando virmos empallidecer as estrellas, correr em redondo; quando fôr a lua, que empallidece, correr ao comprido, e quando empallidecer o sol, correr em ambos os sentidos. Sonhar com a morte annuncia casamento; com flores, prosperidade; com thesouros, penas e cuidados; com a cegueira, perda de

filhos; com doces e gulodices, desgostos e amarguras; com riquezas, miseria; com uma aguia a voar, felicidade; com um jumento a correr, desgraça; com bofetadas, paz conjugal; sonhar com uma doninha, é signal de ter má mulher, etc., etc., etc.

As visões, que cumpre não confundir com os sonhos, representão papel importante na historia, e ligadas á maior parte dos factos antigos mais notaveis, dão-lhes um ar de legenda. Na historia patria temos entre outras a visão do campo de Ourique, intimamente enlaçada com a fundação da monarchia.

Nos primeiros seculos do christianismo erão de ordinario as imagens risonhas de anjos, cherubins, santos e santas, que apparecião em visões, para aconselharem o bem, ou impedirem o mal. Depois porém que a influencia de Satanaz foi ganhando terreno nas cousas d'este mundo, fôrão as visões tingindo-se de uma côr infernal, e erão mais frequentes as diabolicas do que as celestes. As visões tão ordinarias nas imaginações faceis de exaltar, não erão só o apanagio do povo; os grandes, os principes, os reis, os sabios, os proprios sacerdotes erão não raras vezes perfeitos visionarios.

Os mais graves escriptos da edade-média, tanto ecclesiasticos como profanos, estão cheios de visões. Ouçamos uma de Torquemada:

Um cavalleiro hespanhol namorado d'uma freira, empraza-a para uma entrevista na egreja do convento, tendo se préviamente munido d'uma chave falsa. Sôa meia noite na torre ao transpor elle os umbraes do santuario. A egreja está illuminada e armada de preto: deante d'uma eça cercada de tochas accêsas, reza-se o officio dos finados. De repente vê-se enfileirar uma procissão de monges a cantar o *Dies iræ*. Gelado de terror acerca-se o cavalleiro a um padre, e pergunta-lhe quem era o defuncto, cujos funeraes se celébrão. Em resposta ouve o seu proprio nome Dirige egual pergunta a segundo frade e depois a terceiro: a resposta é sempre a mesma. Tomado de vertigem, foge elle da egreja espavorido, e monta a cavallo: dois enormes mastins negros o acompanhão correndo cada um do seu lado. Ao chegar ao castello, entrão juntamente com o cavalleiro os dois lebreus, e o estrangulão á vista dos servos, que o não podem soccorrer, senão com o signal da cruz.

Ás vezes tomavão as visões um corpo, tornavão-se um facto material, que se podia tocar com o dedo. Erão chuvas de sangue, de pedras, de trigo, de rãs, ou cousas ainda mais extraordinarias. As desastrosas guerras dos Polacos com os Turcos e com os Russos fôrão annunciadas da seguinte forma. A 8 de setembro de 1623 pescou-se na Vistula

perto de Varsovia um maravilhoso peixe de 35 pés de comprimento e 4 covados de largura, com uma cabeça humana cercada d'um diadema de tres triplices cruzes, e a sahir-lhe da bôcca outra cruz de sangue, com dois braços, um de aguia outro de leão. Sobre o lombo trazia uma peça de artilharia e ampla provisão de balas, e dos flancos lhe partião dardos á guisa de barbatanas. Os historiadores polacos conservárão-n'os uma minuciosa descripção d'este animal, que foi *retratado do natural.*

Muitas das superstições da edade-média vínhão directamente do tempo do paganismo. Quando as crenças e as práticas se arraigão profundamente no coração do povo, é preciso o volver de muitos seculos para apagal-as, mórmente se ellas não são de todo inconsistentes com a nova fé abraçada. Assim se mettia na mão do morto uma moeda qualquer, para que elle fôsse melhor recebido no outro mundo. Era o antigo preço da passagem da barca de Charonte. As abelhas não se compravão a dinheiro, mas trocavão-se, para que prosperassem as colmeias. Fazião-se sahir do curral recuando os bezerros, que se separavão de suas mães. Ninguem comia carne de animal, que não tivesse sido morto a ferro. Na cova do defuncto deitavão-se cordas, em que se davão varios nós. Cobria-se com um crepe o cortiço das abelhas, quando morria o dono, para que ellas

não morressem egualmente. Não se principiava a lavrar, sem ter dado tres voltas á roda da charrua com pão, aveia e uma tocha accêsa. Para semear salsa escolhia-se uma creança, um doido ou um idiota, aliás mal ia a quem fizesse a sementeira. Para evitar que a mortalidade se introduzisse no curral ou na cavallariça, enterrava se á porta um boi, um cavallo, ou qualquer outro animal com as patas para cima.

Outras superstições pelo contrario tínhão o cunho da sua origem christã Mettião-se raminhos de buxo bento nos cereaes, para preserval-os dos insectos. Não se deitavão ao fogo as cascas dos ovos, para que S. Lourenço não tornasse a ser queimado. Julgava-se que os remedios tomados por doente depois de confessado e sacramentado já não tínhão efficacia. Ninguem se atrevia a coser, fiar ou trabalhar no quarto d'um morto. Na casa, em que jazia um cadaver, não se deixava vasilha alguma com agua, para que a alma não fôsse alli banhar-se. Uma cruz feita na chaminé evitava que as gallinhas se extraviassem.

Era principalmente por occasião de molestias, que se recorria a toda a sorte de práticas supersticiosas, bem como para evitar males futuros, e conseguir todas as felicidades imaginaveis. Os talismans erão d'alguma forma tolerados, quando não expres-

samente approvados pela Egreja, e como taes servião versiculos da Biblia, que se trazião pendurados ao pescoço, orações milagrosas, escapularios, rosarios, medalhas, reliquias. As figas erão e são ainda muito usadas. Havia tambem talismans magicos e astrologicos, e empregavão-se hervas, pedras e pelles de animaes como preservativos, bem que a Egreja se recusasse sempre a sanccionar o seu uso com orações e cerimonias.

Para curar doenças não havia como as festas de santos e reliquias, que se ião venerar em romaria, levando alguma offerenda. Cada santo era advogado d'uma ou outra molestia especial, sem que o mais das vezes seja possivel averiguar o motivo da preferencia. Não erão porém sómente os santos, que curavão, sem serem medicos. Os reis de França, desde Clovis, que foi o primeiro, em quem se descobriu esta virtude, curavão as alporcas, unicamente com tocal-as, e só Henrique IV, segundo o historiador Dulaurens, dava por anno saude a mais de 1:500 enfermos. Da mesma forma curavão os reis da Inglaterra a gôtta coral.

Uma das cousas, que muito preoccupavão os espiritos, era a alchimia, ou arte de fazer ouro, segredo, de que ainda nem todos desesperárão. Esta sciencia, se tal nome se lhe pode dar, faz parte da cabala, e os Chins, que tantas cousas conhecérão pri-

meiro do que nós, d'ella se occupárão mui sériamente, antes que a Europa tivesse semelhante idéa. Nos seus livros se fala em termos magicos da *semente do ouro* e dos *pós de projecção*, não só capazes de produzir o metal, mas até um elixir de longa vida, que daria talvez a immortalidade.

Comtudo mesmo na Europa é velha a cousa, e Plinio refere que o imperador Caligula emprehendeu fazer ouro d'uma preparação de arsenico, projecto que não tardou a abandonar, vendo que o proveito não cobria a despesa. Não falta tambem quem pretenda que os Egypciacos conhecião todos os segredos da pedra philosophal. Até se chegou a dizer que S. João Evangelista havia ensinado a receita de fazer ouro, e os alchimistas applicavão a si os versiculos d'um hymno antigo, que se cantava em algumas egrejas, e que dizia assim:

Inexhaustum fert thesaurum
Qui de virgis facit aurum,
Gemmas de lapidibus.

Zozime, que viveu no seculo II, foi um dos primeiros, que escrevêrão sobre o modo de fazer ouro e prata, isto é, de preparar a pedra philosophal. Consiste esta n'um pó ou licor formado de diversos metaes fundidos debaixo d'uma constellação favoravel.

Outros ensinão, que para a grande obra, como a cousa se chamava, era preciso ouro, chumbo, ferro, antimonio, vitriolo, sublimado, arsenico, tartaro, mercurio, agua, terra e ar, mas toda a difficuldade está em achar as verdadeiras proporções, em que cada um d'estes ingredientes deve entrar na mistura.

Um livro publicado em 1725 em Paris sob o titulo de *Tratado de clinica philosophica e hermetica* contém a receita infallivel do grande segredo. Deve-se pois: 1, purificar o mercurio com sal e vinagre; 2, sublimal-o com vitriolo e salitre; 3, dissolvel-o em agua forte; 4, sublimal-o novamente; 5, calcinal-o e fixal-o; 6, dissolver uma parte por precipitação, resolvendo-a em licor ou oleo; 7, distillar este licor, para separar a agua espiritual, o ar e o fogo; 8, metter este corpo mercurial assim fixado e calcinado em agua espiritual ou espirito liquido mercurial destillado; 9, purificar tudo até ficar negro: depois se elevará por si mesmo á superficie do espirito um enxofre branco sem cheiro, que se chama tambem *sal amoniaco;* 10, dissolver este sal amoniaco em espirito mercurial liquido, e depois destillal-o até reduzir tudo a estado de licor, que será o *vinagre dos sabios;* 11, conseguido isto, é preciso misturar ouro com antimonio por tres vezes, e reduzil-o a cal; 12, deitar esta cal de ouro

n'este vinagre acidissimo, deixar putrefazer-se tudo, e á superficie do vinagre se elevará uma terra folheada da côr das perolas orientaes, que se torna a sublimar, até ficar purissima.

Feito isto, está concluida metade da obra. Para a outra metade é preciso tomar parte d'esta cal de ouro, e duas partes de agua espiritual com o seu competente sal amoniaco; mette-se tudo n'um vaso de crystal da forma d'um ôvo, e sella-se. Sob este vaso entretem-se um fogo brando e contínuo, e a agua irá dissolvendo pouco a pouco a cal de ouro, formando um licor, que conterá as qualidades elementares, quente, sêcco, frio e humido. Deixa-se putrefazer esta composição até que se torne negra, e depois para tirar este negrume mal cheiroso, ferve-se de novo, até que no vaso não fique senão um residuo branco como a neve. Fixada pelo fogo esta substancia, calcina-se em duas partes, uma branca para a prata, e a outra rubra para o ouro. Quem chegar a este ponto, estará de posse da pedra philosophal.

Grandes personagens se entregárão a este trabalho. O imperador da Allemanha Rodolfo I, nada tinha mais a peito, e Philippe II de Hespanha dispendeu enormes sommas com alchimistas. A rainha de França Maria de Medicis confiou em 1616 a Gui de Grusembourg 20,000 escudos para fazer

ouro. Henrique VI de Inglaterra, vendo se em apuros financeiros, publicou uma especie de edicto, convidando os adeptos a occuparem se com a descoberta da pedra philosophal, e no reinado de seu successor Carlos II, formou-se uma especie de corporação de alchimistas, cujas patentes reaes erão passadas *auctoritati parlamenti.* (1)

Concluirei estas linhas por uma summaria nomenclatura d'alguns dos differentes ramos, d'entre innumeros, que constituião as sciencias occultas.

Aeromancia, arte de mostrar o futuro por meio de sombras ou phantasmas, como n'uma lanterna magica. Alchimia, arte de fazer ouro. Alectriomancia, arte de adivinhar por meio do gallo. Alfridaria, especie de astrologia, que attribue successivamente

(1) Já que se fala em crenças populares, protestemos em honra da America contra uma, que se tornou vulgarissima. Na Europa passou geralmente por importada do nosso continente uma molestia vergonhosa, a que os Francezes sem razão chamárão *de Napoles*, e o resto do mundo com egual sem-razão *mal francez*. Basta lêr os poetas latinos, especial mente Marcial, para nos convencermos de que já no tempo dos Romanos era conhecido o *ind. cens morbus*. O que a America forneceu, foi o remedio, e d'ahi nasceu a confusão. A natureza da materia não permitte n'este logar maior desenvolvimento.

20 julho 1859.

alguma influencia sobre a vida aos diversos planetas, que reinão uns após os outros por certo numero de annos. Alomancia, adivinhação pelo sal. Alopecia, arte de fascinar as pessoas, a quem se quer fazer mal. Alphitomancia, adivinhação por meio do pão de cevada. Amniomancia, adivinhação pela membrana, que cobre a cabeça dos recemnascidos. Anthropomancia, adivinhação pelas entranhas humanas. Apantomancia, adivinhação pelos objectos, que se apresentão de improviso. Arithmancia, adivinhação pelos algarismos. Armonancia, adivinhação pela inspecção das espaduas. Aspidomancia, adivinhação praticada na India, e em que o feiticeiro, traçando em tôrno de si um circulo magico, entra em extasis, e annuncia o que se quer saber. Astragalomancia, adivinhação pelos dados. Astrologia, arte de lêr nos astros. Bibliomancia, arte de conhecer os feiticeiros, pesando-os n'uma balança contra a Biblia. Quem pesava menos, do que ella, era culpado. Botanomancia, adivinhação pelas folhas da verbena. Bousanihropia, Lycantropia, Cynanthropia, conversão de homens em bois, em lobos e em cães. Brizomancia ou Oneyrocritica, explicação dos sonhos. Cabala ou Cabalomancia, commercio com os espiritos elementares. Capnomancia, adivinhação pelo fumo. Cartomancia, adivinhação pelas cartas. Catroptomancia, adivinhação pelo espelho. Causi-

monancia, adivinhação pelo fogo. Cephalonomancia, adivinhação pela cabeça cozida d'um jumento. Ceraunoscopia, agouros tirados da observação dos raios. Ceromancia, adivinhação pela cera. Chiromancia, adivinhação pelas linhas da mão. Cledonismancia, agouros tirados das primeiras palavras pronunciadas em certos encontros. Cosquinomancia, adivinhação pelo crivo. Crystallomancia, adivinhação pelos crystaes. Cromniomancia, adivinhação pelas aves. Dactylomancia, adivinhação pelos anneis. Demonomancia, adivinhação pelos demonios. Gastromancia, adivinhação por meio de vasos de agua, postos entre luzes. Geomancia, adivinhação pela terra. Hepatoscopia ou Hieroscopia, adivinhação pelas entranhas dos animaes. Hydromancia, adivinhação pela agua. Margaritomancia, adivinhação pelas perolas. Megalanthropogenesia, meio de ter filhos bonitos. Necromancia, evocação dos mortos. Nigromancia, arte de descobrir as cousas escondidas. Ololygmancia, interpretação do uivar dos cães. Sexomancia, adivinhação do sexo das creanças ainda por nascer. Spodomancia, adivinhação pelas cinzas dos sacrificios. Theurgia, arte de fazer milagres, com auxilio dos deuses do paganismo. Zairagia, adivinhação por meio de circulos semelhantes aos dos planetas.

A tudo o que é do dominio da feitiçaria, e que

não pode ser de proveito, senão aos velhacos, declaremos guerra desapiedada, mas, ainda uma vez o repetirei, não nos demos demasiada pressa em tirar ao povo as suas crenças, que tendem para um fim moral, só porque talvez não possão ser examinadas mui de perto á luz da razão. Elle não sabe philosophar, nem ha philosophia, que valha uma crença viva, uma fé, que não sabe duvidar. *Beati qui credunt,* felizes os que crêem. O pobre, o desgraçado, derrama aos pés da imagem da Virgem o seu coração repleto de amargura, e sente-se mais alliviado.

Triste realidade da existencia,
Esqueleto da vida descarnado,
Que és tu sem as ficções, que a embellezavão?
.... O sol é vida,
É a luz creadora do universo...
Sim; mas nem tanta luz, que cegue os olhos,
Nem tanto sol, que nos deseque o prado

Assim cantou Garrett, e o escriptor, que tão elegantemente chamou ás crenças populares harmonias da religião e da natureza (Chateaubriand), explica-se n'estes termos:

«Grosseiro erro commetteriamos, se querendo tudo submetter ás regras da razão, condemnassemos com rigor estas crenças, que ajudão o povo a

supportar o fardo da vida, ensinando-lhes uma moral, que as melhores leis jámais saberão infundir-lhe. É bom, é bello, digão o que quizerem, que todas as nossas acções sejão cheias de Deus, e que sem cessar nos vejamos cercados dos seus milagres.»

OS LARAPIOS[1]

Escreveu o bom padre Antonio Vieira uma *Arte de Furtar,* mas essa, composta em 1652, ha muito deixou já de estar a par da sciencia, que desde então tem dado enormes passos para a perfectibilidade. Quem hoje quizesse escrever uma nova, faria obra meritoria, para a qual comtudo pouco ou nada poderia aproveitar da antiga, tanto a cousa, conservando-se a mesma na essencia, tem variado nos modos e accessorios. Não é que então se furtasse menos, mas é que tendo-se aperfeiçoado os meios de contrarial-os, teem-se os professores do officio visto obrigados a mudar de baterias, e a aperfeiçoar

[1] *Revista Popular* (1859).

tambem os seus meios de acção. Uns e outros teem marchado de par, de modo que o resultado é sempre o mesmo. Roubava-se então grosseiramente, como grosseiros erão os costumes da épocha; hoje, que a civilisação está mais refinada, rouba-se mais finamente, com mais limpeza, e eis ahi tudo.

Para nos convencermos de que no tempo do bom padre se roubava pelo menos tanto como agora, basta lêr nos titulos dos capitulos da sua *Arte* a enumeração, que elle faz dos differentes modos de extorquir o alheio. Ahi se fala dos que furtão com unhas Reaes, pacificas, militares, temidas, tímidas, disfarçadas, maliciosas, descuidadas, irremediaveis, sabias, ignorantes, agudas, singellas, dobradas, postiças, bentas, famintas, fartas, mimosas, desnecessarias, domesticas, mentirosas, verdadeiras, vagarosas, apressadas, insensiveis, visiveis, occultas, toleradas, alugadas, amorosas, cortezes, politicas, confidentes, confiadas, proveitosas, ridiculas, e ainda com unhas de não sei como as chamão, para accommodar a immensa variedade de surripiadelas, que não entrvaão facilmente n'esta vasta classificação. Na verdade não ha na historia natural de Linneu familia tão numerosa, nem de tão variadas especies, como esta das unhas. E isto ainda sem falar dos que furtão com unhas na lingua, e com a mão do gato, a titulo de beneficio, e infinitos outros, nem

dos maiores ladrões, que são os que teem por officio livrar-nos dos outros ladrões.

Como Vieira intitulara o seu livro uma *arte*, sentiu a necessidade de demonstrar, que o furtar realmente o é, podendo talvez haver quem se persuada, que é cousa mui comezinha. Erro profundo: furtar é cousa mui vulgar e trivial, mas para *saber* furtar é preciso profundissimo estudo, vivissima imaginação, e sobretudo queda natural, dom, em que a natureza não é muito prodiga. Não se encóntrão na nossa boa cidade larapios professos aos milhares? Mas quantos são os que teem alcançado nome na historia contemporanea, os que se teem elevado a uma eminencia tal na profissão, que mereção ser apontados como prototypos aos seus confrades? Poucos; tão poucos, que se não se tratasse d'uma sciencia, para que ainda se não creou faculdade nas nossas academias, facilmente se poderião aqui enumerar; tão poucos, que ao percorrer estas linhas, talvez não haja um só leitor, que se não lembre logo d'um... d'um... Succede, salvo o devido respeito, e protesto que é só e unicamente n'este ponto isolado, que acho remota paridade, succede como na medicina. Não ha ninguem que não seja medico, nem pode um pobre homem dizer a qualquer pessoa, que lhe dóe um dente, ou a barriga, que não digere bem a comida, ou mesmo que sente frio ou

calor, sem ouvir logo um conselho á guisa de receita, ou remedio infallivel; mas quantos são os que sabem converter em ouro esses conselhos, e ao verem passar um enterro dizer, levando involuntariamente a mão ao peito, do lado que trazem a carteira: — Aquelle fui eu, que o curei?!

Mas voltemos ao nosso Vieira, e á demonstração, que elle faz de ser o furtar uma arte. Conta-nos elle uma historia, que eu na impossibilidade de a resumir de modo, que ella ganhe em elegancia, o que perderia em extensão, transcreverei litteralmente. O livro é vulgar, mas não tanto que não haja ainda, quem o não tenha lido, e sobretudo não é d'aquelles, que se não possão lêr mais do que uma vez.

«Em certa cidade da Hespanha houve uma viuva fidalga, tão rica como nobre: e como as matronas de qualidade, por seu natural recolhimento, não podem assistir a trafegos de grandes fazendas, desejava esta muito um feitor fiel e intelligente, que lhe pudesse governar tudo. E não desejava menos um ladrão cadimo ter entrada em casa tão caudalosa com algum honesto titulo, para se prover de uma vez de remedio para toda a vida. Lançou suas linhas, e armou suas traças em forma, que nenhuma consequencia frustrou, assim para entrar com grande crédito, como para sahir com maior proveito.

«Achou por suas inculcas, que tinha a senhora um confessor religioso, a quem dava crédito e obediencia, por sua virtude e lettras. Prégava este certa festa de concurso, vestiu-se o ladrão de traje humilde, o rosto penitente, e fez-se encontradiço com elle, indo para o pulpito. Poz-lhe na mão uma bolsa de dobrões, que disse achára perdida, e pediu-lhe com muita submissão e modestia, que a publicasse ao auditorio, e a restituisse a quem mostrasse que era seu dono, dando os verdadeiros signaes d'ella, e do que continha.

«Ficou o reverendo padre prégador attonito com tal caso, que houvesse homem no mundo, que restituisse em vida, e disse aos ouvintes milagres do sujeito; e que, podendo melhorar de capa com aquelle achado, o não fizera, estimando mais a paz de sua alma, que o commodo do seu corpo, e que em um d'aquelles erão bem empregadas as esmolas. E assim foi, que acabada a prégação, mandárão muitos cavalleiros seus subsidios com mais de meia duzia de vestidos muito bons ao reverendo padre, para que désse tudo ao pobre santo, que lhe não pesou com elles: e foi a primeira consequencia, que colheu do seu discurso: e a segunda assegurar a bolsa para si com sua mãe, que era velha tão ardilosa, como elle, que já estava prevenida, e muito bem adestrada pelo filho: e em descendo o padre

do pulpito, agarrou d'elle, gritando: A bolsa é minha; por signal, que é de couro pardo com uns cordões verdes, e tem dentro seis dobrões, quatro patacas, e um papelinho de alfinetes.

«Ouvindo o prégador signaes tão evidentes, e vendo que tudo assim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deus, que nada se perdera: e a mãe fez em casa a restituição ao filho, que assegurou de caminho a terceira consequencia de estafar tambem o religioso, que o levou á sua cella, onde o regalou e melhorou de vestido, e fortuna, informando se d'elle mesmo de seus talentos: e achando que sabia lêr e escrever quanto queria, e contar como um girifalte na unha, e que sobretudo mostrava bom juizo: seguiu-se logo a quarta consequencia de o pôr em casa da sua confessada com mero e misto imperio sobre toda sua fazenda havida e por haver, abonando-lh'o por quinta essencia da fidelidade e intelligencia; com que a seu salvo colheu a ultima consequencia, que pretendia das rendas de sua senhora, que ensaccou em ouro, para voar mais leve; e com dez ou doze mil cruzados, que dois annos de serviço lhe depararão, se passou para outro hemispherio, sem dizer a ninguem: Ficae-vos embora.

«Digão agora os professores das sciencias e artes mais liberaes, se formárão nunca syllogismos mais correntes.»

Mas o furtar não é simplesmente uma arte, é tambem uma arte nobre, e isto porque reune em subido grau os tres requisitos, que constituem a nobreza d'uma arte: excellencia da materia, sobre que versa, e ella visa ao que ha de mais precioso; rigor das suas regras e preceitos, e os seus são subtilissimos e infalliveis; categoria dos mestres, que a professão, e entre os d'ella figúrão os que se prezão de mais nobres, *para que não digamos*, accrescenta o nosso auctor, *que são senhorias, altezas e majestades*.

Se a antiguidade confere nobreza, nada ha, que com melhor razão a possa reclamar, do que esta arte. Vieira, refutando a opinião dos que em Jasão indo á cata do vello de ouro vião o primeiro pirata, e em Mercurio, endeusado por suas gentilezas, o primeiro ladrão, deriva a arte, sobre que escreveu, directamente de Adão, que a todos nos deixou em legítima, pelo menos a propensão para ladrões. Agradeça cada um a parte, que lhe toca.

Se os ladrões são pois de todos os tempos e de todos os logares, se sempre existírão e sempre existirão, se são como um complemento indispensavel da propriedade, parece que fórmão elles um elemento constituitivo da sociedade, e que entrão na composição da propria essencia d'esta. O facto é que, supprimido repentinamente o larapio, desorga-

nisava-se a sociedade. Quanta gente vive das ladroeiras proprias, e quanta vive das alheias! Pelos ladrões vive o juiz, vive o advogado, vive o procurador, o escrivão, o meirinho, o espião, vive a policia com toda a sua legião de auctoridades superiores e subalternas, e agentes, vive o exercito, a armada, e vive o rei, pois que tambem as nações furtão umas ás outras, e se não houvesse quem as atacasse, excusavamos de quem nos defendesse. Que de braços portanto desoccupados, se não fôsse a tal propensão, que nos legou o pae Adão, e quem havia de dar de comer ás bôccas correspondentes a estes braços? Na verdade parece que, se o ladrão é um mal, é quasi um mal necessario. Demais, para que um painel seja perfeito, deve ter tambem suas sombras, seus claros escuros, como por ahi se diz linguagemem technica. Uma sociedade unicamente composta de gente de bem, seria a cousa mais insipida do mundo. Poderá alguem supportar um drama, em que não entre um tyranno, ou lêr uma novella, em que não figure, senão a ingenuidade e a singelleza? Logo, entre parenthesis, tambem ajudão os ladrões a viver os romancistas, dramaturgos e poetas. No corpo social são os ladrões o fel, que lhe facilita a digestão.

Mas o que é mais singular, é que a sociedade, pagando a quem a proteja contra os ladrões, não

faz talvez grande negocio. Quanto mais civilisada e bem policiada é uma nação, mais gente emprega n'este mestér, mais dinheiro gasta com este serviço. Em França custão o ministerio da justiça, a policia com a gendarmaria, as prisões, banhos, colonias penaes, etc., mais de 90 milhões de francos todos os annos. E apesar d'esta enorme despesa, destinada a reprimir os furtos, quanto se não roubará por anno n'aquelle paiz? Ora, se economisando todo aquelle apparato, se permittisse o livre exercicio d'esta industria, deixando a cada um o cuidado de acautelar o que é seu, não se deslocaria porcerto nem metade d'aquella somma contra vontade de seu dono.

Offerece o larapio um typo digno de estudo: vejamos o que diz Balzac:

«O ladrão é um homem extraordinario; concebeu-o a natureza como favorito mimoso: reuniu n'elle todas as especies de perfeições: um sangue frio inalteravel, uma audacia a toda a prova, a arte de aproveitar a occasião, tão rapida e tão lenta, a presteza, a coragem, uma boa constituição, olhos penetrantes, mãos ageis, physionomia feliz e docil. Todas estas vantagens nada são para o larapio; comtudo constituem ellas já a somma de talentos d'um Annibal, d'um Catilina, d'um Marius, d'um Cesar.

«Não deve o ladrão de mais a mais conhecer os homens, o seu caracter, as suas paixões? Não lhe é preciso mentir com arte, prever os acontecimentos, julgar do futuro, possuir um espirito fino e perspicaz? Conceber facilmente, ser bom comico, bom mimico? Saber tomar o tom e as maneiras das differentes classes da sociedade? Macaquear o caixeiro, o banqueiro, o general, conhecer os seus habitos, e vestir em caso de necessidade a toga do magistrado ou o uniforme do policial? Finalmente, cousa difficil, inaudita, dom, a que devem a celebridade os Homeros, os Ariostos, o auctor tragico e o poeta comico, não lhe é indispensavel a imaginação, a brilhante, a divina imaginação? Não tem elle de inventar perpetuamente novos subterfugios? Para elle, ser pateado, é ir para a calceta.

«Mas, se bem nos representarmos, com que extremosa amizade, com que paternal solicitude, cada um esconde o que o ladrão procura, o dinheiro, esse outro Proteu; se a sangue frio se attender á grande affeição, com cujas azas o cobrimos, como o afferramos, defendemos, dissimulamos, ninguem negará pelo menos, que se o larapio empregasse para o bem as singulares perfeições, de que é dotado, seria um ente maravilhoso, e que por um triz deixou elle de tornar-se um grande homem»

Vê se o ladrão collocado pouco mais ou menos

na posição do pachá, que commanda os exercitos de S. M. turca: não tem deante de si, senão duas alternativas, a victoria ou a corda. Qual o meio de evitar o perigo, e mudar esta perspectiva porcerto não mui agradavel? É roubar legalmente, tal é o ideal da arte, é a rosa sem os espinhos, e os ladrões, que roubão d'esta forma, são tanto mais perigosos, quanto menos vulneraveis, por isso são elles os que mais engordão, médrão e florescem. No mundo são acolhidos com affaveis sorrisos, na sociedade todos se honrão com apertar-lhes a mão, e tal, que no acto mesmo de murmurar d'elles na ausencia, pondo os pela rua da amargura, vê por acaso passar algum, faz logo rasgada cortezia, curvando-se até ao chão. Se por acaso pilhão um pobre diabo, que teve a simplicidade de metter a mão n'uma burra alheia, e sacar um punhado de ouro, logo o mándão para as galés, mas quando se encontra um d'esses traficantes já bem repleto de lagrimas de viuva e sangue de orphãos, a arrotar milhões, assignalão-no ás turbas, marcando-o no peito com uma commenda, e substituem-lhe o nome enxovalhado por um titulo de barão. Dizia um sujeito, que antigamente se penduravão os ladrões nas cruzes, e hoje as cruzes nos ladrões, mas eu creio que os ladrões felizes sempre fôrão estimados, prezados e honrados.

A industria de haver a si o alheio por um processo summario, tem acompanhado passo a passo todas as outras, e para d'isso nos convencermos basta vêr que onde estas mais prospérão está aquella mais adeantada. Em Londres fórmão os ladrões uma republica á parte, com suas leis, seus costumes, sua linguagem propria: guardão religiosamente os seus juramentos, nem se roubão mutuamente entre si; têem os seus syndicos, o seu parlamento, os seus deputados. Em Pariz não está esta sociedade excepcional tão bem organisada, embora tenha egualmente seus chefes, sua policia. Alli trabálhão os profissionaes mais sobre si, ou divididos em pequenas companhias independentes, mas a arte em si não está menos aperfeiçoada, parecendo incrivel a profusão de estratagemas e espertezas, que aos larapios suggere a sua inexgottavel imaginação. Têem se estabelecido regras e preceitos para o exercicio de tão nobre profissão, têem-se dado nomes proprios aos differentes modos de extorquir os bens do proximo, [1] e segundo se dedicão com preferen-

[1] Aqui damos, como amostra, e para recreio dos entendedores, uma summarissima nomenclatura dos roubos mais vulgares: — *Les escarpes, les grees, les trancheurs, les bouterniers, robignoleurs ou cocangeurs, les changeurs, les tireurs, les solitaires ou vol à la chicane, les empousters, les neps ou les joailliers de rencontre, les ramastiques, les rats, les char-*

cia a um ou outro, dividem-se os gatunos em várias e numerosas classes. É um officio, que requer longa apprendizagem, e em que para chegar ao gráu de mestre, é preciso começar desde garoto pelos primeiros rudimentos, subtracção de lenços, caixas de tabaco, etc.

Em outro tempo exercitava-se o apprendiz, antes de sahir a publico, sobre um boneco, suspenso por um fio, e armado d'uma campainha, que denunciava immediatamente a menor falta de destreza da parte do principiante: acudia logo o professor a ministrar uma correcção salutar ao seu discipulo, fazendo-lhe depois uma prelecção sobre o modo de bifar um lenço com subtileza. Havia cursos regulares de prestidigitação larapia, divididos de ordidario em tres annos.

«Não basta, refere Leon Paillet, ser ladrão, é

rieurs, voleurs au pot, solliceurs à la goure, les avale-tout-cru, les aumôniers, les broquilleurs, les fourligneurs, les boucardiers, les briseurs, les philibert, les pègres à marteau, les serinettes ou chanteurs, les papillonneurs, les sans-chagrin ou batteurs de dig-dig, les cambrioleurs et caroubleurs, les droguers de la haute, vol à la fermière, à la grande dame, au voyageur, aux poivriers, au rendez-moi, aux sous blanchis, à la détourne, à la limonade, à la cire, au boulon, au voisin, aux deux lourdes, au maillechort, sous comptoir, à la location, au bonjour, à la vigie, à la lim ace.

mistér entender do officio. Era em proveito dos collegas, que havia outr'ora em Pariz differentes professores de roubos, que abrião cursos como os do collegio de França e da Sorbonne.

«Houve um tempo, em que bachareis em roubos *(bacheliers és vols)* davão prelecções a tanto por entrada, nos arrabaldes de S. Martinho e do Templo. Entre outros citaremos um, chamado Armengand, por alcunha o Balvino, que dava um curso de gatunice *(grinchage)*. Este homem, de extraordinaria destreza, praticava na presença de seus discipulos roubos em bonecos, depois da competente demonstração theorica.

«Quando elle foi prêso, achárão-lhe em casa a lista dos seus educandos: erão em numero de trinta e tantos, entre os quaes doze mulheres.»

Não pode entrar no quadro d'este escripto dar nem sequer succinta idéa dos milhares de pelotica, astucias e alicantinas dos bandoleiros mansos de Pariz. Contentar-nos-hemos com apontar duas ou tres gentilezas, escolhidas a esmo entre as muitas, que todos os dias se reproduzem n'aquella capital, foco da civilisação, e de todos os accessorios, que a acompanhão.

Um dos meios mais vulgares de despir a camisa aos papalvos, é o jôgo. Dão-se expressamente com este fim bailes e ceias, onde com o engôdo de meia

duzia de carinhas faceiras se attraem os marrecos, que se quer depennar. Esta industria, pelo muito que d'ella se tem abusado, vae-se já tornando quasi impraticavel em grande escala, graças á policia, que sobre ella traz o ôlho vivo.

Chama-se roubo á grã fidalga a seguinte gentileza.

A um medico de fama, que mora n'um esplendido palacete, apresenta-se a sr.ª duqueza de... e conta-lhe como tem ella um unico filho, herdeiro do seu grande nome e immenso cabedal, mas que infelizmente se acha possuido da extranha monomania, de que lhe roubárão as suas joias e diamantes. Para cural o d'esta enfermidade mental, daria a duqueza meio milhão de francos, se tanto fôsse possivel. Promette o doutor fazer toda a diligencia, para restituir o juizo ao interessante duquezinho; fica a dama de lh'o trazer logo, e aquelle acompanha-a até á porta, onde vê um soberbo coche todo brazonado, e creados agaloados por todas as costuras.

D'alli segue a nossa duqueza de contrabando para a casa d'um joalheiro, a quem compra sem regatear um magnifico adereço e boa cópia de brilhantes. Como porém não traz comsigo a somma precisa, pede ao dono da loja, que mande um caixeiro com ella, para receber do marido o preço convencionado. Seguem ambos para casa do doutor, onde os creados já têem ordem de deixar entrar a senhora

duqueza, sem primeiro a annunciarem. Chegados á sala, que precede o gabinete do grande homem, entra ella adeante, adverte-o de que está ahi o joven fidalgo, que cumpre curar, e sahindo logo, diz ao caixeiro que entre, que já vae ser pago. Segue-se entre este e o medico a scena, que cada um pode imaginar, e emquanto um pede o preço dos seus brilhantes e o outro o julga possuido da mania, de que lhe falára a mãe, acha esta tempo de sobejo, para pôr-se ao fresco. Pelo que toca aos caixeiros, têem havido exemplos de serem amarrados e emborcados pelos doutores, obstinados em não vêrem n'elles, senão duques monomaniacos.

Chamão-se *ratos* na giria dos ratoneiros de Pariz, certos rapinantes, ordinariamente de pequenissima estatura, que introduzindo-se nas casas dentro de caixões ou outros objectos, que os seus associados n'ellas depositão, sob qualquer pretexto, abrem de noite as portas a estes, já se sabe para que fim.

Ás vezes entrão dois sujeitos n'uma loja, em occasião em que ha muitos freguezes que aviar, e colloca-se cada um na sua extremidade do balcão Um compra um objecto de valor, que paga com uma moeda de ouro, e o outro uma bagatela qualquer, mas sem ter pago, exige o seu troco. Porfião o caixeiro, que nada recebeu, e o comprador, que já deu dinheiro; a contenda attrae a attenção de quantos

estão na loja, até que o larapio, em abôno do seu dicto, diz que procurem na gaveta, e verão se não áchão uma moeda de ouro de tal valor, cunhada em tal era, com a effigie de tal soberano, e até com uma falha em tal logar. Procurada a moeda, apparece ella realmente, todo o mundo toma o partido do comprador, e não ha remedio senão entregar-lh'a, porque elle restitue o que havia comprado, declarando que já não quer negocios n'aquella casa. Fica de lucro o objecto, que comprara o primeiro gatuno, e com que desde logo se safou, para irem ambos renovar em outra parte a mesma brincadeira.

Rara é a loja em Pariz, que passa um dia, sem que lhe bifem alguma cousa, apesar de terem algumas ás vezes mais do que um caixeiro, unicamente encarregado de vigiar os freguezes *à la détourne,* como alli os chamão. São estes roubos tanto mais difficeis de evitar, quanto são quasi exclusivamente praticados por gente de gravata lavada, da mais honesta apparencia, e até vinda de carruagem com creados agaloados.

De ordinario são estas gatunices executadas de parçaria: emquanto uns fazem deitar as prateleiras abaixo em busca d'uma fazenda impossivel de acharse a gôsto do comprador, aproveitão outros a confusão, para surripiar o que lhes cae a geito. Frequentemente intervem tambem uma senhora com

uma creança ao collo, que ella de vez em quando põe no chão, apanhando ao mesmo tempo, o que outro teve a habilidade de fazer cahir surrateiramente do balcão. Quando se pretende fazer um roubo em ponto maior, finge-se um dos da sucia atacado de epilepsia, escuma horrivelmente por meio de certa preparação, que introduz na bôcca, esbraveja, morde os caixeiros, e parece querer quebrar a cabeça por toda a parte. Acode logo um medico, com a casaca armada de alguma condecoração extrangeira, redobra a confusão, e é facil de vêr quantos objectos não saem da loja no meio d'este espalhafato, sem que caia um real na gaveta.

A praga dos lapidarios são os chamados engolidores *(avale toutcru)*, gente que não compra, senão brilhantes e pedras preciosas sôltas, e que é extraordinariamente myope, de modo que para enchergar, precisa approximar tanto dos olhos o papel com os diamantes, que não admira, que algum por descuido lhe entre pela bôcca. Se o sujeito é apanhado litteralmente com a bôcca na botija, não tem mais, do que tragar a pedra, que nem assim é perdida para elle. Ha porém para os joalheiros outros ladrões porventura mais perigosos ainda. Têem estes a habilidade de tirar só a ôlho o molde dos adereços, que vêem á mostra nas vidraças, imitando-os depois com a maior perfeição. Feito isto, en-

trão na loja, põem-se a ajustar a peça, e no exame, que d'ella fazem, achão facilmente occasião de substituir o original pela imitação, de que veem munidos. Está visto, que a final não chegão o vendedor e o comprador a concordar no preço, pelo que restitue este o objecto áquelle, que não tendo motivo para desconfiar, o colloca outra vez no seu logar sem maior exame. Ás vezes tão perfeita é a imitação, que o ourives vende mais tarde o adereço falso, julgando vender o verdadeiro, cujo ouro está já ha muito derretido, e as pedras reduzidas a dinheiro.

Uma frequentissima substituição d'este genero é a de colhéres de prata por outras, que o fingem ser, já nas lojas, já nas casas de pasto. N'estas ultimas tambem ha muito quem por meio d'uma substancia pegajosa, de que vae fornido, colle debaixo da mesa, o que lhe faz conta, para ser depois recolhido por um socio, que vae sentar-se no mesmo logar.

O furto conhecido sob o nome de *sous comptoir*, pratica-se da seguinte forma. Entra uma senhora em casa d'uma modista, pede um chapéo, escolhe um, que está ainda por enfeitar, mas que ficará prompto em menos de cinco minutos. Estes cinco minutos extendem-se sempre até chegarem a meia hora, quando d'ahi não passão. Entretanto tira a fregueza o chale, para estar mais á vontade, vae e vem d'uma

parte para a outra, para matar o tempo, chega repetidas vezes á porta, e assim que julga, que o relojoeiro defronte, que não tem caixeiro, a viu já bastante, para suppôl-a de casa, atravessa a rua, e vae lá pedir em nome da modista dois ou tres relogios dos melhores, para escolher. Dá-os o homem, mas segue com a vista a sujeita até vêl-a entrar na loja da vizinha, mas quando pouco depois a vê voltar e restituir os relogios, menos um, que a modista logo mandará pagar, fica inteiramente socegado. A freguezа porém retoma o chale, chega mais uma vez á porta, e desapparece repentinamente, deixando o chapéo ainda por acabar, mas levando o relogio.

No tempo de Luiz XIV praticou-se na capella de Versalhes durante o officio divino, um furto, acompanhado d'uma circumstancia singular. Um fidalgo, ou que pelo menos o parecia ser, subtrahiu do bolso de outro a caixa de rapé, e voltando para assegurar-se se teria sido visto, e encontrando os olhos do rei, fez-lhe um signal de intelligencia. Reputando este brincadeira o negocio, calou-se, e acabada a missa pediu uma pitada ao roubado, que debalde procurou a caixa. Como porém em parte nenhuma apparecia o auctor da graça, teve o rei de confessar-se cumplice do furto, e para descargo da consciencia fez presente d'outra tabaqueira ao despojado.

A Luiz XV succedeu uma aventura semelhante. Ao passar por um quarto em casa da Pompadour, a quem ia visitar, viu um homem, que trepado n'uma escada de mão, revolvia um armario. O rei, vendo vacillar a escada, segurou-a, para evitar uma queda ao sujeito, que elle tomou por um creado. Pouco depois vierão na presença do monarcha dar parte á dona da casa, de que estava roubada.

A uma famosa actriz se apresenta um dia um joven elegante, vestido á ultima moda, e principia por depositar em cima da mesa uma somma avultada. Á vista de tão respeitavel apresentação, é o taful perfeitamente bem recebido, e passão-se as cousas, como é de estylo em taes occasiões. Á despedida tira o nosso *dandy* do bolso meia folha de papel sellado, e pede á actriz, que lhe passe recibo.

— Recibo de que? pergunta esta estupefacta.

— Da mensalidade, que lhe trouxe da parte do sr. F.

Entre os larapios, merecem especial menção os que vivem de pedir emprestado, vulgo, caloteiros.

«Se a achar a quadratura do circulo, ou a dirigir a locomoção aerea, exclama Scholl, se applicasse a somma de intelligencia e engenho, que todos os dias se dispende n'uma cidade grande para obter a posse da quantia necessaria ás precisões da vida, não haja

duvida, que os dois problemas estarião ha muito já resolvidos.»

O passo mais difficil é conseguir d'um alfaiate o crédito indispensavel. A um homem bem vestido nada se recusa, todas as casas se lhe abrem, é admittido em todas as rodas, apanha quasi todos os dias bons jantares, e ás vezes arranja um bom emprego, ou um casamento rico, que ainda é melhor. Não é raro conhecer o *artista em roupas*, que o freguez não tem com que pagar-lhe os atrazados, ou antes adeantados, mas conhecendo ao mesmo tempo que o sujeito é homem de recursos, e que se acha já a bom caminho de fazer fortuna, continúa a vestil-o na esperança de um dia cobrar-se de tudo com usura, além da gloria de haver *feito um homem,* caso em que invertendo o proverbio, se pode dizer que foi o habito, que fez o monge.

N'este mundo de exterioridades e apparencias, servem umas para obter as outras. O espertalhão que quer conseguir o primeiro crédito d'um alfaiate, e não tem fundos para pagar-lhe ao menos a primeira encommenda, dá-se por chegado de fora, declara que precisa reformar o seu guarda roupa, manda fazer logo bastantes cousas, e diz que lhe levem tudo a tal hora a tal parte. Vae o official, ou o proprio mestre, ao logar indicado, vê uma casa ricamente posta, onde tudo respira o luxo e a abas-

tança, encontra o seu homem tratando de negocios importantes com pessoas respeitaveis, mal se atreve a interromper a conversação, e ao ouvir a ordem de deixar ficar, porque n'aquella occasião não ha tempo, para examinar a conta, retira-se socegadissimo d'uma casa, que tanta confiança lhe inspira, mas que não é a do seu freguez.

Um dos primeiros cuidados dos senhores que abração este *modo de vida,* é calcular o numero de amigos, que lhes são precisos para viver. Partem elles do principio, que ninguem tem cara de recusar tres vezes seguidas 10$000 a um amigo. Demais a fórmula da recusa é sempre uma e brutal, em quanto que pelo contrario a de pedir, é lisonjeira, enternecedora, e sobre tudo variada.

— Empresta cá cinco mil réis, *para não voltar agora a casa.*

— Vou tomar um tilbury, não levo senão notas grandes, e talvez o cocheiro não tenha trôco, para me dar. *Tens ahi dez tostões?*

— Vem cá, amigo, vamos aqui comprar uma caixa de charutos. Que te parecem estes? Toma lá meia duzia, mette no bolso. Caixeiro, embrulhe-me esta caixa. Mas agora vejo que esqueci a carteira. Dá cá 12$000 réis, para pagar a este homem, *que logo t'os mando.* (Nunca o *amigo* comprou meia duzia de charutos mais caros).

— Homem, estamos no mundo, para servir uns aos outros; hoje por mim ámanhã por ti. *Empresta-me* 20$000 réis, e quando precisares, occupa-me.

— Tinha de receber hoje um dinheiro, mas não pude encontrar o sujeito. O que vale é que está segurissimo. Com tudo faz-me desarranjo São hoje os annos de D. F... e tenho uma pulseira encommendada para lhe dar. É verdade que o ourives conhece-me bem, mas não fazes idéa quanto me repugna levar nada fiado, ainda que seja por um dia. Porém agora me lembro, recebeste hoje o teu ordenado: *dá cá* 100$000 réis, que até ámanhã não te podem fazer falta, e assim que forem 11 horas lá t'os levo á repartição.

— Estive jogando lá dentro, e fiquei devendo uma bagatela a uma pessoa desconhecida. É uma vergonha. Tu has de ter ahi dinheiro? etc., etc.

Geralmente logo se conhece na cara o sujeito, que se dirige a nós para nos pedir dinheiro, e então o melhor é procurar por todos os modos não lhe dar occasião de formular o seu pedido, mas quando fôr isto impossivel, devemos lembrar-nos do antigo adagio, que quem empresta o seu dinheiro, perde o dinheiro ou o amigo, e o mais das vezes uma e outra cousa, expondo-se a receber uma carta concebida nos seguintes termos:

Sr. A. — Não sei como classificar a sua insisten-

cia em reclamar de mim uns miseraveis 200$000, que tenho a desgraça de dever-lhe. Fique certo, que o meu gôsto era mandar-lhe agora mesmo essa triste somma, para ter o direito de dizer-lhe quanto são ridiculas as suas importunações, e quanto o seu proceder tem de offensivo para com um homem como eu, que não está costumado a vêr ninguem desconfiar d'elle. Espero pois que me não torne a falar em tal, pois que eu proprio tratarei de embolsal-o o mais depressa possivel. Sou etc.

O verdadeiro é calcular logo desde principio, se o amigo vale o dinheiro, que nos pede na occasião, e o que provavelmente continuará a vir buscar atraz do primeiro. No caso affirmativo, dá-se-lhe, e nunca mais se reclama, se elle de per si o não traz, e no negativo diz-se-lhe logo francamente:

— Homem, d'aqui a pouco precisarei do dinheiro, tu não o terás, para dar-m'o, e havemos de zangar-nos. Mais vale que nos zanguemos desde já.

Se um amigo pede 1, paga-o mui prompto, e logo depois vem pedir 5 — é calote certo.

Leitor, se um devedor te convidar para jantar, reza por alma aos teus cobres. Com que cara reclamarás o teu dinheiro de quem repartiu comtigo o seu pão? E se elle não aproveitar a occasião para pedir-te mais alguns tostões, ainda podes dar graças a Deus.

Um sujeito, a quem offerecérão 3:000$000 réis por anno para ir todos os dias sentar-se cinco horas n'uma secretaria, enjeitou a proposta por lesiva, dizendo que mais ganhava em contrahir dividas.

Um dos nossos *modernos* fazia ultimamente em Pariz a sua profissão de fé da seguinte forma.

«Tenho vinte e um annos. Estou cheio de fôrça e de saude, o que quer dizer, de desejos e necessidades. Sem metter em conta os cuidados, que me prodigalisou minha boa mãe, nem os sacrificios, que meu pae se impoz a bem da minha educação, eis aqui approximadamente quanto eu estou custando desde o meu nascimento:

Criação de leite	600	francos
Vestuario	8,000	»
Educação.— Collegio	6,000	»
Sustento	15,000	»
Medico e botica	4,000	»
Viagens, despesas miudas, etc.		

«Represento portanto um capital de quarenta e cinco mil francos, pouco mais ou menos, empregados em fazer de mim um homem proprio para servir a sociedade, que não me paga os juros, pois que me deixa de braços cruzados. Á vista d'isto julgo, que me é licito, considerar o meu alfaiate, o meu

sapateiro, e o dono da hospedaria, onde janto, como agentes, encarregados pela sociedade de me reembolsarem o premio do dinheiro, que valho pessoalmente. É por isso que nunca lhes pago.»

Havia, conta o padre Vieira, em certa cidade um fidalgo (não sei por que esta classe tem sido sempre por excellencia a dos máus pagadores), que lia pela mesma cartilha. Mandava buscar sapatos para amostra, escolhia o par, que melhor lhe convinha, e nunca o pagava. Não havia por fim já sapateiro, que quizesse dar-lhe sapatos para escolher. Mandou elle pois dizer a um que lhe remettesse o sapato d'um pé só, porque, se lhe servisse, mandava pelo companheiro com dinheiro á vista. Não teve duvida o sapateiro, e deu um sapato do pé direito. Mandou logo o fidalgo a casa de outro mestre pedir tambem, para vêr se servia, um sapato só, mas que fôsse o do pé esquerdo, por ser este o que regulava, sendo um pouco mais grosso. Apanhou assim o seu calçado novo, e correu novamente a roda dos sapateiros, com a differença porém de levai-os d'esta segunda vez aos pares.

Larapios de perigosa especie são, os que para as suas comedelas invocão os sentimentos de caridade e beneficencia. Não está o mal tanto nos cobres, que nos sácão da algibeira, para sustentação de seus vicios, como em tirarem-nos a vontade de soc-

correr os verdadeiros necessitados, que veem assim a confundir-se com elles. E quantos d'aquelles não formígão por ahi? Ora pedem para a mãe, que estava entrevada n'um hospital, ora para o pae, que quebrou as pernas, ora para a mulher, que está com dôres de parto, sem que haja com que chamar uma parteira, ora para o enterro de um filho, ora para si proprios, que têem quarenta bôccas de familia a sustentar, e nem uma migalha de pão, que dar-lhes.

De vez em quando lembra-se um d'estes industriosos de vir convidar para compadre, inculcando-se, á guiza de quem mostra a recompensa em perspectiva, como official de diligencias, que estará sempre prompto, para quanto se offerecer. Como é natural, recusa-se a gente a ser padrinho de filhos alheios, e então transige o pobre meirinho, e pede que ao menos lhe dêem, com que pagar as despesas da egreja. O melhor modo de nos vermos livres d'estes importunos, sem os descompor redondamente, é dizer-lhes que sim, e que a tantas horas estaremos ante a pia baptismal, para receber o afilhado. Vae-se o homem, mostrando no rosto uma satisfação, que está bem longe de sentir por dentro, nós não pensamos mais em tal, e elle vae d'alli direitinho bater a outra porta.

Outros lembrão-se de rifar objectos preciosos,

que nunca possuírão, e como nunca acabão de passar os bilhetes, tambem nunca pode correr a lotaria. Até ha quem por ahi ande vendendo baratissimo, anneis e cordões de ouro, e quando Deus quer, brilhantes, levando o desfaçamento a ponto de dizer, que são achados, como quem quer dar a entender, roubados; mas se alguem se deixa engodar pela cobiça a compral os, saberá a prenda que leva.

A titulo de pedir para os pobres, para missas, e para cera de santos, tambem muito dinheiro se anda extorquindo com bem más bulas. Um d'esses pedintes de opa e bacia, que conservava ainda um resto de consciencia, costumava antes de recolher-se, puxar do seu baralhinho de cartas, e pôr-se a jogar com o santo; o que ganhava, mettia-o em si mui tranquillo e livre de escrupulos, e o resto leva-va-o *fielmente* á egreja.

Os falsos mendigos, ainda quando a pretexto de pedir esmola, não enfião pelas escadas acima, entrão nas salas, e por suas proprias mãos se beneficião, são verdadeiros larapios da caridade publica. Ha entre elles sujeitinho, que possue uma chaga ou aleijão, que vale uns poucos de contos de réis.

Larapio é tambem o negociante, quando empurra, como chegadas pelo ultimo paquete, as fazendas invendaveis, a que chamão alcaides; quando diz,

houve tanto quem gostasse do primeiro, que elle quer por fôrça mais uma duzia, e que vejão se lh'os podem arranjar. O negociante, vendo que a fazenda tem tão boa sahida, compra a factura inteira, e não vende mais um só leque.

Substituindo uma droga por outra, não é o boticario simplesmente larapio, pode até ás vezes ser assassino. Por occasião das visitas, que se fazião ás boticas, costumavão estes senhores em outro tempo usar de dois systemas: ir visitar o visitador antes de serem visitados, o que era o mais efficaz, e emprestarem-se mutuamente uns aos outros os artigos, que a cada um faltavão. Para uso diario tínhão um canhenho, especie de breviario, em que estavão indicados os medicamentos, que podião substituir uns pelos outros na falta dos ordenados na receita. D'aqui veiu o dictado: *ha de tudo, como na botica*, e o certo é, que não ha loja, onde se não procurem frequentemente, sem se encontrarem, artigos proprios do negocio da casa, mas desafio a quem fôr a qualquer botica, por mais mesquinha que seja a sua apparencia, com uma receita, para que lh'a aviem, e que se lhe diga, que falta esta ou aquella substancia.

Tambem havia medicos (parece-me, que falando no passado, não offendo ninguem no presente), que podendo curar uma molestia, com a applicação

d'um unico remedio, a fazião render dias e dias, e a ião entretendo, para entretanto irem tambem fazendo as suas visitas. Era por isto, que outr'ora na côrte de França (se é mentira, vendo-a pelo preço que me custou) se suspendião immediatamente os vencimentos dos medicos do paço, apenas n'elle cahia alguem doente, interessando-os assim em apressar em vez de demorar a cura. Talvez fôsse uma reflexão semelhante, que suggeriu a idéa dos *medicos de partido*.

Tambem sonetos de annos, odes, epithalamios, epicedios e outros quejandos primores de arte, servem de armadilhas, com que se apanhão tostões. Comtudo, nas occasiões de alegria e festas de regosijo, ainda estes zangões se podem tolerar, mas quando um pae está chorando a morte de um filho, ou um marido a da esposa, vêr chegar uma d'estas harpias funebres, que com uma mão lhe offerece uma folha de papel bordado, em cujo centro rabiscou meia duzia de linhas deseguaes, com pretenção a versos, e vae logo extendendo a outra, com a palma em forma de concha, para receber a esportula, é na verdade para perder as estribeiras.

Ás vezes vae o negocio mais longe, e se não se paga com moeda boa e legal uma pessima e apocrypha poesia, resulta d'ahi uma descompostura por qualquer folha periodica. São calumnias levan-

tadas, não ha duvida, mas como todos somos mais propensos a acreditar o mal, do que o bem, sempre algum damno se segue, e o que é peor, é que por mais que se desmascare o calumniador, por mais que seja condemnado pelo juiz a multas e cadeia, a primeira impressão feita no publico, nunca de todo se desvanece. E por isso, que ha tanto quem explore esta mina, e com ameaças de pôr á mostra calvas alheias, vá arranjando cabelleira para a sua.

O negocio de milagres e feitiços está um tanto decahido n'estes tempos de pouca crença e fé morta, comtudo não faltão recursos aos charlatães, e ainda ha quem pretenda ter descoberto o *moto continuo*. De vez em quando vem uma cousa nova, ou antes velha remoçada, pois que em materia tão estudada, já poucas novidades se poderão inventar, fazer andar as cabeças á roda, e o dinheiro das algibeiras dos papalvos para as dos expertos. Tal foi ainda ha pouco o magnetismo, com os seus somnambulos, suas consultas medicas, feitas sobre cabellos de ausentes, seus illuminados, dotados de segunda vista, que revelão cousas, de que nunca tiverão conhecimento, e outros disparates, que a credulidade publica abraça como artigos de fé, emquanto não vem o desengano abrir-lhe os olhos e recordar aos charlatães, que é tempo de excogitar nova alicantina.

É nas épochas de calamidades publicas, como epi-

demias, que abundão as chapas de cobre, as pilulas da vida, os elixires preservativos e até as *estrellas do céo.* D'uma botica sei eu, que verdadeira bodega ha dois annos, passou, graças aos especificos, que vendeu contra o cholera-morbus, a ser um *laboratorio pharmaceutico,* que rivalisa com os melhores em luxo de vasos de porcellana pintada e esplendor de illuminação a gaz, senão em boa qualidade de medicamentos.

É larapio o mestre de meninos, que lhes dá mais dias santos, do que traz a folhinha. É larapio o advogado, que nos faz intentar uma demanda, que perderemos por fôrça. É larapio o procurador, que procura para si. Larapio é o alfaiate, que tem a habilidade de convencer-nos de que o casaco, que nos fez, veste como uma luva, e que o panno, de que cortou uma jaqueta para o pequeno, não sahiu dos covados, que lhe démos. É larapio o sapateiro, que sabe persuadir-nos, que a bota de couro resequido, ficará com o uso dentro em dois dias, macia como velludo. Larapio é o belchior, que vende como novo um traste velho envernizado de fresco. É larapio o editor de mappas geographicos, que não declara o anno da impressão, para que elles se conservem sempre modernos. É larapia a modista, que de feitio e enfeites leva o dôbro do que custou o corte do vestido. É larapio o typographo, que de correc-

ções de emendas e gratificações aos compositores, arma uma conta maior do que o preço, porque ajustára a impressão.

Larapio é o vendedor de leite, que o mistura com agua em partes eguaes, e ainda se fôsse só agua, bem ia o negocio. Larapio é o taberneiro, que vende vinho artificial, e a ôlho o milho para as gallinhas. Larapio era o regatão, que outro dia me vendeu uma perúa por perú *muito novo*. Larapio foi o tabellião, que ainda ha pouco me tirou uma publica-forma com doze lettras por linha, e larapio sou talvez eu proprio, que estou defraudando os assignantes da *Revista Popular* de meia duzia de paginas, que elles págão, para que lh'as enchão de cousas boas. Esta ultima consideração obriga-me a fazer aqui ponto final, concluindo que *larapiorum infinitus est numerus*.

A BELLEZA [1]

Ninguem tanto cultivou a belleza, ninguem em tão subido gráu possuiu o sentimento do bello, como os Gregos. D'isso nos fornecem innumeras provas não só os seus escriptos, mas tambem as obras de estatuaria e reliquias de architectura, que resistindo á fouce roçadora dos evos, e á mão ainda mais destruidora dos homens, ainda hoje servem de modêlo aos genios do seculo das luzes, de admiração, assombro e espanto ás gerações presentes.

Mas tambem como não havia de ser assim? Nascidos n'um dos paizes mais formosos do mundo, sob um clima ameno, temperado e brando, nem

[1] *Revista Popular* (1859).

tão frio, que lhes enregelasse o engenho, nem tão quente, que lhes enervasse os animos, esmerara-se a natureza em creal-os a elles proprios tão bellos, quaes outros não ha, como se quizesse formar alli o typo ideal da raça humana. Mais do que uma Helena de carne e osso podia servir de modêlo á Venus dourada, mais do que um Adonis real podia fornecer os traços do longevibrador Apollo. É a unica cousa talvez, em que o paiz e habitantes não têem degenerado ainda. O céo é ainda tão puro, tão diaphano, e d'um azul tão carregado como nos dias, em que o cego Homero cantava os heroes de Troya, e as correrias do prudente Ulysses. Ainda os montes coroados de neve, ainda o Pindo e o Olympo, vão topetar com as nuvens, ainda as collinas cobertas de oliveiras e loureiros deixão entre si deliciosos valles, por onde espriguiçando-se se deslizem o Alpheo, o Eurotas, o Cephiso; ainda pelas fragoas e quebradas das serras parecem os échos repetir os brados dos guerreiros de Marathão e das Thermopylas. E os filhos d'esta terra de encantos são ainda bellos e gentís, suas filhas são formosas e cheias de donaire, nem em regularidade de linhas, no contorneado suave e macio das formas, o cedem a ninguem, mas

Fair clime! where every season smiles
Benignant o'er those blessed isles:
'Tis Grece, but living Grece no more!

Se erão pois os Gregos juizes tão competentes na materia, vejamos a conta, em que elles tínhão a belleza. Deixemos os poetas, que talvez m'os queirão taxar de devaneados e visionarios, e tomemos ao acaso um dos prosadores. Seja Luciano de Samosata, [1] que não é suspeito. Gostava de mulheres, mas por isso lhe não quero eu mal, nem vejo que alguem lh'o possa querer. Quem poderá falar em belleza, sem pensar na mulher?

«Os homens, que nos parecem superiores, já pelo valor, já por outra qualquer virtude, têem de captar a nossa benevolencia com contínuos beneficios; aliás serão sempre alvo do nosso ciume. As pessoas bellas pelo contrario, não só não somos ciumentos da sua belleza, mas apenas as vêmos, tomados do mais violento amor, não hesitamos em obedecer-lhes como a senhores. Assim sentimos mais prazer em sujeitar-nos ás leis da belleza, do

[1] Como de tudo se tem duvidado, não admira que houvesse quem reputasse apocrypho o dialogo — *Charidemus ou a Belleza*. Mas Wieland o reputa authentico, e um philosopho allemão não é muito propenso a acreditar de leve as cousas.

que a dictal-as a quem a não possue, e mais gratos-lhe somos, quando ella nos impõe trabalhos, do que a quem nada nos ordena.

«Os outros bens, que nos faltão, não mais os desejamos, desde que os possuimos. Mas embora em attractivos excedessemos o filho de Aglaia, o bello Jacintho e o Lacedemonio Narciso, ainda não seriamos contentes, receando deixar-nos vencer por outros.

«Tanto sobrepuja a belleza os outros dotes, que nas pessoas, que a possuem unida á justiça, á sabedoria e ao valor, offusca até estas virtudes. Aquelles, a quem ella coube em partilha, são a nossos olhos os mais estimaveis dos homens, nem nos parece nada mais desprezivel, do que os que d'ella estão privados. A mesma palavra significa na nossa lingua, torpe e feio, [1] como se todas as outras qualidades fôssem nullas, faltando a belleza.

«Os que governão uma democracia, chamamol-os demagogos. Aos que estão sujeitos a um tyranno, damos o nome de aduladores. Mas os que vivem sob o imperio da belleza, admiramol-os, chamamol-os amigos do trabalho, cultivadores do bello, e olhamos como bemfeitores publicos, os que rendem homenagem á formosura. Tem a belleza um caracter tão augusto, que é objecto dos mais ardentes

[1] Como em latim *turpis*.

votos, e que tudo julgamos ganhar, podendo servil-a. Não haveria razão para nos alcunharem de ineptos, se, descuidosos de semelhante conquista, a deixassemos escapar-nos, sem comprehendermos toda a extensão d'esta perda?

«Todos os homens desejão a belleza, mas poucos têem sido julgados dignos d'ella. Aquelles, a quem tem cabido em sorte este dom inestimavel, têem passado pelos mais felizes dos mortaes, e têem sido venerados, como o merecião, pelos deuses e pelos homens, sendo até elevados ao gráu de divindades.

«O proprio Jupiter, que faz tremer todos os deuses, ameaçando-os de suspender elle só a terra e o mar, com tudo, quanto contém, é tratavel, meigo e condescendente, quando vae ao encontro de algum objecto amavel, chegando a ponto de despir-se da sua individualidade, com receio de desagradar a quem ama, e tomar outra forma, mas sempre a mais bella e agradavel á vista. Tal é a homenagem e a honra, que elle rende á belleza.

«Nem as deusas a seu turno córão de sujeitar-se a este poder. Parecem que até d'isso fazem gala. Cada uma d'ellas tem a sua parte distincta no governo do mundo, nem altercão jámais pelo que toca ao seu imperio. Mas quanto á belleza, cada deusa está de tal forma prevenida a favor da sua, que julga offuscar todas as outras, de modo que a Discor-

dia, querendo semear entre ellas a divisão, não empregou outro meio, senão o de suscitar uma disputa ácêrca da formosura, bem segura que d'aqui nasceria uma questão interminavel. E não se enganou.

«São as deusas [1] tão zelosas dos seus encantos, gostão tanto de que as chamem bellas, que convidárão o cantor dos deuses e dos heroes, a não lhes dar, senão nomes tirados da sua belleza. Mais se lisonjeia Juno com o titulo de *deusa dos alvos braços*, do que com o de *deusa veneravel, filha do grão Saturno*, nem Minerva trocaria o seu nome de *deusa dos olhos azues*, pelo de Tritogenia.

«Ora, tudo isto nos prova, que alta idéa têem formado da belleza entes, que nos são superiores. Portanto, se é a belleza cousa tão nobre e tão divina, de que os deuses se mostrão tão avidos, como os não imitaremos nós, empregando acções e palavras para fazer triumphar a causa da formosura?»

Vamos de accôrdo, com tanto que termine aqui a citação. Pois bem, deixemos o bom do Luciano, mas, para prova, de que a belleza exerce sobre nós um imperio instinctivo, permittão-me que refira a meu modo um conto do não menos bom Boccacio, posto em verso por La Fontaine, talvez o melhor de todos *(le bonhomme)*.

[1] Podem ler *mulheres*.

Era uma vez na cidade de Florença um homem riquissimo, a quem a morte da mulher causou tão viva dôr, que elle, distribuindo pelos pobres quanto possuia, retirou-se com um filho de dois annos, unico fructo do seu feliz consorcio, para o monte Asinario (não sei se no nome haverá malicia do auctor) passar alli a vida n'uma caverna em rezas e mortificações, subsistindo unicamente da caridade das almas bemfazejas. Educava o filho na piedade e na ignorancia das cousas d'este mundo, com receio de que ellas o desviassem do caminho do céo, não lhe permittindo vêr senão passaros e animaes bravios, e quando ia á cidade recolher as suas esmolas, deixava-o fechado na gruta.

Chegou assim o rapaz á edade de 18 annos, quando um dia, que o ermitão prestes a ir á cidade se dispunha a mettel-o na gaiola, disse elle ao papá:

«Deverieis ao menos uma vez, meu pae, levar-me a Florença, para me fazerdes conhecer as pessoas bemfazejas e caridosas, que nos soccorrem, pois já estaes velho, e não tardará que não possaes mais supportar a fadiga d'estas jornadas. Eu que sou mais joven e vigoroso, irei d'aqui por deante procurar essas boas almas, para lhes pedir, de que vivemos, e vós descançareis. Demais, pode Deus chamar-vos d'este mundo, e que será de mim, sem conhecer ninguem?»

Achou o pae razoavel a proposta, e encantado de vêr a logica do filho, não poz difficuldade em leval-o comsigo, julgando-o já assás fortificado na santidade, e capaz de resistir ás tentações da vida humana. Pode cada um figurar-se a estupefacção do pobre rapaz, que nunca sahira das brenhas, ao vêr as casas, os palacios, as egrejas, e tantas outras cousas, que ha para vêr-se n'uma cidade. De tudo perguntava o nome, e o pae de boa vontade lhe satisfazia a curiosidade. Mas eis que de repente topão os dois com um rancho de damas, formosas, gentís e guapas, como naturalmente havião de ser.

«Que é aquillo, meu pae,» perguntou o rapaz, que já não podia despregar os olhos da tentadora apparição.

«Não olhes, meu filho, que é cousa perigosa.»

«Mas como é que aquillo se chama?»

O pae, que quer desviar do filho toda a idéa peccaminosa, e que receia outras perguntas, cada vez mais indiscretas, entende que não deve dizer-lhe o nome, e responde-lhe que são patas. Cousa pasmosa! Quem jámais vira d'estas patas, nem d'ellas ouvira falar, sentiu-se tão vivamente impressionado ao seu aspecto, que sem fazer já o menor caso da belleza dos palacios, da gentileza do cavallo, do tamanho do boi, nem de mil outros objectos, que pela primeira vez lhe apparecião, exclamou immediatamente:

«Meu pae, por quem sois, dae-me uma d'estas patas.»

«Jesus, Maria, respondeu este, não penses n'isso, meu filho; é uma cousa muito má.»

«Como, meu pae! Pois as cousas más são assim?»

«São.»

«Meu pae, não sei o que quereis dizer, nem por que são más estas cousas, mas parece-me que ainda não vi nada tão bonito, nem tão agradavel. Duvido que os anjos pintados, que me mostrastes, sejão tão bellos como estas patas. Papá, não poderiamos levar uma para a ermida? Encarrego-me de a levar ao pasto.»

O pae arrependeu-se de ter trazido o filho á cidade, mas era já tarde.

Com este conto do poder exercido pela belleza sobre um rapaz para assim dizer selvagem, que nenhuma noção tinha do que vae pelo mundo, pretendeu Boccacio justificar-se a si proprio dos cuidados, que, sendo já maduro em annos, lhe merecia o bello sexo. Quanto a mim porém acho, que ninguem por tal o poderia criminar, e eu mesmo apesar de que

já me alvejão
Não raros na cabeça os desenganos,

gosto mais de vêr uma cara bonita, do que uma carantonha feia.

Por mais que o queiramos disfarçar é innegavel o predominio, que sobre todos exerce a belleza. Uma presença agradavel é das melhores recommendações, que comsigo pode trazer tanto o homem como a mulher. Desde logo nos captiva as sympathias, e, se a primeira impressão foi favoravel, bem pouco merecimento real basta, para conserval-a, ao passo que aquelle, que á primeira vista inspira aversão, riso, ou repugnancia, só á fôrça de muitas qualidades d'outra ordem, poderá tornar-se acceito. E que magico poder não exerce a belleza afflicta! Quem poderá vêr um rosto lindo inundado de lagrimas, sem que se lhe derreta o coração? Pelo contrario uma cara feia a chorar torna-se ainda mais feia, chegando ás vezes a provocar antes o riso do que a compaixão. Não quero dizer que a belleza moral não seja infinitamente superior, e sobretudo muito mais meritoria do que a physica, mas emquanto a alma andar unida e d'alguma forma avassallada ao corpo, emquanto todas as nossas idéas e impressões nos forem primitivamente transmittidas pelos sentidos, não poderemos forrar-nos de todo ao imperio d'esta. Ainda bem quando uma se liga á outra!

Mas, se a belleza, como diz Platão, é um privile-

gio da natureza, em que consiste ella? Facil é sentil-o, difficil porém dizel-o. Mas por isso mesmo que todos o sentem, e ainda mais por que cada um o sente a seu modo, não me cançarei com definições.

No artigo, que a este respeito inseriu no seu novo *Diccionario* diz o sr Eduardo de Faria que a belleza é *uma justa proporção ás formas, com agradavel mistura de côres.* É claro que esta definição só abrange a belleza visual, deixando de parte a moral e a intellectual (não direi tambem musical, por que nas expressões *bella voz, bella musica* talvez não haja muita propriedade), mas parece que mesmo para a belleza physica falta alguma cousa mais, ainda que não seja, senão a idéa da raridade, não do objecto em si, mas d'essa justa proporção, que o torna bello. Uma cousa mui trivial, e cujas formas sejão tão simplices, que quasi não possão deixar de ser justamente proporcionadas, raras vezes se chamará bella.

A formosura distingue-se da belleza, primeiramente em nunca se applicar ao moral, e em segundo logar em trazer sempre comsigo a idéa do agradavel. O terrivel pode ser bello (pois que pode ser perfeito, e a perfeição é quasi synonymo de belleza), mas jámais será formoso. Que a idéa de formosura se coadune melhor com a de mulher, concordo, mas

que o epitheto de formoso seja mal cabido no varão, não me atrevo a affirmal-o. Não me occorre agora passagem d'algum dos nossos classicos, em que assim se applicasse este adjectivo, mas se os latinos dizião *formosus Alexis*, não vejo razão para que o não possamos tambem dizer, e em todo o caso é certo que tivemos um rei chamado Fernando o *Formoso*.

Mas como nem todos os leitores acharão gôsto em discussões linguisticas, passemos adeante.

Prescrever regras ao bello, é tempo perdido: é materia de gôsto, e sobre gôstos não ha que disputar. Quaes são mais bonitos os olhos pretos, castanhos ou azues? É questão, que provavelmente nunca se resolverá. Felizmente, porém, não depende d'ella a salvação de ninguem. Além d'isto a belleza resulta talvez mais da harmonia do todo, do que da configuração d'uma ou outra parte, que segundo condiz ou não com as demais, pode ser um primor ou um defeito. Consulte cada um a sua memoria, e verá que ha de já ter achado este ou aquelle traço physiognomico, que na opinião geral passa por feio, de tal forma harmonisado com o resto das feições, que lhes dá indefinivel encanto. Ninguem dirá que sejão bonitos os olhos verdes, não da côr da esmeralda escuros e brilhantes, que são rarissimos e talvez por isso mesmo formosissimos, mas d'um verde

amarellado, semelhante ao dos dos gatos; um nariz aquilino em rosto de dama tambem não é reputado modêlo de belleza, e comtudo recordo-me perfeitamente de ter visto uma Allemã, que assim tinha os olhos e o nariz, e a quem estas qualidades longe de a afeiarem, a aformoseavão, na opinião de todos. Era cousa singular: podião se fitar aquelles olhos muitas e repetidas vezes, experimentava se uma sensação, que ninguem a si mesmo sabia explicar, era uma especie de fascinação, que attrahia, como quando de grande altura vemos a nossos pés o mar a tirar-nos com esse magnetismo de morte de dolorosa voluptuosidade, que tão magistralmente descreve o sr. Alexandre Herculano no *Eurico*, mas ninguem notava o que na côr das pupillas havia de especial. Se, prevenido por alguem de que os olhos erão verdes, se olhava para elles com disposição de achal-os feios, conseguia-se sim, e isso mesmo com algum custo, fixar-lhes a côr, mas achal-os feios, era impossivel. Não me succedeu isto só a mim, mas a quantos tive occasião de falar a este respeito. Mais do que uma pessoa ouvi eu, depois de ter conversado umas poucas de vezes com a dona dos taes olhos, negarem a pés juntos, que elles fôssem verdes, quando se lhes dizia que o erão, e só se desenganarem, examinando-os novamente com maior cuidado. Não encontrei ninguem que tivesse por si

mesmo feito a descoberta, sem ter sido prevenido por outro.

Um buço n'um rosto pallido, d'esses, que por ahi chamão romanticos, n'um rosto de Niobe lacrimosa ou de Magdalena arrependida, é talvez mais um defeito do que um adôrno. Mas n'uma carinha morena, brilhante de saude e mocidade, fica elle sobre uns labios de coral, humidos e provocadores, mesmo como dizia o poeta:

> Branda pennugem dourada,
> Mais que velludo macia,
> Tão lindo botão cobria,
> Dando-lhe graça dobrada.

Duas sobrancelhas bem negras e espessas, unidas entre si por um terceiro arco de menores dimensões, tambem dão certo realce a esta especie de belleza.

Mas, se a belleza não está sujeita a regras fixas, sempre sobre ella se fórmão certas idéas, que se tornão geraes entre um povo, mas que varião muito de paiz para paiz. Em algumas partes da India são os dentes negros e os cabellos brancos dois predicados essenciaes da belleza, e uma das principaes occupações das mulheres das ilhas Marianas, é ennegrecer os primeiros com hervas, e branquear

os segundos á fôrça de laval-os com certas aguas, que sabem preparar. Na China e no Japão querem vêr o rosto largo, os olhos pequenos e sumidos, o nariz chato e grosso, o ventre elevado e os pés extremamente pequenos. (É sabido que os Chins mettem os pés das meninas de tenra edade n'uma especie de sapatos de pau, que, não os deixando crescer, tornão-n'os na verdade pequenos, mas disformes e quasi inuteis para o fim para que os creou a natureza. Pretendem alguns que este costume fôsse introduzido pelo ciume dos maridos, a quem, pela difficuldade com que se movem as suas caras metades, deve servir de tal ou qual garantia). Alguns povos da Asia e da America achatão as cabeças das creanças, comprimindo-lhes entre tábuas a testa e o toutiço, para lhes tornar a cara mais larga. Outros pelo contrario, que querem esta afilada, comprimem a cabeça dos dois lados, e ainda outros procurão dar-lhe a forma mais arredondada, que podem. Ninguem ignora que ventas largas, beiços d'alguidar e uma côr bem retinta, são outros tantos artigos de formosura entre os negros, a cujos olhos passão os brancos por monstros de fealdade. É uma consolação.

Cada nação, diz Buffon, tem prejuizos diversos sobre a belleza; até cada homem tem a este respeito suas idéas e seu gôsto particular. Este gôsto

é evidentemente relativo ás primeiras impressões agradaveis, que de certos objectos recebemos no tempo da infancia, e depende talvez mais do habito e do costume, do que da disposição dos nossos orgãos.

Outros porém exclamão: A belleza é uma, unica, indivisivel e geral: não venhão cá dizer-nos que ella é arbitraria. Ora entendão-n'os.

Vejamos porém em que faz consistir a belleza algum d'esses, que a reputão uma e absoluta. Uns leitores serião da mesma opinião, outros não o serão, e succederá assim como em tudo o mais.

Quatro cousas são precisas, para fazerem uma belleza perfeita: colorido, proporção dos traços, expressão e graças.

(Aqui sou eu já o primeiro a protestar contra, pois quanto a mim é na expressão que consiste a graça, como adeante procurarei fazer vêr, se não me esquecer, o que ás vezes succede em artigos fugitivos, e assim podião muito bem as quatro cousas reduzir-se a tres).

Uma *bella* mistura (aqui está o meu auctor dando razão aos que considerão a belleza como materia de gôsto, pois que, empregando na definição a palavra definida, contra as regras do Genuense, deixa a cada um o cuidado de pintar na imaginação esta *bella* mistura, como lhe aprouver. Mas n'este an-

dar nunca chegarei ao fim; voto pois aos meus leitores, se os tiver, que será este o ultimo parenthesis, bem entendido, até acabar de decompor-lhes a belleza) de vermelho e branco, em que pareça porém sempre predominar o branco, eis a melhor côr de carne. O pudor e a candura dão o verdadeiro tom ao colorido.

Da belleza são inseparaveis a saude e a mocidade: esta florida redondeza de formas da primavera da vida, que provém d'uma boa constituição do corpo, é a mais agradavel; mas a menor molestia desbota o mais feliz colorido.

Longe de ser o mesmo por toda a parte, deve este ter suas meias tintas e gradações. Que o vermelho das faces vá embranquecendo para as extremidades do rosto. O branco da testa, mais brilhante do que algures, mostre-se ligeiramente azulado ao approximar-se das fontes. Seja o brilho das faces mais rico do que deslumbrante. O encarnado dos labios deve ser o de uma rosa ao abrir, e o contôrno da bôcca d'um branco de alabastro: é a unica parte do corpo, onde as côres devem contrapor-se vivamente e sem gradação.

Uma pelle fina, delicada e transparente é sempre preferivel em egualdade de circumstancias. Uma morena está longe de ser tão bella como uma clara (se me fôsse licito abrir outro parenthesis!) mas

pode ás vezes ser mais bonita. Um moreno vivo e espelhado tem além d'isto a vantagem de ser mais proprio para a mistura das côres. O vermelho parece sempre arrebique sobre um branco por demais deslumbrante.

Finalmente a maior belleza do colorido é ser doce, avelludado, humido de frescura.

Ninguem ignora quanto uma bôcca grande, uma testa pequena, um nariz aplastado, desfigurão uma mulher. Mas sem falar aqui d'estes defeitos demasiadamente pronunciados, ainda ha outros, que nem por pouco viziveis escapão ás vistas dos entendedores.

Em primeiro logar devem todas as inflexões ou curvas ser extremamente doces e mollemente contorneadas. Taes são, por exemplo, as das faces; a do labio inferior para a barba: a cavidade da covinha n'esta ultima; o arredondado da testa, que nem deve ser muito elevado, nem achatado de mais. A linha ondeada, que vae d'uma orelha á outra, passando pelas faces e pelo nariz, abrange todos os differentes gráus de inflexão indicados, nem pode ter, senão uma curvatura determinada, para ser justa e bella. O tamanho dos rostos nada faz ao caso, pois que nos circulos de grandeza desegual todas as proporções ou arcos semelhantes têem a mesma curva. Toda a linha, que se afasta do seu

justo traço, é mais ou menos feia, conforme o desvio, for maior ou menor.

Outro tanto succede a respeito das demais linhas que cercão o corpo, as espaduas, os braços, as mãos, os joelhos, etc., pois que não é o rosto a unica séde d'uma belleza, de que toda a estructura humana é susceptivel.

A cabeça deve ser de forma quasi redonda, approximando-se porém ainda mais do oval.

A testa grande, aberta, polida, bem arrėdondada, isto é, egualmente curva nos pontos, que se correspondem.

Os cabellos são muito mais bellos, quanto mais compridos, espessos, finos, bem dispostos, bem lizos e d'um negro de azeviche ou de ebano. Os louros ficão muito bem n'uma creança.

Os olhos bem rasgados, negros e castanhos, ou d'um azul claro; os grandes são os mais bellos; os pequenos têem o que quer que seja de mais vivo e provocador.

As sobrancelhas docemente curvas em semicirculo, terminando d'um lado no angulo exterior do ôlho, e do outro onde nasce o nariz. As pretas são as melhores, mas é preciso, que sejão sempre da côr do cabello: a discordancia é insupportavel.

As faces firmes, vermelhas, d'um brilho doce e temperado, que procede da frescura do colorido,

nem mui encovadas, nem mui elevadas: aquellas assemelhão-se á velhice, estas arremedão a infancia.

As orelhas curtas, ligeiramente rosadas.

O nariz direito, e bem afilado: um nariz chato desfigura ainda mais do que um comprido e recurvo.

A bôcca pequena e bem traçada, que sorrindo forme em ambas as faces covinha, chamada das graças.

Os labios nem muito grossos, nem muito delgados, e d'um vermelho humido.

Os dentes alvissimos, pequenos, eguaes, bem collocados.

A barba redonda e fendida.

Um collo direito e fornido de carnes, um tanto longo, coberto de branca, delicada e graciosa pelle.

As espaduas menos largas, do que os quadrís.

Os braços redondos, rijos e brancos.

A mão sobre o comprido, e fina.

Os dedos arredondados, rosados perto das unhas e mais delgados na extremidade.

O peito bem dividido, nem muito cheio, nem taboa rasa.

A estatura fina e esbelta.

Quanto ao mais,

Mais vale experimental-o, que julgal-o,
Mas julgue-o quem não pode experimental-o.

Com tudo isto porém teremos talvez uma bella estatua, mas ainda lhe faltará esse fogo, que Pygmalião teve de ir furtar ao céo para animar a sua, e sem o qual nunca a belleza saberá avassallar corações: faltar-lhe-ha a alma, a expressão, a graça. É isso, que dá mil encantos á formosura, é so o que n'ella nos enamora e enfeitiça. Conta-se, que um celebre medico allemão construira um automato de cera de maravilhosa belleza, e ainda mais maravilhoso machinismo; semelhava perfeitamente uma moça, e movia-se, andava, sentava-se, erguia-se, gesticulava com a maior naturalidade, e tocava piano, que era um gôsto ouvil-o. Todos tomavão esta figura por filha do doutor. Um mancebo por ella se apaixonou a ponto tal, que endoudeceu ao saber, que amava apenas uma boneca. Poderá ser verdade, mas duvido. Que poderia haver nos olhos d'esse androido, que movesse a paixão, que revelarião as suas feições, que captivasse o affecto?

«São os olhos o espelho da alma; nada mais seductor do que um olhar animado pela ternura ou pela doçura, pela esperança e pelo desejo, pela candura e pela ingenuidade. As affeições ternas e honestas espargem infinito lustre por sobre as graças naturaes, com a serenidade, que darramão pelo rosto; mas o mais poderoso auxiliar, e do qual tira a belleza o seu maior valor, é a modestia, a sensi-

bilidade, a doçura e a innocencia. Cada qual d'estas qualidades basta de per si para agradar, e a sua reunião é o cumulo e o prodigio da expressão.

«Deverião as mulheres pois prezar a virtude e a innocencia, ainda que não fôsse senão por amor dos seus encantos, que deixão de poder inspirar verdadeiro affecto, desde que perdem o direito á nossa estima. Ha mulheres, que agradão com olhos vesgos, nariz arrebitado, labios grossos, sobrancelhas chinezas. Que haverá n'ellas? A expressão,

Et la grâce, plus belle encor que la beauté.

Schiller escreveu uma dissertação sobre a graça, um pouco metaphysica porém, como quasi todos os escriptos philosophicos dos seus conterraneos. Apesar d'isto deixem-me extractar as primeiras linhas, em que o auctor mostra, que belleza e graça são cousas distinctas e separaveis, consistindo esta nos movimentos accidentaes, que são a expressão de sensações moraes. Foi por isto, que acima disse, que expressão e graça erão para o nosso caso pouco mais ou menos a mesma cousa, e com o que se segue cumpro a promessa, de que *felizmente* me não esqueci.

«Attribue a mythologia grega á deusa da belleza, um cinto, que possue a virtude de dar graça a quem o traz, e o dom de excitar o amor

«*Distinguem* os Gregos belleza e graça, pois que representão esta por meio de attributos, que se podem separar da deusa d'aquella. Toda a graça é bella, já que o cinto, que a confere, é propriedade da deusa de Gnido; mas nem tudo o que é bello é gracioso, já que mesmo sem este cinto fica Venus, o que era.

«Segundo esta mesma allegoria é so a deusa da belleza, que traz e empresta o cinto das graças. Juno, a soberba rainha dos céos, tem de pedil-o emprestado a Venus, quando quer encantar Jupiter sobre o Ida. A propria majestade portanto, embora ornada d'um certo grau de belleza, (que ninguem disputa á esposa de Jove), não está segura de agradar, se lhe falta a graça; pois que não é com os proprios encantos, mas com o cinto de Venus, que a rainha dos deuses espera triumphar.

«Mas a deusa da belleza pode alienar o seu cinto, *transferindo* a sua fôrça para o menos bello. Não é pois a graça prerogativa *exclusiva* da belleza, mas pode tambem passar, embora somente das mãos da belleza, para o que é menos bello e até para o que o não é.

«Recommendavão os Gregos áquelle, a que, possuindo todos os dotes do espirito, carecia de graça, de agrado, que sacrificasse ás Graças. Erão estas deusas pois representadas, sim como companheiras

do bello sexo, mas como susceptiveis de se inclinarem tambem a favor do varão, e como indispensaveis a quem aspira a agradar.

«Mas, que é então a graça, que se une com a belleza de preferencia sim, mas não exclusivamente? Que nasce do que é bello, mas extende tambem a sua acção ao que o não é? Sem a qual pode a belleza subsistir, mas não captivar affectos?

«A delicadeza dos Gregos distinguiu bem cedo, o que a razão não podia ainda explicar, e querendo exprimir-se, pedírão á imaginação figuras, na falta de idéas, que o entendimento lhes não suggeria. Despida porém do seu involucro allegorico, parece a representação dos Gregos encerrar este sentido.

«A graça é uma belleza moral; isto é, uma belleza, que pode casualmente surgir e cessar em quem a possue. Esta circumstancia a distingue da belleza *fixa*, que existe necessariamente ligada á pessoa. O seu cinto pode Venus tirar e entregal-o momentaneamente a Juno, mas a belleza não poderia dal-a, senão com a propria pessoa. Sem o cinto deixa de ser a Venus *encantadora*, sem a belleza deixa inteiramente de ser Venus.

«Mas, se o cinto da graça representa uma qualidade separavel da pessoa, sem que a essencia d'esta soffra alteração, não pode designar senão belleza do movimento, pois que é este a unica mudança,

que se pode dar n'um objecto, sem modificar-lhe a identidade.

«A graça; segundo o mytho, é casual, e assim os movimentos occasionaes podem ter graça, o respirar, por exemplo, nunca a terá. Mas como os Gregos limitão a graça á humanidade, só se poderá ella encontrar nos movimentos privativos d'esta, e não nos que nos são communs, com outros objectos. Se os cabellos d'uma bella cabeça se pudessem mover com graça, porque o não farião egualmente os ramos de uma arvore, as ondas de um rio? Não basta pois que os movimentos sejão voluntarios, é preciso tambem que sejão a manifestação de sensações moraes, para que possão ter graça.»

«A graça, diz o mesmo auctor mais adeante, é a belleza da forma sob a influencia da liberdade; a belleza dos phenomenos, que a pessoa determina. A belleza architectonica faz honra ao creador da natureza, a graça fal-a a quem a possue. Aquella é um dom, esta um merecimento *pessoal.*»

Mas será a belleza um bem, ou um mal? Creio que não se pode decidir, senão pela primeira. Pretendem alguns enxergar perigo na posse de uma mulher formosa, quer porém parecer-me que succede o contrario. A belleza é talvez um escudo de virtude. As que são bellas, conhecem-se demasiada-

mente bem, para deixarem de com isso se ensoberbecerem, e se a soberba é um peccado mortal, não deixa o orgulho de ser ás vezes util na mulher, como mais uma garantia da sua exempção, na falta de outra mais solida. Em todo o tempo têem as feias passado por serem geralmente mais faceis, senão que o digão os que têem experiencia d'essas cousas, que quanto a mim só falo de ouvir dizer. Além d'isto, são as bellas, como de razão, sempre mais requestadas, e a propria multidão dos pretendentes salva frequentemente a mulher, que ora não sabe por qual decidir-se, ora aprazendo-se no meio do seu brilhante cortejo, teme com a preferencia, que désse a um, afugentar os outros.

Mas em tudo se deve fugir o excesso, que só na virtude não o pode haver. A modestia é um dote tão essencial e intimamente ligado á mulher, que tudo, que fere aquella, prejudica esta. E' por isso, que toda a celebridade, seja ella de que natureza fôr, é mais um defeito, do que um realce no sexo encantador. Gostamos de fitar a lua, e ao seu aspecto sentimos uma saudade melancholica mas voluptuosa, uma ternura indizivel ganhar-nos a alma, porque a sua luz é meiga e suave, nem offende a vista: mas desde que ella se tornasse viva e deslumbrante, desviariamos os olhos, com receio de que nol-os cegasse.

Outrotanto succede com a mulher. Emquanto humilde, modesta e resignada brilha no horisonte da vida com clarão brando e benefico, contentando-se com satisfazer as aspirações mais delicadas do coração, olhamos para ella como para um anjo, que o Senhor nos deu, para ser-nos companheiro n'esta peregrinação terrestre, e com mão mimosa derramar-nos balsamico lenitivo na alma ulcerada pelo combater constante: mas se ella, trocando a auréola de candura, que Deus lhe poz na fronte, pela corôa fulgurante da fama, com que o demonio a vem tentar, se nos quer impôr como um prodigio, uma maravilha, uma celebridade, deixamos que os tôlos a admirem, e lastimamol-a como uma especie de aborto, em que a natureza se mostrou contradictoria. E' como se vissemos uma creança esfalfar-se por manejar as armas de um gigante. Não, quem prezar a paz, a tranquillidade e o socego domestico, quem das contrariedades da vida quizer vir repousar-se no remanso do seu lar, quem tiver um coração capaz de sentir as doçuras da familia, quem ao voltar a casa cançado de luctar e de trabalhar, quizer achar um ente, que sempre o acolha com o sorriso nos labios, que o console de suas máguas, desvanecendo-lhe os cuidados, que lhe dobre as alegrias, alegrando-se com elle, que lhe zele os interesses, que com todas as fôrças o ajude a supportar

o fardo da existencia, que quando a doença o prostrar no leito vele á sua cabeceira, horas, semanas, mezes, annos, de dia e de noite, que não tenha desejos insaciaveis nem caprichos ruinosos, quem a tudo isto ligar algum valor, não tome para esposa uma mulher celebre, nem em belleza, nem em artes, nem em sciencias, nem em litteratura, nem em modas, nem em riquezas, nem em cousa nenhuma, senão n'estes dois dotes, que constituem a verdadeira mãe de familia, mas que nem attraem as vistas, nem dão celebridade.

On ne possède point une femme adorable:
Ce domaine appartient à la société.

Portanto quem não quizer mulher para si, mas para a sociedade, que a procure bem *adoravel*.

La Brugére disse: «Uma mulher bella, que tem as qualidades de um homem de bem, é o que pode haver mais delicioso no mundo; reune o merito dos dois sexos.» Louco, estulto, ignaro, que presume que Deus não deveria ter dividido o genero humano em duas metades, e que como esse outro *Sabio* coroado, pretende que, se tivesse sido consultado por occasião da creação do mundo, teria poupado muitos erros ao seu Auctor. Como se um ermaphrodita moral fôsse uma creatura perfeita.

O Omnipotente creou o homem e a mulher com qualidades differentes, para se unirem e mutuamente se completarem. e formou-os visivelmente um para o outro. «Não tendes lido, respondeu Christo aos Phariseus, que o querião tentar, que aquelle, que creou o homem, o creou macho e femea, e disse: Por isso deixará o homem seu pae e sua mãe, e se prenderá a sua mulher, e serão dois n'uma só carne; assim não serão mais duas, mas uma só carne. Não separe pois o homem o que Deus uniu.» Como se poderá á vista d'isto sustentar que o estado celibatario é mais perfeito do que o do matrimonio? Bem sei que ha outros textos, que o *parecem* estabelecer, mas não é aqui o logar de discutil-os.

A maior parte dos povos cultos têem ligado grande apreço á virgindade, excepto comtudo os Judeus, que reputavão uma desgraça morrer com ella, depois de se ter attingido a edade nubil. Provém isso porém de que todos nos inclinamos a admirar o que sae da marcha vulgar e commum da natureza, como se o natural não fôsse ao mesmo tempo o mais perfeito e o melhor. Demais, os proprios Romanos, que tanto respeitavão e acatavão as suas vestaes, procurárão com toda a especie de favores animar e promover os casamentos, que são a base, o alicerce, e o unico fundamento seguro do Estado.

O casamento faz o homem melhor. Percorra-se a estatistica do crime, e entre cem criminosos talvez se não ache um pae de familia. É que os onus do matrimonio, impondo-nos novas obrigações, nos tornão mais reflectidos, e os vinculos da familia nos prendem, detendo-nos na carreira do crime. Quando ao perigo pessoal vem juntar-se o receio de precipitar na miseria entes, que nos são caros, torna-se dobradamente efficaz o medo salutar do castigo, se porventura não basta o amor da virtude. Ninguem quer córar ante seus filhos, nem tão pouco legar-lhes uma herança de infamia.

O proprio soldado, quando casado, nem será tão facilmente um instrumento cego nas mãos do despotismo e da tyrannia, nem desertará as suas bandeiras. Erão casados os soldados romanos, e nenhuns outros os têem ainda excedido.

Geralmente pretendem os theologos fazer passar por mais perfeito o estado do celibato. Mas como todos temos obrigação de procurar attingir a perfectibilidade, eis aqui um preceito, que, se todos o seguissem, como aliás seria para desejar, se elle é bom e a doutrina verdadeira, tenderia nada menos do que para a anniquilação da humanidade, contrariando abertamente as vistas do Creador. Não, Deus não podia assim contradizer-se. Se a propagação do genero humano, segundo as santas re-

gras, que Elle proprio nos dictou, e que a razão e a moral nos ensinão, como as unicas, que podem realmente concorrer para este fim, entrou no plano da creação, e é uma lei do Omnipotente, melhor o servirá quem melhor a cumprir. Se os theologos replicarem que o celibato não é um preceito, mas um conselho, direi ainda, que singular conselho é esse, que não poderia ser seguido por todos sem a nossa geral destruição.

Muito de proposito disse celibato e não virgindade, por ser esta uma das palavras altisonantes, de sentido ambiguo, com que lançando-nos poeira aos olhos, nos pretendem embair os fautores de uma doutrina subversiva da ordem da creação. Concordão os theologos em que o acto material não faz perder a virgindade, se foi forçado, e da parte da victima se não deu consentimento. Porque? Porque não houve peccado. Mas então essa virgindade, que consiste na pureza do coração, na castidade da alma, na santidade dos pensamentos, na exempção do peccado, não a perde a esposa, nem a perderá jámais, emquanto for fiel aos seus deveres e guardar a fé jurada ante as aras do Senhor. Já vêdes pois, que não pugnaes por esse idolo, que erguestes sob o nome de virgindade, por essa rosa, que Deus creou para se colher e gosar, como todas as flôres, que com mão bemfazeja nos semeou pela ardua ve-

reda da vida, para nos adoçar os espinhos, e não para que desprezando os dons, insultemos o doador, mas erigis em culto o celibato egoista, esteril, em que o homem mutila a obra do Creador, suffocando no coração instinctos, que Deus alli havia plantado para cumprimento de seus designios, e renunciando ao uso de faculdades, que para algum fim lhe havião sido dadas, esquecido de que tão estreitas contas terá de dar do mal, que fez, como do bem, que deixou de cumprir.

Não quero com isto dizer, que o casamento seja um dever tão rigorosamente imposto a todos, que ninguem d'elle deva eximir-se. Circumstancias podem haver, que do seu cumprimento nos dispensem. Sobretudo não pretendo combater o celibato do clero: razões d'outra ordem talvez o justifiquem. São porém excepções. A regra geral é o casamento; e é n'essa união mystica, moral e santa de dois entes, creados um para o outro, e em cada um dos quaes faltão qualidades e dotes, que o outro possue, e que reciprocamente se completão, que consiste a maior perfeição.

O homem porém no seu desmedido orgulho quer sempre erguer-se acima da esphera, em que a mão do Todo Poderoso o collocou, quer ser mais sabio do que o Deus, que creou o céo, o mar, os astros e os vermes da terra. Os anjos quizerão fa-

zer-se deuses, e tornárão-se demonios; se os homens quizerem fazer-se anjos, egual punição os aguarda.

Casae pois, formosas filhas de Eva, casae, e acreditae, que é o melhor uso, que podeis fazer da belleza. E como é somente d'esta, que me propuz tratar, se as feias se quizerem metter freiras, ou ficar para tias — paciencia!

O THEATRO E OS ACTORES[1]

Os Romanos do tempo da Republica desprezavão profundamente o que chamavão *ludricæ artes* (artes de divertimento), abandonando aos escravos e aos extrangeiros o exercicio das mesmas. Comtudo referem os historiadores, que os jovens Romanos tomavão ás vezes parte nas improvisadas farças, que se representavão nas praças publicas. Servia-lhes isto, porém, de recreio, a que bem depressa renunciárão, logo que se principiárão a representar dramas em regra, e a arte scenica se tornou uma profissão.

Veiu da Etruria o theatro aos primeiros Roma-

[1] *Revista Popular* (1858)

nos. Parece que os Etruscos tinhão decidido gôsto por este divertimento. Conta Tito Livio que um rei dos Vejos no anno 354 de Roma incorrera no desagrado dos Etruscos, por lhes haver levado do paiz uma companhia de comediantes. Esta origem extrangeira era uma das causas, que tornavão desprezivel entre os Romanos a profissão theatral. Plauto nos faz uma triste descripção da condição dos actores do seu tempo. Por elle sabemos, que, findo o espectaculo, se distribuia vinho pelos que havião representado bem, açoutando-se os que havião desfigurado o seu papel. Havia formalmente nos theatros surradores estipendiados.

Desde o anno 460 foi-se introduzindo em Roma o uso de coroar os vencedores, como se praticava na Grecia. Mais tarde extendeu-se este costume até aos comicos. As corôas fôrão primeiramente de louro, e depois de ouro. Ás vezes obtinhão os escravos, que se havião distinguido, a liberdade em reconhecimento do seu talento. Os Romanos vangloriavão-se dos triumphos scenicos dos seus servos, e até n'isto se introduziu a cabala e o patronato. Os applausos comprados, e as intrigas theatraes, não são de invenção moderna.

Havia empresarios de theatro, dos quaes dependião os outros actores. Tal foi Roscio, como se vê da oração de Cicero em sua defensa. Tratava se

d'um histrião de nome Panurio, que tinha sido morto. Roscio, de quem este dependia, exigia do assassino uma indemnisação. D'esta defesa vemos, que o cfficio de comediante era bastante rendoso no tempo de Cicero. Comtudo andava-lhe ligada a infamia, pois que a maior parte dos que o exercião erão escravos, contra os quaes era inflexivel o direito romano. Os comicos erão excluidos do direito commum, e os magistrados tinhão sobre elles illimitada auctoridade. Foi esta cerceada por Augusto, que a reduziu só ao tempo do espectaculo, abolindo além d'isto a pena de açoutes para os comicos.

Vemos que Roscio era amigo de Sylla e de Cicero, o que prova, que, a favor dos artistas distinctos, corrigia o costume a injustiça da lei. Em frente do respeitavel publico gosavão os actores de não pequena liberdade. Vendo no theatro de Roma um comediante, por nome Pylades, que o publico resmungava contra os seus tregeitos e berraria no papel de Hercules furioso, dirigiu-se aos espectadores n'estas palavras: «Parvos, não vedes que represento um furioso?»

Pode-se fazer idéa da receita dos grandes actores, sabendo que Roscio ganhava 500,000 sestercios por anno. Representou elle dez annos sem paga, por ter mais dinheiro, do que precisava.

Na Grecia gosavão os comicos de bastante con-

sideração, como comprova o exemplo do orador Aechines, de Aristomenes, embaixador atheniense, e de Sophocles, que era de elevado nascimento. Mesmo em Roma vemos actores representarem uma especie de papel politico, por exemplo, aquelle, que sobre o theatro promoveu o regresso de Cicero do exilio. A desregrada vida das actrizes é entre os modernos uma das cousas, que ainda no espirito de alguns faz pesar uma especie, senão de infamia, ao menos de desar, sobre a profissão scenica em geral. Entre os Romanos, onde todos os papeis erão representados por homens, não se dava isto. O descredito da arte provinha unicamente da sua origem, e da circumstancia de terem sido escravos extrangeiros, os primeiros, que a professárão.

Da condição do actor nos nossos dias, nada é preciso dizer, pois que ninguem a desconhece. Como se o injusto desprêzo, de que fôrão victimas, andasse ligado aos differentes nomes, que lhes davão outr'ora, nenhum d'elles quer ser denominado senão *artista*-dramatico, ou lyrico, conforme a especialidade, a que se entrega. De ordinario até supprimem toda a ulterior designação, e intitulão se pura e simplesmente *artistas* — os artistas por excellencia.

A respeito da profissão scenica vae-se dando

uma reacção, util e justa sem duvida, quando se contém nos devidos termos, mas irracional e irreflectida, quando degenera em excesso. Se ainda ha quem considere gente perdida toda a que pisa o tablado, tambem não falta quem a considere como uma classe privilegiada e quasi sobrehumana. Principalmente nas cidades grandes marcha um mancebo com mais orgulho de braço dado com um tenor, do que se fôsse ao lado d'um general, ou do mais illustre cidadão; e qual d'elles não daria metade do que possue, por poder trocar duas palavras com uma prima-dona, n'um logar bem publico, onde bastantes invejosos o vissem? Não temos presenciado tanta vergonhosa apotheose de cantoras, não temos visto as suas douradas carruagens tiradas por jovens bem nascidos, como pagãos da India a arrastrarem os pesados carros dos seus idolos?

Volumosas e doutissimas obras se têem escripto sobre o fim eminentemente moralisador dos theatros. Que d'esta instituição se pode fazer uma como eschola de instrucção e moral, para as creanças de mais de vinte annos, é fora de duvida, mas não menos o é tambem, que até agora tem a theoria promettido muito mais, do que tem prestado a prática.

O que é certo, é que a profissão theatral nada

tem de infamante em si mesma, mas tambem em nada é mais honrosa do que outra qualquer; e que a arte scenica é util e agradavel, mas nada tem de *divina*.

Na Austria frequenta o clero os theatros, e em cada um d'estes tem o bispo o seu camarote reservado, que é uma tribuna do Estado.

Para melhor vermos a differença de condição entre o *artista* de hoje, e o comediante de não ha ainda muitos annos, figuremos as duas scenas seguintes, que se passão na Allemanha.

ANTES E AGORA

ANTES

(N'uma taberna assaz enfumaçada d'um estreito beco de Munic, estão sentados differentes directores de theatro, e comicos, bebendo cerveja e comendo chouriços. Emquanto uns falão alto entre si, conversão outros em voz baixa. Os directores distinguem-se pela sua melhor presença e mais decente vestuario; quasi todos trazem collete vermelho bordado, e bengala com castão de ouro; os comediantes, pelo contrario, vestem pobre e alguns até desordenadamente. O director X, homem dos seus 50 annos, ventre elevado e cabelleira, conversa com um joven comediante, de cêrca de 24 primaveras,

franzino, pallido, cabellos castanhos, mas olhos fogosos, e maneiras, que não são de todo desagradaveis).

Director. — Então, arranjamo-nos, ou não, meu rapaz?

Comediante. — Em todo o caso, se eu tiver a felicidade de lhe agradar.

Director. — Sente-se aqui ao pé de mim, para não ser preciso gritar tanto. (Chama). Servente! Mais uma medida de cerveja, e algumas linguiças. (Para o comediante). Que edade temos?

Comediante. — Vinte e tres annos e 4 mezes.

Director. — Representamos já em alguma parte, ou principiamos ainda agora?

Comediante. — Estive já algum tempo n'uma companhia ambulante; passei seis mezes em Nirnberg e um anno em Vienna.

Director. — Bom! Que papeis fazemos principalmente?

Comediante. — Primeiros heroes e galans.

Director. — Com os diabos! Isso faria conta. Quer saber que mais? Vamos vêr outra vez como se arranja a cousa. Venha commigo. (Saem ambos da sala; o director leva o comediante para a cozinha, onde não ha fogo, porque as linguiças aquecem-se no proprio fogão da sala. O director assenta-se á lareira, e diz ao comediante): Vejamos

agora as cinco acções do heroe. Como *anda* o heroe?

(O comediante deita a cabeça para atraz, e marcha d'um lado para o outro, a passos largos e medidos, agitando as mãos em todas as direcções).

Director. — Bravo! Mas deitar o peito mais um pouco para fora, e erguer mais as mãos. Você rasteja ainda muito pelo chão... Como se conserva o heroe *parado?*

(O comediante finca a mão esquerda na cintura, mette a direita no bolso das calças, põe um pé muito adeante, e olha marcialmente para o lado esquerdo).

Director. — Não está mau!

(O comediante passa ainda da mesma forma por algumas provas, por exemplo, como o heroe se *enfurece,* como *combate,* como *morre,* etc., e acabado isto, voltão ambos para a sala, onde acabão de ser postas na mesa as linguiças quentes, a que o esfaimado comediante faz toda a honra possivel).

Director. — Estou soffrivelmente satisfeito com as suas maneiras, e se quizer entrar para a minha companhia...

Comediante. — Com muito gôsto; só peço o favor de declarar as condições.

Director. — Oh! Não são muitas. No verão viajo com a minha gente, e no inverno ficamos aqui. Na

minha companhia ninguem escolhe papeis; cada um representa o que eu quero, até de mulher, quando acontece adoecer a minha primeira dama. Os cartazes do theatro são manuscriptos, para evitar os erros de imprensa, e além d'isto distribuem-n'os os proprios actores, pelas casas. Quando não ha mais que fazer, copião-se partes, grudão-se papeis para o scenario, escova-se a roupa, e frisão-se as cabelleiras.

Comediante. — Não é pouco. Que tempo fica então para estudar os papeis?

Director. — Com isso nada tenho; o que quero, é que se saibão. Demais, é minha mulher um optimo ponto, em que a gente se pode fiar. N'uma palavra, aqui todo o mundo ajuda; a minha companhia não constitue, senão uma só familia; mas em paga tambem, a trato como tal. Você terá almôço, jantar, tres pratos bem substanciaes, e á noite, depois do espectaculo, cerveja, pão e queijo; se a receita é boa, tambem ha uma vez, ou outra, espinafres com azeite e vinagre, e linguiça; até ás vezes, lombo assado, e outras quejandas preciosidades.

Comediante. — E o ordenado?

Director. — Dois florins (2$000) por semana!

Comediante. — Ora, isso é pouco de mais, para tanto serviço. Onde eu estava agora contratado, ganhava 4 florins cada semana.

Director. — Devéras? Mas o director tambem se terá provavelmente arruinado? — Não posso dar mais.

Comediante. — Pois seja! (apresentando a mão). Toque; o dicto, dicto!

Director.—(apertando-lhe a mão). Ficamos n'isso! — Agora tenho de retirar-me. Appareça ámanhã.

Comediante. — Não faltarei. — Mas desejaria pedir um pequeno adeantamento.

Director.—Aqui tem um thaler (3$000). Depois de ámanhã já pode entrar na *Ignez de Bernau.* Adeus.

AGORA

(Sentado a uma grande secretária de acajú, está o director do theatro de Munic, no seu escriptorio. Espalhada pelo chão vê-se innumera multidão de manuscriptos, cartas, musicas, esboços de vistas scenicas, etc.; grandes caixas de vidro occupão as paredes, e sobre ellas estão os bustos de gesso dos mais celebres poetas e actores. Um creado agaloado entra, e annuncía):

A *Signora* Arsini pede um momento de audiencia.

Director. — Terei o maior gôsto em a vêr.

(O creado sae apressado, e introduz a cantora, môça dos seus vinte annos, vestida á ultima moda,

cheia de anneis de brilhantes, e correntes de ouro, de que pendem relogio e luneta, etc.)

Director. — Cabe-me finalmente o prazer de vêr a *Signora* Arsini. (Offerece-lhe uma poltrona).

Cantora. — Sinto, Sr. Director, ter-me feito esperar tanto, foi-me porém impossivel vir ha mais tempo. O publico estava fanatico. Em Leipzig queria deixar-me ouvir tres vezes, e tive de cantar seis. Em Dresde, quando entrei pela ultima vez em scena, gritavão todos: Ficar aqui! Ficar aqui... E em Berlim, onde só me queria mostrar uma vez, tirárão-me os cavallos da sege de posta, que estava já prompta para partir, e veiu uma deputação supplicar-me, que désse pelo menos ainda uma vez ao publico o prazer de admirar-me.

Director. — Dou-lhe os meus parabens.

Cantora. — Não é motivo para isso, Sr. Director. A verdadeira artista colhe por toda a parte a palma do triumpho. Mas falemos dos nossos negocios. Estão já ensaiadas as peças, em que devo entrar?

Director. — A maior parte, sim, senhora. Em qual deseja estrear-se?

Cantora. — No *Roberto do Diabo.*

Director. — É uma opera, que podemos levar immediatamente á scena. Se quer fazer a sua estreia depois de ámanhã, mando-o desde já annunciar nas folhas publicas.

Cantora. — Nada, nada. Não cantarei antes de oito dias, pois quero entregar primeiramente todas as minhas cartas de recommendação, de que trago um masso enorme, para banqueiros, poetas, escriptores e folhetinistas.

Director. —Tem toda a razão; esperaremos pois. Veja, porém, que as gazetas fáção antes bastante espalhafato, a respeito da nossa nova acquisição theatral.

Cantora. — Embora a minha fama me preceda em toda a parte, aonde chego, trago sempre commigo uma duzia de modelos, do modo por que os jornalistas devem dar conta da minha chegada. — Mas, primeiro que tudo, Sr. Director, vamos ás condições do meu contrato.

Director. — Offereço sempre as mesmas a todos os meus artistas. Se quizer ler este contrato, e o regulamento do theatro, ficará sabendo tudo.

Cantora. — (rindo). Regulamento do theatro?—É cousa, que para todos os palcos se faz, e em nenhum se executa. Demais, tambem não quero ser tratada como os outros cantores e cantoras; por isso será melhor, que eu mesma exponha as minhas condições.

Director. — Se quer ter a bondade.

Cantora. — *Primeira.* Toda a opera nova, que tem de subir á scena, se me envia, para eu propria escolher a parte, que mais me convem.

Director. — Senhora...

Cantora. — Faça favor, nada de reflexões. Assim o tenho estipulado em toda a parte. *Segunda:* Não canto mais, do que uma vez por semana.

Director. — Seria...

Cantora. — Bastante, entendo eu. Ou quer que me estrague?... *Terceira:* Para cada papel novo, se me dará vestuario novo á minha vontade. Quero carruagem ás minhas ordens, e exclusivamente para mim. Além d'isto, ser-me-ha licito enrouquecer pelo menos oito vezes por anno, quando melhor me convier. Em geral, não posso soffrer, que me mandem logo o medico do theatro a casa. Quando dou parte de doente, é porque o estou.

Director. — Mas, pelo menos, terá a bondade de annunciar-me a sua rouquidão com oito dias de antecedencia?

Cantora. — E para que?

Director. — Para eu poder organisar o repertorio nessa conformidade.

Cantora. — Ora historias! A respeito de repertorio ha de ser aqui, como em toda a parte; por via de regra, lêem-se n'elle as operas, que não têem de ser dadas.

Director. — É exigir muito.

Cantora. — Tambem presto cousas extraordinarias. — Quanto a honorario exijo — bem pouco —

8:000 florins por anno (8:000$000), por cada papel; 2 luizes de ouro de gratificação; 2 mezes de licença para viajar; casa paga, de 12 peças pelo menos, e 2 beneficios com operas novas.

Director.—E' muito, é muito... Terá o que exige.

AS CARRUAGENS[1]

O promettido é devido. Quando ultimamente dei (ou impingi, como quizerem) ao publico um extracto de um livro recentemente publicado sobre o progresso da Inglaterra, prometti (ou ameacei, ainda como quizerem) continuar. (2) Não quero sobre a consciencia o pêso de uma promessa por cumprir e passo a alliviar-me d'elle. Palavra de escriptor publico é sagrada.

Procurei, como de razão, um assumpto, que tivesse sua tal ou qual relação com algum dos muitos melhoramentos, que se projectão n'esta boa cidade

(1) *Revista Popular* (1859).

(2) Refere-se a um artigo sobre a Navegação, que não me pareceu opportuno transcrever.

do Rio de Janeiro, e com que homens philanthropicos *promettem* brindar-nos. Possão elles cumprir a sua promessa melhor ainda do que eu resgato hoje a minha. D'estes melhoramentos os que actualmente mais preoccupão o publico, e com especialidade aquelles, por cujo dinheiro continuamente se está *chamando*, sem que elle acabe de *entrar* para onde é preciso, são tres: barcas a vapor frequentes, commodas e por preços modicos, em que possa um homem, sem apear-se da sua sege ir visitar a outra banda da bahia, carruagens baratas, e gallinhas e ovos *quasi* de graça.

A primeira d'estas empresas humanitarias já teve o seu quinhão, que lhe preste, no luminoso artigo sobre a Navegação: restão as duas ultimas entre as quaes não sei por qual me decida. Ambas têem dignos prototypos n'esse paiz, onde, se por um lado a viação e os meios de transporte têem feito progressos espantosos, por outro tem tambem a creação dos animaes dado resultados taes, que a população (falo agora da racional) tem duplicado desde que Malthus proclamou o seu grande principio de que a peste, a fome e a guerra erão outros tantos expedientes da Providencia, para que a triste humanidade se não multiplicasse além dos meios de subsistencia, que pode offerecer-lhe a terra. E' que já ha na Inglaterra porcos como bois, bois como

elephantes, elephantes como... é verdade que ainda lá não derão em crear elephantes. Mas, gallinhas como perús, isso sim, nem ha d'outras por aquellas boas ilhas.

A difficuldade está pois em saber se começarei pelas carruagens, se pelas gallinhas? Ora, adeus, andemos de carruagem, gue nos veja bem o povo, e se fechados em casa não tivermos gallinha, comeremos sardinha.

Vamos pois vêr como de dois paus assentes em cima de um eixo, posto quasi na ponta opposta áquella, onde trabalhava o cavallo, e em cada extremidade do qual girava uma roda pequena e fechada, pouco mais ou menos como as d'esses carrinhos, em que andão pelas ruas os aleijados, se originou o elegante coche moderno.

Quando penso no que fomos e no que somos, pasmo e fico absorto. Como tudo tem melhorado! Quando me lembro do rabicho e calção, que usava meu avô, e os comparo com o penteado riçado e as pantalonas ora esguias ora amplo-bojudas dos nossos jovens, que differença, que marcha, que progresso! E não é só nas modas, nas descobertas scientificas, é em tudo. Pois na educação! Contava meu pae, que com quatorze ou quinze annos ainda não podia resistir á tentação de cortar um ou dois botões amarellos de qualquer casaca, que pilhasse

correr os verdadeiros necessitados, que v
a confundir-se com elles. E quantos d'a
formigão por ahi? Ora pedem para a m
tava entrevada n'um hospital, ora para
quebrou as pernas, ora para a mulher,
com dôres de parto, sem que haja com q
uma parteira, ora para o enterro de um
para si proprios, que têem quarenta bôc
milia a sustentar, e nem uma migalha de
dar-lhes.

De vez em quando lembra-se um d'est
triosos de vir convidar para compadre, in
se, á guiza de quem mostra a recompensa
spectiva, como official de diligencias, qu
sempre prompto, para quanto se offerecer.
natural, recusa-se a gente a ser padrinho
alheios, e então transige o pobre meirinho
que ao menos lhe dêem, com que pagar a
sas da egreja. O melhor modo de nos verm
d'estes importunos, sem os descompor r
mente, é dizer-lhes que sim, e que a tant
estaremos ante a pia baptismal, para receb
lhado. Vae-se o homem, mostrando no ro
satisfação, que está bem longe de sentir por
nós não pensamos mais em tal, e elle vae
reitinho bater a outra porta.

Outros lembrão-se de rifar objectos pr

a geito, *para jogar com elles*, nem sahir da eschola sem levar pelo menos meia hora na primeira praça que encontrava, a atirar o pião com os outros rapazes, o que tudo lhe custava não rara vardascada com uma vara de marmelo, que havia em casa. Que vergonha! Hoje não ha *homem* de dez annos, que não seja superior a essas creancices, e que de charuto na bôcca não olhe mais para as janellas do que para o chão, que pisa, e até que não saiba, quando se offerece o caso, dizer graças ou insolencias ás senhoras. E as meninas! Mas não falemos n'isso, acatemos o sexo fragil.

E se, alargando um pouco a vista, lançarmos os olhos por sobre a administração da republica, como não tem tudo progredido! Se não, comparemos o presente com o passado. Vejamos por exemplo, o que do seu tempo nos diz o bom padre Antonio Vieira:

Tomada Pernambuco, e tomada porque apesar de repetidos avisos da vinda de uma esquadra inimiga, gastava o general Mathias d'Albuquerque em folguedos e festas pelo nascimento de um filho da rainha de Hespanha o tempo, que melhor dedicára a pôr a cidade em estado de defesa, havião os hollandezes extendido as suas conquistas a seis capitanias do Sergipe ao Ceará. N'esta conjunctura

chegou ao Brazil com alguns reforços o vice-rei marquez de Monte Alvão, e, prégando por essa occasião um sermão, aproveitou Vieira o ensejo, para pintar-lhe a elle, como ao homem de quem se podia esperar o remedio, o como andavão então as cousas publicas na colonia. Acha-se este sermão no tomo VI da edição de 1639, impressa em Lisboa, e d'elle se pode vêr qual era então a gerencia dos negocios do Estado:

«A causa da enfermidade do Brazil, bem examinada, é a mesma, que a do peccado original. Poz Deus no paraiso terreal a nosso pae Adão, mandando-lhe, que o guardasse e trabalhasse; elle, parecendo-lhe melhor o guardar, que o trabalhar, lançou mão á arvore vedada, tomou o pomo, que não era seu, e perdeu a justiça, em que vivia, para si e para o genero humano. Esta foi a origem do peccado original, e esta é a causa original das doenças do Brazil, tomar o alheio, cubiças, interesses, ganhos e conveniencias particulares, por onde a justiça se não guarda, e o Estado se perde. Perde-se o Brazil, digamol-o em uma palavra, porque alguns ministros de Sua Majestade não veem cá buscar nosso bem, veem cá buscar nossos bens. Assim como dissémos, que se perdeu o mundo, porque Adão fez só a metade do que Deus lhe mandou, em sentido averso, guardar sim, trabalhar, não: assim podemos dizer,

que se perde tambem o Brazil, porque alguns dos seus ministros não fazem mais, que a metade do que el-rei lhes manda. El-rei manda-os *tomar Pernambuco*, e elles contentam-se com o *tomar*. Se um só homem, que tomou, perdeu o mundo, muitos homens a tomar, como não hão de perder um Estado? Este tomar o alheio, ou seja o do rei, ou o dos povos, é a origem da doença: e as várias artes, e modos, e instrumentos de tomar são os symptomas, que, sendo de sua natureza mui perigosos, a fazem por momentos mais mortal. E, se não, pergunto, para que as causas dos symptomas se conheção melhor: Toma n'esta terra o ministro da justiça? Sim, toma. Toma o ministro da fazenda? Sim, toma. Toma o ministro da republica? Sim, toma. Toma o ministro da milicia? Sim, toma. Toma o ministro do estado? Sim, toma.

«E como muitos symptomas lhe sobreveem ao pobre enfermo, e todos acommettem a cabeça e o coração, que são as partes mais vitaes, e todos são attractivos e contractivos do dinheiro, que é o nervo dos exercitos e das republicas, fica tomado todo o corpo, e tolhido de pés e mãos, sem haver mão esquerda, que castigue, nem mão direita, que premeie, e faltando a justiça punitiva, para expellir os humores nocivos, e a distributiva, para alentar e alimentar o sujeito, e sangrando-o por outra parte os tri-

butos em todas as veias, milagre é, que não tenha expirado.»

Assim ião as cousas em outros tempos, nascia de cima a corrupção dos povos. E hoje haverá ainda quem tome? Não, que hoje temos os orçamentos, de que não é possivel arredar vintem para despesas não auctorisadas, e em caso de necessidade, que se não dá, ahi estavam os representantes da nação para *tomarem* conta dos dinheiros publicos. Oh! feliz salvaterio dos Estados, oh! portentoso invento da moderna sabedoria, incorruptivel orçamento, como se hão de comtigo fazer casas particulares e assentar a despesa na conta dos edificios publicos?

Nem vão cuidar, que erão só os Palinuros da náu do Estado, que *outr'ora* se descuidavão um pouco da segurança do barquinho, que pilotavão, por cuidarem na propria salvação, não; desde o contra-mestre até ao ultimo grumete, todos puxavão a braza para a sua sardinha. Para o que, ouçamos ainda um boccado, o que nos diz Vieira no seu inimitavel estylo:

«Como se havia de restaurar o Brazil (não falo de hoje, nem de hontem, que a enfermidade é muito antiga, ainda mal), como se havia de restaurar o Brazil, se ia o capitão levantar uma companhia pelos

logares de fora, e, para lhe não fugirem os soldados, trazia-os na algibeira? E como após este ia logo outro do mesmo humor, que os trazia egualmente arrecadados, houve pobre homem n'estes arredores, que sem sahir da Bahia, como se quatro vezes fôra a Argel, quatro vezes se resgatou com o seu dinheiro.»

Ora vejão lá se os nossos recrutadores de hoje são capazes nem por sombras de commetter taes tropelias. Continuemos:

«Como se havia de restaurar o Brazil, se os mantimentos se abarcavão com mão d'el-rei, e talvez os vendião seus ministros, [1] ou os ministros de seus ministros (que não ha Adão, que não tenha a sua Eva), pondo os preços ás cousas a cubiça de quem vendia, e a necessidade de quem comprava? Como se havia de restaurar o Brazil, se os navios, que sustentão o commercio e enriquecem a terra, havião de comprar o descarregar, e o dar querena, e o carregar, e o partir, e não sei se tambem os ventos? Como se havia de restaurar o Brazil, se o capitão de infantaria, por comer as praças aos soldados, os absolvia das guardas e das outras obrigações militares, envilecendo-se em officios mechanicos os ani-

[1] Abrenuncio.

mos, que hão de ser nobres e generosos? Como se havia de restaurar o Brazil, se o capitão de mar e guerra fazia cruel guerra ao seu navio, vendendo os mantimentos, as munições, as enxarcias, as velas, as antenas, e, se não vendeu o casco do galeão, foi porque não achou quem lh'o comprasse?

«E como mais ou menos, por nossos peccados, sempre houve no Brazil alguns ministros d'estas qualidades, que importava, que os generaes illustrissimos fôssem tão puros como o sol, e tão incorruptiveis como os orbes celestes? Digo isto, porque sei que o vulgo é monstro de muitas cabeças, que não se governa por verdade, nem pela razão, e se atreve a pôr a bôcca no mesmo céo, sem perdoar, nem guardar decoro ainda ao maior planeta. O certo é, que muitas cousas se dizem, que não são, e ha successores de Pilatos no mundo, que por se lavarem as mãos a si, lánção as culpas á cabeça. Que havião as cabeças de executar, meneando-se com taes mãos, e obrando com taes instrumentos? Desfazia-se o povo em tributos e mais tributos, em esmolas e mais esmolas, (que até á humildade d'este nome se sujeitava a necessidade, ou se abatia a cubiça) e no cabo nada aproveitava, nada luzia, nada apparecia. Porque? Porque o dinheiro não passava das mãos, por onde passava. Muito deu em seu tempo Pernambuco; muito deu e dá ainda a Bahia,

rações de todos tefe-tefe, e a vista baixa, os labios mudos, o ouvido attento, a respiração opprimida, cada qual temeroso, de que lhe caia o raio em casa, até que sôa o primeiro nome, e desde logo se levanta um borborinho surdo entre os felizes, a quem o inspirado padrinho pozera outro na pia do baptismo. Mas ás vezes o malicioso bedel, depois de ter chamado Sr. João... estaca, e como que corrigindo-se a si mesmo, volta atraz, põe-se a pronunciar com pausa Sr. José .. e todos os Joões a exultatarem, e os Josés a encolherem-se, a sumirem-se por detraz dos bancos, quasi desejosos, de que n'aquelle momento se abrisse a terra, e os escondesse. Afinal desembrulha-se o nono papelinho, estoura a ultima bomba, retumba o ultimo nome, já os escapos se congratulão baixinho, já começão a cochichar, já os rostos se expandem, já todos mostrão a cara ao lente, mas — mas á chamada ninguem se ergueu, ninguem lá vae cabisbaixo caminho do calvario, o ultimo sorteado ou não estava presente, ou tornou-se invisivel, e ao repetir o bedel o nome, responde um vizinho caridoso: Falta! Mal agourada echoou a palavra pela alta abobada da aula, retinindo com sinistro accento nos ouvidos dos que já se davão por salvos. Não ha remedio, outra vez mette o bedel a mão na esconjurada urna, e outra vez

nante som da *cabra*) corrida,
mica luz do candieiro o saboros
tão boas historias se contão, e se
de namôro recebidas da *terra*, c
orthographia, analysando-se-lhes
mentando-se-lhes a expressão, ex
allusões, e narrando-se os casos, p
dotas, a que se referem. E qu
bonita e é clara a lua, os desca
sado ao pé das grades do Jardin
da viola, e uma vez ou outra u
futricas, e o gôsto de ir cantar c
debaixo das janellas do mais ca
até á porta do reitor

Quem se mata com livros é
Só do cábula é vida o viver.
Nem ha premio, que valha o

Oh! tudo isto é bello, tudo isto é impagavel — n'aquella edade.

E as peças e os logros pregados aos calouros! E passar ás avemarias pela ponte, e perguntar o novato onde dormem os bandos de estorninhos e pedreiros, que por alli vê esvoaçar, e responder-lhe que na areia, e que com luzes se recolhem saccos cheios d'elles, e convidal-o para a caçada, e pedir-lhe dinheiro para os archotes, e fazel-o crêr que custa doze vintens cada um, e marcar-lhe ponto de reunião, e vir elle, e vêr comer doces e beber vinho, e não os provar, e só por fim saber que é com o dinheiro dos archotes, e fazer uma cara muito aparvalhada, e mandarem-n'o apanhar morcegos com uma canna.

E quando chegão as férias! Sobretudo as primeiras férias, quando o estudante entra pela sua aldeia dentro com umas botas muito grandes, montado n'um burro muito pequeno, e os labregos todos a desbarretarem-se e a chamarem-no Sr. doutor, a ponto d'elle proprio se persuadir que traz já borla e capello. E assim chega á casa paterna, arrota um texto latino, que nem o padre cura era capaz de entender, põe-se a falar de Coimbra, e esquece-se de beijar a mão ao pae.

Entretanto extende a mãe a toalha para a ceia, traz o classico caldo de unto, o bacalhau assado

com alhos, e dois ovos, desculpando-se por não ter mais em casa.

— Que diz V. M.ce, minha mãe, dois ovos? Aqui estão tres.

Então toma o pae a palavra.

— Pois que, tambem apprendeste isso em Coimbra, a vêr tres ovos onde só ha dois?

— Ora eu lhe vou provar já, responde o futuro Acurcio, como estão aqui tres ovos. Eis aqui um, e eis aqui outro, são dois, não é verdade?

— Lá até ahi santas palavras.

— Muito bem! Ora, quem tem dois tambem tem um, não é assim?

— E'.

— Está pilhado. Um e um são dois ovos, e um, e um que n'estes dois se contém, fazem tres; logo estão aqui tres ovos, e ninguem me diga o contrario.

Pasmo ficou o pae ante demonstração tão categorica, mas voltando a si e fazendo uso do são juizo, que Deus lhe dera, e nenhuma metaphysica pervertera, exclamou:

— Bem empregado dinheiro, que comtigo gastei, meu filho, para pôr-te em Coimbra. Quanto lamento que meu pae não fizesse outro tanto commigo, que porfim quem sabe, sabe, e o mais são historias. Bem aventurado ventre que te trouxe.

E voltando-se para a companheira, disse:

—Olha, mulher, eis aqui o filho, que me honra, que te honra, que se honra.

Depois, dirigindo-se outra vez ao apprendiz de doutor, accrescentou:

—Então com que, estão aqui tres ovos, não?

—Sem duvida.

—Pois bem, tua mãe come este, (e tomando um ôvo, pôl-o deante da mulher); eu como este (e poz o outro deante de si), e tu come o terceiro (e deixou lhe o prato vazio e a cara á banda).

Havia em Coimbra um cirurgião antigo, que não deixava de ter o seu merecimento, posto que quasi ninguem o chamasse, pelo que não vivia lá em muito grande abastança. Chamava-se Bento Coelho do Amaral Feio, e os estudantes lhe havião posto o nome em latim: *Benedictus Cuniculus ab Amaritudine Horridus*. O gôsto dos rapazes era gritarem-lhe os tres primeiros nomes, ao verem-no passar pelo Largo da Feira e ouvirem-no accrescentar elle mesmo de boa feição o quarto: *Horridus!* carregando muito nos dois *rr*.

O tempo, que lhe sobrava da sua clinica, e que me parece que ás vezes erão 24 horas por dia, dedicava-o o bom do velho ao estudo da chimica, physica e tambem um pouco da electricidade e do magnetismo, em que sabe Deus se elle não fez al-

gumas descobertas, que mais tarde fôrão proclamadas por outros como novissimos achados. E' que elle não escrevia para periodicos, e muito menos compunha obras, que lhe faltava o dinheiro para a impressão. Homem sem ambições, servia-se dos seus conhecimentos n'estas sciencias para fazer mil innocentes pelloticas, com que muito divertia as companhias, especialmente as raparigas, que ora ficavão mudas de espanto, ora rião ás gargalhadas, pelo que tudo era elle sempre muito bem visto, recebido e agasalhado nas casas, em que não havia doentes.

Encontrava-me eu com elle quasi todos os sabbados á noite em casa d'umas senhoras, que moravão defronte dos Arcos de Sant'Anna, e raras vezes deixava o excellente velho de sahir-se com alguma nova e curiosa experiencia, e como não tinha pretenções a magico, tambem nunca d'alli sahia sem ter primeiro explicado o segredo, que não raro nos pozera boquiabertos a todos. E como estou hoje de pachorra (as carruagens que esperem), vou aqui referir algumas das habilidades do meu antigo amigo Benedictus Cuniculus, que talvez sejão as melhores d'elle, mas emfim serão as primeiras, que me lembrarem.

Uma noite, depois de se ter deixado rogar um pouco para fazer alguma das suas, saca-me elle de

uma das algibeiras, ou antes alforges, que trazia sempre praticados no casacão, um frasco assaz bojudo, mas por cujo gargalo a custo passava o dedo index d'uma mão regular. Pegou depois n'um ôvo, de que viera tambem munido, poz se a estical-o e extendel-o como se fôra de cêra, e pela garganta do vidro o introduziu na barriga do mesmo, onde com algumas voltas, que lhe deu, o fez voltar á forma perfeita d'um ôvo. Concluido isto, pediu agua fria, vasou-a em cima, tornou a despejal-a, e perguntou se era alguem capaz de metter n'aquelle frasco um ôvo. Teimamos todos que o ôvo não podia ser natural, mas que havia de ser de borracha, ou de qualquer materia flexivel, ouvido o que, partiu elle o frasco, mostrou o ôvo, que effectivamente era de gallinha, e para tirar algum resto de duvida, quebrou-o e appareceu a gema e a clara tudo perfeitissimo. Era um ôvo verdadeiro.

Depois de nos ter dado o tempo de rigor, para admirarmos o prodigio, explicou-nos o magico como bastava deixar o ôvo por algum tempo mergulhado em vinagre bem forte, para que tornando-se molle a casca, se pudesse esticar ao comprido sem quebrar, a ponto de passar pelo gargalo do frasco. Não tendo o vinagre a precisa fortaleza para isto, mistura-se-lhe com cada duas colhéres de sôpa, uma de chá cheia de acido acetico.

Uma occasião mettia elle uma joven senhora á bulha sobre os seus amores; ella a affirmar que os não tinha, elle a sustentar que bem a via toda abrazada no fogo de Cupido. Afinal disse-lhe que era tal o ardor da chamma, que a consumia, que era capaz de derreter um coração de coralina, que lhe pozessem na palma da mão. Riu-se a môça, mas elle offerecendo-se para provar o dicto, tirou d'uma caixinha de metal um coração pequeno e encarnado, e pedindo-lhe que abrisse a mão, depositou-lh'o em cima. Não tardou muito que a materia começasse a derreter-se, como cêra ao approximar-me d'uma vela, e a escorrer por todos os lados.

Que o coração não era de coralina, excusado é dizel-o, mas talvez o não seja egualmente explicar do que era feito. Era d'um pouco de acido sulfurico, colorido e saturado com tintura de espermacete, o que dá uma substancia, que derrete com o calor natural do corpo humano, e com muito menos ainda.

Outras vezes, para distinguir as casadas das solteiras, punha-lhes tambem na palma da mão uma figurinha, que parecia de papel, mas que de certo tinha o diabo no corpo. Nas mãos das solteiras ficava muda e queda, mas nas das casadas, começava a remexer-se, a torcer-se, a encrespar-se, como se a tivessem posto sobre ferro em braza.

Bem averiguada a causa, as figurinhas erão duas, e não uma, mas tão semelhantes, que se confundião. Uma era pura e simplesmente de papel, e essa não bulia comsigo; a outra era de raspa de chifre, e com o calor da mão, agitava-se, e enrolava-se.

Tambem o vi deitar n'uma taça um liquido, que ninguem sabia o que era, e pedir amostras ou pedaços de panno de differentes côres. Trouxerão-lhe retalhos brancos, amarellos e vermelhos. Foi elle mergulhando sucessivamente cada um de sua côr, e o branco tirou-o azul, o amarello verde e o vermelho côr de purpura. Depois ainda mergulhou um pedaço de papel vegetal azul, que sahiu encarnado.

O liquido era anil diluido em acido sulfurico, e misturado com egual quantidade de solução de carbonato de potassa.

Uma noite estavamos ceando, tambem se ceava ás vezes n'aquella boa casa, o que era sempre um regabofes para barriga de estudante, e o meu Bento Coelho pediu uma folha de papel pardo para coar o vinho, dizendo que estava toldado. O vinho era do Porto, tinto e não dos peores. Rírão-se, mas por fim veiu o papel pardo. Extendeu-o elle em cima d'um d'esses copos, que o uso commum destina para agua, mas que o bom cirurgião achava ainda mais proprios para vinho, que é, dizia elle, o sangue dos velhos, e poz-se a vasar o rubro conteúdo

d'uma garrafa. Se o seu intento era clarificar o sumo da uva, não pudera porcerto achar melhor coador, pois que o liquido, que cahia vermelho da garrafa, chegava ao copo branco como agua, tendo passado apenas através do papel pardo. Depois de alguns gracejos sobre o bom vinho da casa, que largava a tinta toda no papel, confessou elle o seu delito. Ao vasar o vinho misturara lhe uma solução de subacetato de chumbo.

Appareceu n'um prato um boccado de ferrugem da chaminé e a dona da casa queixou-se de que a tinha muito suja e sem poder achar quem lh'a limpasse. Offereceu-se logo o homem para fazer este serviço no sabbado seguinte; instado porém para que o fizesse logo, declarou-se prompto para isso, comtanto que lhe emprestassem um creado, que fôsse buscar-lhe o que elle mandasse. Assim se fez, e terminada a ceia, foi toda a companhia em procissão para a cozinha, vêr limpar a chaminé. Tomou elle os seus ingredientes, de que não fez mysterio, declarando logo que erão tres partes de nitro pulverisado, duas de carbonato de potassa sêcco, e uma de flôr de enxofre, e bem triturado tudo n'um almofariz, lançou este misto (a quantidade era pequena) n'uma colhér de ferro, que pôz ao fogo. Vimos logo aquella substancia principiar a derreter-se, e d'ahi a pouco, ouvindo uma terrivel explosão, deitamos

todos a fugir, pensando que a casa fôra pelos ares. Voltado o accôrdo, tratou cada um de apalpar-se a si mesmo, a vêr se lhe faltava algum membro, e depois de olhar para as paredes e tecto a vêr se estavão ainda direitos, o que com prazer verificamos, por fim encommendamos o velho a Deus, ainda que não sem algum receio de que já áquellas horas o tivesse levado o anjo das trevas, porventura auctor d'aquella catastrophe.

Afinal porém appareceu-nos elle são e salvo a assegurar-nos que estava limpa a chaminé, o que a dona da casa depois nos affirmou ter assim achado, e sem que houvesse succedido a minima avaria, sem embargo do que pediu ao velho, que d'aquellas experiencias ruidosas, lh'as não repetisse mais, que não pagava ella com seis vintens o susto, que rapara.

Com a pedra no sapato por causa d'este acontecimento, não foi sem alguma inquietação que no sabbado seguinte vimos o nosso Benedictus Cuniculus armar no meio da sala uma lampada, cuja luz alimentada por espirito ardia muito abaixo das bordas altas do vaso, assentar-lhe em cima uma especie de taça de metal, e lançar dentro d'esta espirito de vinho e algum sal commum; mas como elle nos empenhasse a sua palavra de honra de que nenhum perigo de explosão havia, deixamol-o ir por

deante. Esquentado o espirito dentro da taça, pegou fogo, e principiou a arder, apagárão-se todas as outras luzes, e só ficou aquella chamma amarella, que ainda mais amarella se tornou, lançando-lhe um pouco mais de sal.

Olhámos uns para os outros, e vimo'-nos todos amarellos. Havia algumas senhoras alli, vestidas de côres bem garridas — o mais brilhante escarlate, o azul mais claro, o mais vivo verde tudo se tornara amarello. Que se olhasse para aqui, que se olhasse para alli, era o mesmo, por toda a parte uma só côr, amarello e sempre amarello. Era uma assembléa d'espectros.

Então levou o velho a sua lampada funebre para um canto da sala, e no canto opposto accendeu duas velas como as de que usa todo o fiel christão. Foi talvez ainda mais maravilhoso o effeito; um lado do vestuario de cada pessoa reassumiu a sua côr original, o outro continuou a ficar amarello; n'uma face via-se o rosado da mocidade e da saude (bem entendido, onde havia uma e outra cousa) e na outra o amarello da ictericia.

Os phenomenos, com que nos entretinha o grande magico, sorprehendião-nos sim muitas vezes á primeira vista, mas ao menos obtinhamos sempre uma tal ou qual explicação: entre os espectadores porém observei um, a que ninguem me deu, nem eu soube

achar jámais a razão d'existencia. Vem a ser a attenção, que as môças prestavão invariavelmente, posto que algumas o disfarçassem, sempre que o velho ensinava alguma receita para preparar essas tintas secretas, que exigem uma applicação qualquer, para se poder lêr, o que com ellas se escreveu. D'entre o chorrilho d'estas receitas tomei tambem por mera e innocente curiosidade nota d'algumas, que vou agora apanhar do fundo do cesto, em que cahírão.

Escrevendo-se com uma solução de sulfato de ferro, só se torna visivel a escripta, passando-lhe por cima uma penna ou esponja molhada em solução de galha.

Quem escrever com uma solução de assucar de chumbo, e lhe passar por cima uma esponja ou pincel molhado em agua impregnada de hydrogeneo sulfurado, verá apparecerem-lhe as lettras com brilho metallico.

Se escrevermos com uma solução fraca de sulfato de cobre, e lhe applicarmos ammonia, assumirão as lettras uma bella côr azul, que desapparece fazendo evaporar-se a ammonia, com expol-a ao fogo ou ao sol, mas que se restaura pelo mesmo processo.

A escripta com oleo de vitriolo mui diluido, para não cortar o papel, é invisivel, excepto chegando-a ao calor do fogo, que a torna preta.

As lettras traçadas com cobalto dissolvido em acido muriatico diluido, são tambem invisiveis, quando frias, mas aquecidas tórnão-se d'um verde azulado.

O oxydo do mesmo cobalto dissolvido em acido acetico, ajuntando-se-lhe um pouco de nitro, produz uma solução, com que se pode escrever, sem que a lettra seja visivel, senão exposta ao calor do fogo, que a torna d'uma pallida côr de rosa.

Dissolvendo em agua partes eguaes de sulfato de cobre e muriato de ammonia, e escrevendo com esta solução, obtem-se uma côr amarella, chegando ao calor do fogo a escripta aliás invisivel.

Dissolva-se nitrato de bismuto em agua, e os caracteres traçados com esta solução serão invisiveis quando sêccos, mas legiveis mergulhados em agua.

Se em logar d'este nitrato, se dissolver, tambem em agua, muriato de cobalto, tornar-se-ha a escripta aquecida d'um verde brilhante, mas tem o defeito de ser mais ou menos visivel mesmo fria.

Mas se se dissolverem egualmente em agua alguns grãos de prussiates de potassa, obter-se-ha um liquido, com que se escreve de modo que sêccas ninguem percebe as lettras. Humedecendo-se porém o papel com uma solução de ferro diluida, para preparar a qual basta dissolver um prego n'uma pouca d'agua forte, apparecem ellas azues.

Uma vez contou-nos o velho cirurgião a historia seguinte:

Achando-se mui escassos os ovos, quiz uma velha, que tinha algumas gallinhas muito boas poedeiras, obsequiar os seus vizinhos, e mandou a filha com um cesto d'elles a tres d'estes. Na primeira casa deixou a rapariga metade do numero, que levava, e mais meio ôvo; na segunda outra vez metade do numero e mais meio ôvo; na terceira exactamente o mesmo, e voltou com um ôvo, não tendo quebrado nenhum.

Com quantos ovos tinha sahido? Depois de nos ter deixado quebrar a cabeça por um espaço razoavel em procura do numero, que ninguem achava, disse elle mesmo que erão 15, ouvido o que, clamárão todos que a adivinhação era tão facil, que não tinha graça.

Tambem de vez em quando se entretinha o Sr. Benedictus Cuniculus ab Amaritudine Horridus a deitar cartas e tirar com ellas o horoscopo sobre tudo ás môças. Uma noite, toda a minha vida me ha de lembrar, vaticinou elle a uma das filhas da casa, que havia de casar com o primeiro, que n'aquelle anno lhe offerecesse um cravo. Ora, é aqui logar de dizer, que a tal menina, que tinha nome Adelaide, e que por sobrenome não perca, houvera da natureza dois olhos grandes, pretos e

brilhantes como carbunculos, travessos e buliçosos como diabinhos vivos. E, estou quasi arrependido de me ter deixado arrastar tão longe, mas já agora não vejo modo de retirar-me airosamente, e cumpre confessar a minha fraqueza: eu não podia encarar aquelles olhos sem sentir cá por dentro mexer-se o que quer que era, que eu não sabia explicar. Nem me lembro já bem se erão arrepios, se erão calores, ha tanto tempo que isso lá vae! São sensações, que se experimentão aos 18 annos, recordão-se aos 25, esquecem-se passados os 30. O que me lembra é que além dos olhos pretos, tinha a dona tambem uns labios vermelhos, humidos e ligeiramente intumescidos, taes, que — Santo Antonio me perdôe, mas parece-me que se elle os vira — talvez lhe pesasse a santidade.

Fui para casa, e todo o resto da noite levei a idear modos de obter um cravo primeiro que ninguem, pois que a estação d'elles não era chegada ainda. O destino, que devia ter o tal cravo, excuso dizel-o á perspicacia do leitor, que sabe combinar os antecedentes com os consequentes. Feliz edade essa, em que cuidados taes nos tirão o somno!

Na tarde do dia seguinte fui passear com um companheiro e amigo, sobrinho muito direito d'um dos maiores poetas que teve Portugal, e quiz o acaso que n'uma rua da cidade baixa vissemos...

mas são precisas algumas noções topographicas. Um portão largo dava para um vasto pateo quadrilateral. Dois lados eram formados pelo edificio, que servia de residencia aos moradores, outro pelo muro, que fazia face para a rua, e o quarto finalmente por um paredão, que teria a altura de dois andares, e parecia sustentar a terra mais elevada d'um jardim, pelo menos vião-se-lhe na crista alguns vasos com flôres, e entre ellas — um magnifico cravo escarlate, do tamanho — d'um repolho não seria, mas d'uma dahlia era seguramente.

Olhei para o cravo como raposa para as uvas, e segui avante; mas todo o caminho fui combinando com o meu companheiro os meios e modos de haver á unha aquella soberba flôr, soberba pela sua qualidade, soberba pelo temporã que vinha, soberba muito principalmente pela sorte, que eu já na mente lhe preparava. Eis aqui a traça, que derão os nossos juvenís engenhos, e que já n'este parto commum de seus esforços conjuntos bem deixavão perceber o que havião de vir a ser um dia.

Fomos direitinhos a Santo Antonio dos Olivaes, onde tinhamos visto n'um quintal uma cêrca de cannas, e *furtamos* quatro das mais compridas. (Não se escandalisem os pios leitores com este peccadinho, pois saibão que logo na primeira quaresma d'elle nos confessámos e fomos absolvidos ambos).

D'estas quatro cannas fizemos duas, amarrando-as duas a duas, seguramos na ponta d'uma uma vela, e um canivete meio aberto, e na da outra abrimos uma racha, em que entalar o pé da flôr. Assim esquipados, abalámos ambos de casa ás dez horas da noite, para pilharmos ainda aberta a porta do pateo, e chegados ao theatro da acção accendemos a vela, e erguemos as cannas. Já com o auxilio da nossa luz aerea tinhamos descoberto o cravo, e não faltava senão segural o com a forquilha d'uma canna, antes de cortal-o com o canivete, de que estava armada a outra, quando sentimos escancarar rapidamente uma janella de sacada.

Como o soldado, que quando avança em sentido opposto ao inimigo, arroja de si as armas para correr mais veloz, assim largámos nós as cannas, e mettendo pernas, tratámos de enfiar pela porta do pateo fora um pouco mais apressados do que por ella dentro haviamos entrado. Ainda porém não tinhamos alcançado o bemaventurado portão, quando vimos um clarão, e logo após ouvimos um estrondo temivel e um sibilar assaz dissonante como de quartos de ameixas. «Carrega outra vez,» bradei eu ao brutal defensor do *meu* cravo; mas os calcanhares, desmentindo a bôcca, procuravão não dar ao sujeito, quem quer que fôsse, o tempo necessario para a operação. E ainda mesmo quando transpostos

os umbraes da porta, nos achavamos por traz do muro perfeitamente ao abrigo de qualquer repetição da gracinha do homem do tiro, ainda assim não afrouxámos na carreira, senão depois de dobradas duas ruas.

No dia seguinte, ao cahir da tarde, ainda lá estava o cravo balouçando-se na sua delgada haste, como a fazer-me negaças do alto do seu inexpugnavel bastião; mas, bem pesado tudo, pareceu me mais acertado deixal-o onde estava, nem tentar novo assalto. E transferindo para outra parte o meu campo de operações, galguei n'essa noite os muros do Jardim Botanico, onde tambem havia guardas e escopetas, com a pequena differença porém de que vigiavam o alheio, em quanto que o homem do cravo olhava pelo que era seu; e fiz uma magnifica colheita de ranunculos vermelhos, amarellos, rajados e de ôlho verde, tulipas, magnolias, etc., etc., de que tudo formei um soberbo ramalhete, pedindo á dona dos olhos luminosos e labios nacarados, que pela intenção do cravo, de que falava o velho magico, o acceitasse.

Parece porém que a virtude estava só no cravo, pois que a prophecia não se realisou, sendo tambem de crêr que em todo o anno ninguem lhe offerecesse a encantada flôr, por quanto ainda hoje é solteira a Sr.ª D. Adelaide.

E as carruagens? As carruagens, tanto papagueei sobre outras cousas, que não me resta logar para ellas. Fui buscar o exordio de muito longe, é o que se segue d'ahi, mas tem isso succedido tambem a eximios prégadores. Além d'isto encontra-se no decurso d'este artigo alguma meia duzia de vezes a palavra carruagens, o que é mais do que certas obras, que eu conheço, podem invocar em justificação do seu titulo. Mas eu, que sempre fui inimigo de tricas, confesso o meu peccado, reconhecendo que caloteei os leitores. [1]

[1] E o editor caloteou-me a mim, não publicando este artigo no 1.º d'abril.

A MULHER [1]

A mulher é a casa.
Digest of Hindu law.

A mulher! É pois da mulher que queres escrever? Mas tu, que a tanto te arrojas, sabes ao menos o que é a mulher? Ignoras, que uma d'ellas mesmas [2] confessou, que «a mulher é o ente mais indefinivel do mundo?»

A querermos dar crédito ao que d'ellas têem dicto os differentes escrevinhadores, é a mulher a cousa melhor e a peor d'esta terra; é um anjo e um demonio; o dia e a noite; a paz e a guerra; o amor e o odio; a belleza e a fealdade; uma graça e uma

[1] *Revista Popular* (1858).

[2] Mm. de Lambert.

furia; um paraiso e um inferno; o ser mais temerario e o mais timido; a transição entre o anjo e o homem, e entre este e o macaco; é o *alpha* e o *omega*, o principio e o fim.

Ora é a mulher a obra prima da creação, a mais perfeita das creaturas, a melhor metade do genero humano, a poesia de Deus, de que o homem é a prosa; ora é um mal necessario, o maior dos males *(Juvenal)*, um bello defeito da natureza *(Milton)*, a fonte de todo o mal *(Socrates)*, uma obra escapada das mãos do Creador, quando na sua composição não tinha entrado ainda, senão ar e fogo *(Thomas)*.

De tudo isto, que concluir? Que a mulher é o que é o homem, nem mais, nem menos, nem melhor, nem peor. Tem seus defeitos, que lhe são proprios, assim como o homem os tem, pois que a perfeição é incompativel com a nossa natureza. Comtudo, muitas vezes lhe imputamos como defeitos as qualidades, que não temos, e que são antes bellezas, pois que são proprias do seu sexo, e harmonisão com toda a sua organisação.

Fórmão o homem e a mulher as duas metades do genero humano: cada uma tem o seu fim particular, a sua missão especial, forçoso é que tenha tambem seus attributos distinctos, suas virtudes privativas. O homem e a mulher devem formar a

mais estreita união, devem mutuamente completar-se, para isso deverião seus caracteres, seus genios, ser perfeitamente eguaes? Duas superficies lizas e polidas, não adherem uma á outra, sem o auxilio d'algum ingrediente extranho, que as prenda. Para que a união moral entre o homem e a mulher possa ser intima e duradoura, é preciso que no caracter de um, como no do outro, haja angulos salientes e reentrantes, que reciprocamente se ajustem e correspondão, como um marceneiro liga dois pedaços de madeira sem o emprêgo da colla.

Se a mulher tem pois qualidades differentes das nossas, não vejamos n'ellas outros tantos defeitos do seu sexo, mas admiremos antes essa differença como obra da sabedoria do Creador, como um meio, que prende com os fins da creação, como uma indicação manifesta, de que Deus formou o macho e a femea, para serem um só todo, assignando a cada um a sua parte e o seu quinhão nos trabalhos d'esta existencia terraquea. Ao homem assignou o labutar da vida, para isso o creou forte, audaz, emprehendedor, *nihil non arrogans armis*; á mulher, reservou o santuario domestico, os brandos cuidados da familia, por isso a formou meiga, timida, compassiva, amante. São estes os fins, a que ambos devem tender, auxiliando-se mutuamente; quem d'elles se desviar, aberrará da sua propria

natureza, nem a mulher varonil é menos um monstro, do que é um abôrto o homem effeminado. Nunca se esqueça isto na educação dos dois sexos: abaixo voltaremos a este assumpto.

Tem pois a mulher, nem podia deixar de têl-a, a sua natureza especial.

O desejo de agradar é innato no coração mulheril, e não foi sem designio, que n'elle o plantou o Creador. A missão da mulher é embellezar a vida; mas como o conseguirá, se não agradar? Bem o conhece ella, e n'isso emprega todos os seus desvelos. Agradar é não só o direito, mas tambem o dever da mulher. Comtudo, esta qualidade, este preceito talvez da natureza, se assim o quizerem chamar, quão facilmente não degenera em vaidade! Realmente, a mulher parece mais, do que o homem, propensa aos extremos, e mais do que elle, difficil de conter-se nos termos razoaveis. O homem não é capaz de egualal-a em amor e dedicação, mas tambem não sabe levar tão longe o odio implacavel e o requinte da vingança.

Assim, arrasta o desejo de agradar facilmente a mulher a uma paixão pelo luxo, pelos adornos e enfeites, que tantas vezes lhe tem servido de escolho á virtude. Não temos visto melheres, depois de haverem dado as mais brilhantes provas d'um sublime heroismo, da mais dedicada generosidade,

cederem porfim ao vão prazer d'um baile, d'uma galá, d'uma festa? Quando Isaias ameaça as filhas de Jerusalem, pinta-lhes elle imminente a perda dos paes, dos esposos, dos filhos? Não, descreve-lhes em perigo os brincos, os collares, as pulseiras. Que foi que tornou tão irresistivel para a nossa mãe Eva o pomo prohibido? O ser bello á vista, e agradavel ao aspecto, *pulchrum oculis, aspectuque delectabile.*

Mas não foi só esta especie de vaidade a origem do peccado, foi tambem a que lhe infunde demasiada presumpção nas proprias fôrças, e que a faz amar o perigo, descuidada de que quem o busca perecerá n'elle. Milton o pintou admiravelmente, descrevendo a queda dos nossos primeiros paes. Eva não quer que Adão a acompanhe, quer ella ir sósinha cultivar as suas flôres no logar, que para isso reservava, e ás prudentes admoestações do esposo, que lhe pondera o risco da solidão, e a astucia do inimigo, que a ambos ameaça, responde:

But that thou should'st my firmnes therefore doubt
. . . . I expected not to hear.

E ahi vae essa formosa creatura, julgando-se invencivel na sua propria fraqueza, expôr-se na solidão á tentação d'um seductor, que com uma unica palavra devia subjugal-a.

Além da vaidade, o *defeito*, que mais commummente se imputa á mulher, é o da curiosidade. Para ella não ha cousa indifferente, tudo a interessa em quanto é desconhecido, e, segundo o abbade de Bernis, o fim, que ella se propõe, é saber o bem, que d'ella se diz, e o mal, que dos outros se fala. Parece extranho, que uma creatura, que tanto gosta de envolver-se no mysterio, e a quem o pudor, a natureza e a inclinação fazem um dever de resguardar muita cousa dentro em si, não possa tolerar que fora d'ella haja nada mysterioso, nada, que lhe não seja dado devassar. Deriva isto comtudo da propria organisação feminina.

O espirito da mulher é mais feito para observar, do que para meditar. É por isso que ella tem um golpe de vista tão certeiro, e percebe n'um relance de olhos, o que pode mil vezes apresentar-se ao homem, e outras tantas passar por elle despercebido. O seu primeiro juizo é quasi sempre seguro. Mas como o espirito de observação nas mulheres se não pode dirigir para as abstracções da sciencia, procura pasto nas bagatelas da vida (*alheia* ás vezes). Demais a condição da mulher é de dependencia e fraqueza, e a consciencia d'este estado, não pode deixar de tornal-a attenta ás cousas mais insignificantes, que a rodeião. Como tudo pode offendel-a, de tudo a ensina a natural prudencia a

precaver-se, mas para isso é preciso que ella de tudo tenha conhecimento, de tudo saiba.

Tal é sem duvida a origem do sentimento da curiosidade, fundado e racional como tudo quanto deriva da natureza; mas que elle pode degenerar, e com effeito infelizmente degenera muitas vezes, engendrando os mexericos, as intrigas, e maledicencia, impossivel é disfarçal-o.

Nos sentimentos, que constituem para assim dizer o fundo das mulheres, todas ellas se parecem mais ou menos, e em geral pode dizer-se, que de mulher a mulher ha menor differença do que de homem a homem. É que talvez ellas se não tenhão ainda afastado tanto do estado natural como os homens, pelo que as chamão tambem *creanças crescidas*. Isto porém só pode valer quanto ao moral, pois que quanto ao physico, ahi quasi que desapparece a natureza por detraz da arte.

Mas é á luz do amor, que devemos considerar a mulher: este sentimento, que não passa d'um episodio na vida do homem, resume a existencia d'ella, como disse elegantemente lord Byron. Quer a olhemos como filha, como amante, como esposa, como mãe, ou como christã é ella egualmente grande sob qualquer d'estes aspectos. Não existe ella, senão para servir de confôrto ao desgraçado, não vive, senão para nos acalmar as penas, não respira, senão

amor, tal é a unica lei, que lhe foi imposta, tal é o seu unico destino.

«Companheira do homem e sua egual, vivendo por elle e para elle; associada á sua felicidade, aos seus prazeres, ao poder, que este exerce no mundo: tal era a sorte da primeira mulher, tal foi o logar, que o Creador lhe assignou ao lado de seu esposo, taes as relações, que estabelecérão entre os dois sexos. Estas relações constituírão dois entes n'um só, não deixárão subsistir dois pensamentos, senão para que a vontade fôsse uma, ou ás vezes dupla, para que entre ambos pudesse haver sacrificio, mútua condescendencia, d'onde nascesse essa felicidade inexprimivel, que os homens não sabem pintar porque só Deus a pôde conceber » [1]

Para a mulher toda a ventura se cifra em amar e ser amada. Tirae-lhe o amor, e ter-lhe-heis quebrado todo o encanto, tudo em tôrno d'ella cahirá nas trevas e na tristeza, a belleza, o espirito, as graças, a mocidade, perderão toda a sua significação. Amar é para ella uma necessidade: os paes, o marido, os filhos, os irmãos, os desgraçados, Deus, não importa a quem, com tanto que ame. Tão forte é esta necessidade, que quando a mulher perde todas as affeições do sangue ou da paixão, põe-se a amar os

[1] De Segur.

infelizes, e n'elles o seu creador, ou sómente este, esquecida das creaturas, faz-se irmã da caridade, ou simples beata. E quando a mulher chega a amar, ama com todas as potencias da sua alma o ente, em que concentra o seu amor, vela quando elle soffre, o corpo não conhece a fadiga, nem o espirito o tedio; alegra-se com as suas alegrias, entristece-se com as suas tristezas, não sabe o que sejão gosos ou penas proprias.

Mas, se o amor é para a mulher cousa deliciosa, é tambem cousa bem terrivel: sobre este unico lanço joga ella toda a sua felicidade, todo o seu ser. Ás vezes o dado lhe é adverso, então vendo anniquilada toda a sua existencia, perdidas todas as suas esperanças, mallogrado todo o fim do seu viver na terra, será de extranhar, que a sua vingança seja como a do tigre, prompta, mortal, inexoravel? Comtudo, mesmo no delirio da sua paixão satisfeita, lhe sangra o coração, e ella sente pelo menos metade da dôr do golpe, que vibra.

Na dedicação está o homem bem longe de emparelhar com a mulher. Extremosa em tudo, não faz ella um sacrificio a meio, entrega-se toda e sem reserva, nenhuma consideração a detem, nenhum obstaculo a demora. Por isso disse um pensador, que em amor o homem se empresta e a mulher dá-se.

A historia está cheia de actos de heroica dedicação da mulher, como filha, como esposa, como mãe, e até como irmã. A difficuldade não está em achal-os, está na escolha. Ora a veremos abrir os thesouros do seu seio, para alimentar o pae desfallecido, e deixal-o tragar a longos sorvos a vida, na mesma fonte, onde a bebera infante; ora, vencendo a timidez e o horror á morte, dobradamente fortes no seu sexo, pousar a loura cabeça no cadafalso, para salvar a fronte encanecida do auctor de seus dias. Como esposa a veremos abandonar tudo, paes, parentes, patria, casa, riquezas, commodos da vida, para seguir o esposo pobre e desprovido á terra do exilio, acorrentado, acompanhal-o ao presidio e ás galés, ou compartir com elle a noite d'uma masmorra; vêl-a-hemos por elle arriscar a vida, e derramar o seu sangue, e isto depois de ter d'elle recebido só injurias, affrontas, ingratidões e vilipendios.

Mas é sobretudo como mãe, que a mulher se eleva á sublimidade da dedicação e da virtude:

La mère est ici-bas le seul d eu sans athée.

Tudo se calumnia, tudo se ataca, de tudo se renega, o proprio Creador do céo e do universo tem sido alvo dos tiros envenenados d'este vil bicho da

terra, que Elle para anniquilar bastava-Lhe deixal-o entregue a si mesmo; mas no seu caracter sagrado da maternidade ninguem ultraja a mulher. Os Francezes, que explorão em todos os sentidos o campo da litteratura, têem-se divertido a fazer collecções do mal e do bem, que poetas e prosadores têem dicto das mulheres. Pois bem, nem esses, e os Francezes são engenhosos e mordazes, achárão nada que dizer contra a mulher como mãe.

Sara, a quem Abrahão communica, que vae sacrificar o filho, pinta nas palavras: «Deus não teria exigido d'uma mãe semelhante sacrificio», toda a alma da mulher. É ella, que se arremeça através das chammas d'um incendio, para arrancar o filho no berço ao furor do elemento devorador. É ella, que pallida, desgrenhada, abraça com transporte o cadaver do fructo das suas entranhas, que lhe expirou nos braços, colla a bôcca sobre seus labios gelados, procurando acalentar-lhe com lagrimas de fogo e desesperação as cinzas insensiveis.

A qualidade de mãe até ás proprias feras infunde respeito. Não me occorre agora em que cidade da Italia um leão domestico, recuperando a natural ferocidade, e soltando-se, divagava pelas ruas e praças, gelando de terror, só com o aspecto, quantos o vião. Encontrando uma creança deitada, pelas vestes a tomou nos dentes, e rolando olhos ensan-

guentados, já com estes devorava a facil prêsa. Ninguem tinha, senão lagrimas para a innocente creatura; mas a mãe, sem temer a bravura do rei do deserto, arremeça-se sobre elle, arranca-lhe o filho quasi que dentre as fauces, e apertando o nos braços, foge. O leão, pasmo de tanta audacia, e como reconhecendo n'ella a superioridade da especie, não só se deixa arrebatar a prêsa, mas até curvando de novo a cerviz ao jugo da escravidão, consente que o amarrem, e já manso como um cordeiro, vae seguindo o conductor.

A mulher é a casa, declara a lei do Indostão, que tomei por epigraphe; eduquem-n'a pois n'esse sentido. Ninguem ignora o poder, que a educação exerce sobre os destinos da humanidade; se a boa nem sempre pode domar uma natureza rebelde e indocil, é quasi certo que a má perverterá o melhor caracter. Cultive-se pois desde tenra uma planta, que tão grande influencia deve mais tarde exercer no governo do mundo.

Para estabelecer maior intimidade e maior harmonia de relações entre as duas metades da humanidade, deu o Creador á mais forte a apparencia do mando, e á mais fraca o dominio real, dominio, que ella exerce em virtude d'essa mesma fraqueza, que, respeitada pela generosidade, constitue a sua fôrça. Se examinarmos attentamente os successos

do mundo, tanto os grandes como os pequenos, encontraremos no fundo de todos, quando não para determinal-os inteiramente, ao menos para dirigil-os mais ou menos, n'este ou n'aquelle sentido — uma saia.

A mulher vê-se excluida do governo, mas do fundo do seu toucador dirige ella os ministros, faz-se obedecer dos representantes da nação, nomeia e escolhe os mais altos funccionarios. Não comparece pessoalmente nos exercitos, mas commanda os generaes, retarda ou precipita um movimento, e decide da sorte da guerra. Não empunha a vara do juiz, mas não lhe faltão caminhos seguros, por onde penetrar no santuario da justiça, e dictar as sentenças. O financeiro duro e avaro, só attento ao brilho do ouro, vae depôr a sua fortuna aos pés da mulher que se digna despojal-o. Ella não tem emprego algum official na administração do Estado, mas exerce-os todos; o sacerdocio lhe é vedado mas os ministros d'este não estão exemptos do seu dominio; ella distribue as fitas e as honras; nenhum negocio lhe incumbe, e ella em todos intervem. E todo este poder, ella o exerce sómente porque lhe não pertence. Dêem-lh'o de direito, e ella o abdicará e virá depôl-o nas mãos de quem só deveria exercel-o, pois para elle foi creado. É por isso que alguem disse, que antes queria vêr no throno uma mulher,

do que um homem, pois que quando aquella cinge a corôa, são sempre os homens, que governão, quando este se assenta no solio, tudo dirige a saia.

Se tal é a influencia da mulher, já se vê quanto cuidado é mistér pôr na sua educação. Sim, educae, paes, educae as vossas filhas, mas — a mulher é a casa — não o esqueçaes nunca. A educação, que aproveita a um sexo, pode ser perniciosa ao outro. O rapaz tem de ser homem, cumpre não abater-lhe os brios, não lhe esfriar a coragem, sobretudo não suffocar n'elle o sentimento nem a consciencia da liberdade; guial-o sim, mas de modo que elle nem sinta a rédea. Sobretudo convem acostumal-o a privar-se antes do que não pode fazer com as proprias fôrças, ou procurar-se por si mesmo, do que devel-o a obsequio extranho. Mas a menina tem de ser mulher, isto é, de viver sempre dependente e sujeita, acostumae-a pois bem cedo á dependencia e á sujeição. A mulher bem pouco pode conseguir por si mesma: em tudo carece do auxilio e do apoio do homem, ensinae-a pois a obter esse auxilio e esse apoio pelo meio mais efficaz e seguro — tornando-se digna d'elles.

O homem pode, forte na sua consciencia e no proprio valor, desprezar as apparencias, e dizendo a si mesmo: *Que importão vozes?* marchar avante direito e seguro pela senda, que o dever-lhe marca.

Mas á mulher não basta cumprir os seus deveres, não basta ser virtuosa, é preciso que o mundo, e sobretudo aquelles, de quem ella depende, a reconheção como tal. Dobrada dependencia, dobrada sujeição. Forçoso é pois, que ella attenta e desvelada vigie sem cessar a propria conducta, meça todos os seus passos, pese todos os seus actos. A sua condição até da apparencia lhe faz um dever, impondo-lhe a reserva e o commedimento como uma virtude do seu sexo. Acostumae pois vossas filhas a verem-se incessantemente vigiadas, afim de que ellas contraião o habito de não proceder, senão como quem sabe, que tem os olhos de um juiz severo sempre sobre si fixados.

Platão na sua Republica faz compartir aos dois sexos os mesmos exercicios, a mesma educação. Mas é que Platão havia supprimido a familia, substituindo-lhe o estado, e via-se embaraçado, quanto ao destino, que havia de dar á mulher; nós porém, que temos uma missão especial, que assignar-lhe, uma missão tão nobre e sublime, pelo menos como a que para nós reservamos, eduquemol-a de antemão para essa missão.

Temos uma missão, que assignar-lhe, disse eu? Não, enganei-me, quem lh'a prescreve é a propria natureza, e por isso na educação basta seguir o que esta nos ensina, o que ella propria nos está mos-

trando. Não presumamos sobretudo corrigir a natureza, procurando extirpar na mulher as qualidades, que não observamos no homem. Como acima disse, o que em nós seria defeito, pode n'ella ser virtude, mas as virtudes tambem degenerão, e é a evitar isto, que deve reduzir-se o nosso cuidado. Quanto mais a mulher se assemelhar ao homem, menos attractivos encontrará este n'ella.

Mas qual será o movel, de que nos serviremos, para determinar as acções da menina, e dirigil-as no sentido, que queremos? A propria natureza nol-o indica. A queda principal das pequenas é para a tafularia, é este o principal cuidado, que as preoccupa; apenas nascidas, já se mostrão sensiveis aos adornos e aos enfeites. Chamal-as bonitas, é o maior carinho, que se lhes pode fazer. Vê-se pois, que a providente natureza já plantou no coração feminino o cuidado da opinião, que os outros formarão a preoccupação, do *que se dirá?* Isto parece bem, ou isto parece mal, é pois o mais das vezes razão sufficiente para persuadir uma menina a fazer o que queremos.

A mulher nem precisa, nem deve ter a robustez do varão, e a delicadeza é propria do seu sexo; mas a extrema molleza é fatal a ella e ao homem, que d'ella tem de nascer. Não encerrem pois as meninas em estreitos quartos, não as criem como

plantas de estufa; deixem-nas brincar, correr, salta ao ar livre, e entregar-se aos folguedos, que a edade lhes pede, não tanto como um rapaz, mas tambem nem tão pouco como uma figura de cêra, que se tem debaixo d'uma redoma.

Não se faça pesar um jugo de ferro sobre a creança, não a atormentem com inuteis e superfluos preceitos, não a fação victima de caprichos de modo que ella nem saiba o que ha de fazer, nem quando deve fazel-o; não lhe tirem a alegria, não lhe vedem o riso e os divertimentos, mas acostumem-na a trocar frequentemente os brincos pelo trabalho, no maior ardor da folgança, e sem murmurar ir occupar-se das obrigações impostas. Assim ella se criará docil, e a docilidade é um thesouro de inestimavel valia, para quem toda a vida tem de viver sujeito.

Ha prescripções, que por vulgares não são menos ridiculas. Costuma-se prohibir ás creanças, que peção nada á mesa, como se Deus não lhes houvesse dado a fala, para manifestarem os seus desejos e necessidades. Todo o mal está na insistencia e na inopportunidade da occasião, mas para isso prohibão-lhes, que jámais peção segunda vez o que á primeira se lhes negou, e insinem-nas a esperar quando se lhes diz, que o fação, que mais valerá isso, do que tapar-lhes a bôcca.

Agradar é um dever para a mulher; deixem poi

que a pequena preste algum cuidado ao seu vestuario e aos seus adornos, mas guiem-na n'esses cuidados, ensinem-lhe a simplicidade e o bom gôsto, se é que este se pode ensinar; pelo menos esclarecel-o, dar-lhe certos principios, é sempre possivel. Hoje a cada passo encontramos por ahi volumes enormes, a que se dá o nome de mulher, e comtudo o que merece realmente esta designação, é como um accessorio perdido n'uma amplidão de fazendas.

Os Chins fabricão umas bolas de marfim de tamanho regular, dentro das quaes se conteem muitas outras, cada vez mais pequenas, até chegar a uma quasi imperceptivel, que serve ainda de estojo a uma maravilhosa estatuazinha de marfim, representando uma mulher microscopica, mas perfeitissima. È um jôgo, que não demanda pouca paciencia, abrir successivamente todas estas caixinhas, até chegar á ultima e descobrir a tal mulherzinha, que mal se vê, e que serve de pretexto ou razão do jôgo em questão. Dizem que ao inventor d'este jôgo occorreu a idéa do mesmo, assistindo por acaso ao despir d'uma Europêa.

Não gabem pois uma menina, quando virem, que ella querendo fazer-se mais bella do que de ordinario, pôz em cima de si quanto trapo encontrou. Elogiem-na tanto mais, quanto mais simples ella

se mostrar; ensinem-lhe que os enfeites são na mulher uma confissão tacita, de que as suas graças naturaes não bástão para agradar, e os louvores que ella ouvir dar aos seus adornos, em logar de lhe alimentarem a soberba, servir-lhe-hão de humilhação.

Se a mulher é destinada á casa, é preciso que desde a infancia se acostume a sentir as delicias da familia. O gôsto pela vida domestica não o póde ella adquirir, senão na casa paterna, a educação n'um collegio só em caso de extrema necessidade pode convir. Não se deixem os paes illudir pelo que vulgarmente por ahi chamão uma *educação brilhante;* infinitamente mais do que isso vale uma educação solida e moral, baseada sobre os principios da religião, da razão e da virtude.

O primeiro e o mais natural ensino para a menina, e o que ella com gôsto e vontade, e quasi de per si apprende, é a costura. O brinquedo da sua predilecção é, e será sempre a boneca; mas bem depressa principia ella a querer vestil-a e atavial-a a seu modo, e de mil differentes maneiras, e como nem sempre acha quem se preste a realisar-lhe as phantasias, procura ella propria executal-as, e manejar a agulha é para ella o melhor entretenimento. Não tarda porém que ella se constitua sua propria boneca, e transfira d'esta para a sua pessoa os cui-

dados do embellezamento. Assim apprende ella brincando a coser, a bordar, a fazer renda, porque tudo isso tem uma applicação immediata, que vivamente a interessa.

Ensinae, mães, ensinae a vossas filhas todos os trabalhos de mão proprios do seu sexo; ensinae-as a cortar, a fazer os seus proprios vestidos; ensinae-as a governar uma casa, a tomar sobre si todo o pêso da administração interna; ensinae-as até a engommar e a cozinhar, embora não tenhão de o praticar, do que aliás nenhuma está segura: ninguem sabe mandar bem n'aquillo, que ignora como se faz, e uma boa dona de casa em nenhum dos mestéres da mesma deve ser hospeda. Ensinae-lhes tambem artes agradaveis: ensinae-lhes o desenho, que lhes aperfeiçoará o gôsto, que as instruirá no segredo da elegancia dos contornos, e que lhes fornecerá riscos, para os seus bordados; ensinae-lhes a musica, a dansa, o canto, talentos sempre recreativos, e ás vezes uteis. Podem elles, prendendo o marido á casa, offerecer-lhe n'ella o encanto, que elle aliás iria buscar fora, talvez com risco do bem-estar e da paz da familia. Não privemos a mulher de todos os prazeres, para a não tornarmos rabujenta, ralhadora, insupportavel na vida domestica. Á fôrça de a impedir de ser amavel, tornamos o marido indifferente.

E a instrucção? Pouco basta. Quererá isto dizer, que deixemos a mulher inteiramente na ignorancia, limitando-a aos cuidados domesticos? Não, ella é a companheira, não a creada do homem; o Creador deu-lhe como a este uma razão: cumpre pois cultival-a. Ella tem as mesmas faculdades, que nós, apprenda pois a fazer uso d'ellas todas, apprenda a pensar, a raciocinar, orne tanto o espirito como o corpo, mas só com cousas, que sejão proprias do seu sexo.

A instrucção não pode ser para a mulher, senão objecto secundario, é um veneno salutar quando administrado em dose conveniente, mas mortal, se fôr dada em excesso, porque então desvia-a da sua verdadeira missão, fal-a esquecer a casa, para que ella foi creada. Paes, instrui vossas filhas, ensinae-lhes quanto lhes pode ser util e agradavel; revelae-lhes as maravilhas do universo; dae-lhes uma idéa do globo, que habitão; referi-lhes os pontos cardiaes da historia; falae-lhes sobretudo de Deus e dos destinos da humanidade; ensinae-lhes até um boccado de philosophia, porém só de philosophia prática, que lhes inspire a resignação e o soffrimento, e, mostrando-lhes as cousas segundo o seu justo valor as não deixe ser victimas de males imaginarios, de illusões e phantasias. Mas quanto menos livros, melhor; tudo isso e muito mais ainda lhes podeis ensi-

nar, conversando, rindo, em ar de divertimento. Passeae com ellas, levae-as a toda a parte, onde uma mulher honesta pode ir, mostrae-lhes o mundo, e todo o objecto, que encontrardes, toda a scena, que presenciardes, vos poderá servir de thema para uma licção util, e sobretudo variada, pois que o espirito feminino não gosta de fixar-se muito tempo no mesmo assumpto. A attenção prolongada lhes é penosa; o trabalho aturado é incompativel com a sua organisação; não, as mulheres não nascérão para sábias, as vigilias, os esforços de intelligencia, que demanda um estudo sério, são fataes aos encantos de tão mimosa creatura: fánão-lhe a belleza e mátão-lhe a vivacidade de espirito, que torna deliciosa a sua companhia.

Nem tão pouco as conserveis na profunda ignorancia de quanto se vos antolha, que pode mancharlhes a pureza e pôr em risco a innocencia. Assim irieis entregal-as de olhos vendados nas mãos do primeiro seductor astuto. Como fugirá do mal, quem o não conhece, como evitará os laços, quem nem sequer desconfia que elles se ármão? Demais, isso que pretendeis occultar-lhes, a propria natureza se encarrega de ensinal-o, com a differença, que, ensinando-o, não lhes apresenta ella ao mesmo tempo o contraveneno de considerações moraes de toda a especie, como vós poderieis fazel-o. Vede

quão depressa essa innocente *Agnés,* que perguntava:

Si les enfants qu'on fait se faisaient par l'oreille,

apprendeu a enganar o seu tutor, ou antes, com que facilidade se ia deixando arrastar ao precipicio, sem sequer saber que se achava sobre um declivio escorregadio. E Molière copiava da propria natureza, havia feito um profundo estudo do coração do homem, e no desenho dos caracteres poucos o terão excedido.

A ignorancia é um escolho da virtude. Mostrae a vossas filhas o mundo qual elle é; não lhes desvendeis todos os mysterios, mas revelae-lhes a existencia do mal, e o modo de evital-o; ensinae-as a descobrir a vibora debaixo das flôres, a presentir o veneno, que se occulta entre palavras insidiosas, a penetrar o dolo, com que as serpentes de hoje illudem as nossas Evas. Ensinae-as a desconfiarem de si proprias, a não fazerem alarde das suas fôrças, a fugirem principalmente ao primeiro erro, que por leve que seja, não é senão o precursor de todos os outros. Não ha nenhuma, que se não julgue assás segura contra a ultima fraqueza, premuni-as contra as primeiras, em que nem todas enxérgão perigos.

Não vos dirijaes porém directamente a ellas. A

mulher deve julgar-se superior até á suspeita, e não admittir que ninguem lhe dê conselhos quanto ao modo de guardar-se; deixae-lhes essa crença, esse orgulho ás vezes salutar. O que tiverdes de dizer-lhes, dizei-o em forma de historia, pondo o caso em outra, e ellas farão a si proprias a applicação, mas em segredo. Nem as doutrinas abstractas se gravão tão bem na memoria, como illustradas por exemplos praticos. Figurae-lhes d'estes exemplos. Mostrae-lhes, sob a forma agradavel e indirecta d'um conto, como uma donzella, dotada dos mais nobres sentimentos, e dos mais rigidos principios, pode ser victima da sua propria nobreza de caracter, fiando-se em juras fementidas, porque ella mesma morreria primeiro do que quebrantal-as, se as houvesse proferido; mostrae-lhes como o primeiro desvio leva depressa á derradeira ruina, como não ha parar n'esse despinhadeiro horrivel que borda d'um e d'outro lado a estreita senda da virtude. O mal da maior parte das novellas está em pintarem os amantes como anjos, e os paes como verdugos. A donzella, que só por esta leitura conhece o mundo, será sempre propensa a confiar-se dos primeiros, e arrecear-se dos segundos.

Mas, se por um lado fazeis sentir as fataes consequencias do erro, que comsigo mesmo traz o castigo, por outro realçae as doçuras da virtude, que

comsigo mesmo traz o premio. Fazei-as amar os seus deveres, convencendo-as de que do cumprimento d'estes, depende a sua felicidade, e tereis dobrada garantia, de que ellas os não transgredirão. Ponde-lhes d'um lado um abysmo de degradação, miseria e vilipendio, e do outro um céo de gloria, em que ellas, do alto do throno da sua virtude, cujo suppedaneo é a estima e a veneração de todos, verão como que curvar-se a seus pés o universo. Gravae-lhes bem fundo no coração o amor da honestidade; não vos fieis unicamente em medidas de vigilancia e precaução, que a mais boçal d'entre ellas saberá tornar inuteis, e lembrae-vos de que

Quæ quia non liceat non facit, illa facit,

como disse Ovidio, cuja moral não era comtudo das mais severas no artigo mulheres.

Se as filhas dão mais pêso á palavra do pae, têem mais confiança na mãe quanto ás materias, que interessão o coração. Se as mães, nas horas do trabalho, em logar de consultarem com as filhas sobre as ultimas modas vindas pelo paquete, soubessem ir-lhes cultivando o espirito e fortificando a alma com conversações reflectidas e instructivas! Mas infelizmente não podem ellas em grande parte dar uma educação, que não recebérão.

Cultivae os sentimentos religiosos de vossas filhas. Falae-lhes de Deus, da Sua bondade para comnosco, do muito que Lhe devemos, da nossa perpetua dependencia d'Elle. Mas tornae-lhes agradavel o culto da Divindade, seja elle para ellas uma consolação, uma necessidade da alma: fazei-as amar a religião. Para isso não lhes torneis a sua prática um jugo pesado, um vexame continuo; não as obrigueis a rezar a toda a hora do dia e da noite, a enfiar Padre Nosso após Padre Nosso, Ave Maria após Ave Maria, como se á fôrça de repetir incessantemente as mesmas palavras, em que o mais das vezes não toma o espirito parte, se pudesse abrandar o Eterno, qual não raro se dobra um ministro á fôrça de importunações. Ensinae-as a orar mais com o coração do que com os labios, sintão ellas um dôce allivio em expandir no seio do Creador a sua alma atribulada, experimentem um gôso ineffavel em referir a Elle as suas alegrias. Apprendão a receber das Suas mãos com animo sereno e placido tanto o bem como o mal, aquelle como uma dadiva não merecida, este como uma provação, ou como um justo castigo: apprendão a reportar tudo ao Altissimo, e a reputarem-se seguras sob a Sua guarda.

Disse que á mulher pouca instrucção bastava, referindo-me á instrucção propriamente scientifica,

pois quanto á que lhe pode ser util, áquella a que ella pode achar alguma applicação dentro da esphera do seu sexo, d'essa quero eu que lhe dêem quanto mais melhor. Mas amor ás sciencias aridas e abstractas — se descobrirdes n'ella o primeiro germen d'esta peçonha, suffocae-o depressa, antes que o mal não tenha cura. Abaixo d'uma mulher guerreira e varonil, não conheço, senão um homem mulherengo, e abaixo de uma mulher sábia e litterata, nada.

Uma mulher sem educação, nem poderá dal-a aos filhos, nem pode convir a um homem, que a teve. «Mas, accrescenta Rousseau, eu antes queria cem vezes uma menina simples, grosseiramente educada, do que outra douta e litterata, que viesse instituir em minha casa um tribunal de litteratura, de que ella se arvorasse em presidente. Uma mulher litterata é o flagello do seu marido, dos seus filhos, dos seus amigos, dos seus creados, de toda a gente. Da sublime altura do seu bello engenho, despreza ella os seus deveres de mulher, e acaba sempre por fazer-se homem, á maneira da Lenclos. Leitor, para ti proprio appello; que te dará melhor opinião d'uma mulher, e que te infundirá maior respeito ao entrar no seu quarto, vêl-a occupada com os trabalhos do seu sexo e com os cuidados do governo da sua casa, cercada dos trapos de seus

filhos, ou encontral-a sentada á sua secretária, escrevendo versos, rodeada de folhetos de todas as dimensões, e de bilhetinhos pintados de todas as côres?»

Não, tal não é a missão da mulher, e aberrar da natureza, não lhe é util nem a ella, nem á humanidade. Tem ella um discernimento natural, que lhe pode servir muito melhor, do que a sciencia, e quando a esta, digão o que quizerem a respeito de certos portentos femininos, nenhum passo a têem feito dar as elucubrações de mulher alguma. Mulheres ha, que abandonão tudo o que é proprio do seu sexo, para se entregarem á mania de escrever. Que lucrão com isso? Tornarem-se ridiculas; renuncião á gloria de fazer a felicidade de seus maridos, crear e educar seus filhos, para comporem versos estropiados, ou novellas insulsas, em que revelão uma experiencia e conhecimento dos homens, que lhes não faz muita honra.

Que! uma mulher, a quem todas as considerações, todos os seus habitos e inclinações, a sua propria organisação e natureza, fazem um dever da reserva, da moderação e do recato, irá expôr o seu nome no pelourinho da opinião publica, subornar os applausos e sujeitar-se aos sarcasmos das turbas, pôr em almoeda os fructos do seu engenho? Ella corre o véo, com que resguardava de olhares pro-

fanos o seu espirito, expõe-no ao publico na sua nudez; comtudo para affrontar as vistas do vulgo n'este estado moral, é preciso... mas receio ir longe de mais. [1]

«Não venhão cá falar-me de mulheres, que pretendem compôr obras de engenho, exclama Van Haghlem, antes queria mil vezes vêl-as fazer uso dos seus dez dedos. Sinto infinita estima por uma mulher, que vejo fiar lã ou serzir meias, mas confesso que nunca pude eximir-me a um certo desprêzo secreto por aquellas, de quem me dizião, que tinhão feito tantas elegias, tantas eclogas, tantas odes.»

N'isto comtudo, como em todas as cousas, é mais o excesso, do que o objecto em si, que merece censura. Que uma mulher, n'uma hora de enfado e de solidão procure fixar sobre o papel meia duzia de pensamentos, que lhe occorrérão, isto mais como um brinco ou passatempo, do que como cousa séria; ou mesmo que tente exprimir em palavras cadenciadas e rimadas, alguns sentimentos, que a agitão, ou que ella imagina, que a agitarião em taes e taes circumstancias, não vejo n'isso grande mal. Mas que aspire ao titulo de lettrada, que faça sua principal

[1] *Après tout j'aime les femmes auteurs!... Elles ont du bon!... Toute place qui* COMPOSE *n'est-elle pas prés de se rendre?...*

Jules Viard.

occupação da sciencia ou da litteratura, e que vá com uma fronte, que não córa, affixar o seu nome em lettra redonda á vista do mundo, mais propenso á mofa, do que á indulgencia, é isso renunciar loucamente aos attributos d'um sexo, e ao respeito, que lhe é devido, para pelo outro se vêr repellida com desprêzo. Como é que uma mulher, que baixando os olhos e córando até á raiz dos cabellos, mal ousa murmurar ao ouvido da sua melhor amiga a confissão, de que sente por um homem alguma inclinação, como pode ella, digo, entoar em publico uma canção de amor, um hymno a Venus, ou uma imprecação de ciume, e fazer gemer os prélos com os partos da sua desvairada imaginação? Não comprehendo.

A missão da mulher é nobre, elevada e sublime, em nada inferior á do homem. Preencha-a ella leal e escrupulosamente, e terá direito á recompensa de Deus no céo, e á estima e veneração dos mortaes na terra; mas se quizer erguer-se acima do seu destino, cahirá abaixo d'elle.

A MULHER

SUA CONDIÇÃO CIVIL E SOCIAL NOS DIFFERENTES PAIZES DO MUNDO

Não é um artigo philosophico, e menos uma dissertação juridica, que me proponho escrever: pretendo unicamente dar a breve e succinta noticia das diversas circumstancias, em que nas várias partes do nosso globo vive a metade do genero humano, já a mais fraca, já a mais forte, segundo predomina a fôrça physica ou a intellectual. Onde a fôrça bruta é tudo, como entre os selvagens e os povos semibarbaros, é sempre a mulher opprimida e aviltada, onde reina a intellectualidade e com ella os sentimentos e instinctos mais nobres do coração, é a mulher a que impera pela sua propria fraqueza. Á vista d'isto, poderá cada um philosophar como

lhe aprouver : por hoje deixamos esse cuidado inteiramente a cargo do leitor.

O gráu de consideração e deferencia, prestado á mulher, pode até certo ponto servir de thermometro da civilisação d'um povo. D'aqui concluirão alguns, que por toda a parte, onde a mulher tem podido conquistar a posição, que lhe compete, tem ella civilisado a humanidade, de modo que para estes o imperio feminil é a causa, e a civilisação o effeito ; a mim parece-me o contrario. É a civilisação, que tem dado á mulher o sceptro, com o qual ella tanto mais domina, quanto mais parece ceder e humilhar-se de modo que aquella é a causa, e a exaltação do sexo, que se diz fragil, o effeito. Ao passo que o povo vae cultivando as suas faculdades intellectuaes e que os seus costumes se vão adoçando, vae elle tambem suavisando o jugo, que fazia pesar sobre a mulher. Verdade é, que esta, que por mais escravisada, que viva, nunca deixa de influir d'alguma sorte sobre o seu senhor, tambem da sua parte não concorre pouco, para mitigar a ferocidade do homem, mas isso não nos auctorisa a dizer, que é ella, que o civilisa. Se não, como é que a mulher, que physiologicamente considerada, é em toda a parte a mesma, não tem tambem por toda a parte educado a humanidade ?

Mas o que vejo, é que eu, que não queria philo-

sophar, vou-me insensivelmente entregando a reflexões, que a alguem talvez queirão parecer philosophicas. Nem mais uma palavra pois, e emprehendamos sem mais preambulo uma rapida viagem á volta do mundo, principiando, como de razão, por casa.

BRAZIL E PORTUGAL

Sobre o estado, em que entre nós vive a mulher na sociedade, nada tenho que dizer, que de todos não seja sabido. Em todos os paizes cultos é elle pouco mais ou menos o mesmo. A mulher na sociedade é a todos os respeitos a egual, senão a superior do homem. Generosos na consciencia da nossa fôrça, por toda a parte lhe cedemos o passo, e sensiveis á sua fraqueza, concentramos n'ella todas as nossas attenções, serviços e desvelos; fazemos d'ella um idolo, uma especie de *noli me tangere*, e, se a perdemos, é á fôrça de mimos.

No estado civil porém, já o caso é outro: ahi não tem, nem pode ter a mulher direitos em tudo eguaes aos do homem, e a decantada *emancipação da mulher* é um sonho, que jámais se realisará, porque repugna á natureza, como já em outro artigo me esforcei por fazer vêr. Mulher, que tenha o senso preciso, para conhecer os seus proprios interesses, nem por um momento se entregará a semelhante chimera: a que abandonasse o logar, que o Crea-

dor lhe marcou, para occupar o do homem, conseguiria o primeiro intento, mas nunca o segundo.

Nos dois paizes, cujos nomes escrevi no alto d'este capitulo, secção, ou como o quizerem chamar, são as legislações tão semelhantes, como oriundas das mesmas fontes, que me pareceu poder tratar simultaneamente d'uma e outra.

Civilmente pode a mulher considerar-se como solteira (ou viuva), como casada e como mãe. Como solteira tem a mulher, relativamente á administração dos seus bens e liberdade da sua pessoa, os mesmos direitos, que o homem. Todas as vezes porém, que pode haver compromettimento de interesses alheios, soffre alguma restricção o exercicio dos seus direitos civís: não pode exercer cargo ou officio publico (excepto o de soberana) e até algumas profissões, com que podem correr risco a vida, honra ou fazenda de terceiro, lhe são interdictas, se nem sempre por lei expressa, ao menos pela fôrça do uso e costume, e por uma prática negativa tão inveterada, que seria quasi loucura arrostal-a. A advocacia, a medicina e cirurgia (exceptua-se a arte obstetricia), a pilotagem, a corretagem, a milicia, e outras assim, são na verdade profissões, a que me parece, que ninguem queria vêr entregar-se uma mulher.

Como casada não pode a mulher por via de regra

nem contratar, nem alienar, nem contrahir dividas, nem por qualquer modo dispôr dos bens, quer sejão do *casal,* quer seus *proprios*, tanto *moveis* como de *raiz*, salvo por testamento, ou com procuração e consentimento do marido, ou, se fôr commerciante, relativamente ao seu negocio. Egualmente não pode comparecer em juizo, nem praticar acto algum judicial, sem auctoridade expressa do marido, excepto se a questão fôr com este proprio.

Se o marido porém estiver impedido, ou temporariamente ausente, pode a mulher assumir a administração dos bens, e se elle fôr ausente em parte incerta, ou declarado interdicto, de modo que seja preciso nomear-lhe tutor, prefere para isso a mulher se tiver a necessaria capacidade.

Mas se o marido pode administrar livremente os bens do casal, salva a alienação dos immoveis, para que se requer o consentimento da mulher, pode esta imputar na meação d'aquelle as doações gratuitas e immensas, e até annullar as que tiverem sido feitas por causa torpe.

A mulher pode reivindicar os seus bens dotaes illegalmente alienados, por quanto esta alienação *nem ainda com o consentimento* d'ella pode ter logar. Não lhe é porém licito adir, nem repudiar herança, sem outorga do marido, nem ser testamenteira, nem acceitar doação.

Obrigações reciprocas dos dois conjuges são: 1.ª fidelidade reciproca, sem que a falta de um auctorise a do outro; 2.ª convivencia perpetua, que só se dissolve por auctoridade judiciaria; 3.ª soccorros e assistencia mútua. Deveres especiaes da mulher são. 1.º acompanhar o marido, seguindo-o para onde elle quizer leval-a; 2.º prestar-lhe os serviços e trabalhos domesticos compativeis com as suas fôrças e estado. A trôco d'estes deveres tem a mulher direito ao amparo e protecção do marido: a ser por elle alimentada e defendida na sua pessoa e bens: e a gosar das mesmas honras e privilegios, exceptuando os que fôrem privativos de cargo ou officio publico.

Como o casamento além de sacramento é tambem um contrato civil, podem nas escripturas antenupciaes estipular-se todas as condições relativas á administração dos bens, que não fôrem contrarias aos bons costumes e ao poder marital. Entrar no exame de todas as clausulas, que modificão o casamento como contrato, levar-nos-hia muito longe, sobre ser improprio do logar; para o nosso intento basta saber, que as duas principaes divisões são em casamento por dote e arrhas e por carta de metade. O effeito do primeiro é tornar inalienaveis os bens, com que a mulher entra para o casal, e conserval-os sempre distinctos dos do marido, de

modo que por morte de cada um dos conjuges revertem elles aos respectivos herdeiros; e o do segundo é confundir todos os haveres n'um acervo commum, passando no caso de morte d'um dos conjuges, metade para o sobrevivente, e metade para os herdeiros do fallecido. Quando nada se estipula, é sempre esta segunda especie de communhão absoluta de bens, a que tem logar.

Por morte do marido entra a mulher na posse do casal, e n'ella se conserva, até que se ultimem as partilhas. Continúa egualmente no gôso das honras e privilegios do defuncto, em quanto não passa a segundas nupcias, e vive honestamente. Se torna a casar-se, tendo mais de 50 annos e filhos do primeiro matrimonio, só communica com o novo marido a terça parte dos bens.

Á mulher não compete propriamente o *patrio poder*, comtudo como mãe gosa dos direitos, que se deduzem do respeito e obediencia filial; ajuda o marido na educação dos filhos com direito de castigal-os, é obrigada a creal-os de leite, e a dar-lhes alimentos em certos casos, e pode substituil os *exemplarmente*, isto é, declarar em testamento que, se elles fallecerem em estado de não poderem testar passarão seus bens para designada pessoa.

A mãe é herdeira necessaria dos filhos, fallecidos sem descendencia, comtudo se dentro em dois mezes

depois da morte do marido deixou de fazer inventario, fica inhibida de succeder-lhes (Ord. L. I tit. 88 § 8).

A mulher não pode ser testemunha nos testamentos, excepto nos nuncupativos e militares e nos codicillos; pode ser fiadora nos contratos, mas para obstar aos abusos, a que podião dar occasião a facilidade e condescendencia proprias do sexo, permitte-lhe a lei desobrigar-se das fianças contrahidas por um beneficio conhecido em direito pelo nome de Senatusconsulto Velleano.

Desde que completou doze annos pode a mulher contrahir matrimonio: o varão depois dos quatorze. Para a validade d'este sacramento são requisitos essenciaes: 1.º o consentimento livre dos contrahentes, sem que intervenha medo, dolo, ou erro sobre pessoas (não podem pois contrahir matrimonio, os que não podem consentir, como os dementes, os furiosos); 2.º que este consentimento seja expressamente enunciado perante o parocho *proprio*, ou um sacerdote por elle commissionado; 3.º a assistencia de duas testemunhas. Solemnidades não essenciaes, isto é, exigidas pela lei, mas cuja falta não invalida o casamento, são: 1.º os banhos ou proclamas; 2.º consentimento paterno, ou seu supprimento judicial, para os menores. Os paes podem desherdar os filhos, que antes de attingirem a maioridade, cásão sem seu consentimento.

Validamente contrahido só por morte se dissolve o matrimonio quanto ao vinculo, quanto á convivencia pode separar-se temporaria ou perpetuamente por sentença do juizo competente. O casamento prova-se pelo assentamento no livro do parocho, e na sua falta por testemunhas ou quaesquer outras provas ordinarias.

Os impedimentos dirimentes do matrimonio, isto é, que o annullão ainda depois de celebrado, são: 1.º impossibilidade physica; 2.º impuberdade; 3.º parentesco, dentro dos gráus marcados em direito; 4.º subsistencia d'um matrimonio anterior; 5.º ordens sacras ou profissão religiosa. Tambem não podem casar; 6.º aquelle que raptou uma mulher de casa de seus paes, emquanto esta, préviamente livre do poder do raptador e posta em logar seguro não consentir; 7.º os que commettérão adulterio entre si, se um ou ambos concorrérão para a morte do conjuge defuncto, ou embora não concorressem, se em vida d'este e depois do adulterio se promettérão casamento.

FRANÇA

A mulher deve obediencia a seu marido (codigo de Napoleão, art. 213); é obrigada a habitar com elle e a seguil-o para toda a parte, até para paiz extrangeiro, salvo se este facto importar um delicto

(art. 108). Pela sua parte deve o marido proteger e sustentar a esposa, segundo os teres e haveres do casal.

O casamento em França pode celebrar-se ou com communhão absoluta de bens, ou segundo o regimen dotal, ou com separação de bens, embora não haja dote propriamente dicto. N'este ultimo caso pode a mulher exercer os actos de administração relativos aos seus bens proprios, e alienar os immoveis a titulo oneroso, mas nunca gratuitamente.

Sob os dois primeiros systemas, não gosa a mulher de liberdade civil, senão tratando-se: 1.º De medidas, que tenhão por fim a manutenção dos seus direitos, e que não tragão comsigo o comparecimento em juizo. 2.º De fazer ou revogar um testamento. 3.º De revogar uma doação feita ao marido durante o matrimonio. 4.º De exercer o patrio poder sobre filhos d'outro leito. 5.º De cumprir obrigações que não provenhão do contrato, nem de facto proprio.

A mulher não pode comparecer em juizo sem consentimento do marido, nem casar antes dos quinze annos, e ainda depois d'esta edade até aos vinte e um o não pode fazer sem consentimento paterno. Se o fizer, podem os paes annullar o casamento dentro d'um anno; passado este prazo reputa-se o silencio d'estes como equivalente a um

consentimento tacito. Egual disposição se applica aos filhos varões de 18 a 25 annos (art. 183). Demais, para a validade do matrimonio é indispensavel a intervenção do magistrado *(maire)*.

A mãe não exerce o patrio poder durante o matrimonio, senão na ausencia do marido, ou achando-se este interdicto por demencia, crime, morte civil, ou tendo sido condemnado por haver facilitado a corrupção dos filhos. Comtudo, ainda quando a mãe exerce este poder, não lhe é elle conferido, senão com algumas restricções. O direito de correcção, por exemplo, que ella perde, passando a segundas nupcias, nunca se lhe concede, senão sobre requisição, e com assistencia dos dois mais proximos parentes do lado paterno.

INGLATERRA

A legislação ingleza não reconhece a mulher casada: os dois esposos confundem-se n'uma só pessoa, que é a do marido. Não pode haver entre dois conjuges contratos nem doação, porque seria contratar comsigo proprio. Como o direito inglez porém faz a muitos respeitos lembrar o romano com as suas *ficções*, ha tambem meios de illudir este rigor, e debaixo do nome de *trustees* (especie de commissarios de confiança) pode a mulher adminis-

trar, hypothecar e até alienar os bens proprios, que ella porventura se reservasse no acto de contrahir os esponsaes.

Pelo facto do casamento torna-se o marido senhor de todos os bens da mulher, com direito ao usofructo dos reaes no caso de sobrevivencia. A esposa pela sua parte tem direito, durante o matrimonio, a uma pensão proporcionada á fortuna do marido, e ás suas arrhas por morte d'este. Na falta de contrato pertencem ao marido todos os bens reaes e pessoaes da mulher, mas tambem lhe incumbe o pagamento de todas as dividas d'esta, anteriores ao matrimonio, sem poder alienar nem hypothecar os reaes, senão com consentimento do juizo.

Todo o compromisso contrahido por mulher casada é nullo, mas ella pode no seu contrato esponsalicio reservar-se uma somma de dinheiro e até bens reaes, de que em tal caso pode dispôr livremente, com tanto que tenha procuração.

Não ha muito ainda, que o marido podia dispôr da mulher, como d'uma cousa comprada, e por consequencia vendel-a. Hoje constitue este facto um delicto, a que a lei impõe a pena de multa e cadeia; comtudo que diriamos nós, a quem os Inglezes considerão muito abaixo de si em civilisação, se alguem se lembrasse de propor em camaras uma lei, que prohibisse ao marido vender sua mulher?

Morrendo o marido sem testamento, herda a mulher um terço dos bens moveis e pessoaes, ficando filhos, e metade não os havendo. Ella não pode fazer doação em vida, nem disposição de natureza testamentária, senão com assistencia do marido, e *em caso nenhum lhe é permittido fazer testamento.*

Na ordem da successão faz a lei ingleza distincção entre bens reaes e pessoaes. Se aquelles não proveem directamente da linha materna, passão em egualdade de gráu de parentesco todos para o herdeiro varão mais velho, ou seus descendentes, com exclusão das mulheres. Só os bens pessoaes são egualmente repartidos entre todos os filhos de ambos os sexos.

Os filhos nascidos antes do matrimonio, não se legitimão, senão por lei expressa do parlamento, acto que lhes não confere direito algum civil, além do de usar do nome do pae.

Como em todos os paizes protestantes, não é o casamento indissoluvel na Inglaterra: pronunciada a sentença de divorcio pela auctoridade competente podem os conjuges passar a outras nupcias.

OUTROS PAIZES DA EUROPA

As raias d'este artigo não permittem percorrer uma por uma as legislações de todos os paizes: de

mais, de pouco interesse poderia ser para os leitores semelhante estudo. As prescripções, até aqui apontadas, repetem-se com ligeiras variantes em todas as nações civilisadas, pelo que só poderiamos repisar o que já fica dicto. Notarei apenas uma differença. O casamento por carta de metade, isto é, no qual se communicão e confundem absolutamente os bens, com que cada conjuge entra para o casal, casamento, que entre nós, na França, na Hollanda, e na Inglaterra a seu modo, é o que a lei presume na falta de convenção em contrario, é sim conhecido em todos os paizes, mas a maior parte d'elles constituiu o systema dotal como base e fundamento do seu direito matrimonial, e para que se dê communhão, é preciso estipulal-a antes dos esponsaes. Succede pois o inverso, do que até agora temos visto.

Na falta de contrato conservão-se pois separados e distinctos os bens de cada conjuge, embora a administração de todos pertença ao marido, quando a mulher se não reserva alguns especialmente para si na escriptura de casamento. A Prussia e a Austria reconhecem válidas e irrevogaveis as doações entre os conjuges, systema, quanto a mim, cheio de perigos e sujeito a mil abusos. O primeiro d'estes dois paizes tem demais uma disposição, que me pareceu merecer ser aqui consignada: a educação

dos filhos pertence exclusivamente á mãe até á edade de quatro annos.

Na Russia, onde a familia se resolve na pessoa do pae, como seu chefe, ao qual succede em auctoridade o filho mais velho, não figura a mulher, senão na falta de varões, ou quando o marido, morrendo, não deixa senão menores. N'este caso pertence a economia da casa á viuva até ao casamento dos filhos.

Na classe senhorial não herda a filha, senão na falta de varão, mas nas familias dos lavradores, que não possuem, senão o usofructo das terras, não herda ella nunca, revertendo este em tal caso para o senhor. A mulher nobre, que chega por esta forma a adquirir bens, conserva a sua administração, mesmo passando para debaixo da tutela d'um marido.

Mas, se em direito se acha a esposa para com o marido em posição identica á dos filhos, têem os costumes conferido á mãe auctoridade moral quasi absoluta. As filhas lhe pertencem exclusivamente, e os filhos varões tambem se não atrevem a desobedecer-lhe.

Entre os Albanezes, Servios, Bulgaros, Gregos, Valascos, Hungaros e Montenegrinos, é sobre a mulher que carrega o trabalho mais penoso. É ella que faz tudo em casa e cuida dos filhos; é ella, que trabalha nos campos, que ceifa, que vindima, junta

a colheita e a transporta; é ella, n'uma palavra, que ganha o pão do marido, o que comtudo se não deve entender, senão com referencia ás classes baixas.

PAIZES MUSULMANOS

A religião de Mahomet, estabelecendo o dogma da inferioridade da mulher, chegando até quasi a negar-lhe uma alma, fundou o despotismo domestico ao lado do politico. No oriente não aferem as classes inferiores a importancia da mulher, senão pela somma de serviços, que ella pode prestar, e nas espheras mais elevadas, não é ella considerada, senão como um instrumento de prazeres.

O Oriental, e particularmente o Persa, pode nos termos da lei desposar, comprar ou alugar uma mulher, d'onde nascem tres especies de associações conjugaes, egualmente reconhecidas em direito, que nenhuma distincção faz entre os filhos provenientes de qualquer d'ellas.

O numero de mulheres compradas ou alugadas é inteiramente arbitrario, e depende unicamente dos meios de cada um. O preço do aluguel estipula-se com os paes da môça, que passa a pertencer ao locatario pelo espaço de tempo estipulado no contrato. Esta especie de arrendamento, licito e moral aos olhos de todos, celebra-se na presença do cadi,

cuja approvação é necessaria para os effeitos civís do contrato. Este pode renovar-se, findo o prazo, estando as partes de accôrdo. O homem pode rompel-o a todo o tempo, mas tem de dar á mulher por inteiro a somma estipulada para o prazo, que elle devia durar. Quando é a mulher, que o rompe, não tem direito a cousa nenhuma, nem pode tornar a alugar-se, senão passados quarenta dias.

A religião permitte quatro mulheres legitimas, mas como o casamento traz comsigo despesas avultadas, só os ricos têem mais do que uma.

A mulher tem direito a umas arrhas compostas do preço da compra, e das joias e bens móveis, que lhe fôrão dados pelos paes no acto do casamento. Entre as classes pobres succede muitas vezes, que o homem, para obter a mulher, que deseja, vê-se obrigado a prometter arrhas maiores, do que comportão os seus teres. Então quando lhe veem trazer a noiva, fecha elle a porta, e declara que a não quer por tal preço. Suscita-se uma altercação, em que se não poupão as injurias de parte a parte, mas o negocio acaba sempre por moderarem os paes um pouco as suas pretenções, pois que seria uma affronta indelevel voltar a noiva para o seu primeiro domicilio.

Qualquer motivo serve, para recambiar a mulher, comtudo os pobres absteem-se de o fazer por falta

de meios, com que pagar as arrhas, e os ricos com receio de que se suspeite, que elles não têem, com que sustentar uma mulher de mais.

Quanto ao resto porém, se exceptuarmos a Arabia, o Egypto, a Syria, a Africa e parte da India, onde as esposas são tratadas quasi no mesmo pé que as escravas, vemos todas as outras nações musulmanas, particularmente os Turcos e Afghanos terem as maiores considerações, para com suas mulheres, a ponto de ninguem ousar na Turquia entrar em estado de embriaguez nos aposentos d'ellas.

INDIA E THIBET

No bello paiz da India é a mulher um ente inteiramente degradado e aviltado: a sua condição é, se tanto é possivel, peor do que a do escravo. Julgão-n'a incapaz de adquirir qualquer das qualidades moraes, que ennobrecem o homem, e tal é a opinião, que d'ella se forma, que para designar a estupidez, não conhece a lingua expressão mais energica do que: *ter juizo como uma mulher*. Não é pois para admirar que ella, vendo-se constante e geralmente deprimida, chegue a convencer-se da sua propria indignidade, e considere o homem como um ente infinitamente superior.

A educação, que a mulher recebe, é coherente

com estas idéas: fiar, cozinhar o arroz e fazer os mestéres da casa, que são simplicissimos, eis o mais que ellas devem apprender. As bailarinas e as cortezãs são as unicas, que se atrevem a folhear um livro: conhecer as letras do alphabeto seria deshonra para uma mulher honesta.

Os maridos tratão as esposas com um rigor, que degenera em crueldade, batendo-as pelo mais frivolo motivo, a ponto de lhes pôrem o corpo n'uma chaga. Nunca as designão, senão por suas escravas, *loundi*, e ai d'aquella, que ousasse chamar o marido pelo seu nome proprio, ou dar-lhe outro tratamento que não o de *senhor* ou de *deus optimo*. O que porém é singular, é que sendo a mulher tão indignamente tratada no interior da casa, seja em publico o alvo de tantas attenções. Ahi ninguem se atreveria a tocal-a com um dedo. Verdade é comtudo, que tambem nos paizes civilisados temos maridos, que a este respeito parecem filhos do Indostão.

As mulheres não se cobrem com véos: não as guardão eunuchos, nem a sua casa é uma prisão.

Na India, para todos é o casamento obrigatorio: é a *divida dos avós*. O homem deve um filho á familia, de cujo nome usa, e se alguem se exime a este dever, é sómente para abraçar a vida contemplativa. Mantida sob o jugo mais ferrenho, não pode a mulher pensar n'uma condição, que a livre do

poder do homem, nem por conseguinte fazer voto de virgindade. Este estado é até considerado como infamante, de modo que as que chegão á puberdade, se não encóntrão logo marido, entregão-se a quem se digna recebel-as em casa.

A polygamia é uma excepção, que os poderosos têem introduzido em beneficio proprio, nem ella é tolerada, senão entre os radjahs, os principes, e os grandes senhores. As pessoas de classe inferior têem ás vezes differentes mulheres, mas só uma gosa do titulo de esposa. Os filhos das outras são reputados bastardos, nem herdão, se o pae não faz alguma disposição a seu favor. Na maior parte das tribus basta porém a vontade paterna para legitimal-os.

O homem só pode passar a segundas nupcias em vida da primeira mulher, quando esta é declarada esteril, ou só tem filhas. Então, como a *divida dos avós* exige o nascimento d'um filho, pode elle casar com outra, mas ainda assim, é preciso que a primeira consinta. O matrimonio é pois indissoluvel, e só em caso de adulterio bem provado, pode a mulher ser repudiada.

A viuvez é perpetua para as mulheres: tornar a casar seria para ellas uma vergonha, quasi um crime. As viuvas dos brahmanes chegavão até a queimar-se na mesma fogueira, que consumia os restos mortaes de seus defunctos maridos. Na tribu dos

Gallovahrous ou pastores, até as noivas são condemnadas a perpetua viuvez, embora se não chegasse a consummar o matrimonio.

As mulheres de ordinario cásão de cinco, seis ou sete annos, (mas não deixão a casa paterna, senão depois de terem attingido a puberdade) e os homens de dezoito. Casar e *comprar mulher* são expressões identicas; a maior parte dos paes fazem com as filhas um verdadeiro commercio, nem o marido consegue que lhe entreguem a mulher, antes de ter pago integralmente a somma convencionada. Nem sempre porém o preço é pago em dinheiro, tambem se commuta em serviços, quando o noivo é pobre, como Jacob serviu outr'ora Labão, pae de Rachel, e o que é mais notavel, é que o tempo para estes serviços ainda é o mesmo, que foi imposto ao patriarcha, a saber sete annos.

Entre as familias ricas costumão-se partir a meias as despesas da boda, e os grandes ainda fazem mais, chegão a dar ás filhas as joias, braceletes e outras prendas, com que o noivo tinha obrigação de presenteal-as. Quanto aos que nada têem absolutamente de seu, esses entregão as filhas á discreção a quem quizer tomar conta d'ellas; é assim que se cásão os pariás.

Entre parentes collateraes só é prohibido o casamento do irmão com a irmã. Em geral cásão os

Indios dentro da propria familia, como praticavão outr'ora os Hebreus. Talvez pareça extranho, que, sendo a mulher reputada um ente tão vil, se faça da união com ella um acto essencialmente religioso, cujas dispendiosissimas cerimonias dúrão oito dias, e em que intervem sempre um sacerdote. Os objectos, que a noiva leva comsigo da casa paterna, ou que tem de receber do futuro sogro, são escrupulosamente relacionados no respectivo contrato, e constituem a sua propriedade pessoal, não tendo ella direito de exigir mais cousa alguma por morte do marido.

Na casta dos *naïmares* ou *naïres*, no Travancar, costa de Malabar, podem as mulheres ter varios maridos, emquanto o homem não deve ter mais do que uma mulher. Montesquieu explica esta anomalia, pelo facto de serem os *naïres* soldados de todas as nações, e ser este o meio mais efficaz de diminuir n'elles as affeições e os cuidados domesticos, deixando-lhes intacto o espirito guerreiro. É uma especie de expediente, a que se recorreu, para não prohibir inteiramente os casamentos militares, como se pratíca em algumas partes.

No Marava ha uma casta, em que os irmãos, os tios, os sobrinhos e outros parentes proximos vivem em communhão de mulheres, passando-as reciprocamente uns aos outros. No antigo reino de

Calicut e no Malabar, não é o filho do rei, mas o de sua irmã, que lhe succede, por se julgar que a mulher transmitte melhor do que o homem a origem e os direitos da familia.

No Thibet gosão as mulheres de inteira liberdade, são geralmente estimadas, e governão o interior da casa, dirigindo os negocios, que lhes dizem respeito. No casamento não ha contrato, nem cerimonia religiosa, sendo o mútuo consentimento o unico laço, que liga os esposos, e os convivas do festim nupcial as unicas testemunhas d'uma união, que raras vezes se rompe. Nem o divorcio pode ter logar, senão de commum accôrdo entre os interessados.

CHINA E JAPÃO

A China, onde o culto principal é o da antiguidade, é ainda hoje a mesma, que era ha quatro mil annos, apesar das revoluções, por que tem passado. Portanto, o que ensinou o grande *Khoung fou-tseu* (Confucio) 500 annos antes da vida de Christo, é ainda hoje doutrina seguida.

O matrimonio, dizia aquelle grande philosopho, é o estado verdadeiro da humanidade, que só assim pode cumprir a sua missão na terra, mas cada sexo tem os seus deveres proprios. O homem é o chefe, e deve mandar; a mulher lhe é sujeita, e deve obe-

decer. Esta sujeição é perpetua: solteira deve ella obediencia a seu pae, e na falta d'este a seus irmãos; casada, deve-a ao marido; e viuva fica sob a inspecção e guarda do filho mais velho. O uso não lhe permitte segundas nupcias, antes lhe prescreve, que encerrando-se no interior da casa, jámais torne a apparecer em publico. Fora de casa não deve ella ter negocios ou cuidados de qualquer natureza, que sejão, e mesmo nos domesticos só deve envolver-se em caso de necessidade absoluta. Deve mostrar-se o menos possivel, e não dormir jámais sem luz.

A edade de casar é dos 15 até aos 20 annos para a mulher: o marido pode repudial-a, mas somente por alguma das causas seguintes: 1.ª se ella não pode viver em paz com o sogro e a sogra; 2.ª se é esteril; 3.ª se violou a fé conjugal; 4.ª se urde intrigas entre a familia; 5.ª se tem alguma molestia repugnante; 6.ª se é sujeita a intemperancias de lingua, de que não seja facil corrigil-a; 7.ª se furta alguma cousa em casa ás escondidas do marido. (Com semelhante legislação quantos casamentos durariam entre nós mais de seis mezes? E eu, que não queria philosophar! Mas emfim, como é entre parentheses, passe).

Embora qualquer d'estas razões auctorise o marido a repudiar a mulher, não pode elle usar do

direito em tres circumstancias: 1.ª quando ella não tem pae nem mãe, nem por conseguinte para onde vá; 2.ª nos tres annos immediatos á morte do sogro ou sogra, emquanto ella traz lucto por elles; 3.ª quando o marido, sendo pobre ao tempo, que com ella casou, enriqueceu depois. Até aqui Confucio.

O ponto de partida da legislação chineza é pois, que a mulher não pertence a si propria. Chegada á edade nubil, e entregue a um homem, para lhe perpetuar a raça, ficando sujeita não só á vontade do marido, mas até á dos parentes d'este. Quanto ao mais, não pode o Chim ter senão uma esposa legitima, que além d'isso deve ser da mesma jerarchia e até da mesma edade, que elle. Pode porém ter mais mulheres, comprando-as a seus paes, pelo valor da estimação, sendo esta uma das poucas mercadorias, cujo preço não é taxado pela auctoridade. Os filhos de taes mulheres suppõem-se porém pertencer á esposa legitima, a quem unicamente dão o nome de mãe, e por cuja morte trazem lucto.

Se a viuva fica com filhos varões, é inteiramente livre; no caso contrario podem os parentes de seu defuncto marido vendel-a, para se indemnisarem da despesa, que ella fez durante o matrimonio. O marido, como vimos, pode repudiar a mulher, até por faladora, mas se esta, cançada de soffrer maus tratos, tenta escapar-lhes pela fuga, torna-se escrava

d'aquelle, que pode vendel-a, ou fazer d'ella o que lhe aprouver. A lei comtudo soccorre a esposa abandonada, e se o marido se conserva ausente por tres annos, pode ella recorrer ao mandarim, que lhe permitte tornar a casar.

Ha tres casos, em que não é licito o casamento: 1.º se a mulher foi promettida a um homem, e os paes dos dois noivos enviárão e acceitárão de parte a parte os presentes do estylo, não pode ella mais casar com outro. 2.º Se houve substituição de pessoa, é nullo o casamento. 3.º Dois irmãos não podem casar com duas irmãs, nem um filho com a filha, que sua madrasta houvesse d'um primeiro leito, nem em geral os parentes entre si, por mais remoto que seja o gráu de consanguinidade.

Na China, como na Inglaterra, não têem as mulheres o direito de testar.

Na Formosa não se compram as mulheres, nem quasi se exige o consentimento paterno, para consorcio. O marido deixa porém a casa de seus paes, e vae para a do sogro, de quem se torna o arrimo, de modo que alli é melhor ter filhas, do que filhos. Na Coréa e em Lieou-Kieou tambem não são os paes, mas os proprios noivos, que ajustão entre si os casamentos.

Em toda a Asia é talvez no Japão, que a mulher gosa de mais liberdade; comtudo, como não lhe

dão grande consideração e lhe imputão a natural fraqueza como vicio de organisação, não se impõe ella a si propria tanta reserva, como faria, se não estivesse convencida da sua inferioridade moral. Uma vez casada porém, torna-se ella geralmente d'uma castidade a toda a prova, pois que a menor infidelidade lhe custaria a vida.

O Japonez pode ter quantas mulheres quizer, mas só uma é legitima, e só os filhos d'esta herdão do pae. Os presentes, que a noiva recebe por occasião da boda, pertencem a seus paes, de modo que ella em casa do marido nada possue, mas pode separar-se d'este pelos mesmos motivos, porque a elle é permittido repudial-a, ao contrario de quasi todos os paizes asiaticos, onde o divorcio é instituido somente a favor do homem.

CAUCASO E ASIA CENTRAL

A compra e venda das mulheres constitue o commercio mais rendoso dos Tcherkessianos ou Circassianos, e são elles que fornecem este genero aos serralhos de Constantinopola e das grandes cidades turcas. Desde que os Russos se tornárão senhores do Caucaso, acha-se este negocio legalmente prohibido, mas, ou seja que as auctoridades são coniventes nas infracções, ou que elle estava por de-

mais arraigado nos costumes da população, para de prompto se poder extirpar, o certo é que elle subsiste ainda.

As mulheres, longe de se julgarem aviltadas por semelhante tráfico, antes fazem consistir a sua gloria em serem vendidas por alto preço, que lhes serve de padrão do proprio valor, e da estimação, em que são tidas. Uma joven Circassiana ou Georgiana, chega ás vezes a vender-se por 12:000$000.

Entre as populações christãs não é permittido ter mais, do que uma mulher, mas admitte-se o divorcio, que a egreja grega não reprova. Os Armenios não vendem as filhas, antes lhes dão um dote, quando as cásão. Entre primos até ao setimo gráu só é licito o casamento com dispensa do *Catholikos*, ou patriarcha de Edgemiazim, que sabe fazer pagar-se este favor. As môças solteiras gosão de grande liberdade, mas desde que cásão, não sáem mais á rua, senão duas vezes por anno, na Paschoa e no Natal; andão sempre cobertas com espessos véos, e a ninguem dirigem a palavra, nem ao proprio pae. O marido, a mãe e as irmãs são os unicos entes, com quem lhes é permittido falar.

Os povos da Asia Central são quasi todos chamanistas ou mahometanos, e alli vive a mulher como escrava, e condemnada aos mais duros trabalhos e á mais affrontosa abjecção. Na provincia de Isetsk,

por exemplo, traz ella como ornamento sobre o peito e por cima dos hombros uma especie de *freio*, a a que chamam *dilbouga* Na Mokschania introduzia-se a recemcasada na camara do esposo com as palavras: *Vottet*, *vergass outscha*, lobo, ahi tens a ovelha.

As mulheres são consideradas impuras, principalmente quando se tornão mães, e se um kalmuko não está satisfeito com a sua, contenta-se com pôl-a fora de casa a golpes de chicote. Entre algumas hordas nem nomes lhes dão, são simplesmente mulheres. Os Astiakes consideram-nas mais como animaes domesticos, do que como entes racionaes, nem lhes dirigem a palavra, quando basta um aceno, para intimar qualquer ordem. São ellas, que armão e desarmão as tendas, preparão a comida, que cuidam na roupa, que seccão as pelles, que fazem tudo em casa. Entre os Samoiedas, tribu nomada, é a mulher, que carrega e descarrega os trenós, e antes de entrar na tenda, deve perfumar-se com pêlo de renna queimado, e purificar tudo quanto toca, até o proprio assento. Não come com os homens, e tem de contentar-se com os sobejos d'estes.

É nos tempos periodicos, que as mulheres mais soffrem. Obrigam-nas a saltar por cima das brazas do lar, e a purificar-se a cada momento com pêlo de castor ou rangifer. Não lhes é permittido prepa-

rar comida para os homens, nem dar-lhes nada nem tocar cousa alguma, de que elles possam carecer, para seu uso. Quanto á polygamia, é um luxo, a que tanto aqui como em quasi toda a parte, só os ricos se entregam.

OCEANIA

As innumeraveis ilhas e archipelagos, que fórmão a Oceania ou Polynesia, são habitados por povos mui distinctos, cujos costumes por consequencia não podem deixar de tambem variar até ao infinito, e com elles a condição da mulher. Procuremos porém cingir-nos ás generalidades, se as pode haver, e esboçar apenas alguns traços caracteristicos.

Na Malaisia, em Java, Bornéo, Sumatra, em algumas das Philippinas, e outras ilhas, são a dependencia e a servidão a sorte, que o direito da fôrça impoz á mulher. O casamento é o unico estado possivel para ella: apenas as filhas attingem a puberdade, que n'aquellas regiões é extremamente precoce, tratão os paes de desembaraçar-se d'ellas vendendo-as a quem mais offerece. Esta especie de consorcio, chamada em Sumatra *joujour*, é a mais vulgar, e constitue, por assim dizer, o direito commum. O marido pode repudiar a mulher, e reclamar do pae o preço da venda, mas com um certo abatimento, pela depressão da mercadoria.

Ha porém duas outras especies de casamento, conhecidas pelos nomes de *ambel-ana* e *semoundo*. Na primeira fica a mulher em casa de seus paes, e é o marido, que mediante uma modica retribuição, para sustento e vestuario, se torna hospede e commensal do sogro. A esposa conserva o seu patrimonio independente, que só ella administra; todos os ganhos do marido entrão para a communhão, d'onde não podem ser mais distrahidos sem o consentimento d'ella, e por morte d'este é a mulher, que fica senhora do casal, dispondo de tudo, mas pagando tambem as dividas do defuncto. Este consorcio não é mais, do que uma excepção estabelecida a bem das herdeiras ricas. O *semoundo* é o nosso casamento por carta de metade, com a differença de pertencer a administração egualmente aos dois conjuges. Tambem não pode ser contrahido, senão pelas mulheres ricamente dotadas. Em todos os casos é porém sempre o pae, que dispõe da filha a seu bel-prazer.

No archipelago malaio é a polygamia, bem que permittida, extremamente rara, e a viuvez da mulher deve ser perpetua, havendo ainda algumas, que se queimão juntamente com o cadaver do marido. A *lei de Manou*, antigo direito da India, sanciona porém o dever, que incumbe a um homem de suscitar filhos a seu irmão defuncto, effeito da grande

importancia, que se liga á descendencia varonil. Os filhos varões excluem da herança as irmãs, que não têem direito, senão a alimentos e a um dote. Só na falta de filho e filhas herda a viuva.

Desde a nova Hollanda até ás ilhas de Sandwich, passa a mulher geralmente por um ente impuro, cuja presença profana os logares sagrados. Approximar-se das moradas dos sacerdotes é para ella um crime, que lhe acarreta castigo atroz. Ha comtudo algumas mulheres, que são sacerdotisas da ordem dos *Taoua-Tahiti,* especie de frades medicos.

Na Australia, na Nova Galles do Sul, na Nova Hollanda e na terra de Van Diemen faz-se o casamento por meio de rapto. O homem escolhe entre uma tribu extranha, ou até inimiga da sua, a mulher que lhe convem, e pilhando-a a geito, atira-se a ella como um tigre sobre a sua prêsa. Á menor resistencia, um golpe de maça sobre a cabeça a prostra sem sentidos; o feroz amante toma-a então nos braços, e sem que lhe dê muito cuidado, que ella se fira nos galhos e troncos das arvores, corre com ella a bom correr através dos bosques, até se recolher em triumpho ao meio dos seus, que celebrão a victoria do companheiro com uma orgia infernal. A mulher torna-se escrava; carrega com os serviços mais pesados, e á menor falta, ahi está a terrivel maça, para lhe malhar na cabeça. O que

porém é mais extranho é que a esposa, assim apanhada e assim tratada, vota ao marido sincera affeição. Ás vezes porém, se ella tem o pulso rijo, restabelece-se o equilibrio, e a egualdade das fôrças faz reinar a paz e a concordia.

Na Nova Zelandia são os costumes mais brandos, chegando o marido a admittir a mulher á sua mesa. Se a viuvez perpetua não é obrigatoria, é comtudo olhada como grande virtude, sendo frequente enforcar-se a viuva por morte do esposo, ou matarem-na os parentes d'este, para que ella não passe a segundas nupcias.

Em algumas ilhas é o estado de fortuna, que determina a posição dos conjuges, sendo já um já outro o chefe, segundo é ou não o mais rico. O modo de celebrar o casamento é algum tanto singular. Dois jovens declárão-se a sua mútua paixão e vão juntos passar alguns dias na montanha. Á sua volta vão os paes da noiva pedir aos do noivo, que ratifiquem a união; trocão-se presentes, e o marido ou leva a mulher comsigo, ou vae residir para casa do sogro, se este é mais rico, ficando em tal caso a mulher senhora e administradora dos bens do casal. Quando o esposo se desgostar da sua companheira, ou a põe na rua com meia duzia de murros, se é elle o dono da casa, ou retira-se em boa ordem, se está na d'ella. Em direito porém

é indissoluvel o matrimonio, e os filhos de qualquer outra mulher, nascidos em vida da legitima, são reputados bastardos, sendo o nome de *pomahina* (filho da lua) das maiores injurias, que se podem dizer a um individuo.

Depois que um dos esposos foi fixar o seu domicilio em casa de outro, o que se pode considerar como o casamento civil, tem logar a cerimonia religiosa, e é chamado o sacerdote, para benzer a união dos dois esposos, o que se pratica com variados ritos.

Além d'este casamento, para assim dizer, regular, ha nas ilhas da Oceania outros, que se fazem em massa, e a que se dá o nome de *kayoi*. Effectuão-se sempre por occasião de algum acontecimento extraordinario. Os rapazes de dezoito e as raparigas de quatorze annos vão-se juntando em barracas separadas, segundo os sexos, para alli esperarem o dia da boda. Durante os vinte ou trinta dias, que precedem a festa, não se occupão tanto uns como outras, senão com o cuidado de amaciar e branquear a pelle, esfregando-a desde que nasce o sol, até que se põe, com oleo de côco, misturado com o summo de algumas plantas.

Chegado o dia, cingem-se os mancebos com um *hami* ou cinto branco, ornão a cabeça com uma corôa de ramos, entremeados de flôres, e inundão-

se de oleos e perfumes. As noivas vestem uma comprida tunica branca de estofo transparente, que prêsa do hombro direito por um laço de fita, fluctua ao sôpro do vento. Levão egualmente grinalda e o seu magnifico cabello preto cáe ondeando sobre um véo alvissimo.

Ao som do tambor tem logar a cerimonia n'um vasto parallelogrammo com assistencia de toda a população e clero. Nos quatro angulos se elevão outras tantas estatuas, assás expressivas do fim da festividade. Depois de algumas dansas, executadas pelos mais habeis mestres da arte, chega o momento solemne. Dois jovens *kayoi*, rapaz e rapariga, descem á arena sagrada, e ao som do *pahou* começão uma especie de galope, realmente infernal. Cada vez mais se accelera o compasso, cada vez volteia o par em mais rapido giro, até que, lacerado o véo, rôto o cinto, perdida a ultima tira do vestido, que a cobria, cáe a noiva por terra, exhausta de delirio.

Retumba então um grito geral. As noivas precipitão se fora do recinto, e os pretendentes a correr após ellas por montes e valles, através de bosques e prados. Onde cada um apanha a sua, ahi a faz boa prêsa, e conclue-se o matrimonio. Como é facil de imaginar ha concertos d'antemão ajustados entre os namorados, que já se têem escolhido reciprocamente, mas o ardor da carreira, a confusão do acto, a

maior ou menor velocidade dos rivaes, e o subito desencadeamento de paixões, fazem mallograr a maior parte d'esses convenios, e o caprichoso acaso nunca deixa de pregar as suas peças mais ou menos pesadas. A noiva infeliz, que por ninguem se vê perseguida, tem direito de, invertendo os papeis, tornar-se ella propria perseguidora, e atirando-se ao primeiro caçador, que a sorte lhe depara, obrigal-o a unir-se a ella.

Se a polygamia não existe, pelo menos legalmente, nos archipelagos da Oceania, é alli a polyandria assás commum, não sendo raro encontrar mulheres principalmente de elevada jerarchia, até com oito maridos. Os direitos d'estes são antecipadamente regulados: revezão-se elles todos os oito dias junto da esposa commum, que é soberana em casa, não tendo elles que occupar-se mais do que do cuidado de lhe agradarem. Se algum não está contente com o logar, que lhe toca, e commette a imprudencia de deixal-o perceber, é immediatamente e sem mais cerimonia despedido.

Em geral é o direito do mais forte, que prevalece na Oceania, mas a vingança, divida sagrada e hereditaria, que se não extingue com a morte do offendido, corrige-lhe assás efficazmente os abusos, de modo que aquelles povos gosão talvez de mais liberdade, do que alguns outros, que lhes são muito

superiores em civilisação. Em algumas ilhas é o filho mais velho, independente do sexo, a que pertence, que succede na herança, e se torna chefe da familia, tomando o nome de *tahia* (filha de predilecção) sendo femea, e de *tëiki* (primogenito querido) se é varão. Os filhos segundos porém continuão a residir na habitação commum, e n'ella se cásão.

Ha contrastes singulares. Em algumas ilhas do archipelago de Tonga são as mulheres, que transmittem a nobreza, qualquer que seja a condição do pae; em Viti pelo contrario nem com os homens as deixão comer, e quando morre algum chefe, sacrificão-se umas poucas d'estas infelizes sobre o seu tumulo. Em Tikopia não podem ellas comer nas cerimonias religiosas, senão o que os homens lhes dão, atirando-o em ar de desprêzo para traz das costas. Na Terra de Van Diemen é rara a que não tem o corpo cheio de cicatrizes, indicadoras das caricias de seus brutaes maridos.

AMERICA

Aqui não podemos referir-nos, senão ás tribus indigenas, pois que as nações civilisadas têem conservado geralmente a legislação de suas antigas metropoles. Quanto porém ás hordas selvagens, não ha alli outra superioridade além da fôrça physica, pelo

que já se vê, que a mulher deve necessariamente ser escrava; comtudo são as tribus do norte e do extremo sul infinitamente mais ferozes, do que as do centro, com especialidade as do Brazil, pelo que é tambem entre aquellas muito mais penosa e aviltada a condição do sexo feminino. Com effeito alli, excluidas das festas publicas, das dansas, dos jogos, das cerimonias religiosas, e até das mesas de seus maridos, que em tempos de escassez as deixariam morrer de fome antes de se imporem á menor privação, vivem as mulheres n'um estado vizinho do bruto.

Entre os povos de raça côr de cobre está geralmente em voga a polygamia, se bem que quasi exclusivamente em beneficio dos fortes e poderosos, pois as mulheres ou se comprão ou se conquistão á viva fôrça, de modo que ha selvagem, que tem sete, oito e mais mulheres, emquanto que outros nem uma podem obter. O parentesco não obsta ao casamento, e até de ordinario quem casa com a irmã mais velha, casa com todas as outras. (Abstrahindo dos direitos propriamente conjugaes, tambem não raro succede isto entre nós, e ás vezes ainda veem os sobrinhos... maldicto philosophar!) Hearne chega até a affirmar, que o pae desposa a filha e o filho a mãe. O repudio é usual, bastando para elle qualquer pertexto.

Os indigenas da America do Norte não têem a menor idéa do amor: por um lado a facilidade de satisfazer os desejos, por outro o aviltamento, a que elles proprios reduzirião as mulheres, abafão os germens d'este sentimento. Elles vendem-nas, trocão nas, emprestão-nas, alugão-nas, á feição de caprichos, e exigem d'ellas a mais absoluta obediencia, sob pena até de morte, em caso de necessidade. Obrigão-nas a fazer todos os trabalhos domesticos, e não menos os agricolas, quando os ha, e quando se apanhão alguns ursinhos, são ellas, que os amammentão, até ficarem em estado de poderem ser comidos — pelos homens. Fazem d'ellas verdadeiras bestas de carga, indo elles caminhando adeante muito a gôsto, e ás vezes até a cavallo. Se em qualquer expedição ellas se lhes tornão um estôrvo, deixão-nas ficar no meio dos bosques, sem que lhes dêem o menor abalo os gritos de desesperação das miseras abandonadas.

Entre as tribus do Brazil, bem que mantidas geralmente em estado de dependencia, é muito mais toleravel a condição das mulheres.

CONCLUSÃO

Agora quasi me arrependo de ter no principio d'este artigo promettido deixar ao leitor o trabalho,

se a elle quizesse dar-se, de philosophar sobre o que n'estas linhas encontrasse. Occorrem me tantas cousas bonitas, que dizer! Mas o dicto, dicto, a minha palavra não volta atraz, e já me calo. Permittão me unicamente, que despedindo-me das minhas leitoras, se é que alguma teve a constancia de acompanhar-me até aqui, as felicite por terem nascido onde nascérão, antes do que — em outra parte.

A CREAÇÃO DO MUNDO[1]

In principio creavit Deus cœlum et terram. Terra autem erat inanis et vacua et tenebrae erant super faciem abyssi, et Spiritus Dei ferebatur super aquas.

A cosmogonia da Biblia é de todas a mais simples, clara e racional, e se muitos têem pretendido que as cousas se hajão passado de outra forma do que ella as descreve, ainda ninguem logrou provar, que ellas *não podião* ter-se assim passado. Innumeros systemas se têem erguido, dos quaes uns destroem os outros, o de Moysés ninguem o destruiu ainda, ninguem adduziu a menor prova decisiva da sua falsidade. Debalde se tem revolvido as entranhas da terra, devassado os segredos do mar, per-

[1] *Revista Popular* (1860).

furado o seio das montanhas, a terra, o mar, as montanhas fálão, mas não desmentem o historiador sagrado.

Tem-se inculcado, posto que não provado, que o mundo é muito mais antigo, do que a edade, que lhe marca a escriptura, e querido vêr o que quer que seja menos digno da alta idéa, que formamos da Omnipotencia, n'um Deus, que faz o mundo aos poucos, em seis dias, repousando no setimo. Embora porém se demonstrasse, que o mundo tem milhares de seculos de creado, nem assim se derribaria o systema do legislador do povo judaico. Muito erraria quem quizesse tomar todas as expressões dos livros santos no seu sentido litteral e commum nos nossos dias. Em primeiro logar temos a distancia dos seculos, que nos separão da épocha, em que fôrão escriptos, os costumes do povo tão outros, a que as palavras devião accommodar-se, e sobretudo o estylo figurado e symbolico n'esses livros adoptado. Assim não deveremos talvez por estes seis dias da creação entender revoluções da terra sobre o proprio eixo, mas outros tantos periodos de duração indefinida, cada um dos quaes podia muito bem abranger seculos de seculos. Deus cria os principios, os elementos, as fôrças da natureza, impõe-lhes leis immutaveis, e deixa-os obrar. Assim podemos imaginar que o Todo Poderoso creasse primitiva-

mente o cháos, informe e indigesto, e que este gastasse seis dias, ou seis periodos, a ferver e depurar-se, até que no setimo tomou o aspecto, que apresenta hoje o universo, e que durará tanto, quanto durar este setimo dia, para depois tomar porventura nova forma, ou volver ao nada, segundo os imperscrutaveis designios da Providencia. E este dia setimo é o dia do repouso, porque depois das revoluções, que a agitárão, dos cataclysmos, por que contou os outros dias, descança a natureza apparentemente socegada, trabalhando apenas as fôrças vitaes e regulares, que são para ella o que é para o corpo humano a respiração e a circulação do sangue.

A maior parte dos sonhadores de systemas de creação do mundo, da qual fálão com o mesmo desplante como se a ella houvessem assistido, suppõem os elementos da materia existentes *ab initio*, sem se preoccuparem muito com a origem d'onde vierão, e começão a acompanhal-os na sua labutação, e nas phases, por que passárão, para pouco a pouco constituirem os corpos, que vemos hoje. Pelo que tange á natureza inorganica, pode admittir-se: quantos corpos não vemos, cuja formação por si mesma claramente se está revelando, quantas substancias não prepara o proprio homem, reunindo as partes componentes, que originariamente as constituem. Quanto porém á natureza organica, e muito

principalmente quanto á animal, não creio em geração espontanea. Tanto n'uma como n'outra ha vida, e essa só a dá o Creador.

Examinem os elementos todos, que entrão na formação da semente d'uma planta, reunão-nos, pois que facil é havel-os, combinem-nos nas proporções rigorosamente as mesmas, confiem-nos ao seio da terra, e vejão se alguma cousa brota. Frequentemente vemos nascerem plantas em telhados, muros e outros logares, onde nem terra, nem semente havia, mas é que o vento alli fôra préviamente depositando terra, e depois as sementes arrancadas a outras plantas, e assim appareceu a nova geração, não sem causa, não sem tronco, d'onde proviesse, e por meio do qual vá em ordem nunca interrompida ligar-se á primeira planta do seu genero, que Deus creou.

É este o abysmo insondavel, que da natureza inorganica separa a organica: dos corpos da primeira prepara o homem muitos tão perfeitos como ella, chegará porventura um dia a preparal-os todos, dos da segunda nem o menor aresto da mais humilde herva formará jámais.

O que vale a respeito da natureza vegetal, com maior razão se dirá da animal. Ahi tambem não creio que haja geração espontanea. Se frequentemente vemos originarem-se vermes, onde não appa-

recem outros, dos quaes pudessem provir, como nos liquidos em putrefacção; ou compostos, nada nos prova, que não existissem ahi já os ovos, cujo desenvolvimento se accelerasse com a mudança de estado e de condição de circumstancias. Os proprios animalculos, que se crião nos intestinos e pulmões de outros maiores, bem podem provir de ovos alli introduzidos de envôlta, quer com o ar, que se respira, quer com o alimento, que se toma. Quem attender a que não ha gôtta de agua, não ha particula de ar, não ha elemento (só no fogo nada se tem descoberto), em que não vivão milhões de entes, não se maravilhará porcerto de os encontrar sem saber d'onde procedem. Em verdade nada mais irracional do que suppôr que os átomos, moleculas, ou como os queirão chamar, por mais voltas e viravoltas, que dessem, em milhões e milhões de seculos pudessem jámais chegar a combinar-se de modo, que formassem, não direi já um homem, mas nem se quer um d'esses vermes mais simples, cuja estructura com toda a sua simplicidade não deixa de ser de complicação pasmosa, desempenhando cada uma das minimas partes componentes admiravelmente a funcção, a que se destina, e concorrendo todas com maravilhoso concerto, para o fim unico - a vida.

Mas o espirito humano tudo querendo aprofundar, tudo explicar, deixa ás vezes a explicação mais clara

e precisa, para procurar outra mais confusa e complexa, e que nada explica, porque lhe falta o principio. Tudo procede d'um ôvo, dizia o outro, mas esse ôvo quem o pôz? Existiu a gallinha antes do ôvo, ou este antes d'aquella? Ahi bate o ponto.

O universo é um pensamento de Deus, disse Schiller, mas um Deus tirando o mundo do nada, materialisando, por assim me exprimir, o seu pensamento, parecia uma cousa por demais abstrusa e inexplicavel; era mais racional deixar a natureza por si mesma constituir-se e organisar-se, e expôr logo o modo como, não hypothetica, mas positivamente e de sciencia certa, embora se não explicasse a origem da materia em si, ou se fizesse intervir a Divindade quando muito na creação dos elementos.

O systema da Biblia era simples de mais, e o mundo é tão complicado! Além d'isto ella só traça em linhas principaes as phases mais pronunciadas da creação, era preciso encher o vácuo, departir as minudencias, compôr uma epopéa ou uma satira. N'este trabalho, campo immenso aberto á imaginação, era facil transgredir os prescriptos traços fundamentaes: o enchimento composto ao talante e gôsto de cada um, podia porfim não caber nos compartimentos d'antemão delineados, e antes do que refazer a propria obra, valia mais alargar, comprimir, ensanchar, prensar, estirar, encolher es-

tes, moldurando-os, affeiçoando-os a geito. Reconhecido que as expressões da escriptura são susceptiveis d'uma interpretação mui outra, do que o sentido obvio das palavras, não havia senão soltar rédeas ao genio inventor, e o mais disparatado systema apoiava-se nas phrases do Genesis.

D'entre estas uma das que mais disputa têem levantado, é a que se lê no texto, que tomei por mote, e que diz: *Spiritus Dei ferebatur super aquas.* De quantas intelligencias tenho lido, dadas a este texto, nenhuma me satisfaz completamente. Uma ha porém, que maior impressão me causou, mas cuja fôrça infelizmente não estou no caso de poder aquilatar. Segundo o auctor, a que me refiro, e cujo nome me escapa, é o *espirito de Deus* uma traducção má do *vento de Deus*, que se lê no hebraico. *Vento de Deus*, porém, é um idiotismo d'aquella lingua, que quer dizer *vento grande, vento furioso. vento endiabrado.* Nas locuções, em que nós nos servimos do diabo, para lhes darmos maior fôrça, recorrião os Hebreus, mais avisados, a Deus, e dizião *vento de Deus*, como nós diriamos *vento do diabo.* Tratava-se pois só do vento, ou do ar, que com os outros elementos devia entrar na formação do mundo, e que naturalmente havia de soprar rijo e furioso, onde tudo andava ainda revôlto e em guerra.

Mas explicar o Genesis não é o fim, que me proponho, porém entreter os leitores com os sonhos de alguns constructores de mundo. A prova mais clara de que quem muito aprofunda desvaria, quem muito pensa treslouca, quem muito lê, treslê, offerecem-nol-a os Allemães. Não ha espiritos mais ávidos de chegarem ao âmago das cousas, por isso tambem os não ha, que penetrem mais avante pelos espaços imaginarios da metaphysica. Vejamos pois como um d'estes compôz o universo.

É Schneider quem fala:

O immenso vácuo, que fica além do espaço, por onde girão milhões de globos, é destinado a servir de arena a novos astros, a novos planetas, que augmentarão em momentos dados o numero de estrellas da esphera do universo.

A reunião das moleculas, ou fluidos superfluos, derramados pelo espaço é o principio da formação de novos astros, como uma molecula de semente o é da formação d'uma planta, d'um animal, ou do homem.

Todo o sol, todo o planeta, tem suas emanações contínuas de dia e de noite; uma parte d'estas emanações volta á sua fonte primitiva (debaixo da forma de calor, chuva, neve, etc.) em virtude da lei de attracção; outra parte porém dispersa-se pelo espaço, moleculas invisiveis, que possuem a *propriedade*

intrinseca de todos os corpos existentes no astro, ou planeta, d'onde partirão. Estas emanações vão-se agglomerando, contrahindo, condensando nas regiões celestes, até que por fim fórmão um novo globo, que fluctua livre e independente, e passa a occupar o seu logar no systema universal das estrellas.

E assim que se fórmão os satellites á medida que se destacão do corpo principal, a cujo movimento, seja qual fôr a distancia, ficarão sempre sujeitos na sua rotação, eternamente prêsos ao logar, onde as moleculas se fôrão reunindo, girando dentro d'essa esphera.

Estas moleculas vão-se apertando e comprimindo, e a compressão produz o calor. Á medida porém que passão ao estado de quietação, vão esfriando. Ora n'um momento dado d'este esfriamento, pode destacar se da circumferencia do astro um annel inteiro. É o phenomeno, que actualmente se pode vêr em Saturno. N'este annel pouco a pouco se forma um ponto central, que vae attrahindo as moleculas todas, até que rebenta o circulo no ponto opposto a esse centro, que é onde mais se foi adelgaçando, precipitão se as moleculas para o seu centro, e ahi temos mais um globo constituido.

(Se a terra algum dia tiver de formar nova lua por este systema de annel, lá vamos todos para ella,

pois que é da circumferencia, que se destaca a cousa. Muito me hei de rir, se viver ainda).

O calor, motivado pela pressão das moleculas, que se reunem, engendra o fogo no centro, que é onde essa pressão é mais forte. Este fogo central é a alma, o regulador do corpo do novo planeta; dissolve, analysa, amalgama as differentes substancias encerradas nas suas moleculas, que como fica dicto, contêem as propriedades intrinsecas da materia dos outros astros, e assim se vae o filhote organisando á maneira dos paes.

Aqui temos pois a theoria da geração dos astros, e só faltou ao auctor indicar qual foi o Adão d'elles.

Ao passo que as moleculas se vão apertando umas contra as outras, vae a sua massa diminuindo de circumferencia. As moleculas, que constituem a nossa terra, e actualmente medem 9,000 leguas de circumferencia, occupavão no estado liquido, em que não havião ainda adherido entre si, uma de 7,200,000 leguas. Comtudo como esta massa de fluido não se reuniu d'uma só vez, concede o auctor que o maximo das moleculas, que entrárão na formação primitiva do nosso globo, não passasse de 3,600,000 leguas. Logo o primeiro choque reduziu esta massa de fluido a uma condensação de metade, e quando muito foi de 1,800,000 leguas a maior circumferen-

cia, que originariamente se pôz em movimento de rotação, d'esde as primeiras evoluções da terra. D'então para cá tem continuado sem cessar o encolhimento.

Disse-se, que as moleculas actuaes devião no estado liquido occupar 7,200,000 leguas de circumferencia, mas que realmente só a metade entrou na formação primitiva da terra. A outra metade veiu vindo successivamente em quatro periodos a razão de 900,000 leguas em cada um. No quinto periodo affluírão nada menos de 1,068,480 leguas de moleculas: estas porém servírão para formar a lua, que as levou comsigo, quando se separou de nós. Mas se as moleculas affluião na razão de 900,000 leguas por periodo, comprimião-se na de 1,200,000, de modo que apesar do novo supprimento ia a terra ficando sempre mais pequena. Cada um d'estes periodos abrangeu um espaço de 60 seculos, e os cinco juntos o de 30,000 annos.

O milhão e 68,480 leguas de moleculas, que vierão no quinto periodo, e devião depois constituir a lua, estiverão reunidas á terra durante os 60 seculos d'esse periodo, formando-lhe a circumferencia. Durante este tempo seguia o circulo exterior a lei da concentração, e em virtude d'esta acção perdeu a quinta essencia do seu gaz, attrahido pelo corpo principal. É esta a razão, e ninguem deixará de a

achar plausivel, por que a lua ficou sem atmosphera, ou com quasi nenhuma.

Com a formação da lua acabou o primeiro dia da Biblia, e a terra, tendo trabalhado todo esse dia, que excedeu 300 seculos, passou a dormir a noite, que o separou do seguinte, e que foi de 60 seculos apenas.

N'este estado de quietação principiou a originar-se a geração, e vierão apparecendo os animaes e plantas, que mais se accommodavão com a natureza lamacenta do solo, pois ainda as aguas se não havião separado da terra. Mas com o abalo que soffreu o globo, por occasião de despegar-se a lua, escorregou toda a um lado a materia mais pesada, que devia formar a terra, e para o outro a mais leve ou liquida, que tinha de constituir os mares. E um terço pouco mais ou menos do nosso planeta ficou a descoberto e a sêcco, extendendo-se em tôrno a materia liquida. Esta, que occupa os dois terços, procura cobrir toda a superficie, mas é rechaçada pela outra já quasi solida, e assim se originão o fluxo e refluxo e a ondulação das vagas.

Como tudo se explica tão naturalmente! Mas seguir o auctor na demonstração minuciosa de como todas as cousas se fôrão formando, mineraes, plantas, e animaes, levar-nos-hia muito longe.

Basta saber que os tres elementos primitivos, o

ar. o fogo e a agua, cumprirão nos dois primeiros periodos as leis, pelas quaes a natureza traçou o trabalho da organisação dos seres.

No terceiro periodo tomava o elemento árido o nome de *terra*. e os seus primeiros fructos fôrão as hervas e as arvores, que devião servir de alimento aos animaes, que mais tarde virião.

Este terceiro periodo findou como os precedentes por um cataclysmo, no meio do qual a agua invadiu toda a terra, que ficava ao sul, e deixou a descoberta ao oeste. Ao mesmo tempo se operou um confrangimento da circumferencia do globo, que ficou reduzida a 50,000 leguas.

Foi n'este periodo que os astros, desembaraçando-se do véo de nevoas, que os encobria, apparecérão no firmamento. O sol, 1,404.928 vezes maior que a terra, é o papae dos astros da sua constellação, que d'elle provierão todos.

A união das moleculas, que devião constituir o sol, operou-se segundo as leis geraes já expostas, com a differença porém, que as evoluções primitivas d'este enorme corpo, a sua rotação, o seu calor, o seu fogo. tudo se formou em sentido inverso, do que succedeu com os planetas.

Em logar de proceder da peripheria para o centro, partiu o esfriamento d'este para aquella, e o resultado foi fixar-se o fogo nas ultimas camadas

exteriores. Ora este fogo, assim posto na superficie, tem a propriedade de attrahir a si todos os átomos phosphorescentes, electricos e magneticos dos outros astros, e são estes átomos, que vão alimentar constantemente o fogo solar, que sem isso muito ha já, que se teria consumido. Os taes átomos porém não chegão ao sol já puros e brilhantes; é preciso preparal os convenientemente no laboratorio de casa, e para esse effeito depositão-se em certos logares, á medida que vão chegando. Ora esses depositos de átomos escuros, vindos de fora e ainda não purificados, são as manchas, que notamos no astro da luz.

Possue o sol os seus moradores. dos quaes o nosso auctor tem noticias positivas. Não vão porém pensar que são salamandras, que vivem no fogo. A cousa está bem disposta. A camada luminosa e calorifica do astro acha-se separada do caroço opaco do mesmo por outra algum tanto crassa, que lhe serve de atmosphera, deixando apenas coar até lá a luz e o calor precisos para a existencia dos habitantes. Achão-se estes pois, graças a essa camada intermediaria, perfeitamente resguardados como debaixo d'um guarda-sol, só o que me parece é que achando-se assim a luz toda derramada em tôrno do globo, não terão os pobres diabos noite, em que possão dormir e descançar, salvo se os taes átomos

escuros adventicios, por algum machinismo especial, servirem para isto em quanto não vão alimentar o brazeiro eterno.

Ha algumas moleculas, que não servem para formação de astros, ou porque lhes faltão os principios elementares, ou porque de gastas perdêrão já a elasticidade Estas reunem se sobre si, e ahi temos os cometas, cuja missão é percorrer as constellações do universo, e na sua passagem regular, absorver, attrahindo-as á roda e apos de si, todas essas moleculas exhaustas, e varrendo assim o céo (para que lhes deu Deus tamanho rabo?), purificar todos os espaços, e desinfectar as espheras dos systemas solares. São umas especies de carroças de asseio publico, que fazem o serviço de graça. Mas onde vão lançar todo o lixo, que apanhão? Quando a cauda, que atraz de si arrastão, se protráe já por muitos milhões de leguas, vão os cometas servir de alimentação momentanea d'um sol, dispondo-se-lhe á volta do disco. Vão para a fabrica do gaz.

Mas desçamos das alturas e volvamos á terra. O quarto periodo acabou por outro cataclysmo, que reduziu o globo a 25,000 leguas de circumferencia. A parte árida abaixou-se do lado do oeste, e as aguas se espraiárão por cima d'ella, deixando a descoberto o nord'éste, pouco mais ou menos onde actualmente se acha a terra. O quinto periodo é o

dos animaes, o que não quer dizer que os não tivesse havido antes, de classe mais rudimental, mas foi então que elles principiárão a pullular de todas as especies.

O mais notavel é o animal homem-sylvestre.

É este homem-sylvestre uma especie já mais apurada do orangotango e do macaco, nosso illustre avoengo. Os animaes fôrão-se aperfeiçoando de geração em geração, até chegarem no fim do quarto periodo ao macaco. No quinto porém deu a natureza mais um puxo, e converteu o macaco em homem, não n'um homem como esses, que por ahi vemos hoje tão cheios de dotes, tão ricos de prendas, mas n'um homem rudo, e ainda por desbastar physica e moralmente, n'um homem-sylvestre em uma palavra. Pouco a pouco foi este animal passando por modificações e aperfeiçoamentos na sua forma, á medida que marchavão os seculos. Assim, se o quinto periodo durou tresentos seculos, deu a natureza n'este ente outros tantos retoques por uma graduação quasi insensivel, de modo que no fim do periodo estava elle já muito mais bello a todos os respeitos.

Mas a par dos macacos, que assim se fôrão adeantando, sendo afinal promovidos a homens, outros menos felizes ficárão eternamente a marcar passo no posto, a que tinhão chegado, e ainda hoje os

vemos no mesmo gráu de aperfeiçoamento. É que são muitos os chamados, poucos porém os escolhidos. Os homens tambem parecem condemnados a não passar d'ahi; é verdade que os tresentos seculos, que provavelmente deverá ter tambem o nosso periodo, ainda veem longe, mas parece-me que desde Adão até nós já se podia ir notando alguma melhoria n'essa marcha constante para a perfeição, quando pelo contrario todos se queixão, que a raça vae degenerando e abastardando-se.

Nem pensem que tudo isto é hypothetico; não, senhores, temos as provas mais evidentes da existencia d'estes homens sylvestres. Senão ou ão.

A sciencia, depois de maduro exame d'este producto, declarou que o nitro não se forma senão de materias excrementicias, principalmente de animaes e vegetaes reunidos, nem se desenvolve senão depois de fermentação lenta, e preparada pelo trabalho dos seculos. Na Asia, Africa e America, especialmente na Tartaria e no Egypto, encóntrão-se porções enormes d'esta substancia, mas que outro animal, senão o tal homem sylvestre, cujos instinctos estavão já um tanto mais desenvolvidos, podia ter a idéa de ir depositar as suas dejecções abdominaes em logares particulares? Toda a outra jerarchia satisfaz as suas necessidades, onde quer que estas se fazem sentir. É pois fora de duvida a existencia dos preadamitas.

No principio do sexto periodo estava o nosso globo reduzido a 12,000 leguas de circumferencia, sendo um quarto terra descoberta entre o norte e o oeste, e o resto agua. Foi então que appareceu o primeiro homem perfeito. Por esta occasião demonstra o auctor a todas as luzes, que a palavra *dia*, empregada por Moysés, é synonyma de periodo, e que cada um d'estes periodos abrangeu 36,000 annos, ou uma *precessão dos equinoxios*.

Os primeiros homens vivião 600 a 900 annos, por que erão muito maiores, que os de agora. É esta a regra, que se observa por todo o reino animal. O elephante vive de 150 a 200 annos, e o cavallo de 20 a 30. Porque? Porque é muito maior aquelle.

O intervallo do quinto ao sexto periodo, ou a aurora d'este ultimo, chega até ao diluvio universal, e durou 85 seculos. Calcula-se isto perfeitamente, contando as gerações de Adão até Noé, e os annos, que viveu cada patriarcha. Foi ao diluvio que a America deveu a sua origem, e vamos vêr como se fez a cousa.

A parte árida ou descoberta, que no fim do quinto periodo formava uma massa só, e que na madrugada do seguinte ainda não apresentava senão fendas mais ou menos largas, abertas pelos cataclysmos anteriores, foi por occasião do diluvio universal completamente separada por essas mesmas rachas,

ao menos quanto á superficie, em grande numero de partes.

Esta separação violenta arremessou a differentes distancias essas porções da parte árida, que antes era só uma, e d'ora avante parecérão formar várias, sempre ligadas pela base, ou postas, para assim dizer, sobre o mesmo pedestal.

A fenda maior, mais longa e mais importante, corria de norte a sul; bem visivel já na aurora do sexto dia, não impedia ainda a communicação dos povos d'um e outro lado. Seria talvez de meia legua de largura, e dividia a terra quasi ao meio na direcção indicada. Podia-se presentir que era infallivel uma separação; a massa maior ficava no seu logar, e a menos pesada seria atirada a distancia bastante, para estabelecer um equilibrio proporcional.

Assim succedeu. A massa maior ahi ficou, e chama-se hoje Asia, Africa e Europa; a menor foi arremessada para o oeste, e chama se America. N'esta viagem foi a America deixando atraz de si algumas ilhas semeadas pelo oceano, outras desprendérão se da terra firme, a que pertencião; pela fôrça do mesmo repellão, que separou o novo continente, e segundo o maior ou menor impeto, que levavão, fôrão ficando mais áquem ou mais além.

Por esta occasião erguérão-se muitas montanhas,

pela fôrça das erupções vulcanicas, mas como em tudo ha compensação, abaixárão-se tambem os terrenos, que fórmão hoje os leitos dos mares Mediterraneo, Adriatico e Negro, e o oceano, achando uma fenda, onde é hoje o Estreito de Gibraltar, por ella se precipitou, e veiu encher essas bacias. Da mesma forma se destacou a Grã-Bretanha, que ainda se subordinou, dando um pedaço para a Irlanda e outro para a Islandia.

Para nos convencermos da exactidão de tudo isto, basta lançar os olhos por sobre um mappa mundi. Ahi se vê, que toda a costa do leste da America corresponde em todo o seu correr perfeitamente á parte oeste do velho continente, do norte da Europa ao sul da Africa.

Se a correspondencia é mais visivel, a partir do 30° grau de latitude norte até ao Cabo de Magalhães, é porque o espaço, ou o mar, que separa os dois continentes do velho e novo mundo, está menos semeado de ilhas perdidas pelo caminho.

Basta observar o ventre ou bojo enorme da Africa, desde Cabo Verde até ao sul da Liberia; este bojo encaixa perfeitamente no mar das Antilhas e golfo do Mexico, que lhe ficão fronteiros na America, dando-se o devido desconto aos fragmentos, que perdeu o continente americano, e que fórmão as ilhas de Cabo Verde, os Açôres, as Antilhas, o

Haiti, Cuba, etc. Pelo contrario o bojo do Brazil, na America, corresponde ao golfo de Guiné, na Africa, no qual se encaixaria egualmente bem.

A Patagonia é uma parte, que se allongou no trajecto, mas a sua forma indica claramente, que rodeava a ponta austral do antigo continente, isto é, o Cabo da Boa Esperança e o sudoeste da Cafraria.

(Quer dizer que em quanto a America estava abraçada com o resto do mundo, passava-lhe a cauda á volta, como ainda fazem os macacos, para melhor se segurarem. Depois que se viu só, extendeu este prolongamento de si mesma.)

Se de egual forma quizermos considerar os dois continentes ao norte do 30° grau de latitude septemtrional, veremos que a correspondencia dos cabos d'um lado, com os golfos do outro, é, sem ser tão pronunciada, facillima de reconhecer-se, mettendo sempre em conta as ilhas e peninsulas, que alli se formárão; assim correspondem a Hespanha e a França á bahia sita ao sul dos Estados-Unidos, entre a Florida e Nova Escocia.

Imaginem, restabelecendo as cousas quaes erão antes, d'um lado a ilha da Terra Nova reposta no golfo de S. Lourenço, e o Labrador na bahia de Hudson; do outro as ilhas Britannicas, inclusivé a Escocia, collocadas outra vez no Mar do Norte, a

Escandinavia ligada á Russia, supprimido o Mar Baltico, e digão se a Dinamarca não se encaixa logo naturalmente no Skager-Rack, e se a costa oriental da America não corresponde perfeitamente á occidental da Europa.

E esta apenas uma das muitas *provas physicas*, que o auctor produz.

Em quanto ligada ao resto do mundo formava a America essa enorme ilha Atlantida, que Noé frequentou muito, e cuja tradição chegou de geração em geração até aos Gregos, que não sabendo melhor destino que dar-lhe, encaixárão-na na mythologia, como o novo continente se encaixava antes no antigo.

Quando não encontrou mais a sua Atlantida, jolgou a Noé submergida, entretanto porém navegava ella com todos os seus habitantes para o oeste, onde mais tarde a foi descobrir Colombo.

Ainda uma prova d'este facto incontestavel. Esta agora é da ordem das *physiologicas e geographicas*.

O Amazonas, rio primitivo, ainda hoje existe, e só por si bastaria para provar que a America é realmente a antiga Atlantida dos tempos antidiluvianos.

O viajor philosopho La Condamine, que em poucas cousas acreditava, mas que defendia caloroso

aquillo, de que uma vez se convencera, não duvidava que a America tivesse encerrado no seu seio uma raça de amazonas. (*Monde Primitif*, *t. VI p.* 207. Deve ser curioso um homem, que em poucas cousas acredita, a escrever sobre o mundo primitivo. Hei de lêr a obra).

Além d'estes *testemunhos* geographicos, offerecem-nos outro absolutamente physiologico as indoles dos povos.

Encontramos nas mulheres americanas mais vontade e fôrça de caracter, do que nas do mundo antigo, em geral mais pacificas.

Temos visto frequentemente na America questões com vias de facto entre homens; mal porém se apresentava uma mulher no meio do combate, cessava a lucta, e os facões erguidos para ferirem, cahião como por encanto aos gritos d'ella, que corajosa se arremessava ao meio dos combatentes.

Em nenhum paiz se vê, como na America, as mulheres reunirem-se entre si em commissões, sociedades ou *clubs* para tratarem de objectos de toda a especie: guerra, paz, religião e até discussões politicas.

Não será isto signal, que ellas descendem das antigas Amazonas, de quem herdárão a energia?

É, meu bom Schneider, é um signal, que a todos se está mettendo pelos olhos dentro. Não viu Orel-

lana d'estas guerreiras, quando vindo do Perú desceu o rio, que d'ellas ainda conserva o nome? Tanto as viu que até matou uma, e o sangue d'esta heroina desfeito em *m leculas*, das taes, que conservão a *propriedade intrinseca do corpo, d'onde emanão*, derramou-se pelo ar, e é absorvido pelas Americanas, tornando bellicosas e inclinadas aos *clubs* mesmo as que não têem a ventura de descender em linha recta de tão preclara estirpe. Permitta o auctor, que lhe offereça mais esta prova addicional, e que lhe recommende a exposição, que fez da sua viagem o reverendo Fr. Gaspar, companheiro de Orellana.

Quanto á Australia essa estava antes da divisão do mundo agarrada á Africa, *encaixada* no golfo entre os cabos Guardafui e Delgado, que corresponde á costa australiana da terra de Diemen ao cabo do Noroeste na terra de Witt.

Vamos á conclusão.

Se o nosso globo fôr visitado por novo cataclysmo, determinará essa catastrophe o *set.mo* dia da creação. Isto importará a formação d'uma nova raça de homens, que talvez descendão da actual, mas que tambem poderão compôr-se de novas moleculas, emanadas d'outros astros, segundo o systema exposto.

Os homens d'esta nova fornada terão qualidades

superiores ás da raça precedente, da qual provavelmente se distinguirão pelo melhoramento moral da indole, como pelo aperfeiçoamento physico da especie.

Tenhamos pois fé no futuro, em que o auctor não é menos versado do que no passado.

A sua obra intitula-se com tanta modestia como acêrto, *Revelação dos Mysterios da Creação*, é porém por curiosa mui digna de lêr-se.

Zimmermann não segue a theoria da filiação dos astros. Segundo elle estava o espaço cheio d'um fluido gazoso. Este fluido compunha-se das indefectiveis moleculas. Estas moleculas reunírão-se formando um globo vaporoso de toda a circumferencia do systema solar. O choque produziu o calor, mas depois, esfriando, fôrão se as moleculas condensando, como succede com todos os corpos, e mais sensivelmente se vê nos liquidos, que com o frio adquirem a consistencia do gêlo. As fôrças centripeta e centrifuga, encontrando-se, poserão estas moleculas em movimento, movimento tanto mais accelerado, quanto mais proximo do centro, onde era mais intensa a fôrça centripeta, e onde mais depressa se operara a condensação. Quanto mais para a peripheria, mais lento o movimento. Esta diversidade de movimento, auxiliada pela fôrça centripeta, causou uma solução de continuidade entr

as differentes camadas, que por fim se resolvérão em outros tantos anneis. Rompérão-se os anneis; as moleculas, que os compunhão affluírão a um ponto unico, e constituírão os planetas, que ainda hoje gírão em tôrno do centro commum, o sol, em virtude do primeiro impulso, que havião recebido.

Isto pelo que respeita ao nosso systema solar, quanto aos outros succederia o mesmo.

Este sonhador admitte tambem a geração espontanea, *generatio æquivoca*, ou *originaria*, a nascença do organismo sem ôvo, nem embryão.

Esta producção já não existe no nosso tempo, mas como com muita justeza diz Burgmeister, se já não vemos nascerem d'esta maneira plantas nem animaes, é porque hoje estão providos dos orgãos necessarios á propria reproducção.

Com esta razão deu o nosso improvisador garrote no seu systema. Se as moleculas podião no principio do mundo reunir-se de modo, que formassem um ente organisado, porque não o poderião fazer ainda hoje, pois que as suas propriedades devem ser as mesmas? Admittir que ellas o não fazem, por ser já desnecessario, e que esta razão as determina, seria reconhecer a faculdade de raciocinar nas taes moleculas, e tão longe creio que não quererão ir os prégadores de semelhante doutrina. Mas, se esta razão de desnecessidade existe, como não podia

influir sobre as moleculas em si, incapazes de a comprehenderem, só podia determinar um ente intelligente, que fizesse cessar essa combinação de moleculas, d'esde que se tornou desnecessaria. Havia elle porém de intervir n'uma obra, que não era sua, inverter a ordem da natureza depois de posta em marcha regular? Não; logo é que esse ente intelligente era quem reunia as moleculas de modo, que formassem seres organicos, e cessou de fazel-o, apenas isso se tornou desnecessario, por poderem estes já prover á propria reproducção. Aqui temos o dedo do Creador.

Zimmermann sentiu quiçá o lado fraco da sua hypothese, o formulou outra. Talvez, disse, a substancia organica esteja já empregada toda nos entes vivos, e não haja, com que formar novos seres, senão por meio da geração. Mas então, é que desde principio não existiu da tal substancia organica senão a necessidade para a formação dos primeiros entes; e essa substancia quasi nulla derramada pela immensidade do espaço havia de vir por si mesma átomo por átomo através milhões de milhões de leguas a reunir-se no ponto unico, em que podia preencher o seu fim? Se estas paginas não fôssem tão sérias, diria que outro officio!

Tudo isto porém não responde ainda á pergunta: D'onde veiu a materia prima, que produziu os entes

organicos? Não se julgue comtudo, que o auctor a não resolva com egual sufficiencia.

«A terra, cercada d'uma casca solida, estava embebida d'agua quente, e a sua atmosphera, que então penetrava muito mais adentro pelas profundezas do espaço, saturada de vapor de agua e de acido carbonico. Ainda hoje succede o mesmo sob uma temperatura moderada; mas n'uma épocha, em que o calor da terra attingiu por toda a parte 60 gráus — excepto nos polos, onde, não passando de 40 gráus, permittia já um principio de vegetação — devia a atmosphera achar-se consideravelmente mais carregada de vapor d'agua e d'acido carbonico; de vapor d'agua, em razão da propria elevação da temperatura, e d'acido carbonico, porque as numerosas fendas da terra nascente o exhalavão sem cessar, como ainda se vê nas regiões vulcanicas.

«A condição fundamental para a producção dos entes organisados — a sua materia prima — *existia* pois; apresenta-se agora segunda questão, mais difficil de resolver, a de saber a *maneira* como se formárão as substancias organicas!»

E começa o auctor a desfiar uma longa demonstração de creação espontanea, e a formular uma bellissima hypothese de vegetação sem semente nos

nossos dias, para depois derribar todo o seu edificio com sete palavras: *Bem podia a semente vir d'algures*, concluindo:

«Fôsse pois o que fôsse o primeiro dia da vida do mundo! Não temos já olhos, com que conhecel-o, nem sentidos, com que o comprehendamos, nem pincel com que o pintemos.»

Ficárão mais adeantados? Nem eu.

Zimmermann bem nos préga, para melhor nos fazer engolir a pilula, que os entes organicos não nascérão logo perfeitos, mas pouco a pouco se fôrão desenvolvendo e subindo de escala. As plantas paulatinamente se fôrão convertendo em polypos, algas, molluscos e estes em animaes cada vez mais perfeitos até chegar ao que occupa o primeiro logar.

Por mais tratos, que dê á imaginação, é cousa que me não entra. Se eu não visse animaes, senão da classe mais nobre, facilmente acreditaria que elles antes de chegarem lá, passassem por graduações inferiores. Mas se ainda os vejo de todas as especies, como é que d'estas alguns individuos avançárão e outros não? Como é que uns polypos passárão a peixes, e outros ficárão no que erão, e no que são ainda? Dirão talvez, que uns se achárão em circumstancias, que lhes facilitárão o desenvolvi-

mento e aperfeiçoamento, e outros não. Mas como foi que se acabárão inteiramente essas conjuncturas propicias, de modo que já ninguem vê, pelo menos que me conste, um burro chegar a cavallo, nem d'um cágado nascer um macaco? Só n'uma especie parece que todos os individuos fôrão promovidos, sem ficar um unico esquecido para semente, de modo que se perdeu a raça, foi a dos animaes-homens-sylvestres de Schneider.

Zimmermann viu formar-se a terra d'uma maneira especial. Do seio das aguas fôrão brotando ilhas, á guisa de cogumelos ou tortulhos. Estas ilhas fôrão-se multiplicando, pegando umas nas outras, e formando continentes. Onde lhes não surdírão outras ao pé, em ilhas ficárão, e d'ahi não passárão ainda.

Mas se no mundo de Zimmermann o mar vomitou a terra aos poucos, e em forma de ilhas, no do Dinamarquez Frederico Klee succedeu o contrario, foi o mar, que tragou boa dóse de terra. Antes das grandes revoluções do globo, e nomeadamente antes do diluvio, *o littoral das differentes partes do mundo era chato e levemente inclinado para o mar, e os portos pouco profundos, nem essa quantidade de angras e braços de mar, que actualmente vemos, e que segundo os geologos, são na maxima parte obra das aguas, existia ainda.*

Formava pois a terra uma massa unida, de con-

tornos arredondados, mas o mar tanto deu na rocha dura, que penetrou por ella, foi rendilhando a costa, e quando achava dentro algum terreno mais baixo, engolia-o sem mais tirte nem guarte, deixando de fora os mais altos, por não poder cobril-os, e são esses, que por ahi ficárão sobranceiros ás ondas na forma de ilhas. Achavão-se estas pois unidas aos continentes, dos quaes se destacárão, não como diz Schneider, atiradas ao largo quaes balas despedidas do canhão, mas simplesmente por se ter o mar mettido de permeio entre ellas e a terra firme, de que fazião parte.

O Sr. Klee passeia-nos á volta do globo, mostrando-nos, ou antes dizendo-nos, como as differentes ilhas, semeadas por esses mares, não podião ter deixado de pertencer a taes e taes castas, nem vejo o menor motivo para deixar de acreditar na sua palavra honrada.

Quanto á America, não a solleva o auctor, para atiral-a a algumas centenas de leguas para o oeste, como quem n'uma sala move qualquer traste d'um lado para o outro. As cousas passárão-se d'outro modo; *a Europa, a Asia e a America septemtrional formavão um só e unico continente de prodigiosa extensão, prolongando-se para o polo do sul em tres peninsulas, a saber: a America Meridional, a Africa e o Oceania.* A respeito d'esta ultima convem dizer,

que ella, unida á Asia por um isthmo, formavão uma peninsula, cuja ponta meridional ficava por 30° de lat. S. entre a Terra de Van Diemen e a Nova Zelandia.

Esta maior extensão da terra habitada explica as formas gigantescas dos animaes antidiluvianos. Parece que estes desapparecérão por falta de espaço, em que mover-se.

Klee entende que o diluvio universal foi devido a uma deslocação do eixo do globo, e foi a demonstração d'esta asserção o fim principal, que elle se propôz na sua obra *O Diluvio,* onde se encóntrão estas e muitas outras cousas bonitas.

Que a superficie do globo terraqueo soffreu muitas e grandes modificações pela fôrça de evoluções violentas, é fora de duvida; os vestigios ahi ficárão patentes. Quaes ellas fôssem, podemos conjectural-o, e a respeito d'algumas quiçá sabel-o ao certo. Que o universo não foi creado d'um jacto, dil-o a Biblia. Que os dias de creação, que ella conta, não fôrão dias ordinarios, bastaria para proval-o a circumstancia de que nos primeiros tres não havia sol, nem lua, nem estrellas, que os marcassem. Só no quarto apparecérão as *luminarias* no céo. É licito pois vêr que Deus creou primeiramente os elementos, a materia, ou muito embora as moleculas, se se assim o querem, de que mais tarde formasse o

mundo. Pretender porém precisar o modo, por que essas moleculas se reunírão, constituindo os astros, e o que n'elles vêmos, é loucura, é desvario. A escriptura desenha-nos apenas os traços mais genericos do quadro da creação, indica-nos tão sómente a ordem successiva dos successos capitaes. Seja ou não verdadeira essa indicação, até agora ainda ninguem logrou provar-lhe a falsidade. Encher as lacunas d'essa pintura, só com a imaginação o podemos: o que se passou antes que a terra existisse como globo já formado, nem o sabemos, nem jámais o saberemos em quanto a habitarmos.

A differença capital entre o systema da Biblia e o dos cosmogonistas de imaginação, é que estes, admittindo quando muito que a materia prima fôsse creada, querem que ella depois por si mesma se organisasse, em quanto aquella faz intervir em tudo o dedo do Creador. O primeiro homem formou se de barro, ou de moleculas, seja, mas esse barro foi amassado, essas moleculas fôrão reunidas pela mão de Deus. Poderá alguem nem sequer conceber a infinidade de combinações, de que era susceptivel esse sem numero de moleculas derramadas pela immensidade do espaço, combinações das quaes uma só podia dar em resultado o mundo com quanto encerra? E essa combinação havia de sahir sem defeito? Demos que era possivel as moleculas reu-

nirem-se ao acaso, de modo que constituissem globos, e que esses globos girassem. Não havia entre tantos milhões de corpos cahir um só que fôsse algumas linhas fora do logar, que devia occupar, e tomando uma marcha menos regular, perturbar os outros na sua, romper o equilibrio, que os mantém suspensos, attrahindo-se e repellindo-se elles mutuamente com admiravel precisão, e de novo precipitar no cháos o universo? E ao passo que o acaso era tão incomprehensivelmente feliz nas suas combinações em grosso, havia de sêl-o egual e simultaneamente nas mais miudas, de modo que nas partes componentes d'um globo não houvesse o minimo desacêrto, que o verme mais pequeno como o animal mais agigantado, nenhum ente fôsse posto em circumstancias differentes das em que podia viver, não recebesse orgão mais ou menos dos indispensaveis á sua subsistencia? É de mais.

Não, o mundo não é obra do acaso, não se constituiu por si mesmo. De duas uma. Ou Deus, chamando com o seu omnipotente *Fiat* o universo á existencia, qual ainda hoje o admiramos, lançou os milhões de globos no espaço, já constituidos e organisados, e porventura até já animados, marcando-lhes as orbitas, de que não devião desviar-se uma linha em quanto durasse o mundo, ou creando a materia, dispôl-a logo de maneira, que ella d'uma

forma só e não mais pudesse organisar-se, seguindo depois as leis immutaveis, que Elle *ab initio* lhe prescreveu. Pode em verdade conceber-se que o Creador collocasse as taes moleculas (não sei por que, embirro com este termo) de maneira que ellas obedecendo á tendencia, que Elle proprio lhes houvesse imprimido, não pudessem deixar de reunir-se e organisar-se como o fizerão. A sabedoria divina tudo podia prever, tudo regular de antemão. Quem reuniu n'uma semente imperceptivel os elementos todos d'uma arvore gigante, que a seu turno produz milhares de sementes em tudo eguaes áquella, d'onde tirou a origem, podia dispersar os elementos de todos os seres n'um cháos apparente, d'onde devia surgir a ordem, de modo que obedecendo á combinação das fôrças de cada um, fôssem occupar o logar que de toda a eternidade lhes estava marcado na mente do Creador. Podia Deus tambem crear desde logo os elementos precisos para formação dos animaes, que depois seu sôpro divino animaria, pois que por fim nem tudo é materia, e creal-os, ou apenas na quantidade necessaria para organisação do primeiro casal de cada especie, ou de modo que com as novas condições, em que se achassem, preenchido o fim da sua existencia, quer por mudanças sobrevenientes no estado da terra, quer por outra qualquer causa, perdessem a virtude productiva.

Tudo isto se concebe e muito mais ainda, referindo a creação a um Deus omnipotente, d'onde ella emanasse. Vendo como o Eterno deixa operar por si mesma a natureza, (e defeito fôra da creação se ella carecesse que o Regulador supremo interviesse jámais, torcendo lhe o cursò, como o homem se vê muitas vezes obrigado a modificar e corrigir a acção da machina por elle construida) inclino-me a crêr que Deus creasse unicamente os elementos do universo, impondo lhes desde logo as leis, por que deve o mundo não só formar-se, mas tambem reger-se invariavelmente até á consummação dos seculos.

Mas porque tudo podia ser, diremos que assim fôsse? Estulta vaidade do homem, que aspira a medir os recursos da Omnipotencia, e prescrever o modo, por que Ella deve ter obrado, como se não restassem sempre infinitos outros caminhos, por onde marchasse a Providencia. Nem se diga que as leis, que ainda existem, são as mesmas, por que devia formar se a natureza, e que conhecidas ellas facil é determinar o modo, por que ellas devem ter operado por occasião da formação. Acredito que as leis sejão as mesmas, mas o que não creio é que ninguem as conheça tanto a fundo, que possa nem sequer conjecturar esse modo com alguns visos de acêrto. Pobres toupeiras, que nem vêmos o que

nos passa deante dos olhos, ignorantes, que mal explicamos hypotheticamente os phenomenos mais comezinhos, que quasi palpamos, declarando redondamente a respeito de muitos, que os não comprehendemos, queremos reconstruir a grande obra da creação com tão incertos dados, remontar á nebulosa origem dos tempos, e munidos de dez réis de sciencia, se é que este nome se lhe pode dar, pois que emfim a sciencia mais certa é a de que nada sabemos, assistir á depuração do universo ao surgir do cháos! E nem sequer conhecemos o que hoje mesmo se passa algumas braças abaixo dos nossos pés!

O que eu acho mais ridiculo nos sonhos dos Schneiders, Zimmermanns, Klees e tantos outros, não é o systema, já que, procurando em Deus a origem da materia, nada é impossivel, com tanto que não repugne á natureza do Creador, mas o arrôjo, com que se abalanção a dizer, cheios de si: Isto foi assim! em materia, em que nem a conjectura talvez é licita.

Não aproveitarião estes senhores melhor o seu tempo explicando nos as creações tetardadas, que só vierão a ter logar nos nossos dias, pois que os átomos creadores não se exgottárão por occasião de constituir-se o mundo; alguns houve, que mais arredados e perdidos além dos limites das derradei-

ras constellações, só passados seculos e seculos pudérão chegar ao seu posto, e fazer juncção com os companheiros, vindos do extremo opposto. E sabe Deus ainda quantos por lá andarão errantes, que têem de servir para futuras organisações.

Estas creações serodias, por mais ao alcance da nossa intelligencia, como contemporaneas da humanidade, não são menos maravilhosas. Assim quizera que algum fino engenho explicasse d'onde vierão e como se reunírão as moleculas constitutivas do papel de crédito, uma das mais prodigiosas creações dos tempos modernos, ou antes talvez uma verdadeira *geração espontanea*, pois que ninguem lhe conhece o tronco, d'onde procede.

Blest paper credit! last and best supply!
Thatlends corruption lighter wings to fly!
Gold, imp'd by thee, can compass hardest things,
Can pochet states, can fetch or carry kings.
A single leaf shall waft an army o'er,
Or ship of senat s, to some distant shore;
A leaf, like Sibyll's, scatter to and fro
Our fate and fortunes as the wind shall blow;
Pregnant with thousands, flits the scrap unseen,
And silent sells a king, or buys a queen. [1]

Santo papel de crédito! Oh! que invento,
P'ra dar á corrupção mais leves azas,

[1] Pope.

Comtigo impando nada custa ao ouro,
Empolga estados, mette reis no bolso!
Uma tirinha só nas dobras leva
Uma hoste em armas e um senado em pêso.
Uma só folha sibyllina espalha
Vidas, fortunas á mercê dos ventos.
Surdo o farrapo, sem que o vejão, vôa,
E vende um rei, uma rainha compra.

Concluirei com um pedido ao fazedor dos indices. Se no catalogo trimensal das doutas e variadas producções da *Revista* fôr consignar este meu pobre escripto, tomando, como é seu costume, o pomposo e muito promettente titulo e o humilde e obscuro nome, que assigna, e escrevendo: *A Creação do Mundo por F.*, parecerá talvez, que fui eu o auctor d'este immenso universo, quando ingenuamente confesso, que não tive n'isso a menor ingerencia. Desejo pois que se evitem equivocos, e se o meu pedido não fôr attendido, sirva isto aqui ao menos de protesto, com que me livre de qualquer accusação de embaidor ou porventura até de estellionatario, conforme a auctoridade policio-judiciaria quizer encabeçar o crime.

GASTROSOPHIA [1]

I

Hão de por sem duvida os leitores ter notado uma falta, para não dizer um vácuo, na collaboração da *Revista Popular*, e se a não notárão, é a mesma cousa, aponto-lh'a eu e desde logo ficarão convencidos da sua existencia, pasmando de a não terem descoberto ainda.

Passados são felizmente os tempos em que prêsa como n'um circulo de ferro entre a agulha e a escumadeira, a mulher apprendia de lettras apenas o bastante para fazer o rol da roupa suja, que entre-

[1] *Revista Popular* (1861) sob o pseudomyno de D. Ignez d'Horta.

gava á lavadeira. Não assim hoje. No programma da educação femenil entrão todos os ramos dos conhecimentos humanos: as sciencias e as artes liberaes e as principaes linguas vivas, e se poucas apprendem as mortas é porque em verdade uma lingua de que não pudesse fazer uso seria para uma mulher a cousa mais absurda.

Graças a este melhoramento de systema, que não pouco deve concorrer tambem para o aperfeiçoamento da raça, pode já o sexo amavel tomar parte em todas as conversas e até discussões sem limitação de assumpto e não só falar mas tambem escrever. Sem consultar o *Secretario dos Amantes* escreve uma menina ao sahir do collegio, ou mesmo já lá de dentro, cartas que são verdadeiros modêlos de estylo epistolar, e do bemaventurado mortal que recebe uma d'estas perfumadas missivas em papel achamalotado e escripta com tinta da *tão boa sim, melhor não*, já se não pode dizer que

> Vae com trabalho o triste solettrando
> As tortas regras, que boçal donzella
> De emprestadas finezas carregara,
> Que piedosa vizinha lhe dictara.

Assim armada de todos os dotes do espirito marcha a melhor metade do genero humano a passos de gigante para a sua completa emancipação. Desceu

de ha muito já á arena da imprensa, e não ha ramo de litteratura em que ella não tenha dignissimas representantes. Só a *Revista Popular* não conta na sua numerosa redacção uma unica litterata! É verdade que ha tempos apparecérão umas *Cartas de Botafogo* (por signal que erão excellentes) assignadas por um nome feminino, mas quanto a mim erão apocryphas. Não sei se quem as escrevia andava de saia, mas o habito não faz o monge, e eu era capaz de jurar que aquella penna manejava-a mão masculina.

Fôsse porém o que fôsse, d'esta vez pelo menos é certo que a *Revista Popular* vae ter tambem a sua collaboração, e desde já peço ao redactor das capas que inclua o meu nome na sua lista, assim como pode tambem por antecipação (creio que é por este titulo que lá figúrão outros) incluir o de minha prima Anastacia Pimpim, que anda colligindo materiaes e consultando auctores para escrever uma serie de artigos sobre as ultimas modas.

É esta a sua especialidade; a minha é outra e por ella estrearei depois de feitas aos leitores as devidas contumelias, pedindo desculpa pelas incorrecções de quem pela primeira vez escreve para o publico, implorada a benevolencia em favor da fragilidade do sexo, etc., etc.

Antes porém de entrar em materia permittão me

duas palavras de explicação (talvez sejão tres ou até mais, mas não tomem as cousas tão ao pé da lettra) sobre o assumpto que escolhi, não porque seja elle extranho e ainda menos porque o repute improprio do meu sexo, mas porque o sei não inteiramente livre de preconceitos, mormente da parte de pessoas graves ou que de graves se prezão.

Foi meu padrinho um tio celibatario que tive, avantajado em annos e achaques, mas não menos accrescentado em cabedaes, como quem tinha cultivado com mais carinhos e extremos a arvore das patacas do que a da sciencia. Todas estas circumstancias concorrérão para que meus paes o escolhessem para compadre, dando-lhe por afilhada a sua primeira filha, esperançosos de que bom arrimo teria quem a tal bordão se encostasse.

Não lhes sahírão porém as cousas á medida de seus desejos, trivial successo n'este mundo de illusões. O safado do velho, Deus lhe fale na alma, nunca me deu nem um lenço de algodão, dizendo que o não fazia para que eu, conhecendo o estremecido amor que elle me tinha, lhe não perdesse o respeito. Consolavão-se meus paes com os olhos fitos no futuro, dando por segura a rica herança que mais dia menos dia me entraria por casa, mas ainda n'este ponto os bigodeou o meu honrado tio, sahindo-se pouco antes da sua morte, elle que por

todos era tido quasi em cheiro de santidade, com uma ninhada de filhos naturaes, tantos que nem eu lhes cheguei a saber a conta, e perfilhando-os todos, o que importava tambem conferir-lhes a suspirada qualidade de herdeiros.

Ao occorrer este memoravel successo tinha eu os meus onze para doze annos; antes d'isso porém envidavão meus paes todos os esforços para captar as boas graças do opulento compadre. Era este em extremo apaixonado de bons boccadinhos, pelo que consistia o principal meio de seducção empregado pelos auctores de meus dias (estylo romantico) em regalal-o de acepipes e golodices com que fazer-lhe litteralmente a bôcca dôce. Quando elle vinha jantar a nossa casa, o que succedia frequentemente, fazião-se verdadeiros prodigios na arte culinaria, de que minha mãe possuia não sei quantos tratados, e fora d'isso não se passava dia em que se não preparasse algum pratinho mimoso para mandar-lhe.

Ora eu, por amor de quem verdadeiramente se praticavão taes excessos, sempre participava mais ou menos de todos estes requintes de golosina, e quando mais não podia ser deixavão-me ao menos rapar o tacho. D'aqui, aperfeiçoado d'esde a mais tenra edade o meu paladar, nasceu a natural inclinação que sempre tive, tenho e terei aos prazeres delicados da mesa, que são inquestionavelmente não

só os mais innocentes, mas tambem os mais uteis e proveitosos ao individuo e á sociedade. Se muita gente affecta desprezal-os é porque lhes não sabe medir o alcance, nem aquilatar a influencia benefica sobre a economia politica, sobre as relações internacionaes, sobre as artes e os officios, sobre a sociabilidade, sobre a felicidade conjugal e por conseguinte sobre a moral publica. Tudo isto os leitores perceberão facilmente se tiverem a paciencia de percorrer até ao fim as desconjuntadas linhas que vou aqui rabiscando com mão inexperiente.

Primeiro que tudo, porém, cumpre saber o que vem propriamente a ser essa gastromania de que nos occupamos. Não vos canceis a procurar-lhe a definição em diccionarios, que em nenhum a encontrarieis. Entre os lexicographos parece não ter existido um só capaz de apreciar as delicadezas de que é susceptivel a satisfação d'uma das primeiras necessidades da vida. É que para ser gastrophilo não basta querer, é necessaria certa feliz disposição natural, que nem a todos concede a natureza. Mas vamos ao caso.

A gastromania consiste n'uma preferencia apaixonada, racional e habitual dada aos objectos que lisonjeão o paladar.

É a gastromania inimiga dos excessos; quem toma uma indigestão ou se embriaga merece ser riscado da lista brilhante dos gastrophilos.

Comprehende ella tambem a golosina, que não é senão a mesma preferencia applicada ás comidas leves, delicadas, de pouco volume, á pastelaria, aos dôces, etc. Vem a ser uma modificação introduzida a favor das mulheres e dos homens que com ellas se parecem.

Á luz das considerações physicas é a gastromania o resultado e a prova do estado são e perfeito dos orgãos destinados á nutrição;

Á luz da moral é uma resignação implicita com os preceitos do Creador, que ordenando-nos que façamos pela vida, a isso nos instiga pelo appetite, recompensando-nos com o prazer.

Pelo que toca á economia politica, é a gastromania o laço commum que une os povos por meio da reciproca troca dos objectos que servem ao consumo diario.

É ella que faz viajar d'um polo a outro os vinhos, a aguardente, o assucar, a especiaria, os escabeches, a salmoura, as provisões de toda a especie e até os ovos e os legumes.

É ella que mantem as esperanças e a emulação de toda essa multidão de pescadores, caçadores, horticultores e outros industriosos que todos os dias nos fazem pasmar com os productos do seu trabalho e das suas descobertas.

É ella finalmente que sustenta a hoste innumera-

vel de cozinheiros, pasteleiros, confeiteiros e outros fabricantes de acepipes, que a seu turno emprégão outros obreiros de toda a especie, fazendo circular uma somma de fundos que ao espirito mais atilado não é dado calcular.

E quanto não lhe deve o fisco? É ella que alimenta as alfandegas, as barreiras, os impostos indirectos, nem ha thesouro publico de que não sejão os gastrophilos o sustentaculo mais firme.

Se olharmos para a sociedade é a gastromania um dos seus principaes laços: é ella que gradualmente vae generalisando esse espirito de convivencia que todos os dias reune os differentes estados, fundindo-os n'um só, animando a conversação, e arredondando os angulos da desegualdade convencional.

Finalmente quando compartida exerce ella a mais poderosa influencia sobre a felicidade que se pode fruir na união conjugal.

Dois esposos gastrophilos têem pelo menos uma vez ao dia occasião agradavel para se reunirem, pois que até os que têem leito á parte comem pelo menos á mesma mesa. Ahi se lhes offerece assumpto sempre novo para conversas, falando não só do que estão comendo, mas tambem do que já comérão, do que comerão ainda, do que têem visto comer em outras casas, dos pratos em moda, das

invenções novas, etc., etc. E que de encantos não têem estas tagarelices familiares!

Nem a gastromania fica mal a uma mulher: só um barbaro pode proferir tal blasphemia contra o bom gôsto. Pelo contrario nada diz melhor com a delicadeza dos orgãos femininos, e é uma especie de compensação por tantos outros prazeres vedados e males inherentes á natureza.

Quanto a mim a inclinação do nosso sexo á gastromania é para assim dizer instinctiva, e favorece-nos a belleza.

Uma serie de observações exactas e rigorosas, como são em geral todas as observações, tem demonstrado que um regimen succulento, delicado e methodico afugenta por muito tempo os signaes externos da velhice, a maior desgraça que nos pode sobrevir. Uma boa alimentação dá aos olhos mais brilho, mais frescura á pelle, e aos musculos mais elasticidade, e estando averiguado em physiologia, que a depressão dos musculos é a causa das rugas, essas temiveis inimigas da belleza, tambem se não pode negar que em egualdade de circumstancias, conserva-se a mulher que sabe comer sempre dez annos mais môça do que outra que ignora esta sciencia importantissima.

Primeiramente por inclinação e gôsto, depois tambem pela reflexão que veiu com o crescer dos

annos, tenho feito um estudo especial sobre esta materia, convencida como deprèssa me convenci, da sua constante applicação á vida prática. E não me hei dado mal. Não tenho a tez morbida, as faces pallidas, os olhos languidos das môças romanticas, não padeço d'esse interessante mal de nervos de que ellas tanto se queixão, nunca tive um faniquito na minha vida, nem ao vêr-me menear lestamente receia alguem que eu me parta pela cintura; mas debaixo da epiderme vê-se-me girar o sangue, as faces são cheias e rosadas, dos meus olhos dizem os lisonjeiros que são vivos sem serem petulantes, e dou um dôce a quem me encontrar um só chumaço d'algodão debaixo do vestido. Não tenho a estolida presumpção de agradar a todos, prezo porém a natureza cultivada, sim, mas em que se não percebe a arte, e tenho a peito que não me tomem por alguma d'essas plantas de estufa rachyticas e enfezadas, verdadeiras flôres de baile na duração e no prestimo. Eu cá não sou velha ainda, completo os meus 23 annos a 20 d'este mez, (em casa do editor d'esta *Revista* recebem-se quaesquer presentes que por essa occasião queirão enviar-me) mas tenho quasi a certeza de que quando chegar aos 40 hei de valer mais, como seccede a algumas que eu conheço, do que qualquer d'essas delambidas que por ahi vejo, victimas do espartilho e d'uma abstinencia com que

julgando fazer se delicadas se tornão mumias galvanisadas sem calor e sem vida.

Não sei se tenho divagado muito por fora do escholio, mas parece-me que tudo quanto tenho dicto, venha muito a proposito. Para outra vez entrarei em mais amplo desenvolvimento, cingindo-me mais de perto ao meu assumpto; quero porém deixar aqui d'esde já consignados, para que o leitor os medite, alguns aphorismos do auctor favorito d'esse que me tem servido de mentor e mestre no estudo d'esta materia:

I

Sem a vida nada seria o universo, e tudo o que vive alimenta-se.

II

O destino das nações depende do modo por que se alimentão.

III

Dize-me o que comes, dir-te-hei quem és.

IV

Comer é um preceito, de cujo cumprimento é o prazer a recompensa.

V

A gastromania é um acto do nosso raciocinio pelo qual preferimos as cousas agradaveis ao paladar ás que o não são.

VI

O prazer da mesa é de todas as edades, de todas as condições, de todos os paizes e de todos os dias; pode associar-se aos outros todos, e é o ultimo que nos fica para consolar-nos da perda dos demais.

VII

É a mesa o unico logar onde ninguem se enfastia durante a primeira hora.

VIII

A descoberta d'um novo manjar concorre mais para a felicidade do genero humano do que a descoberta d'uma estrella nova.

IX

Quem toma uma indigestão ou se embriaga, não sabe comer nem beber.

X

O ordem dos comestiveis é passando dos mais substanciaes aos mais leves.

XI

A das bebidas, passando das mais temperadas ás mais espumosas e perfumadas.

XII

Sustentar que não convém mudar de vinhos é uma heresia; satura-se a lingua e depois do terceiro copo já o melhor licor não desperta senão uma sensação obtusa.

XIII

Uma sobremesa sem queijo é uma bella sem um ôlho.

XIV

O cozinheiro faz-se, o pasteleiro nasce.

XV

A qualidade mais indispensavel no cozinheiro é a exactidão; deve tel-a tambem o convidado.

XVI

Esperar de mais por um conviva que não apparece, é faltar ás attenções devidas aos presentes.

XVII

Receber pessoas em casa e não velar pessoalmente sobre o jantar que se lhes prepara, é mostrar-se indigno de ter amigos.

XVIII

A dona da casa deve sempre vêr que o café seja excellente, e o dono que os vinhos sejão de primeira qualidade.

XIX

Convidar alguem é encarregar-se do seu bem-estar emquanto se demora debaixo das nossas telhas.

Basta. Estes principios são sufficientes para mostrar que a gastromania é uma verdadeira sciencia e como tal pode ser tratada; por isso se lhe deu o nome de *gastrosophia*, termo composto de duas palavras gregas — *gastro* — a barriga e — *sophia* — sabedoria. Nunca houve expressão mais bem cabida.

Praticamente todos se têem mais ou menos occupado d'esta sciencia desde que o mundo é mundo, theoricamente, porém, pouco se tem discorrido sobre ella, *pouco* absolutamente falando, e *nada* á vista do que o assumpto merecia. Fiada pois no merito intrinseco da materia, ouso esperar que os leitores, passando por alto o tôsco da forma, percorrerão sem demasiado enfado as paginas que tenho ainda de roubar a escriptores do sexo mais grave.

II

Antes de entrar em materia e proseguir no desenvolvimento do meu assumpto quero contar-vos um caso que acaba de passar-se commigo, e fazer-vos juizes d'uma, não direi vingança, mas desforra que tomei d'um insolente que outro nome não merece.

Fui um d'estes dias, ou antes uma d'estas noites a um baile em casa de..., mas melhor será calar o appellido do auctor da festa, pois que nada importa para o nosso caso. Meu pae, que não é rico, viu-se obrigado a seguir o exemplo do thesouro nacional, emittindo como antecipação de renda mais uma dose de bilhetes fiduciarios, isto é, abrindo novas contas e reforçando as antigas nas principaes lojas da cidade, mas minha mãe e eu apresentamo'-nos absolutamente *comme il faut*, em todo o rigor da moda.

Nada d'isto porém era o que eu queria dizer. Encontrei no baile um sujeito que por entrar com alguma familiaridade em casa de meu pae, e ser mais velho do que eu, se julga com direito de falar-

me com mais franqueza, diz elle, mas com mais brutalidade, digo eu, do que a boa educação permitte. Raro se lhe apanha na bôcca um elogio, mas como em tudo é a raridade que constitue o valor, todos quantos o conhecem desejão por elle ser gabados, e na verdade quando um maldizente fala bem d'alguem é porque de todo em todo não ha que censurar-lhe.

Não sei que tentação do demonio me deu de querer arrancar-lhe um gabo, e conscia da elegancia do meu trajar, perguntei-lhe:

— Então como me acha hoje, Sr. Belmiro?

O endiabrado do homem fitou-me attento, mediu-me de alto a baixo, e que havia de responder-me? Isto nú e crú:

— Não está feia, mas parece-me que tem saia de mais e corpinho de menos. Porque não havia de poupar uma pouca d'essa fazenda que ahi traz arrastando pelo chão, e cobrir com ella mais uma mão travessa de hombros e braços?

Subiu-me o sangue ás faces, creio que me fiz vermelha como um camarão cozido, mordi os labios, e para não ceder aos impetos que me davão de arrancar os olhos áquelle petulante, virei-lhe as costas.

Fui-me acalmando pouco e pouco com dois sorvetes, e á colera succedeu o desejo de vingar-me. A maligna resposta felizmente só tinha sido ouvida

por senhoras, que tendo a consciencia de applicar-se-lhes egualmente a observação a todas ellas, não podião rir-se á minha custa. Eu queria que a minha desforra fôsse o mais publica possivel, e aguardei a occasião.

Fômos para a mesa da ceia e eu tive o cuidado de ficar ao pé de minha prima Anastacia Pimpim, de quem já falei aos leitores, e com a qual me apalavrara préviamente. O Sr. Belmiro andava de pé á volta da mesa, servindo as damas, pois apesar dos modos rudes que affectava, ainda tinha suas fumaças de agradar, mas entretanto não se descuidava de ir dando que fazer aos dentes. Aproveitando um momento de silencio quasi geral, para que me prestassem mais attenção, chamei-o.

—Venha aqui ser juiz, Sr. Belmiro, lhe disse.

— Com todo o gôsto, minha senhora, respondeu elle não sem revelar um tal ou qual desvanecimento por ser chamado a sentencear um pleito entre mulheres.

— Estavamos aqui altercando sobre qual será a razão de terem alguns homens as suissas brancas e o cabello da cabeça preto, e como o senhor se acha n'esse caso, estamos que nol-a poderá explicar.

O homem, que estava longe de esperar semelhante pergunta, estacou, e para illudir ou afastar a resposta, perguntou a seu turno :

— E a senhora já indagou a razão do phenomeno inverso, isto é, porque alguns homens têem a cabeça branca e a barba preta?

— Ora isso é velho, tornei eu: já aquelle celebre valido, não me lembro de qual dos seis Joões de Portugal, lhe descobriu a causa.

— Não me recordo.

— Ora faça-se de novas! Pois não vê que sendo os cabellos da cabeça mais velhos pelo menos vinte annos do que os da barba, razão lhes sobra para embranquecerem mais depressa?

— Como então se dá em mim e em tantos outros o contrario?

— É que deve haver alguma razão especial que sobrepuje a geral, e eis ahi o que nós desejavamos saber.

— Confesso que não sei.

— Então, se não conhece outra razão melhor, acceite a que eu lhe der.

— De antemão declaro que a terei por boa. Ouçamos.

— A razão não pode ser senão trabalharem esses homens das suissas brancas e cabellos pretos muito mais com os queixos do que com a cabeça.

O Sr. Belmiro enguliu inteiro o boccado que mastigava, e eu dei-me por vingada com algumas risadas que ouvi dar á custa d'elle.

Relevem-me os leitores esta especie de digressão ou como quizerem chamal-a. Foi um resto de desabafo de quem não pôde ainda esquecer de todo o tal dictinho de saia de mais e corpinho de menos, que me ficou mordendo cá por dentro, e que ainda mais me amofinava por não poder repellil-o como injusto. Mas que ha de fazer quem anda por este mundo? Seguir a moda e imitar os outros. Agora que dei este boccadinho de expansão ao resquicio da colera que me fervia no coração, peço ás nossas benevolas leitoras attenção e já principio.

É antiga a comparação do corpo humano com uma republica bem administrada, e como em todo o estado é indispensavel uma alfandega, tambem o nosso corpo tem a sua, onde são revistados e examinados todos os generos importados: é a bôcca. O inspector d'esta alfandega é o gôsto, que exerce as suas importantes funcções por intermedio d'um feitor, que é a lingua, e tres ajudantes, que são o paladar, a fossa nasal e as bochechas.

Que é pois o gôsto? Definamol-o bem ou mal, já que as definições são precisas.

O gôsto, diz o meu mestre, é o sentido que nos põe em relação com os corpos rapidos por meio da sensação, que elles produzem no orgão destinado a aprecial-os.

Dois fins principaes tem o gôsto:

1.º Incitar-nos pelo prazer a reparar as contínuas perdas que a acção da vida nos faz soffrer.

2.º Ajudar-nos a escolher entre as diversas substancias que a natureza nos offerece, as que são proprias a alimentar-nos.

N'esta escolha é o gôsto poderosamente auxiliado pelo olfacto, pois que pode estabelecer-se como maxima geral, que as substancias nutritivas não repugnão nem a um nem a outro d'estes sentidos.

O mechanismo do gôsto é mais complicado do que á primeira vista parece, pelo que é facil determinal-o. É certo que n'elle representa a lingua um papel importante, não só servindo para amassar, revolver, expremer e engulir os alimentos, graças á sua fôrça muscular, como impregnando-se tambem das particulas sapidas e soluções dos corpos por meio das papillas mais ou menos numerosas que a cobrem, mas para completar a sensação concorrem egualmente outras partes adjacentes.

As bochechas fornecem a saliva tão necessaria para a mastigação como para a formação do bôlo alimentar, e são da mesma forma que o paladar dotadas de algumas faculdades apreciativas. As mesmas gengivas parecem participar um pouco d'esta qualidade. Mas acima falei tambem na fossa nasal, e é tempo de justificar a parte que este orgão toma no gôsto: de feito sem a odoração que se forma

no fundo da bôcca, imperfeita e obtusa seria a sensação do gôsto.

Voltando porém ainda atraz antes de passar adeante, invocando a minha qualidade de mulher para que me perdôem qualquer falta de methodo ou systema, observarei que do maior ou menor numero de papillas, de que se guarnece a lingua, depende a maior ou menor aptidão do individuo para apreciar os sabores. Assim se explica o porque de duas pessoas sentadas á mesma mesa, uma dá todas as demonstrações de delicias em quanto a outra come com indifferença, quasi que constrangida; é que esta ultima tem a desgraça de possuir uma lingua, menos bem ferramentada, pois que tambem conta os seus cegos e os seus mudos o imperio do gôsto.

Feita esta observação que pudera ter ido em nota se eu não fôra inimiga declarada das notas desde que meu pae perdeu não sei quanto na ultima substituição que d'ellas fez o governo, entro definitivamente na explicação da influencia do olfacto sobre o gôsto.

Mostra-se o meu mestre persuadido não só de que sem a participação do olfacto não ha gostar completo, mas até de que o olfacto e o gôsto fórmão um só sentido, de que é a bôcca o laboratorio e o nariz a chaminé.

Em todo o caso se o olfacto não é parte constitutiva do gôsto, é accessorio obrigado d'elle.

Todo o corpo sapido é necessariamente odorifero e basta isto para collocal-o tanto no imperio do olfacto como no do gôsto.

Ninguem come cousa alguma sem a cheirar com mais ou menos reflexão, e para com os alimentos desconhecidos faz o nariz as vezes de sentinella avançada, gritando: *Quem vem lá?*

Interceptando o olfacto paralysa-se o gôsto, e eis aqui tres provas claras, irrecusaveis:

1.ª Irritada a membrana nasal por um defluxo impertinente, fica o gôsto inteiramente obliterado; nenhum sabor se encontra no que se engole e comtudo acha-se a lingua no seu estado natural.

2.ª Quem se pozer a comer, tapando o nariz não experimentará senão obscura e imperfeitamente a sensação do gôsto. É assim que com menos repugnancia se tomão os medicamentos mais ascorosos.

3.ª O mesmo effeito observará quem no momento de engulir em vez de deixar voltar a lingua ao seu logar, continuar a têl-a encostada ao paladar, interceptando assim a circulação do ar para que não seja affectado o olfacto.

A causa efficiente n'estas tres experiencias é sempre a mesma: a falta de cooperação do olfacto.

Ora o gôsto, e eis aqui uma das provas de que

a gastrosophia é uma verdadeira sciencia, faz nascer sensações de tres ordens diversas que se succedem em escala ascendente, e vem a ser: sensação *directa*, *completa* e *reflectida*.

A sensação *directa* nasce do trabalho immediato dos orgãos da bôcca, em quanto o corpo apreciavel se acha ainda em cima da parte anterior da lingua.

A *completa* é a que se compõe d'esta primeira e da impressão que resulta quando o alimento sahindo d'aquella posição e passando para o fundo da bôcca, communica ao orgão todo o seu sabor e o seu perfume.

A sensação *reflectida* finalmente, e é esta que nobilita o homem e distingue o seu comer do devorar do bruto, é o juizo que a alma forma sobre as impressões que o orgão do gôsto lhe transmitte.

É pois quando no momento de engulir o boccado, quando elle passando por baixo da fossa nasal faz sentir o seu perfume, que se lhe toma todo o gôsto, e é por isso que os que conhecem os principios da sciencia, os que sabem comer e beber, o fazem, não com a precipitação dos animaes, mas pouco a pouco, de vagar, aos traguinhos e saboreando. Arremessa-se d'uma assentada ao estomago um copo de mistura salina, mas o bebedor intelligente não vaza de uma vez no esophago o mais pequeno calix de

vinho generoso, mas sorve-o golo a golo, sabendo que cada trago por mais pequeno que seja lhe causa o mesmo prazer que o mais alentado copazio de sopetão despejado.

Agora se lançarmos um volver d'olhos philosophico sobre os prazeres e as penas de que o gôsto pode ser causa, acharemos mais uma occasião de applicar essa infeliz verdade de que o homem é mais sensivel á dôr do que ao gôso. Com effeito ha substancias que por acerbas, acres ou amargas em demasia, nos causão sensações que de tão dolorosas podem matar, ao passo que as agradaveis percorrem bem pouco extensa escala, e se ha uma differança assaz apreciavel entre o insipido e o gostoso, já é mais curto o intervallo entre o bom e o excellente, tão curto que só as naturezas privilegiadas sabem aquilatar devidamente as várias gradações.

É porém no gôsto que se revela a superioridade do homem sobre os animaes; em todos os outros sentidos acha elle entre estes quem o exceda, no gôsto não. A lingua dos irracionaes não ultrapassa o alcance da sua intelligencia, a que pode quasi servir de padrão: nos peixes é ella apenas um osso movediço, nas aves não passa em geral d'uma cartilagem membranosa, e nos quadrupedes acha-se frequentemente revestida de escamas e escabrosida-

des, o que além da falta de movimentos circumflexos lhe deve embotar a faculdade sensitiva.

A lingua humana pelo contrario com a mesma delicadeza do seu contexto e das diversas membranas que a cercão está annunciando a sublimidade das operações a que é destinada.

Os animaes são limitados em seus gôstos: uns não vivem senão de vegetaes, outros só comem carne, outros não se alimentão senão de grãos, parecendo á medida que vão subindo na escala alimentar-se de substancias mais variadas. O macaco, que de todos os animaes é talvez o menos animal, é porventura o que come mais diversidade de alimentos, até que chegamos ao homem, que é omnivoro. Mas se o macaco se avizinha do homem na variedade das comidas, o comer racional e intelligente, a gastronomia, é apanagio exclusivo d'este.

A gastrosophia é uma verdadeira sciencia, como com mais de uma prova tenho procurado fazer vêr aos leitores, mas as sciencias não rebéntão armadas do cerebro de Jupiter, nascem pequenas e vão crescendo e robustecendo-se, primeiramente colligindo os methodos indicados pela experiencia, e depois pela descoberta dos principios deduzidos da combinação d'estes methodos.

A gastrosophia é uma sciencia moderna, como a

estereotomia, a geometria descriptiva, e a chimica dos gazes, mas apenas se apresentou em campo, todas as suas irmãs vierão render-lhe culto.

E na verdade, exclama o meu mestre e exclamarei eu com elle, que se poderá recusar áquella que nos sustenta desde o berço até o tumulo, que augmenta as delicias do amor e a confiança da amizade, desarma os odios, facilita os negocios, offerecendo-nos no curto trajecto da vida o só gôso que não seguido de cançaço e arrependimento, nos faz pelo contrario repousar de todos os outros.

É certo que emquanto as preparações culinarias estiverão exclusivamente confiadas a homens assalariados, emquanto o segredo d'ellas jazeu sepultado nos subterraneos, emquanto os cozinheiros monopolisárão esta materia e sobre ella se não escrevérão senão formularios ou receitas, não passárão de productos d'uma arte os resultados d'estes trabalhos.

Afinal porém, e já era tempo, sahírão os sabios a terreiro.

Examinárão, analysárão e classificárão as substancias alimenticias, reduzindo-as aos seus mais simplices elementos.

Sondárão os mysterios da assimilação, e seguindo nas suas metamorphoses a materia inerte vírão como ella podia ganhar vida.

Observárão o regimen alimenticio nos seus effei-

tos passageiros ou permanentes, em dias, mezes, e na vida inteira.

Apreciárão-lhe a influencia até sobre a faculdade de pensar, quer a alma se ache impressionada pelos sentidos, quer sinta sem o auxilio d'estes orgãos, e de taes trabalhos tirárão uma sublime theoria, que abrange inteiro o homem e toda a parte da creação que pode animalisar-se.

Emquanto nos gabinetes dos sabios todas estas cousas se passavão, principiava a sustentar-se nas salas de companhias que a arte de alimentar o homem valia pelo menos tanto como a de o matar; os poetas cantavão os prazeres da mesa e os livros que tomavão por assumpto a boa papança, ião apresentando vistas mais profundas, maximas de mais geral interesse.

Assim foi tendo voga a gastronomia, que desde logo se soccorreu da maior parte das outras sciencias para não dizer de todas. Assim participa ella por exemplo :

Da historia natural, pela classificação que faz das substancias alimenticias ;

Da physica, pelo exame das suas partes componentes e qualidades ;

Da chimica, pelas differentes analyses e decomposições por que as faz passar ;

Da culinaria, pela arte de preparar os manjares e tornal os agradaveis ao gôsto;

Do commercio, pela procura dos meios de obter pelos preços mais favoraveis o que consome, e vender o melhor possivel o que produz;

Da economia politica, pelos recursos que offerece ao fisco, e pelos meios de permuta que fornece aos povos;

Da astronomia, pela designação das estações mais proprias para o uso de varios alimentos;

Da geographia, pela indicação dos paizes, que primão em certas producções;

Da theologia, pela exposição dos beneficios do Creador e pelas regras que prescreve contra a intemperança, etc., etc., etc.

Não julguem agora que puz aqui estes etc., etc., depois de acabada a ladainha, como qualquer auctor no frontispicio de seu livro remata os seus titulos todos, ou um doutor subdelegado no cabeçalho obrigado dos seus mandados. Não; eu poderia realmente ir mais longe, e senão digão-me, que faz a gastronomia quando calcula os minutos que um ôvo ha de ficar na agua a ferver, para chegar ao devido ponto de comer-se? Uma operação mathematica, e por tanto soccorre-se tambem d'esta sciencia.

Mas até nos altos dominios da politica representa ella papel importante.

É sabido que entre os homens ainda vizinhos do estado da natureza nenhum negocio de consequencia se trata senão á mesa, e é no meio dos banquetes que os selvagens decidem da paz ou da guerra. Sem ir tão longe porém não vemos a gente de certa classe fazer todos os seus negocios na taberna?

Não escapou esta observação aos que têem a seu cargo os maiores interesses. Vírão que o homem repleto não é o mesmo que o homem em jejum; que a mesa estabelece uma especie de laço entre o que regala e o regalado; que torna os convivas mais aptos para receberem certas impressões e submetterem-se a certas influencias, e d'aqui nasceu a gastronomia politica. Os jantares tornárão-se um meio de governo, as tascas uma arma eleitoral, e a sorte dos povos tem-se decidido a comer e a beber. N'isto não ha paradoxo, nem novidade, mas uma simples observação de factos. Abrão-se todos os historiadores desde Herodoto até nossos dias, e vêr-se-ha que não exceptuadas as mesmas conjurações, não se deu um só acontecimento que não fôsse concebido, preparado e disposto entre pratos e copos.

Á gastrosophia não falta já senão uma academia sua, brevemente porém a terá, e a primeira, como é de razão, surgirá em Paris, onde estão já para ella preparados e dispostos todos os elementos. É noticia do ultimo paquete.

Por aqui me fico hoje: vamos pouco a pouco para não cançar na carreira. É um dos primeiros preceitos da sciencia sobre a qual me metti a fazer prelecções, fugir das doses asselvajadas, que facilmente produzem as indigestões tremendas. Receio causar alguma aos benevolos leitores e não achar mais quem me leia.

Fiz ponto; o pouco que se segue são umas continhas que tenho de ajustar com o meu collega redactor das capas; podem pois sem mais detença passar ao artigo que seguir abaixo. Talvez digão que essas contas pudera eu ajustal-as em particular sem vir com ellas pejar estas paginas, mas é que não conheço o dicto collega: elle não nos visita e na qualidade de senhora não sou eu que hei de ir procural-o.

Ora venha cá, prezadissimo collega; sou a primeira a reconhecer as suas estimaveis qualidades, e agradeço-lhe a promptidão e boa vontade com que satisfaz a minha requisição, incluindo a minha pouquidade na sua lista dos distinctos collaboradores da *Revista Popular*, mas não posso deixar de extranhar a pouca cortezia com que n'este acto se houve. Desculpe esta rude franqueza, mas diga-me, custava-lhe muito fazer preceder o meu nome d'esse triste D. que hoje em dia, em que as creadas se annuncião nos jornaes como *senhoras* que *se alugão,* não

se recusa a nenhuma que se apresente na rua de sapato e meia? Não fica mais bonito pôr D. Ignez do que simplesmente Ignez, como se se tratasse d'alguma lavadeira?

Não julgue porém que isto em mim seja presumpção, e fique sabendo que eu tenho até direito ao dom, não o peço por favor. A familia dos Hortas, a que pertenço, não é de Hortas vulgares, é uma familia historica, e a nossa nobreza data de 1580, anno em que D. Philippe II de Hespanha pondo na cabeça a corôa de Portugal, concedeu o fôro grande de fidalgo a meu 9.º avô Gil Horta, que fôra o primeiro que, sendo creado de quarto do cardeal rei D. Henrique, revelara ao embaixador castelhano D. Christovão de Moura o projecto que seu amo formara de impetrar de Roma licença para casar-se, afim de dar ao reino successor directo. Não se trata aqui de apreciar a qualidade do serviço, que valeu a fidalguia a meu avô, mas simplesmente dos meus titulos de nobreza que são, como se vê, incontestaveis.

Como porém para conseguirmos que os outros respeitem os nossos direitos o melhor meio é sustentarmol-os nós mesmos á face do mundo, aqui os reivindico desde já, assignando-me D. Ignez d'Horta.

III

Não sei se algum dos meus collegas se encarregará de dar aos leitores da *Revista Popular* as noticias trazidas da Europa pelo ultimo paquete; n'esta incerteza, embora não seja ramo da minha competencia, encarrego-me eu de referir-lhes a de maxima importancia, por ser tal que mais vale apparecer em duplicata, do que ser omittida.

É uma noticia que a todos interessa pessoalmente, exceptuando quando muito aquelles, cuja avançada edade lhes não permitte contar com mais 25 annos de vida; esses, porém, são poucos, pois, por muito grande que seja já o pêso da existencia, não ha talvez ninguem que, tratando-se apenas de galgar um quarto de seculo, não diga lá comsigo, embora se não atreva a manifestar alto o seu pensamento: quem sabe! A noticia, que nos trouxe agora o paquete, é verdade que já por muitas vezes se tem espalhado, sem que uma só se realisasse, como é facil de vêr; mas agora apresenta-se com uns visos de verdade como nunca, e em todo o caso bom é que andemos todos precavidos.

Eis aqui o que encontrei n'uma das mais sérias, sisudas e graves (sérias, sisudas e graves são ellas todas) folhas europêas.

«A Paschoa cahiu este anno a 31 de março. Todos sabem que a Paschoa é uma festa movel, determinada pela lua.

«O concilio de Nicêa decidiu que a Paschoa fôsse sempre no primeiro domingo seguinte á lua cheia posterior a 21 de março.

«Se a lua cheia cae a 21 de março, sendo este dia sabbado, a Paschoa será a 22 de março.

«A Paschoa não pode nunca ser antes de 22 de março nem depois de 25 de abril; 25 de abril é a data extrema.

«No seculo presente a Paschoa só cahirá uma vez a 25 de abril, é em 1886.

«Vinte e cinco de abril é o dia de S. Marcos. N'esse anno a sexta feira santa cahirá a 23 de abril, dia de S. Jorge, e o Corpo de Deus no dia de S. João.

«Ha uma antiga prophecia repetida por Nostradamus, nas suas *Centurias,* e que diz:

«Quando Jorge Deus crucificar
«Que Marcos o resuscitar
«E que S. João o levar,
«O fim do mundo ha de chegar.

«Segundo esta prophecia, o fim do mundo deve vir em 1886.»

Já se vê que d'esta vez a cousa é séria, pois repousa n'uma das mais abalisadas auctoridades. Ninguem pode ter deixado de ouvir falar nas prophecias de Nostradamus, muitissimo superiores ás do Bandarra e outros quejandos, mas nem todos saberão precisamente o valor que devem dar-lhes. Afianço-lhes eu que, com tanto que saibão entendel-as como deve ser, e é esta a principal e não pequena difficuldade, podem acreditar n'ellas como n'um evangelho. Assevero isto sob a fé de minha avó D. Perpetua d'Horta (Horta do nome de meu avô, mas da familia dos Alvarengas, o que declaro aqui em homenagem á memoria d'ella, que era extremamente rigorosa em materias genealogicas, e cujos manes estou certa que ainda hoje se indignarião *lá no ethereo assento aonde subirã*», se algum dos seus descendentes fizesse menção d'ella sem individuação do tronco de que tirava a origem). Ora é minha avó pessoa mui lida e sabida em cousas de prophecias, e não só nas patrias, mas em quantas têem corrido e correm o mundo.

As prophecias, dizia ella, em todos os tempos têem merecido crédito, tanto dos povos mais civilisados, como dos mais rudes. O desejo de conhecer

o futuro é innato no homem, e para satisfazel-o, pois que Elle mesmo lá o plantou, muitas vezes Deus já por si, já pela voz dos seus escolhidos, nos tem revelado o porvir como consolação do presente. Adão, o primeiro dos homens, foi tambem o primeiro que ouviu prophecias, quando se lhe annunciou a vinda do resgatador do seu peccado.

E punha-se a discorrer sobre os prophetas sagrados e profanos.

Como pequena amostra das dissertações profundamente eruditas que ella me fazia, vou repetir aqui o que mais de uma vez me disse a respeito das sibyllas.

As sibyllas erão mulheres inspiradas, que deixárão grande fama, e cujas palavras erão verdadeiros oraculos. Ou havemos de admittir que pelo menos algumas d'ellas fôrão realmente inspiradas, ou recusar a mais do que um dos Santos Padres o crédito a que elles por sem duvida têem direito. D'aqui não ha fugir. Entre outros, diz S. Jeronymo que ellas recebérão do céo o dom de lêr no futuro em premio da sua castidade. Erão em linguagem poetica, como todos, os vaticinios d'estas prophetisas; infelizmente, porém, perdérão-se pela maior parte. A não ter sido esta lamentavel perda, n'esses livros encontrariamos muitas das cousas que estão succedendo e outras que estão por succeder ainda.

Varrão conheceu apenas dez sibyllas; outros mais bem informados, porém, fazem menção de doze, e são:

1.ª A sibylla da Persia, chamada Sambethe, e nora de Noé.

2.ª A sibylla Lybia, que percorreu Samos, Delphos, Claros e outras differentes terras. Prégou em verso contra a idolatria, claro signal da sua inspiração, lançando em rosto aos homens a loucura de pôrem a sua esperança de salvação n'um deus de pedra ou de bronze, adorando as obras de suas proprias mãos.

3.ª A sibylla de Delphos, filha do propheta Tiresias. Depois da segunda tomada de Thebas, foi consagrada ao templo de Delphos pelos Epigonas, descendentes dos guerreiros que pela primeira vez havião rendido aquella cidade. Deodoro quer vêr n'ella a primeira que teve o nome de sibylla; mas as outras duas, de que falei, não são menos authenticas. Celebrou a grandeza divina nos seus versos, d'onde Homero tirou muitos dos seus mais bellos pensamentos.

4.ª A sibylla de Erithrea, que predisse a guerra de Troya e tambem que Homero a cantaria. Conheceu os livros de Moysés, e falou na vinda do Messias, chegando a compôr versos, cujas primeiras lettras dizião, em forma de acrostico, *Jesus Christo, filho*

de Deus. Por isso a têem representado com um menino Jesus nos braços e dois anjos aos pés.

5.ª A sibylla Simmeriana falou da virgem santa mais claramente ainda, se é possivel, do que a de Erythrea, chamando-a até pelo seu proprio nome, segundo affirma Suidas.

6.ª A sibylla de Samos predisse que os Judeus crucificarião um justo, que havia de ser o verdadeiro Deus.

7.ª A sibylla de Cumas tinha n'esta cidade a sua residencia habitual; chamava-se Deiphoba, era filha de Glauco, sacerdotisa de Apollo, e proferia os seus oraculos do fundo de uma caverna, d'onde pelas cem portas que tinha sahião outras tantas vozes, que enunciavão as respostas. Foi ella que offereceu a Tarquinio o Soberbo uma collecção de versos sibyllicos, de que Mafinal veiu a comprar a quarta parte pelo preço que ao principio recusára dar pelo todo. Fôrão aquelles versos cuidadosamente conservados no Capitolio, até que, ardendo este edificio nos tempos de Sylla, mandou Augusto recolher quantos fragmentos d'elles foi possivel encontrar, e guardal-os em cofres de ouro ao pé da estatua de Apollo.

8.ª A sibylla do Hellesponto, nascida em Marpeso, na Troada, vaticinou nos tempos de Solão e Creso, e fez tambem algumas prophecias sobre o nascimento do Salvador.

9.ª A sibylla Phrysia proferia os seus oraculos em Ancyra, na Galacia.

10.ª A sibylla Tiburtina ou Albunea, honrada em Tibur como mulher divina, prophetisou que Jesus Christo nasceria em Belem, de uma virgem, para reinar sobre o mundo.

11.ª A sibylla do Epiro predisse egualmente o nascimento do Homem Deus.

12.ª A sibylla do Egypto cantou não menos os mysterios da Paixão e a traição de Judas.

Possuem os Persas, soía sempre accrescentar minha avó, que parecia ligar especial importancia a este ponto, um livro mysterioso chamado Karajainea (collecção de revelações futuras) que para elles suppre os oraculos das sibyllas. Consultão-no nos negocios importantes, e sobretudo antes de emprehenderem uma guerra.

Compõe se de nove mil versos, cada um dos quaes forma uma linha de cincoenta lettras, e seu auctor é o famoso cheik Sephy. N'elle se encóntrão revelados os destinos da Asia até ao fim do mundo, e por isso o guardão preciosamente no thesouro real, como um original de que não ha cópia, e cuja leitura é vedada ao povo.

Seria um nunca acabar, se eu quizesse reproduzir aqui quanto a excellente velha me dizia sobre a arte cabalistica. Escutava-a eu com paciencia, e er

de mim que ella tirava ampla desforra da falta de ouvintes pacientes, que lhe pudessem prestar attenção por mais de meia hora, quando a narradora, embrenhada uma vez no assumpto, de tudo se esquecia, de comer, de beber e de dormir, e até do seu rapé, e falava, falava, falava e falava até á resurreição dos capuchos, se as fôrças physicas lhe permittissem, e se, o que era mais difficil, achasse quem a pé quedo sustentasse até ao fim o fogo de metralha da sua lingua, innocente mas loquaz e garrula, que era um Deus nos acuda.

Uma noite fui dar com minha avó sentada na sua cadeira de espaldar forrada de couro lavrado, deante d'uma papeleira de jacarandá chapeada de prata, por cujo labyrintho de escaninhos e esconderijos, só com o auxilio de algum *indicador* ou *guia prático* se poderia andar a salvo, fitando os já debilitados olhos armados de uns oculos de tartaruga, cujos vidros redondos erão do diametro de um patacão, n'um grosso e respeitavel *in-folio* encadernado em pergaminho amarello. O typo e a côr tisnada do papel bem deixavão vêr que aquella obra devia ser quasi coeva de Guttenberg. Minha avó tinha os olhos pregados no livro, mas immoveis, e com o cotovello apoiado na borda da pepeleira e a cabeça encostada á mão, estava tão absorta nas suas meditações, que nem sequer dera fé que a sua touca

sempre alva de neve, escorregando a um lado, levára após si o chinó preto de azeviche, deixando-lhe á mostra parte da veneravel calva que ella até do espelho escondia.

Estaquei; se minha avó pudesse, ainda que não fôsse senão desconfiar que eu lhe havia visto a careca, creio que nunca mais olhava para mim direita, e comtudo ella queria-me como ás meninas de seus olhos, e eu tambem a estimava e respeitava muito, pobre e santa velha, cuja unica fraqueza era aquella. Que fazer? Eu tinha-me já adeantado tanto pelo quarto dentro, que não podia tornar a sahir sem risco de ser visto, e então sim que ella desconfiava devéras. N'estes apuros vali-me de um expediente. Cheguei-me á parede, approximando-me da porta o mais que pude, e fingindo tropeçar n'uma cadeira, e fazendo um barulho dos meus peccados, extendi-me a fio comprido no chão, como se houvesse cahido no momento de entrar. Para maior adubo, soltei um grito capaz de accordar um morto. Minha avó voltou de facto a si; levou as mãos á cabeça, endireitou primeiramente a cabelleira, e depois correu a acudir á neta e a vêr se eu me teria ferido. Tranquillisei-a a este proposito, e ella depressa se restabeleceu do susto a meu respeito, e do susto ainda maior a respeito do seu segredo, segredo, bem endendido, que na familia ninguem, e mesmo

fora d'ella bem poucos, dos que a conhecião, ignoravão.

Minha avó tornou a occupar a sua cadeira, e fezme assentar a seu lado.

— Eis aqui um livro, me disse ella depois de algum tempo de silencio, mostrando o bojudo calhamaço que tinha deante de si, que por minha morte te deixarei lacrado e sellado, e que me hasde prometter de não abrir senão depois de teres completado quarenta annos.

Prometti, e é excusado accrescentar que até agora tenho cumprido a promessa; não sei, porém, se terei valor de esperar até ao fim do prazo, pois sempre me quer parecer que já possuo juizo bastante para lêr e entender quanto se pode escrever.

Ella continuou.

— Este livro é um verdadeiro thesouro, e ainda que eu, como infelizmente bem pode acontecer, nada mais te deixe, tens n'elle uma mina inexhaurivel de conhecimentos e sabedorias. Mas o estylo, como o de todos os escriptos profundos, é todo figurado e por conseguinte obscuro, e de nada te serviria lêl o, emquanto a edade e a reflexão te não fizerem madura, para penetrar-lhe o sentido, que nunca é o que as palavras parecem indicar. São prophecias, como te posso dizer, muitas das quaes se têem já realisado, com crédito immenso do au-

ctor e para gloria de Deus que as inspirou, emquanto outras se referem a cousas ainda futuras, mas que certissimamente se verificarão com precisão egual ás outras. Os acontecimentos, porém, achão-se vaticinados de uma forma tão sublime, que só depois de terem tido logar, é que se conhece bem a applicação da prophecia, e como ella falava verdade.

— E quem foi o propheta que escreveu todas essas cousas? perguntei com curiosidade.

— Foi o grande Nostradamus, minha neta; sabes a sua historia?

— Nunca ouvi falar em semelhante nome, respondi eu, que ainda então me não dava tanto á litteratura como hoje.

— Pois eu t'a conto em poucas palavras.

Estas poucas palavras da minha boa avó fôrão tão poucas, que tendo a historia principiado ás 8 horas da noite, ainda não estava acabada ás 2 da manhã; quando meu pae, chegando não sei de que *club*, mandou terminantemente que me fôsse deitar para deixar descançar minha avó. Esta viu com pesar cortarem-lhe o fio do discurso n'uma das passagens mais interessantes, e prometteu continuar no dia seguinte: felizmente, porém, não se lembrou mais d'isso.

Não porei a paciencia dos leitores á mesma prova, a que a boa velha pôz a minha, e portanto não lhes

contarei a historia com os interminaveis episodios de que a ornou minha avó, mas sempre será bom que fiquem sabendo por alto quem era Nostradamus, pelo menos aquelles que ainda o não souberem. Prometto comtudo ser concisa, virtude aliás, que já terão reconhecido em mim os que me tiverem lido. Nunca divago, nunca me desvio do meu assumpto.

O grande Nostradamus nasceu em Saint-Remi, na Provença, no anno da graça de 1503. Entregou-se com ardor e vantagem ao estudo da medicina, em que primou, merecendo os foros de grande physico. Convidado pelas auctoridades de Aix e de Lyão a ir combater uma epidemia que alli reinava, em pouco tempo d'ella triumphou completamente com o auxilio de remedios secretos, de que teve a generosidade de deixar-nos a receita n'um livro, que intitulou *Des Fardements*.

É velho que a gloria cria invejosos, e o ciume dos collegas de Nostradamus, corporação que em nenhum tempo tem passado por demasiadamente unida e concorde, tanto lhe fez amargurar a sua bem adquirida celebridade, que elle, abandonando o exercicio da sua profissão, concentrou-se comsigo mesmo, recolheu-se a uma solidão, e cultivando com mais fervor do que nunca a alta sciencia da astrologia, por que sempre tivera affeição, escreveu

os oraculos que leu nos astros, pondo-os em verso, que é a unica linguagem que convém a taes escriptos. Reduziu cada prophecia a um quarteto ou quadra, e d'estas publicou em Lyão sete *centurias* no anno de 1555. Depois ainda deu a lume mais algumas, de sorte que legou á posteridade umas mil das taes preciosas quadras.

Estava visto que os invejosos, que lhe havião declarado guerra, não podião deixar de continuar a perseguil-o, dizendo que elle, corrido por charlatão do campo da medicina, se fizera propheta para viver; mas Nostradamus zombou dos seus detractores, não tardando a vêr realisada a mais interessante das suas visões, a que lhe promettia um chorrilho de honras e riquezas. Catharina de Medicis o chamou para tirar-lhe o horoscopo dos principes, e encheu-o de presentes; o duque de Saboia veiu com sua mulher a Salon sómente para vêr, e Carlos IX o nomeou seu medico ordinario. A turba menor dos crentes seguiu tão altos exemplos, e dentro em pouco viu-se o feliz propheta coberto de gloria e de ouro.

Quanto mais elle se exaltava, mais se mordião e raivavão os zoilos, e um d'elles, o poeta Jodelle, fez-lhe o seguinte distico:

NOSTRA DAMUS *cum falsa damus, nam fallere nostrum est,*

Et cum falsa damus, NIL NISI NOSTRA DAMUS ;

mas nada pôde abalar a fé já arraizada no povo, e que ainda mais forte se tornou após a morte do inspirado, occorrida em Salon no anno de 1566, veiu a realisar-se a prophecia que elle havia feito sobre o seu proprio tumulo, dizendo que este mudaria de logar. Com effeito, destruido o convento dos Carmelitas, onde era a sepultura do grande homem, veiu esta a ficar no meio de um campo.

O espirito prophetico não se transmitte por herança como um morgado ou como a tisica; não o entendeu comtudo assim Miguel o filho de Nostradamus, que metteu-se a predizer tambem o futuro; mas tudo sahia ás avessas, e elle vendo que nada do que annunciava se verificava, e que o mesmo se ia dar na cidadezinha de Pouzin, que achando-se sitiada, devia, segundo o seu prognostico, perecer pelas chammas, quiz ter razão ao menos uma vez, e com as proprias mãos tratou de incendial-a. Coitado! foi descoberto, e pagou com a vida o prurido de ser propheta á fôrça.

O pae, sim, esse era propheta ás direitas! Haverá predicção mais clara e categorica do que esta:

«Uma aguia virá do oriente, e abrindo as azás, occultará o sol...

«No mundo o terror será grande...

«O liz perderá a corôa e a aguia a arrebatará...»

Não vemos aqui tão manifestamente, como se seus nomes estivessem escriptos, na aguia Napoleão, e na flôr de liz a familia Bourbon? E quem previu d'esta forma o futuro, poderia enganar se a respeito do fim do mundo? Eis aqui porque tão profunda impressão me causou a noticia da folha europêa, e eis aqui tambem porque a todos aconselho que se dêm por avisados e vão dispondo as cousas como se d'aqui a vinte e cinco annos tudo tivesse de voltar ao seio do nada, ou pelo menos o nosso globo de passar por mais uma d'essas revoluções completas, que já o visitárão, extinguindo toda a vida e dando logar á formação de novos seres, o que para nós vem a dar absolutamente na mesma

De que modo, porém, terá logar o fim do mundo, é o que as prophecias não dizem, ficando por conseguinte livre a cada qual compor na imaginação esta terrivel catastrophe como lhe parecer mais provavel, ou conforme fôr mais do seu gôsto. É um divertimento innocente e em que ninguem arrisca o seu crédito, pois que no meio dos assados em que nos veremos, e depois ainda muito menos, não nos havemos porcerto de occupar com jogar chufas uns aos outros, vangloriando-se os que tiverem acertado, e escarnecendo dos que havião previsto de outra forma o negocio.

Cousas são estas mais proprias para d'ellas trata-

rem philosophos do que uma pobre mulher como eu, que não comprehendo nem o que me gira na bola, quanto mais os destinos d'esta vasta mole do universo; mas sempre quero metter tambem a minha colhér, embora me chamem abelhuda. A minha opinião de nada vale, mormente n'esta materia, mas que isso me não tolha de emittil-a.

Acima disse — quando nos virmos *nesses assados:* — é uma expressão figurada, mas n'este caso de singular propriedade, pois estou convencida de que o mundo acabará morrendo nós todos assados, servindo-nos de grelha a terra e de fogareiro algum cometa. A descoberta, se descoberta pode dizer-se, não é minha; outros a fizerão antes de mim, mas abracei a idéa por achal-a mui plausivel.

Andão por ahi errantes por esse céo tantos cometas (não ha epigramma) que não pode admirar que algum d'elles no seu giro vagabundo se approxime de nós um poucachinho mais do que convinha. Ora, supponhamos que o tal cometa vem esquentado dos raios do sol perto do qual passou, qual será o offeito sobre os pobres habitantes d'este globo? A temperatura iria gradualmente subindo de calorico; os povos da Laponia, da Grenlandia e da Terra do Fogo principiarião a pular de contentes julgando que lhes chegava tambem a elles o seu verão: os Russos largarião as suas pelles e vestir-se-hião de

linho; os velhos sahirião do soalheiro buscando a sombra das arvores; quem nunca lavou a cara senão em agua morna, iria mergulhar nos rios. Mas pouco a pouco iria o negocio tornando-se mais quente do que se pensava, e quem tiritando de frio suppunha que não haveria calor capaz de incommodal o ir-se-hia convencendo do seu erro. Succeder-nos hia como á lagosta mettida viva n'uma panella de agua fria e posta a cozer ao fogo: a cousa pareceria agradavel ao principio, mas depois — depois ir-nos-hiamos torrando muito soffrivelmente até ficarmos reduzidos a carvão.

A primeira industria, que ficaria arruinada, seria a dos sorveteiros com o desapparecimento completo da neve, e talvez fôsse na previsão d'esta eventualidade que elles elevárão ultimamente o preço do seu genero, como se quizessem aproveitar bem os poucos annos que ainda lhes restão. Mas, coitados, para que lhes servirá o dinheiro?

O mais curioso, mas havia de ser para um espectador posto em logar fresco, se fôsse possivel encontral-o, seria vêr os differentes expedientes a que os homens recorrerião na esperança de escaparem á sua triste sorte. Bem como um bando de formigas ao chegar-se-lhe um papel a arder, procurão a toda a pressa ganhar o abrigo do seu formigueiro, não, porém, sem que antes d'isso muitas

fiquem pelo caminho estorcendo-se abrazadas, assim vêr-se-hião as pobres creaturas n'esse dia terrivel, apenas a cousa começasse a cheirar-lhes a *esturro*, correr espavorido para aqui e para alli, diligenciando entranhar-se pela terra em busca de frescura.

Succederia o contrario que por occasião do diluvio universal: então procuravão os homens as alturas e os pincaros mais alcantilados, como se pode vêr dos quadros d'essa pavorosa catastrophe, desenhados por pintores que lá sabem aonde fôrão beber as suas informações; d'esta vez, isto sempre no caso da vinda do tal cometa, hão de disputar-se quanta furna humida e tenebrosa por ahi ha, embrenhar-se pelos subterraneos e muitos até se atirarão aos poços. N'isto se verá o castigo da vaidade humana. Andamos aos encontrões uns aos outros, para treparmos por cima dos hombros do nosso proximo, não duvidando até pôr-lhe os pés na cabeça; e vejão, o mal virá do alto, e os que se acharem mais elevados, lá pelas grimpas do genero humano, serão os que mais depressa sentirão derreter-se-lhes o craneo, e tratarão de fazer-se pequenos e metter-se pelas tocas como os bichinhos da terra.

O peor é que não haverá arca que possa salvar em tal emergencia; poderá, porém, quem sabe! descobrir-se algum meio engenhoso de escapar ao

tal exterminio. Convido o Mal das Vinhas a meditar sobre isto.

Mas aonde é que vou parar com isto tudo? Não era sobre a gastrosophia, sobre a sabedoria da barriga, que me propuz escrever? É verdade, mas que querem? quando eu reduzir a tratado o que escrevi e ainda escreverei sobre a materia (é um livro que brevemente verá a luz e para o qual desde já acceito assignaturas) prometto expurgal-o de quanta cousa extranha tenha enxertado e possa ainda vir a enxertar n'estes artigos; mas aqui que faço de conta que estou conversando em familia com os meus leitores, occorre me já isto, já aquillo que dizer-lhes, e só porque á primeira vista parece não caber bem debaixo do titulo que escrevi no alto, não hei de ficar embuchada ou fazer um capitulo especial para cada frioleira. Demais, o que me parece que os assignantes d'esta Revista querem é leitura; que lhes agrade o genero ou assumpto pouco pode importar-lhes. É no agradar-lhes que bate o ponto; mas tanta esperança tenho de conseguil-o, falando em alhos como em bogalhos, que vou por isso falando especialmente de tudo, excepto de politica, porque o editor não consente É o unico pomo vedado.

Esta satisfação dou-a eu á gente pacata e facil de accommodar-se, porque, quanto aos rigoristas e methodistas inflexiveis, esses fiquem sabendo que

escolhi um assumpto, em que não ha nada n'este mundo que não caiba, pois por fim de contas tudo em ultima analyse se refere á barriga, o que faz que eu tratando d'esta, em nada posso falar que não venha a pêlo. Axiomas não se demonstrão, mas ainda assim passo a elucidar este mais um pouco.

O dinheiro é o rei do mundo, disse um escriptor elegante, e todos applaudírão a phrase, julgando-a feliz; mas, quanto a mim, ficou áquem da verdade. O dinheiro é muito mais que rei, pois que com elle se comprão reis, segundo é de fé, e a questão só pode estar no preço, como disse o marquez de Pombal, que entendia do riscado. O dinheiro, o bezerro de ouro, gosa no mundo de um verdadeiro culto de zumbaias mais profundas do que nenhum despota asiatico, de adorações tanto mais sinceras quanto são mais espontaneas. O escravo curva-se a seu senhor por medo, ajoelha ante o metal luzente por amor, mas qual a razão de corrermos d'esta forma atraz do dinheiro? Porque tanto o ambicionamos? Para com elle satisfazer as nossas necessidades, e d'ellas a primeira, a mais imperiosa, é a barriga, logo — logo, a conclusão qualquer a tira.

Creio ter-me assás justificado das minhas pretendidas divagações, mas se tão por alto estabeleci a relação entre o que escrevi e o que no titulo pro-

metti escrever, não pensem que fôsse por não saber achar outra mais proxima e precisa. N'este mundo é possivel achar analogia entre a palma da mão direita e um discurso do senado, quanto mais entre a barriga e o fim do mundo. Vejamos um exemplo, que me toca por casa: é mais um desabafo.

Tenho um primo medico. Achava-se elle ultimamente em Cantagallo, quando o chamárão para vêr um enfermo n'uma fazenda distante meia legua. A manhã estava fresca, meu primo tinha o burro manco (isto é o que elle diz, quanto a mim não sei mesmo se o pobre rapaz, que é um excellente môço, tinha n'aquella épocha burro ou não) e por conseguinte resolveu ir a pé; mas para se ir entretendo pelo caminho, levou a espingarda com que matar alguma caça que deparasse.

Encontrou um amigo, que lhe perguntou aonde ia.

— A vêr um doente, respondeu o medico.

— E assim armado de espingarda, meu doutor? Tem medo que o triste diabo escape do récipe?

Meu primo não gostou da graça, mas fez boa cara e riu-se que era o mais prudente; porém agora, pergunto eu, e é para isso que trago o caso, embora o não percebão todos, que analogia podia aquelle insolente encontrar entre a escopeta e o récipe de um medico? Pois achou-a, e como a achou, pode achar-se em tudo o mais.

Mas, por mais que eu mesma diga, ha de doer-me a consciencia se depois de ter pedido a palavra para discorrer sobre a gastrosophia, tornar a assentar-me sem adeantar cousa que tenha referencia directa a ella. Como, porém, é já um pouco tarde, e o tempo não permitte reatar o fio do discurso aonde o deixei na sessão passada, peço que me reservem a palavra para a seguinte, e concluirei ensinando a preparar dois bons pratinhos, com que consolar a barriga. Aqui creio que ninguem contestará que estou dentro do meu thema.

Trata-se primeiramente de uma fritada de peixe.

Tomem-se para seis pessoas duas ovas de peixe bem lavadas, que se farão branquear mergulhando-as por espaço de cinco minutos em agua a ferver ligeiramente salgada.

Tome-se mais um pedaço de peixe, quanto mais delicado melhor, do tamanho de um ôvo de gallinha, e junte-se-lhe um dente de alho picado.

Piquem-se agora juntamente as ovas e o peixe, de modo que fiquem bem misturadas, e metta-se tudo n'uma caçarola com manteiga sufficiente para frigil-o até que esta se derreta. N'isto consiste a especialidade da fritada.

Tome-se ainda outro boccado de manteiga, junte-se-lhe salsa e cebolinho, bote-se n'um prato pisciforme, para onde deve ir depois a fritada, e expre-

mendo lhe em cima summo de limão, ponha-se sobre cinza quente.

Batão-se agora doze ovos bem frescos e juntamente com elles o picado de ovas e peixe, revolvendo tudo muito bem.

Faça-se em seguida a fritada da forma ordinaria, procurando que fique oblonga, espessa e pouco dura, despeje-se no prato preparado já para recebel-a, ponha se na mesa e coma se.

Agora outra fritada mais simples.

Tome-se um numero de ovos proporcionado ao dos convivas.

Tome se mais um pedaço de bom queijo que pese o terço dos ovos e um boccado de manteiga que tenha a sexta parte d'este pêso.

Quebrem-se e batão-se bem os ovos n'uma caçarola, e depois lancem-se dentro a manteiga e o queijo ralado.

Posta a caçarola sobre brazas de carvão, revolva-se bem o conteúdo com uma colhér até a massa ficar espessa, porém molle; deite-se-lhe pouco ou nenhum sal, conforme o queijo fôr mais ou menos velho, e por fim uma boa dose de pimenta da India, que constitue um dos caracteres positivos d'este guisado, que será servido n'um prato ligeiramente esquentado. Não esqueça trazer á mesa o melhor vinho que houver em casa.

Em muitas partes é costume depois do jantar lavar a bôcca: podem considerar estes meus artigos gastronomicos como ligeiras refeições e fazer outro tanto. Acho, porém, conveniente que tenhão conhecimento das observações que sobre esta prática faz o meu mestre, mas cuja responsabilidade lhe deixo a elle toda inteira: não quero parte nenhuma n'ella. Oução-no:

«Quando o estomago já repleto recusava admittir mais alimento, costumavão os Romanos esvazial-o, vomitando, afim de poderem começar de novo a gosar do prazer de tornar a enchel o. Em outro logar disse que estes vomitorios repugnavão á delicadeza dos nossos costumes, mas receio haver commettido n'isso uma imprudencia e ter de cantar a palinodia.

«Já me explico.

«Haverá obra de sessenta annos que algumas pessoas da alta sociedade, quasi todas senhoras, tinhão o costume de enxaguar a bôcca no fim do jantar.

«Para isto, no momento de se levantarem da mesa davão as costas á companhia; um creado lhes apresentava um copo com agua, da qual tomavão uma bochechada, lançando-a outra vez no pires. O lacaio sahia, levando tudo, e a operação passava quasi despercebida, pelo modo por que era feita.

«Tudo isto está mudado.

«Na casa, em que se capricha de costumes mais delicados, apparecem no fim da sobremesa creados, que distribuem aos convivas taças cheias de agua fria, no meio das quaes vem um copinho com agua morna. Então á vista uns dos outros, mergúlhão se os dedos na agua fria, fingindo laval-os, e enche se a bôcca com a morna, gorgolejando com ruido, e vomitando depois na taça.

«Não sou eu o unico que se tem levantado contra esta innovação tão inutil, como indecente e nauseosa.

«*Inutil*, porque ninguem que saiba comer, tem a bôcca suja no fim do jantar: limpárão-lh'a já as fructas, já os ul imos calices de vinho que se bebem á sobremesa. Quanto ás mãos, não nos devemos servir d'ellas de modo que as sujemós, e demais, não tem cada um seu guardanapo para limpar se?

«*Indecente*, porque é principio geralmente recochecido, que toda a ablução se deve occultar no segredo dos quartos.

«*Nauseosa*, sobretudo, porque não deve o que uma vez entrou pela bôcca, tornar a apparecer ás vistas de ninguem

«Tal é a posição ridicula em que nos veiu pôr uma affectação de asseio pretencioso, que não está nem nos nossos gôstos, nem nos nossos habitos.

«Uma vez ultrapassados certos limites, ninguem

sabe mais onde parará, nem se pode prever que purificações nos imporão ainda.

«Desde a apparição official d'estas taças innovadas, lamento me noite e dia. Novo Jeremias, deploro as aberrações da moda, e instruido pelas minhas viagens, não entro n'uma sala sem tremer, receoso de esbarrar com o abominavel *chamber-pot.*»

Isto diz elle; cada qual pense e faça o que fôr do seu agrado.

IV

Recebi esta carta de pessoa já vossa conhecida!

Prima Ignezinha.

Estou como uma braza, e é tal a indignação que me possue, que ou lhe hei de dar rahida algures, ou ella mata-me. Se eu me não tivesse proposto estrear na *Revista Popular* pelo artigo que preparo sobre as modas, e de que tu tiveste a insigne indis-

creção de dar antecipada noticia, como se te empenhasses em dar razão aos nossos detractores, quando dizem que segredo em bôcca de mulher está tão seguro como manteiga em focinho de cão, obrigando-me com essa mesma indiscreção a não alterar o espectaculo annunciado para a minha estreia, se não fôsse isso, digo, apresentar-me-hia já d'esta vez em publico, reivindicando os direitos do meu sexo ultrajado. Não o podendo fazer, peço-te a ti que o faças como parte não menos interessada.

Parece incrivel até onde se leva em nossos dias o abuso, a descortezia da imprensa! Ora dize-me se ha maior insolencia do que obrigar a gente a lêr cousas como essas que ahi vão n'esse trecho que te remetto, de um periodico da terra dos alfacinhas. Não se me esconde que o editor ha de allegar a escusa de que al não fez senão reimprimir cousas ha muito já impressas e de todos conhecidas. Admitto a primeira, nego a segunda. [1]

Impressas, sim, de todos conhecidas, não.

E é ahi mesmo que está o mal todo. Que importa que o Allemão (lá isso de critico fia-se mais fino) Boettinger dissesse das mulheres cobras e lagartos,

[1] A minha boa prima tem seu tanto ou quanto de escholastica.

(Nota de Ignez.)

se cá n'esta terra ninguem lê o que pode ter escripto esse animal hyperboreo? [1] Que importa mesmo que o traduzissem para a *Grinalda Ovidiana*, se é um livro este que meu pae inseriu para mim no *index*. Demais, o tal Botija fala das Romanas lá dos priscos tempos, e assim não é tanto do que d'elle tirárão, que me queixo, como do que segue abaixo desentranhado das *Florestas* de Bernardes, onde jazia esquecido e bem esquecido, sem fazer mal a ninguem. Com effeito, quem vae hoje em dia ainda caçar ás taes *Florestas* do velho Bernardes? Bestas feras e serpes venenosas, que por lá haja, não encóntrão a quem morder; mas se d'aquellas brenhas as trouxerem para os campos lavradios, e as embrulharem n'um papel que com mostras de inoffensivo penetra em todas as casas, quantas feridas não causarão?

N'este caso está o transcriptor de velhos alfarrabios descortezes e exaggerados como são os antigos, que da cousa mais simples fazião um escarcéo dos meus peccados. E transcrevel-os então para periodicos que todo o mundo lê! Ainda se fôsse para

[1] Desculpem a vehemencia da pobre rapariga: é um desafogo da colera que a abafa. Afianço-lhes que quando a não agita a paixão, ella é meiga como uma pomba.

(Outra nota de Ignez.)

um livro qualquer, não dizia eu nada; pouca gente o leria.

Ahi vae o tal pedacinho de ouro do meu amigo Lisboeta. Lê o e dize se meia duzia de enfeites, de que as mulheres usão, e usão por amor dos homens, valem a pena de fazer semelhante alarido. Lê-o, e depois de lido, vota-o á execração dos leitores e sobretudo das leitores da *Revista*.

Tua do coração,

Anastacia Pimpim.

Segue o trecho infeliz que tanto provocou a bilis de minha prima (se ella tem escassos 18 annos!) advertindo eu que as notas que leva são de quem quer que lh'as pôz, não minhas:

«No principio d'este seculo, um critico allemão, Boettinger, publicou uma obra mui curiosa intitulada: *A manhã de uma dama romana*, da qual o Sr. Dr. J. F. de Castilho, fez o seguinte extracto no amplo e erudito estudo sobre os *Amores de Ovidio*, que denominou *Grinalda Ovidiana*, e serve de commentario á inimitavel paraphrase dos *Amores*

do mesmo poeta, feita por seu irmão o Sr. A. F. de Castilho.

«De noite punhão no rosto as janotas ou guapas romanas, para lhe conservarem a frescura, uma cataplasma de migas de pão ensopadas em leite de egua [1]; as escravas, incumbidas dos pormenores do toucador, passavão horas esquecidas a caiar e pintar o rosto da senhora, e a suavisarem-lhe a pelle; punhão-lhe os dentes que faltavão; tingião-lhe de loiro ou preto as sobrancelhas e os cabellos, segundo a moda; adaptavão-lhe uma cabelleira ou crescente de além-Rheno, tirado da cabeça de uma mulher sicambra. Occupa-se uma escrava a encaracolar os anneis dos cabellos, outra a perfumal-os, a terceira a adornal-os com flôres ou longos alfinetes; mas pobres d'ellas, se a senhora, mirando-se ao espelho de prata polida, acha que dissimulárão mal os seus defeitos, ou não fizerão sobresahir bastante as suas bellezas! Não só a fidalga as arranha e morde, mas

[1] Plinio e Juvenal dizem que estas papas erão feitas com leite de burra, a que se attribuia a propriedade de amaciar a pelle. N'este mesmo leite costumavão as Romanas opulentas tomar banho, e o mesmo historiador nos diz, que para o banho da mulher de Nero se mungião quinhentas burras! Ignoramos o motivo por que o sabio allemão transformou estas jumentas em eguas. Vid. a *Storia Universale* de Cantu — V Epocha.

tem á mão um comprido alfinete, com que espicaça o seio nú da escrava inhabil; ás vezes até ordena ao escravo incumbido dos castigos *(lorarius)* que suspenda pelos cabellos a culpada, e a fustigue até a senhora enfurecida dizer: Basta!

«Emfim, eis-ahi a janota romana penteada, untada e apomadada; tem as unhas cortadas; acaba de lavar no leite as mãos, e de limpal-as aos cabellos loiros de um escravo moço; traja o vestido de matrona, de fazenda de lã branca bordada, de franjas de ouro e de purpura. Cobrem-n'a de perolas e pedras preciosas, despojos das rainhas extrangeiras; o que faz dizer que só uma mulher traz sobre si um patrimonio. Cada um dos dedos (excepto o do meio) vae carregado de anneis, que varião segundo a estação, com pedras gravadas pelos mais celebres artistas. Embrulha-se, emfim, no seu manto, e lá vae, levada n'uma liteira por oito robustos escravos que ella mesma escolheu no mercado; dois andarilhos a precedem correndo; duas escravas môças vão ao seu lado, levando pára-soes de cauda de pavão, e no encalço dois rapazes com cochins.»

O nosso mimoso classico Bernardes, no tomo I das suas *Florestas,* mostra-se mais bem informado das garridices feminís que o proprio Boettinger. Eis o que elle diz:

«Quanto é necessario de tempo, de estudo, de cuidado, de despesa, de trabalho e afflicção de espirito, para se pôr á vela uma d'estas naus? Bem lhe chamei nau, porque já lá Plauto disse: «A nau e a mulher nunca se dão por bastantemente esquipadas.» E concorda o adagio de Terencio: «Mulheres, emquanto se apercebem, emquanto se enfeitão, lá vae o anno.»

«Os Romanos, antigamente, vendo que, por opulentos que fôssem os paes e maridos, não havia panno para tão largo cortar (porque n'ellas o seu giz e tesoura é o appetite), sahírão com a lei Oppia, sendo consules Q. Fabio, e T. Sempronio, assim chamada de C. Oppio, seu instituidor, em que mandavão moderar estes excessivos gastos. Porém, tal foi a impaciencia com que as matronas reclamárão, tal o motim que levantárão ao redor do palacio dos Brutos, que d'alli a poucos annos já a pragmatica estava antiquada.

«No capitulo terceiro de Isaias, está lançado um bastante aranzel, ou rol d'estas gaias e adereços femininos. Porque, indignado Deus de tanta vaidade e luxo, ameaça castigal o com terriveis demonstrações; e por principio d'ellas, diz que ha de deitar abaixo as fivelas e topes do calçado, as luas, os collares, as gargantilhas ou afogadores, os bracele-

tes, as mitras [1], os pentes e fitas que servem de apartar e apertar as tranças, os fraldelins [2], os cordões de ouro, as pomas [3] e frasquinhos de agua de cheiro, as arrecadas e chuveiros [4], os anneis e memorias, as joias de pedraria preciosa pendente sobre a testa, as galas de festa, os capotilhos [5], os volantes e velinhos [6], as espadinhas [7], os espelhos, as toucas, os listões, rendas, faxas, e os mantos finos.

«Porém n'este rol não está a centesima parte do apparelho que pede esta grande nau para velejar, vento em popa, nas cerúleas planicies do applauso publico. E mais é de advertir que o propheta fala das mulheres que andão em seus pés, que as que andão nos alheios necessitão de muito mais enxarcia, enfrexadura e amantilhos; de muito mais flamulas e galhardetes, de muito mais grinaldas e pharóes, e de melhores pavezes a um e outro bordo. E a maravilha é que, quanto a nau vae mais carre-

[1] Toucado ponteagudo, de que usavão homens e mulheres antigamente.

[2] Ligas de borlas.

[3] Redomas.

[4] Brincos para as orelhas, de brilhantes pendentes, como os que hoje chamamos pingos d'agua.

[5] Mantilhas que descião da cabeça aos hombros.

[6] Filó.

[7] Agulhas compridas de segurar as tranças, com punho como de espada, ou figurando settas, punhaes, etc.

gada, mais levezinha vae; porque a mais carga lhe faz ganhar vento.

«Tenho reparado em que os Latinos, a este ornato e adereço da mulher, chamárão mundo, *mundus muliebris*; e quer parecer-me que este nome não só quadra ao seu significado, emquanto quer dizer limpeza, senão emquanto quer tambem dizer o mesmo mundo; porque de todo o mundo leva esta nau generos, e todo o mundo é necessario concorrer para ornar uma mulher. Por onde S. Gregorio achou com verdade, que a creatura humana era todo o mundo, porquanto, com umas creaturas convém no ser, com outras no sentir, e com outras no entender. Participando tambem o ornato de uma mulher de cada região do mundo alguma cousa, com razão e verdade se chama este ornato mundo. Vejamol-o mais em particular.

«Dos reinos de Decão e Bisnagar e de Golconda, na India oriental, leva esta diamantes; da Bactria, Scythia e Egypto, esmeraldas; dos reinos de Pegú e da cidade de Calecut e da ilha de Ceilão, saphiras; do seio persico entre Ormuz e o Bassorá, de Sumatra, ou Taprobana, da ilha Borneo, e em Europa de Escocia, Silesia e Bohemia, leva perolas; do porto de Julfar, na Persia, leva aljofar (que d'ahi se derivou este nome;) da cidade de Syene no Egypto superior, e do mar Thyrreno, leva coraes,

que, se se desterrárão dos rosarios e braceletes, ainda se admittem em brinquinhos e veronicas; dos campos de Pisa e dos montes Alpes, leva crystaes; do mar de Suevia e de Lubeca, leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmã de Phaetonte, choradas solemnemente cada anno pela sua desgraça; dos reinos de Monomotapa e Sofala na Cafraria, e da região de S. Paulo na nossa America, leva ouro; do cerro do Potosí nas conquistas d'el-rei catholico, leva prata; de Allemanha, os camafeus; de Moscou, as zebelinas e martas; do Palatinado, as mais aperfeiçoadas; de Helvecia, região dos suisaros, os arminhos; do Brazil, os saguins para manguitos, e os coquilhos para contas; da cidade de Tyro, a purpura; da serra da Arabida, a grã; de Portugal e Castella, a côr; de Veneza e Hollanda, os espelhos; de Provença e de Roma, as pomadas para fazer as mãos macias e cheirosas; de Cordova e Hungria, ao menos as receitas para as aguas odoriferas d'estes nomes; das Indias de Castella, a almeia [1] e oleo d'ella para as mãos; de Tunquem, o almiscar; do Maranhão e Ceará, o ambar; de Angola, de Guiné e Cabo Verde, a algalia; das nossas Indias, o calambuco e aguila [2], os cane-

[1] Tomilho, arbusto mui aromatico.

[2] Madeiras mui cheirosas.

quins[1], e panninhos de côco, e os toribios[2]; da Africa, as pennas dos abestruzes para os cocares de plumas: da China, os lós, os leques, e as chitas; de Flandres, as rendas; da cidade de Cambray, as teias finissimas e candissimas que têem este nome; de Guimarães, as linhas; de Leão de França, as primaveras[3]; de Modaba, na Persia, e de Italia, as telas; da mesma Italia, os damascos; de Florença, Genova e Napoles, os chamalotes[4]; de França, as luvas, os signaes para o rosto, tambem os leques, uns maiores para o verão, outros mais pequenos para o lar no tempo do inverno; de Inglaterra, as meias, fitas e reloginhos de algibeira; da Arabia, a gomma que tambem serve officio n'este mundo; da Batalha, os azeviches para dar figas aos maus olhos.

«Que mais? É necessario que concorra tambem o mar, não só com as ostras que se esbulhem das perolas, senão tambem com as tratarugas que desarmem as costas para pentes e cofrinhos, e com as baleias que empenhem as barbas para sahir um justilho, ou prepõem[5], bem desarrugado; são necessa-

[1] Cassas da India.
[2] Contas de crystal feitas na India.
[3] Sedas bordadas de matiz.
[4] Seda ondeada ou achamalotada.
[5] Collete de barbas.

rias de várias partes varios materiaes para bocetas, escriptorinhos, bahús, guarda-roupas para recolher nos camarins e escaparates este mundo abbreviado; são necessarios vidrinhos e garrafinhas, redomas e bocetas, curiosa e ricamente forradas, para toda a pharmacopéa [1] de ingredientes liquidos e sêccos, simples e confeccionados, que servem de extender o dia da formosura, quando já vem cahindo as sombras dos altos montes da annosidade, e de dizer em casa ao desengano — que mente!

«Que mais? São necessarias até as nuvens do céo para a primeira agua de maio, que opínão fazer o carão [2] lustroso; são necessarios até os mortos para as cabelleiras, se as não quizer o luxo antes tiradas das entranhas dos bichos, fazendo-as de seda.

«Dizei-lhe agora a Caio Oppio que chegue a bordo d'esta nau com a sua pragmatica [3], e verá com que salva de artilharia o recebe! Dizei ás rendas do morgado mais atlante que sustentem este mundo.

«A mulher prudente, sisuda, e amiga de sua casa,

[1] Boticada.

[2] A tez, ou flôr da pelle.

[3] Á semelhança d'esta pragmatica romana, ou lei sumptuaria, se promulgárão entre nós muitas contra o luxo, sendo a ultima feita pelo marquez de Pombal em 1749, mas nunca se conseguiu a sua completa observancia.

é comparada por Salomão á nau mercantil, porém nau que de longe traz pão. Mas a mulher vã, e amiga de enfeites e galas, é nau que de longe traz a fome, porque em todas as partes do mundo faz desembolços.

«Para que é necessario a uma mulher todo este mundo? Para parecer formosa. Concedamos-lhe que o parece; e ainda mais, que o é; que não é pouco barato, pois sabemos com S. Gregorio Nazianzeno que aquillo não é rosto senão mascara, bem sabemos com Propercio que d'aquellas formosuras se mercão nas lojas e boticas, e talvez para deitar a perder a natural; e com Ovidio que o menos que ha alli n'aquelle composto é a mesma pessoa, por que quasi se sumiu entre tantos atavios sobrepostos. Que tira ella, emfim, de ser ou parecer formosa? Vaidade. Não mais nada. Tira tambem enfermidades do corpo, perigo da alma, enfados, murmurações; e depois, tanto em penas do outro mundo quanto este lhe deu em glorias; com esta differença entre outras muitas, que as glorias fôrão falsas, e as penas serão verdadeiras.»

A carta de que a minha excellente prima fez preceder esta lengalenga dispensa-me de mais commentarios. Quanto a mim faria ella melhor em guardar para si o tal aranzel do antiquado Bernardes, apro-

veitando o que lhe parecesse para o seu artigo de modas, cuja existencia futura, eu, entre parenthesis, não fui assim tão indiscreta como ella quer revelar, e se foi indiscreção, foi indiscreção provocada com geito. Mas ella não lhe soffreu a paciencia aguardar a occasião de falar; fiz-lhe, pois, a vontade, embora a minha fôsse outra.

Eu cá quando ouço os homens ralharem dos nossos enfeites, rio-me d'elles, não me zango. Pobres lorpas, são os primeiros a deixarem-se levar de tal engôdo, e querem todos ser uns Catões. Veja-se em qualquer companhia para quem são as attenções, para quem os rapapés, quem mais attrae as vistas. São as mais ataviadas, as mais embonecadas, as mais ricamente vestidas. Não se vê ahi por essas ruas os homens fazerem alas e assestarem as lunetas ao perpassar de um vestido de seda e velludo, embora apenas seguido de um gaiato de casaco agaloado e botas de canhão? Pois então deixem elles de prestar tanta attenção aos adornos e aos enfeites, concedendo a preferencia áquella que d'elles mais se carrega, e nós todas porfiaremos em simplicidade, dando folga ás bolsas de paes e maridos.

Esta é a minha opinião e d'aqui ninguem me tira.

Mas o meu assumpto é outro, e eu tinha protes-

tado d'esta vez não me arredar d'elle. Vamos, pois, grastrosophismar um pouco [1].

Um dos melhores dons da natureza é um bom appetite. Que vem, porém, a ser o appetite? Consultemos o mestre.

O movimento e a vida occasionão no organismo uma contínua perda de substancia, e o corpo humano, essa tão complicada machina, bem depressa ficaria fora de estado de serviço, se a Providencia lhe não tivesse dado uma mola para advertil-o, apenas as suas fôrças deixão de achar-se em equilibrio com as necessidades.

Este monitor é o appetite, palavra que indica a primeira impressão da necessidade de comer.

Annuncia-se o appetite por uma tal ou qual languidez no estomago e ligeira sensação de cançaço.

Ao mesmo tempo occupa-se a alma de objectos analogos ás suas necessidades; a memoria se recorda das cousas que tem lisonjeado o paladar; a imaginação crê vêl-as, e ha em tudo isto o que quer que seja de sonho. Nem é de todo destituido de encantos este estado, sendo até voz geral entre os adeptos: «Que é prazer sentir bom appetite quando ha

[1] Olhem que sophista primitivamente significava philosopho. É n'esta accepção que tomo aqui sophisma e sophismar. Vá mais esta nota por conta dos menos lidos.

certeza de poder brevemente afogal-o nas iguarias de um lauto jantar.»

Comtudo, se a demora ultrapassa certos limites, começa todo o apparelho nutritivo a pôr-se em sobresalto; sente-se um vácuo no estomago; exaltão-se os succos gastricos; põem-se em movimento os gazes interiores; a bôcca se enche de succos, e todas as potencias digestivas pégão, por assim dizer, em armas, quaes soldados que para o ataque sómente aguardão a voz do commando. Mais alguns movimentos e virão as contracções do estomago, os abrimentos de bôcca, um sentimento doloroso, emfim a fome.

Todas as gradações d'estes diversos estados se podem observar em qualquer salão, onde se aguarda o jantar além da hora marcada, e já d'aqui se deixa vêr a sabedoria, com que o meu mestre, entre os aphorismos que transcrevi, pôz este: *De todas as qualidades do cozinheiro a mais essencial é a exactidão.*

O appetite é cousa boa, e esse ainda se pode predispor melhor ou peor sabendo-se a hora para a qual convém preparal-o; mas se falha esta hora, passe por lá muito bem, ou vem a fome, que não é mui agradavel de sentir-se, ou lá se vae toda a vontade de comer, o que porventura é peor.

Agora um bom conselho. Quando alguma vez

vos acontecer a desgraça de vêr inconvenientemente adiada a hora do jantar, não vades comer immediatamente apenas cessar o obstaculo; tomae antes um copo de agua assucarada, ou uma chicara de caldo, para consolar o estomago, e esperae depois doze ou quinze minutos; aliás o orgão convulso se verá opprimido pelo pêso dos alimentos, de que o sobrecarregarem.

Ha appetites realmente extraordinarios; parece, porém, que antigamente os havia maiores. Vendo nos livros primitivos os preparativos que se fazião para receber dois ou tres hospedes, e as rações enormes servidas a cada um, é impossivel deixar de nos convencermos de que os homens, que mais do que nós vivião proximos do berço do mundo, erão tambem dotados de mais feliz appetite.

E crescia este na razão directa da dignidade da personagem, de modo que deante de um rei o menos que se podia pôr erão os lombos ambos de um touro de cinco annos, um quarto de um javali assado inteiro, e um cantaro de vinho capaz de encher pelo menos doze vezes uma taça, que qualquer homem d'estes nossos degenerados tempos mal poderia sopesar com as duas mãos.

Á vista d'isto em nada se podem prezar as proezas de que por ahi blazonão os comilões de profissão. Mas o saber comer não está no comer muito,

cousa mui diversa de comer bem. Para esta difficil sciencia um dos principaes predicados é conhecer os alimentos.

E que veem a ser alimentos? Duas respostas admitte a pergunta, popular uma, scientifica a outra.

1.ª Alimento é tudo o que serve para nutrir-nos.

2.ª Alimentos são as substancias, que submettidas ao estomago podem animalisar-se pela digestão, e reparar as perdas que soffre o corpo humano com as funcções da vida.

A qualidade distinctiva do alimento é pois a propriedade de passar pela assimilação animal.

Os reinos animal e vegetal são os unicos que até agora têem fornecido alimentos ao genero humano: dos mineraes ainda ninguem tirou senão remedios ou venenos, cousas assás parecidas.

Depois de tornada sciencia certa, tem a chimica analytica feito grandes progressos no estudo da natureza, tanto dos elementos que constituem o nosso corpo, como das substancias destinadas a restaurar-lhe as fôrças, o que tudo tem entre si grande analogia, pois que o homem se compõe em grande parte das mesmas substancias que os animaes e vegetaes de que se alimenta; mas quem quizer saber a quantos millesimos de carbonico, hydrogeneo etc., poderião elle e as viandas com que se nutre

reduzir-se, fará bem consultando qualquer tratado especial de chimica.

Não é aqui o logar para entrar em taes minudencias; comtudo é tão vital a sciencia da alimentação, que os leitores me não perdoarião, porcerto, se deixasse de expor-lhes alguns principios geraes, alguns como que primeiros rudimentos; ignoral-os a ninguem é licito.

O maior serviço pela chimica prestado á sciencia alimentar foi a descoberta ou antes a precisão da osmazoma.

Consiste esta n'essa parte das viandas eminentemente sapida, que é soluvel em agua fria, e que se distingue da parte extractiva em não se solver esta senão em agua a ferver.

É a osmazoma que constitue o merecimento dos bons caldos, é ella que, caramelisando-se, forma o môlho acerejado das carnes, é d'ella que sáe a fragrancia da veação e das aves delicadas.

Extrae-se a osmazoma principal dos animaes adultos de carnes vermelhas e negras, ao passo que nenhuma ou quasi nenhuma se encontra no cordeiro, no leitão, na gallinha nem mesmo no branco das maiores aves. Os verdadeiros conhecedores, nos quaes o instincto do gôsto antecipou a sciencia, têem sempre sabido preferir os melhores boccados.

Foi tambem a presciencia da osmazoma que fez

despedir tantos cozinheiros convencidos de desflorarem a panella, que fez adoptar o ôlho do caldo como confortante no banho, e levou certo conego a inventar as panellas fechadas á chave. Foi este digno ecclesiastico o mesmo que nunca comia á sexta feira espinafres, que não tivessem sido cozinhados no domingo e levados depois todos os dias ao fogo sempre com uma nova addição de manteiga fresca.

Descoberta assim depois de ter por tanto tempo feito as delicias de nossos paes, pode a osmazoma comparar-se ao alcool com que bastantes gerações tomárão suas camuecas, antes que alguem se lembrasse de pôl-o a descoberto por meio da distillação.

Para podermos fazer uma escolha racional dos alimentos, e é n'isso que consiste verdadeiramente a gastrosophia, é mistér conhecer os seus principios.

A fibra é o que compõe o tecido da carne, e o que se apresenta á vista depois da fervura. Resiste ella á acção da agua a ferver, conservando a sua forma, apesar da perda de alguma das partes que a envolvem. Para se cortar bem a carne, é preciso que a fibra faça angulo recto ou quasi recto com a folha da faca; assim cortada offerece a vianda mais agradavel aspecto, saborea-se melhor, e mastiga-se com mais facilidade.

Os ossos compõem-se principalmente de gelatina e phosphato de cal.

A porção d'aquella vae diminuindo com os annos, de modo que aos setenta já os nossos ossos não são mais que uma especie de marmore imperfeito, o que os torna tão quebradiços, que bem fazem os velhos acautelando-se das quédas.

É a gelatina a base de todas as geléas.

Tambem a albumina se encontra na carne e no sangue; coalha a um calor abaixo de 40 gráus, e forma a espuma do caldo.

A gordura é um oleo concreto que se forma nos intersticios do tecido cellular, agglomerando-se ás vezes em massa nos animaes que a arte ou a natureza predispõe para isso, como os porcos e certas aves, em algumas das quaes perde a insipidez adquirindo um aroma que a torna agradavel.

O sangue compõe-se de um soro albuminoso, fibrina, alguma gelatina e o seu tanto de osmazoma, o que tudo o constitue alimento mui nutriente, de modo que só um cozinheiro inteiramente barbaro desperdiça o dos animaes que mata.

Todos estes principios supra são communs ao homem e aos animaes de que elle se sustenta. Não é, pois, para admirar que o alimento animal seja tão substancial e fortificante, visto que tendo as suas particulas tanta semelhança com as nossas

proprias, e tendo sido já animalisadas, facilmente se animalisão de novo submettidas á acção vital dos nossos orgãos de digestão.

Menos variedades nem menos recursos não apre senta comtudo á nutrição o reino vegetal.

A fecula, isto é, a farinha ou pó que se tira dos grãos cereaes, dos legumes e de differentes raizes, entre as quaes prima a batata, offerece-nos alimento excellente.

Tem-se, porém, observado que ella amollece a fibra e diminue a coragem, razão por que um povo exclusivamente papa-arroz ou papa-farinha nunca será guerreiro.

Outro tanto se nota entre os animaes: os carniceiros são infinitamente mais ferozes e audazes do que os herbivoros. Verdade seja que esta qualidade n'aquelles lhes era indispensavel para obterem o genero de alimento de que se sustentão. Em tudo foi provida a natureza.

Papel menos importante não representa o assucar, já como alimento, já como medicamento.

Quer no estado solido, quer nas diversas plantas em que o collocou a natureza, é o assucar extremamente nutriente. Os animaes são em geral doidos por elle e os Inglezes dão muito aos seus cavallos de luxo, que assim adquirem extraordinario vigor.

Os azeites dôces tambem nos veem do reino vegetal, mas sómente são succulentos unidos a outras substancias, pelo que não passão propriamente de tempêro.

O gluten, que particularmente se encontra no queijo, concorre poderosamente para a fermentação do pão de que faz parte, e os chimicos têem chegado até a dar-lhe uma natureza animal.

A mucilagem deve a sua propriedade nutritiva sómente ás diversas substancias a que serve de vehiculo.

A gomma tambem em caso de necessidade pode tornar-se alimento, pois que contém quasi os mesmos elementos que o assucar.

A gelatina vegetal extrahida de differentes especies de fructas, particularmente dos marmelos e das maçãs, é tambem assás nutritiva, mormente unida ao assucar, mas nunca tanto como a animal tirada dos ossos, dos pés de vacca e de caudas de peixe. É um alimento leve, confortante e salutar.

Mas entre os animaes merece especial menção uma grande classe, e classe das mais respeitaveis, se a antiguidade dá jus ao respeito, pois é necessariamente antidiluviano, já que o diluvio nada podia sobre ella. Vê-se que quero falar dos peixes.

Afóra o chorume ou sumo, que se compõe de osmazoma e da parte extractiva, encóntrão-se nos

peixes quasi todas as substancias supra indicadas nos animaes terrestres, como a fibrina, a gelatina, a albumina, de modo que com razão se pode dizer que é a falta de chorume que caracterisa os dias de jejum.

Tem o tal jejum, porém, ainda outra particularidade, e vem a ser conter o peixe grande quantidade de phosphoro e hydrogeneo, isto é, o que na natureza ha mais combustivel; de sorte que vem a ichthyophagia a ser o regimen alimenticio mais irritante.

Teria aqui logar agora falar das differentes iguarias, assignalando-lhes as propriedades, indicando o modo de preparal-as, narrando-lhes mesmo a historia. Mas isso me levaria longe; receio tornar-me fastidiosa, mais talvez ainda do que já o sou, entrando em demasiadas particularidades, e prefiro portanto remetter os curiosos para qualquer livro de cozinha, que os ha já muitos, bem scientificos e instructivos. Não posso comtudo dispensar-me de tocar de corrida em algumas das comidas de uso mais geral e constante, sobre as quaes por isso mesmo todos devem ter noções bem claras. Quem não estiver por isto, pode passar adeante. Eu cá por mim entendo que quem se occupa da sciencia da barriga, por qualquer modo que o faça, faz sempre uma cousa infinitamente mais util do que

um poeta, que consome o seu tempo a fabricar pyramides como esta:

A
Ta
Cîme
Sublime,
Monument
Qui fièrement
Lèves tes assises,
Les ombres indécises,
Des vieux jours évanouis,
Les spectres des rois enfouis
Dans les ténèbres de leur crypte,
Ce monde géant de l'antique Egypte
Apparaît; mais le nom du grand Napoléon
Rayonnant au milieu d'obscures hiéroglyphes
Eclipse Pharaons, rois Grecs, Romains, califes,
Comme un soleil que brille au front d'un Panthéon.

Não é que eu despreze a poesia; livre-me Deus de tal; mas acho que a prosa, quando se occupa de assumptos como o meu, vale mais do que as *nugæ canoræ*. Já vêem que tambem pesco meu boccado de latim. Adeante encontrarão d'isso ainda maiores provas; mas voltemos á vacca fria.

E por falar em vacca, principiemos por ella e

tratemos do cozido, que vem a ser um pedaço de carne fervida em agua ligeiramente salgada.

A agua dissolve primeiramente a osmazoma, depois a albumina, que coalhando forma a espuma, em seguida o resto da osmazoma, e por fim algumas porções do involucro das fibras.

Para fazer bom caldo é preciso que a agua ferva lentamente, para que a albumina não coalhe no interior da carne antes de ser extrahida, e a ebullição mal se deve perceber para que as diversas partes successivamente dissolvidas possão unir-se inteiramente e nas proporções convenientes.

No caldo deitão-se legumes, raizes, pão ou massas, e temos a sôpa, alimento são, leve, nutritivo, e que vae confortar o estomago, dispondo-o a receber e digerir. As pessoas ameaçadas de obesidade devem limitar-se ao caldo simples. Tomem nota.

Agora, quanto ao cozido em si, é um alimento facil de digerir e que mata depressa a fome, mas que por si só não restaura grandemente as fôrças, perdida pela ebullição uma parte dos succos animalisaveis.

Passa como regra geral que a carne cozida perdeu metade do seu pêso.

Por todas estas razões tem o cozido sido desterrado das mesas moderno-delicadas; não, porém, da de meu pae, onde é prato que nunca falta, nem

mesmo quando ha gente de fora. Serve-se solitario para que ninguem deixe de comer, mormente visto ser o primeiro, e o resultado é que, quasi repletos os estomagos, é muito menor a devastação nos assados e guisados, que servem no outro dia para o almôço e ás vezes até para o jantar da familia.

As aves representão papel importante na alimentação; entre ellas o genero gallinaceo parece não ter sido creado senão para figurar nas nossas mesas. A sua carne é leve e de facil digestão, e constitue quasi o unico alimento permittido aos convalescentes. A mais bella especie d'este genero é o perú, um dos mais ricos presentes feito pelo novo ao velho mundo. Alguns antiquarios presumidos e pedantes têem querido sustentar que esta formosa ave foi conhecida dos Romanos, e figurou tambem nas bodas de Carlos Magno; mas investigações mais acuradas puzerão fora de duvida que ella é originaria da America e foi introduzida na Europa pelos Jesuitas em fins do seculo XVII, não sendo este dos menores beneficios prestados por aquella ordem, que para lá levou tambem a nossa quinina. (O que vale é que elles enriquecérão lá os Europeus sem nos empobrecerem a nós). Uma das provas, e não das mais somenos, adduzidas em apoio d'esta asserção, é ainda hoje em algumas

partes da França dizer-se *um Jesuita*, querendo falar-se de *um perú*.

Tem-se levado o requinte da gastromania a ponto de fechar-se as aves n'um logar escuro, e fazel-as comer á fôrça, até adquirirem uma gordura mais que natural. Tornão-se assim mais saborosas, é verdade, mas é uma crueldade, que em ninguem louvarei, privar os pobres animaes da luz e do movimento, só para lisonjear um pouco mais o gôsto.

Afóra as aves domesticas, temos as bravas, e em geral a caça, tanto de pêlo como de penna, que offerece infinitos recursos a um bom cozinheiro. É um capitulo este que merece amplo e profissional desenvolvimento; mas antes de metter-me n'isso, quero consultar um grande caçador, meu amigo, que mora para as bandas da rua nova do Conde. E n'esta materia o homem mais competente d'esta capital e talvez do Imperio, e sem que elle releia os meus apontamentos, não me atrevo a dal-os á estampa. Hontem esteve elle aqui em casa, mas trazia o sestro das pêtas tão desenvolvido, (achaque aliás velho n'elle) que, se me fôsse a guiar pelo que dissesse o bom do homem, corria o risco de impingir aos leitores mui soffrivel dose de patranhas.

É preciso, pois, esperar maré, mas o peor é que essa não chega facilmente. O sujeito, para contar historias, todo o assumpto lhe serve, mas mettido

uma vez no thema das caçadas, então é que é vêl-o desfiar carapetões de todo o calibre. A menor explicação vem acompanhada de multiplicadas anecdotas, interminaveis episodios e casos estupendos e inauditos. Ora é o melhor cão que lhe fica na ponta de uma rocha, para onde trepou, e d'onde não pôde mais descer, nem haver meios de ir lá buscal o. Ora é uma paca que lhe embarafusta por entre as pernas, e que elle agarra á mão, segurando-a pela cauda. Ora uma ave qualquer, perdida nas nuvens, que elle atravessa com a vareta esquecida dentro do cano da espingarda. Ora uma capivara encontrada entre os galhos de uma arvore, onde a deixára uma cheia. Ora... mas seria um nunca acabar. Basta saber que, comparada com as hyperboles d'elle, nada é aquella do nariz da estanqueira:

Nariz, nariz e nariz,
Nariz que nunca se acaba,
Nariz, que se elle desaba,
Fará o mundo infeliz;
Nariz, que Newton não quiz
Descrever-lhe a diagonal;
Nariz de massa infernal,
Que se o calculo não erra,
Posto entre o sol e a terra
Faria eclipse total!

Á despedida prometteu voltar breve, com protesto de não deixar escapar lhe uma unica pêta Comtudo, para não levar carga na consciencia, contou ainda esta aventura de caça, já de pé e com o chapéo na mão:

«Surprehendido pela noite no matto, uma occasião que me empenhára na perseguição de um veado, que por fim metteu-se por uma toca ao sopé de uma montanha e foi sahir do outro lado d'alli duas leguas, pedi hospedagem n'uma casa, onde me agasalhárão perfeitamente.

«Depois das 11 horas recolhi-me ao quarto que me destinárão, e d'ahi a pouco cahiu tudo no mais profundo silencio. Era meia noite; estava eu já quasi a pegar no somno, quando ouvi um ruido de cadeias arrastadas, uns passos leves, e tudo isto acompanhado de uma tossinha sêcca. — Mau! disse eu, e puz-me com o ouvido álerta.

«E o arrastar das cadeias a approximar-se sempre, e sempre acompanhado da tossinha sêcca. Senti distinctamente o que quer que era atravessar a soleira da minha porta, e encaminhar-se-me para a cama.

«E a cadeia sempre a tinir e a tossinha sempre a acompanhar o som do ferro.

«O caso é serio, pensei eu; é o diabo que, sa-

hido do inferno, constipou-se com a frialdade da noite, — e atirei-me da cama abaixo para o lado da parede.

«Eu nada via, mas ouvi distinctamente a tal abantesma dirigir-se para onde eu estava, sempre a arrastar a corrente e sempre com a tossinha sêcca. Fui recuando, emquanto pude, e a alma, ou o que quer que era, a perseguir-me sem cessar, até que, encantoado n'um angulo do quarto, não pude mais retirar-me, nem achei por onde safar-me. Então, que horror! senti a tal tossinha sêcca mesmo ao pé de mim, e logo depois, ah! que não sei como não morri de medo, umas mãos pequenas mas frias, frias como gêlo, pouzarem-me nas pernas.

«Soltei um grito desesperado, um berro estridente, que fez tremer todo o edificio. Acudiu gente com luz, e então vi o que era — era um macaco que se tinha soltado, trazendo a rastos a corrente »

Com esta se foi, e até outra vez.

V

Que dirieis, leitoras amigas, se vos cahisse nas mãos um livro com o titulo paradoxal de *O amor das mulheres aos tôlos?* Talvez que, parodiando a modinha

> Se viras o que eu vi,
> Fugiras como eu fugi,

risseis como eu ri, e farieis bem. É o unico partido que se pode tirar d'esses grulhas, que por fim de contas, desenganem-se d'isso, quanto mais mal dizem, mais se bábão por nós.

Sei de fonte segura que, quando os homens estão uns com os outros, o seu gostinho é falar de nós o que não lembrou ao demo, e comtudo, quando converso com elles, encontro-os mansos como cordeiros. D'aqui concluo que no arraial masculino succederá o mesmo que no nosso, onde a que mais desdem affecta pela gente barbada, e a que mais jura abominar o casamento, zelosa da sua liberda-

de, é a que em segredo mais suspira pelas cebolas do Egypto.

No, no, no, no quiero casarme,
Es mejor, es mejor ser soltera,
Y siempre placentera
Del mundo, del mundo gozar,

repete ella a cada momento; mas, apenas apparece o primeiro pretendente, seja velho ou môço, feio ou bonito, rico ou pobre, e ainda mesmo que seja surdo, mudo e cego (qualidades que aliás não são as peores n'um marido), logo variando de estribilho, põe-se a cantar pela mesma toada:

Si, si, si, si quiero casarme,
Y del mundo, del mundo gozar,
Para cuando yo me muera,
Llevar algo que contar.

Mas, voltando ao tal livreco, pois que de livreco não passa, não penseis que eu seja tão nescia que vá reproduzir aqui o transumpto d'elle. Não serviria senão para dar armas aos nossos inimigos, e infelizmente ha muitos que apreciáo semelhante leitura, ainda que não seja senão pelo gostinho de ouvir dizer mal. Prefiro occupar-me com a resposta que

algumas damas d'alto cothurno entendérão dever dar-lhe em desaggravo do seu sexo. Bem sei que o effeito vem a dar na mesma, e que melhor fôra guardar silencio; mas emfim o mal está feito, tudo aquillo está escripto em francez, o que equivale a dizer que está lido e relido por todo o mundo, e a publicidade que lhe vou dar será uma gôtta perdida no oceano.

A melhor, a mais categorica e a mais terminante resposta, que se deu e que se podia dar ao auctor da descoberta do amor que as mulheres têem aos tôlos, foi mettel-o dentro das pontas de ferro de um dilemma, d'onde não ha desviar, nem fugir, nem para a direita nem para a esquerda. De todos os modos de argumentação, é este o que prefiro, tanto que já tenho preparado um arsenal inteiro dos taes dilemmas, de que me proponho fazer uso contra o meu futuro marido, para obrigal-o a fazer-me a vontade nas differentes peripecias da vida conjugal, as quaes, quando não tenho cousa melhor que fazer me entretenho a imaginar de antemão, para que não me côlhão de improviso quando se realisarem. É uma vantagem incalculavel andar sempre adeante dos acontecimentos, para que não nos surprehendão quando cheguem a occorrer, e possamos a sangue frio pesar as circumstancias e dominar a situação. A surpresa está para o raciocinio, pouco mais ou

menos, como a doença para a saude; não ha cousa que tanto mal lhe faça. É por isto que os soldados novos se exercitão em combates simulados, para, quando entrarem nos reaes, não extranharem tanto.

Mas voltemos ao dilemma, com que puzerão o escrevinhador do famoso livro, a que já me tenho referido, e que por isso não torno a nomear, tudo para maior brevidade e clareza, entre Scylla e Carybidis, metaphora pagã, que não emparelha em fôrça, e sobretudo em propriedade para o caso vertente com esta outra christã, entre a cruz e a caldeirinha. Em propriedade, sim, porque quem se vê apertado entre a cruz e a caldeirinha é o demonio, que fugindo espavorido d'aquella, vae cahir dentro d'esta, onde curtirá *dôres excruciantes*, em phrase romantico-poetica, pois qualquer exorcista do môrro do Castello pode dizer-vos que a agua benta queima o anjo das trevas muitissimo mais do que a chamma mais intensa e activa das fornalhas infernaes, dêem lá embaixo aos folles quanto quizerem. Ora, não podendo restar a minima duvida de que o auctor de tanta blasphemia contra *de Deus a obra mais perfeita*, pertença mais ou menos á raça de Belzebut ou Brazabu, e quando não seja á raça, ao menos ao credo, está visto que querendo entalal-o devéras, não é entre Scylla e Carybidis que

devemos mettel-o, mas entre a cruz e a caldeirinha, representada aquella por uma das pontas do dilemma, e esta por outra; agora qual das duas, deixo-o inteiramente ao vosso criterio, e cá tenho as minhas razões para isso.

Perguntaes-me quaes podem ser essas razões? A pergunta tem seu tanto de indiscreta, pois que eu mostrei bem claramente querer reserval-as para mim, e n'um paiz constitucional, onde deve ser respeitada a propriedade particular, mesmo de um escriptor ou escriptora publica, ninguem tem direito de devassar os segredos alheios, salvo nos casos previstos pela lei e quando fôr para bem de todos, excepções em que, por mais elasticas que sejão por natureza e latas á fôrça de derriçar por ellas, não cabe nem mesmo com geito a hypothese em que nos achamos. Mas sempre quero satisfazer o leitor curioso, e por isso lhe peço que fique sabendo que eu, não precisando qual das pontas do dilemma correspondia á cruz e qual á caldeirinha, nem indicando pelo menos uma, caso em que a natural perspicacia de quantos têem a pachorra de me lerem por perceberem bem que no fundo de quanto digo ha muitas cousas occultas, que não transparecem logo á superficie, facilmente tiraria por illação a segunda correspondencia, tinha cá as minhas razões, porque toda a pessoa sisuda e circumspecta tem sempre alguma

razão para proceder d'esta ou d'aquella maneira. É esta a razão das razões.

E quando acima disse *voltemos* ao dilemma, fui incorrecta duas vezes, uma por inadvertencia, do que peço desculpa, outra por causas independentes da minha vontade. A primeira foi porque não tinhamos ainda chegado a entrar no tal dilemma, e assim não havia meio de a elle *voltar*, e a segunda foi por que ainda d'aquella vez não penetramos no dilemma, apesar do convite, porque outras cousas se me vierão metter por deante, que todas era indispensavel dizel-as, no que não tive culpa. Mas agora lá vamos.

Ora digão-me como é que o auctor se havia de sahir airosamente, expremido entre estas tenazes de ferro em braza: se as mulheres só góstão dos tôlos, ou não góstão de ti, ou és tambem um tôlo. Aqui ficou o sujeito apanhado na ratoeira e obrigado a confessar ou que era um tôlo como tantos outros, ou que as mulheres não gostavão d'elle, o que é a confissão mais dolorosa, mesmo para um homem de juizo, de modo que não acho nada extranho que elle optasse pela primeira alternativa.

Comtudo, como em mim a justiça vae sobre todas as cousas, não havendo consideração que lhe não sacrifique, como já terão notado os leitores, devo confessar que alguma razão têem os homens para

imaginar que nós preferimos os tôlos. Até certo ponto é essa preferencia real, e d'ahi além, apparente; mas nem na real, nem na apparente temos culpa, e se culpa ha, vem d'elles tão sómente. Vamos por partes, porque em tudo gosto de ser methodica.

Preferencia real. É com effeito verdade, como já disse, que dentro de certos limites preferem as mulheres os tôlos, mas porque? Por dois motivos egualmente fortes. Primeiro, porque os tôlos são inquestionavelmente mais atrevidos, sendo estas duas qualidades inseparaveis, e é sabido que os corações femininos devem ser tomados de assalto, porque a mulher precisa de uma *dòce violencia*, que legitime ou pelo menos disfarce a entrega da praça. Dá isto incalculavel vantagem aos tôlos, que marchando sempre na vanguarda, e acommettendo a peito descoberto, ou certos da victoria ou indifferentes á derrota, têem já rendido os mais fortes baluartes, antes que os que se prezão de avisados tenhão concluido as linhas de circumvallação, adeantado os approxes ou levantado as prolixas obras de engenharia, com que se propunhão pôr assedio regular, segundo a sciencia que phantasiárão.

Succede isto particularmente com as jovens inexperientes. Quando desabrocha a flôr da mocidade, quando os olhos começão a vêr tudo a uma luz nova

e até então desconhecida, quando o coração, principiando a achar em si mesmo um vácuo nunca experimentado, sente uma ignota necessidade de occupação, quando n'uma palavra chega á edade em que é forçoso amar, quem é que primeiro se apresenta ás donzellas para colher as primicias de seus affectos? São os chamados tôlos, que andão sempre adeante de todos, sempre a metter-se á cara, sempre a extender a mão para o fructo que vêem pendente e prestes a cahir, sem quererem saber se lhes estava ou não destinado. E as pobres meninas, coitadinhas, sem saberem, nem poderem saber ainda discernir o ouro de lei do falso, deixão-se captivar a exempção, e mais arrebatadas do que legitimamente ganhas, são prêsas dos tôlos, emquanto os avisados, que se conservárão de longe, não ousando ou não se dignando entrar na liça com os seus ignobeis rivaes, queixão-se de que estes sáião vencedores, affirmão que as mulheres preferem os tôlos só por serem tôlos, e vingão-se applicando-lhes o verso do Corneille :

Il est des nœuds secrets, il est des sympathies.

Quando uma mulher principia a ter experiencia, isto é, depois de haver amado tres ou quatro vezes, então pode ser que ella despreze os tôlos, por mais

que estes a persigão, e talvez que até por isso mesmo, e vá pôr-se á cata de um homem de juizo, pois que realmente é preciso catal-os, mas então tambem já seu amor não tem aquelle delicioso perfume primitivo, aquelle indefinivel encanto da innocencia e da novidade, parecendo assim uma especie de caldo requentado. E em tudo isto quem terá culpa, as mulheres ou os inculcados homens de juizo? Innegavelmente são estes.

Disse eu que a tal ou qual preferencia real, que as mulheres davão aos tôlos, fundava-se em dois motivos: já expliquei um conforme pude, e passo ao segundo, com a differença, porém, que não sendo eu mui entendida na materia, limito-me sobre este ponto a transcrever as palavras de outra mais versada porcerto:

«Hoje em dia não é o amor o primeiro negocio da vida. Não é n'elle que se concentrão todas as idéas, não o considerão já como o principio de quanto ha nobre e grande, não admittem que tudo o mais não tenha outro valor senão o que d'elle deriva.

«O amor occupa ainda um logarzinho, mas um logarzinho modesto. É um habito inveterado da humanidade, util para a vaidade, commodo para as relações sociaes, que sem isso serião monotonas,

agradavel a todos, com a condição porém de não prejudicar os negocios serios. E um passatempo, uma distracção, um pretexto para os casamentos e para os triumphos das rivaes.

«Dos empregos do amor é este o mais importante. Se, segundo se tem dicto, ha poucos homens que as mulheres amem por elles mesmos, gostão estas em geral do amor de todo o mundo. Não é por causa dos homens que as mulheres querem ser amadas, é por causa das outras mulheres. (Para lhes fazerem figas, supponho eu).

«Não é, pois, o amor mais do que uma estacada, onde se encóntrão e dão batalha as pretenções e o orgulho feminís, não servindo os homens senão para assignalar cada victoria da vencedora.

«O defeito dos homens de espirito (é assim que elles se chamão) é, como o defeito das mulheres, um orgulho excessivamente melindroso a certos respeitos. Os seus sentimentos são-lhes cousa por demais sagrada e cara, para que deixem fazer d'elles um tope ou uma pluma para o chapéo, um simples signal da sua vassallagem. Não podem soffrer a idéa de serem para as mulheres, o que para os Indios são as cabelleiras dos inimigos.

«Ninguem sabe ajoelhar mais profundamente perante o Deus, que escolheu, nem adoral-o com mais fervor, mas querem por fôrça que esta adoração

seja um meio de provar e propagar o culto que abraçárão. (Parece-me que tudo isto tem mais applicação aos homens de *coração*, do que aos homens de *espirito*; mas vá lá por conta da auctora).

«Os homens de espirito, os homens delicados são, pois, demasiadamente exigentes. Amão, mas querem amar em troca. Abandonão-se inteiros, mas reclamão egual abandôno. Fazem depender tudo do seu amor, prisma através do qual enxérgão todas as cousas, e recusão-se a servir de mera distracção, de mera machina de triumphos.

«Os tôlos são mais maleaveis; supporta-se-lhes facilmente o amor, e custa pouco fazel-os felizes, pois que declarão sempre sem rodeios o que desejão. Não causão embaraço, não se offendem com mil nadas impalpaveis, são uteis e serviçaes, não têem phantasias extravagantes, suas exprobrações não accordão remorsos, e quando entrão são recebidos como um conviva esperado.

«São tôlos, mas as mulheres não vêem n'elles senão as qualidades commodas e simples. Os homens de espirito, pelo contrario, são cheios de caprichos, não se pode fazer nada d'elles, escapão das mãos a todo o momento, e só do seu amor ha certeza, o que não é grande cousa.»

Expremido o chorume de tudo isto, quer dizer,

supponho eu, que as mulheres preferem os tôlos por serem amantes mais commodos e muito menos exigentes. Com meia duzia de banalidades se entretém com elles a conversação, e pelo lado do coração tambem não são necessarios grandes esforços para contental-os e fazel-os andar sempre alegres. Mas os homens de espirito e sobretudo os homens de sciencia, imagino eu cá commigo mesma, que devem ser amantes soberanamente enfadonhos. Hão de querer tratar o amor scientificamente e accommodal-o ás regras e preceitos que apprendêrão nas escholas, e nos seus livros de má morte com que trazem recheadas as cabeças. O que não será por exemplo um amante mathematico? Aposto que antes de dar um beijo á sua noiva, põe-se a demonstrar-lhe prolixamente pela theoria dos angulos e do quadrado da hypothenusa as linhas que devem descrever os dois narizes, para que os quatro labios possão tocar-se.

Até aqui pelo que toca á preferencia real, mas de certo ponto para deante não passa ella de apparente, o que pouco mais ou menos quer dizer que não vae tão longe como parece. E a razão d'isto? A razão d'isto é outra qualidade egualmente inseparavel dos tôlos, é a sua presumpção. Como são curtos de intelligencia, e por isso mesmo mui cheios de si, facilmente imaginão que todas as mulheres

morrem por elles, e como não são menos indiscretos do que presumpçosos, vão apregoando pelas ruas e praças publicas as suas suppostas conquistas, de modo que quem os ouve toma-os por outros tantos cupidos, e quem os conhece fica assentando que o primeiro requisito para agradar ás mulheres é ser tôlo.

Eis, pois, como se explica essa voz, que corre entre os homens de que as mulheres gostão dos tôlos com preferencia aos que o não são, devendo-se ainda metter tambem em linha de conta o despeito dos desprezados sempre propensos a passar patente de tôlos aos seus rivaes mais felizes, para com isto se consolarem na derrota. Comtudo, se essa voz tão facilmente se tem espalhado e propagado, não se persuada ninguem que seja por têl-a confirmado a experiencia fundada na observação; não, o que lhe tem dado azas para voar tão ligeira é o gostinho innato nos homens de falar mal das mulheres. D'este peccado se têem tornado réos todas as classes d'aquella grande familia. O que nos vale é que elles não sentem o que dizem, falão assim para se fazerem engraçados, e por conseguinte a cada passo caem em contradicções flagrantes, ora quasi emparelhando a mulher com a divindade, ora pintando-a mais diabolica que o mesmo diabo.

O que vale é que o mesmo Bocage que disse,

Leitores, ha mulher tão destra e tão velhaca,
Que n'isto lhe não ganha inda a melhor macaca,

e que levou a impudencia a ponto de comparar a mulher com um animal mais desprezivel ainda do que a macaca, pelo menos no sentido em que elle tomou a cousa, foi o mesmo que se confessou

Devoto incensador de mil deidades,
Isto é, de môças mil ..

O que nos vale é que, se um diz:

Es la mujer confusion,
Es batalla perdurable,
Es un espid incansable,
Es cola de un escorpion,
Es naufrajio del varon,
Es un sepulcro dorado,
Es un continuo cuidado,
Es la carga mas pesada,
Es la muerte transformada,
Y es el antro del pecado,

logo vem outro, que lhe responde:

Es la mujer fiel recreo,
Es paz y dicha durable,
Es dulce paloma amable,
Es de pugnas caduceo,
Es el fuerte del deseo,
Es templo deidificado,
Es descanso en el cuidado,
Es quien alivia la carga,
Es quien nuestra vida alarga,
Y es quien nos quita el pecado

Mas de todos os doestos e chufas que classe alguma de homens pode jogar-nos, são as que veem dos poetas as que menos devem doer-nos.

Deixarei que um d'elles aqui advogue contricto a causa dos seus irmãos réos:

«Injurias de philosophos, essas não sei eu que se possão justificar ou sequer defender: é gente que tem todo o seu viver na cabeça, gente de gêlo, gente capaz de *constipar*, como disse um Italiano falando das mulheres da Polonia, e por isso offendem porque não amão, offendem porque algum raciocinio bastardo pode n'elles mais do que a natureza. Um philosopho ha de dizer-te, Elysa, em tom dogmatico, que *as mulheres não pertencem ao genero humano* [1], ha de falar com toda a seriedade a favor d'essa these brilhante do concilio de Macon, ha de escrever que ella é um ente imperfeito na sua organisação [2], e, contente com pertencer á humanidade só pelo lado paterno, cravará a fronte entre as duas mãos, e ficará deante de um *in-folio*, abysmado na sua intellectualidade unilateral.

[1] *Mulieres homines non esse*. Dessert. anonym, d'Acidalius. — Paris, 1693.

[2] D'anciens Philosophes et des médecins, tels qu'Hippocrate, Aristote, ont aussi regardé la femme comme un être imparfait, un demi homme. *Virey. — De la Femme — Chap. I.*

«Injurias d'estas, Elysa, não têem perdão; abandono os philosophos á tua colera... ao teu desprêzo, queria dizer.

«Agora poetas, isso é outra casta de gente. Dir-te-hão, é certo, cousas terriveis; dir te-hão:

> Mulher pura e fiel não ha nem houve
> ....
> Raça infame de viboras dolosas,
> Pudesse uma só náu contel-as todas
> E o piloto fôsse eu...... ....

que havia de fazer? deixal-o dizer ao poeta o que quizer, mas crê que se elle fôsse o piloto, guiava de certo a náu a porto de salvamento. Não ha gente mais trovejadora em suas iras do que são os poetas; com a penna na mão, todas as vezes que se enfurecem, temos vesperas sicilianas, mas chegada a occasião, vem logo a absolvição papal. Embora te diga que não ha mulher, nem houve, pura e fiel, não é cousa em que elle creia; o poeta é todo coração, e coração de poeta se não amasse, morria-lhe no peito, e amar sem crêr na mulher é impossivel. Não sei se Milton disse mal das mulheres, o que sei é que casou tres vezes...

«Está pois decidido que os poetas são muito melhores do que os philosophos, e que no seu dizer mal não ha injuria comparavel áquella injuria fria,

tremenda, meditada e infinitamente falsa de que as mulheres não pertencem ao genero humano; — quem os tivera feito nascer das hervas! Estes taes não quizera eu nem que as têtas das lôbas os alimentassem.

«Nunca taes homens souberão
Lêr na face da mulher,
Em seus olhos apprender
Nunca taes homens quizerão;
Não virão manar-lhe a flux
Dos labios celeste riso?
Não virão do paraiso
Nos olhos accesa a luz?

«Não é d'anjo a voz macia,
Que vencendo almo pudor,
Te diz ternura e amor
Com tão mimosa harmonia?
Aquelle encanto só seu,
Graças e mimos só d'ella,
Aquella rosa tão bella
Não vem do rosal do céo?» etc.

Tudo visto vem — *à propos des bottes?* Não, a proposito da minha gastrosophia.

Quem me poderá dizer onde tinhamos ficado da ultima vez? Sou eu a primeira, ou antes, a unica, que tenho obrigação de o saber, é verdade, mas *franchement parlant*, como diz um Francez amigo de meu pae, confesso que me não lembro, o que creio terá acontecido a mais do que um auctor antes de mim. O mais de que posso recordar-me é que tratavamos de differentes especies de alimentos, e a esse respeito vem muitissimo a proposito dizer alguma cousa do café e chocolate, que apesar de serem cousas mais de beber do que de comer, não

deixão de ser substancias muito e muito nutritivas, a ponto de poder qualquer sustentar-se exclusivamente d'ellas, mormente se fôr Turco a respeito da primeira, ou Hespanhol a respeito da segunda.

O primeiro pé de café foi encontrado na Arabia, e apesar das differentes transplantações por que tem passado este arbusto, ainda é o grão alli nascido que o mundo mais estima. D'isto se pode doer o nosso amor proprio nacional, mas nenhuma razão temos para increpar o mundo, pois que nós mesmos o acompanhamos; se não, é vêr como qualquer botequim, que quer vender melhor o seu café, o apregôa como verdadeiro moka, e acha logo quem lhe engula o café e a pêta.

Uma antiga tradição refere haver sido descobridor do café um zagal, que notou como o seu rebanho se deixava possuir de uma agitação e alegria singulares todas as vezes que pastava os ramos d'esta planta.

Seja como fôr, em todo o caso só metade da honra d'esta descoberta poderá caber ao pegureiro observador, pertencendo a outra e a melhor incontestavelmente ao primeiro que se lembrou de torrar aquella fava.

Com effeito, a decocção do café crú não passa de uma bebida insignificante, mas a carbonisação desenvolve-lhe um aroma, e forma um oleo que cara-

cterisão o café, qual o tomamos, e que ficarião eternamente desconhecidos a não ser a intervenção do calor.

Os Turcos, grandes mestres n'esta materia, não emprégão moinho para triturar o café, socão-no em morteiros com pilões de páu, e quanto mais usados n'este mestér, tanto mais precisos se tornão os taes instrumentos, chegando a vender-se por preços fabulosos.

Quem quizer experimente os dois methodos, e desenganar-se-ha do resultado.

Agora, quanto ao modo em si de fazer o café, é questão essa que tem sido muito debatida. Tem-se proposto fazel-o sem o queimar, sem o reduzir a pó com infusão de agua fria, fervel-o durante tres quartos de hora, etc., etc.

O meu mestre assevera ter experimentado todos os methodos propostos e não propostos, concedendo depois, com inteiro conhecimento de causa, a preferencia ao chamado *à la Dubelloy*, que consiste em lançar agua a ferver em cima de uma porção razoavel de café mettido n'uma vasilha de porcellana ou prata com pequenissimos furos. Toma-se esta primeira decocção, faz-se ferver, torna-se a fazer passar, pode mesmo repetir-se a operação mais de uma vez, e obtem-se um café o mais claro e melhor que é possivel.

Accrescenta o mestre
fazer café n'uma cafeteira
outro resultado mais do qu
de extractivo e amargor, q
ria servir para arranhar a
Fiquem sabendo.

Sobre as propriedades s
todos os doutores se achão
não admira. A maravilha se
dessem a este ou a qualquer
é certo é que o café põe en
faculdades cerebraes, e priva d
pela primeira vez. O hábito a
lhe o effeito, mas tambem ha
quem esta excitação se dá c
por conseguinte são obrigad
de tal bebida.

Comtudo, não é penosa.
outra qualq

O meu mestre entende que da generalisação do uso do café procede vêr-se tão innumeravel multidão de gente entulhar todas as avenidas do Olympo e do templo da Memoria.

Se a Arabia nos disputa a propriedade e até a preexcellencia do café, o cacau é inquestionavelmente nosso, é sem duvida alguma americano, e o chocolate é mais aristocratico do que o café.

Chama-se chocolate a mistura que resulta da amendoa do cacau tostada com assucar e cannela: tal é a definição classica d'esta substancia. O assucar faz parte integrante d'ella, pois que sem elle faz-se massa de cacau, mas não chocolate. Para attingir, porém, o *nec plus ultra* é preciso juntar ao assucar, á cannela e ao cacau o aroma delicioso da baunilha.

Tem o chocolate provocado profundas dissertações, que propondo-se determinar lhe a natureza e as propriedades para classifical o na categoria dos alimentos quentes, frios ou temperados, nem por isso têem concorrido muito para a elucidação da verdade.

O tempo, porém, e a experiencia encarregárão-se a seu turno de demonstrar que o chocolate, preparado como deve ser, é um alimento tão sadio como agradavel; que é nutriente e de facil digestão; que não tem os inconvenientes do café, servindo-lhe pelo

contrario, de remedio; que é convenientissimo á pessoas que se entregão a grande tensão de espirito aos trabalhos do pulpito ou da tribuna, e principalmente aos viajantes; que emfim é bom para o estomagos mais fracos; que d'elle se tem tirado bons effeitos nas enfermidades chronicas, e que é este o ultimo recurso nas molestias do pyloro.

Todas estas diversas propriedades deve-as o chocolate á circumstancia de animalisar-se quasi inteiramente; poucas substancias havendo na verdade que contenhão em volume egual mais particulas alimenticias.

Não pequenas são as difficuldades para preparar bom chocolate, do que resulta ser tão raro encontrar no mercado este genero em toda a sua perfeição.

Em primeiro logar é preciso conhecer o bom cacau, e *querer* empregal o na sua pureza. Segue-se o torrar, operação tambem delicada, que exige um tacto fino, quasi uma verdadeira inspiração.

Para regular bem a quantidade de assucar que deve entrar na composição, tambem se requer um talento especial, porque ella não ha de ser invariavel, mas determinar-se na razão composta do gráu de aroma da amendoa e da torrefacção a que esta foi levada.

A trituração e a mistura não reclamão menos cuidados, visto ser da sua perfeição absoluta que

em parte depende a maior ou menor digestibilidade do chocolate.

Outras considerações ha ainda, que devem presidir á escolha e dose dos aromas, que não devem ser as mesmas para o chocolate, que tem de ser tomado como alimento ou comido como golodice. Tambem hão de variar conforme a massa tiver ou não de levar baunilha, de modo que, para fazer chocolate digno da mesa de um rei, cumpre resolver uma porção de equações subtilissimas, de que nos aproveitamos, sem que sequer nos occorra que ellas se fizerão.

Depois de termos o chocolate, é necessario arranjal-o convenientemente para ser tomado. Alguma gente semicivilisada d'esta nossa America prepara a sua massa de cacau sem assucar, e quando se quer tomar chocolate, vem agua a ferver, cada uma raspa na sua chicara a porção de cacau que lhe parece, lança-lhe agua em cima, e tempera-o com assucar e os aromas que mais lhe agradão.

Este methodo só pode tolerar-se na falta absoluta de outro. A chimica transcendente ensina que o chocolate nem deve ser raspado á faca, nem socado no almofariz, porque a collisão sêcca, que em ambos os casos se dá, amidonisa algumas partes do assucar, tornando insipida a bebida.

Para fazer chocolate, isto é, para apropria lo ao

consumo immediato, toma-se obra de onça e m
para cada chicara, dissolve-se lentamente em agu
á medida que esta se aquece, mexendo-o com u
espatula de pau, e depois de ter fervido um qua
de hora, para que a solução tome consistencia, s
ve-se bem quente.

Alguns gastronomos requintados querem que
chocolate se faça de vespera n'uma chocolateira
louça vidrada, affirmando que o repouso da noi
lhe communica um avelludado que o torna mui
melhor.

Quando chegados a este ponto, lançando os olh
para baixo, virem este artigo tão proximo a term
nar, dirão uns leitores: Que pena acabar-se já! -
emquanto outros exclamarão: — Ora, graças a Deu
até que afinal! — Qual d'estes dois bandos será
mais numeroso? É questão que me não compe
decidir; á consciencia de cada um a deixo. Fiquen
porém, todos sabendo, para consolação de uns
desespêro de outros, que ainda não dou por finda
minha historia.

VI

Uma pessoa da minha amizade, vendo que eu estou dando prelecções sobre uma sciencia de que é ella (este *ella* refere-se unicamente ao substantivo *pessoa)* devotissima adepta, remetteu-me um curioso livro microscopico para eu consultar, aproveitando o que me parecesse. Achei algumas cousas boas, que em tempo e logar opportunos irei inserindo n'este meu contexto de — nem eu sei de que, seja lá do que quizerem.

Não posso, porém, reservar para o logar competente algumas excellentes reflexões geraes, que encontrei na introducção do tal livrinho, e isso pela plausivel razão de que a introducção a estes meus artiguinhos, que seria o logar competente, ou pelo menos correspondente, já lá vae ha muito. Não serei eu, porém, quem, com tão pouco se embarace.

Cinjão-se muito embora os mestres das sciencias exactas a um methodo tão rigoroso como uma demonstração algebrica, ou como um sermão de capuchinho, eu vou seguindo cá o meu systema, que

consiste em deixar-me ir ao som da agua ou a
da idéa, que inconstante e volatil me arrasta
differentes sentidos, ás vezes tão longe que p
inteiramente de vista o meu norte, e é preciso
esfôrço grande para metter-me outra vez no ru
Bem vejo que faz isto sahir o meu discurso
descosido como um artigo do *Mal das vinhas*, c
debaixo do seu eterno titulo, não comprehende c
sas mais variadas e encontradas do que eu so
minha *Gastrosophia;* mas não está mais em m
Talvez seja defeito de organisação, que não
permitte seguir, sem desviar-me para a direita n
para a esquerda, uma ordem prefixa de idéas
caso é, seja dicto em segredo aqui entre nós, c
estou quasi persuadida de que o poeta latino quan
disse: *varium et mutabile fœmina,* foi um granc
simo malcreado, mas proferiu uma pura verda
Creio que não se pode ser mais sincera.

Seja como fôr, é um vicio de que já agora me
de custar a curar, pelo que o melhor será que
leitores, que estiverem dispostos a aturar-me, r
aturem mesmo assim, tomando-me tal qual sou,
que mais não posso dar-lhes. Escrevendo a vida
opiniões de *Tristão Shandy,* não foi Sterne enc
xar a dedicatoria no meio de um capitulo? Ningue
se admire, pois, que eu metta aqui n'este logar,
no coração da minha estudadissima dissertação,

idéas geraes da introducção do livrinho de que falei, e de que, entre parenthesis e só para os que quizerem compral-o, chama-se *Gastronomiana*:

«A gastronomia é a arte de comer digna e honrosamente como homem de bom gôsto, espirito e juizo. O goloso e a golodice são o peccador e o peccado na sua fealdade. Gastronomo é o titulo purificado do goloso, cujo extremo opposto, vergonhoso extremo, forma o glotão. O comilão nasce, o gastronomo faz-se; mas é preciso que da natureza haja recebido as disposições felizes.

«O gastronomo illustrado sabe regular a vida, descançando e fortificando alternadamente o corpo e o espirito com productos de chimica culinaria profundamente meditados, a que a hygiene preside sempre. Não acceito senão o que a razão prescreve, não adopto senão o que as conveniencias já têem sanccionado. Mostra-se litterato, polido, franco á sua e á alheia mesa, alegre, amavel, mais conversador que ideologo. O seu appetite conhece limites, e nunca jámais elle se tornará réo de uma indigestão vergonhosa. Se a conversação dos convivas se anima ao tinir dos copos, se ella toma subitamente fogo, brilho e vivacidade, estejão certos que ha na companhia um verdadeiro gastronomo. A sua cortezia para com as damas é finissima, e comtudo não

lhe verão nem bigodes, nem longas melenas, nem calças de zebra, nem redingote de côr alvacenta. É um homem simples e decentemente vestido, de boas maneiras, a rastejar entre os trinta e cinco e quarenta annos, magro, mas robusto, alto ou baixo, com dictos mais agudos do que sarcasticos. O gastronomo é quasi sempre um homem de juizo.

«A gastronomia, triple e extranho phenomeno, conjuntamente sciencia, arte e religião, tem direito ao nosso respeito, ao nosso amor, á nossa fé. Philosophicamente falando, é ella n'este mundo a unica cousa possivel: dirige as outras sciencias e indica da forma mais positiva o estado de civilisação de cada sociedade, chegando até a constituir o só meio de conhecer evidentemente o grau de illustração de um povo. Se na actual Europa alcançou a França o logar que a vemos occupar, ninguem vá julgar que o deva ás sciencias ou á gloria. Se a França se acha á frente da Europa e do mundo, é por ser a mais atilada, a mais habil, a mais inventiva na gastronomia, é por ser a que mais longe tem levado e melhor aperfeiçoado esta arte tão difficil e tão preciosa. A Russia lhe rouba os seus desenhos de estofos, a Belgica desde muito lhe reimprime os livros, a Allemanha lhe imita as modas, a Inglaterra apropria-se das invenções d'ella, e facil é confundir a imitação com o original. Mas uma arte ha sobre

a qual nada pode nem o roubo, nem a imitação, e que pertence só á França, como o signal mais certo do seu engenho e da sua intelligencia: é a gastronomia. Quem quizer comer bem, comer artistica e civilisadamente, ha de recorrer á França. É necessaria a mão de um d'esses cozinheiros civilisadores, que hoje em dia firmão com tanto brilho a superioridade da nação franceza sobre todas as outras.»

Muito bem, Srs. Francezes; se V. M.ces querem fazer da sua pericia culinaria a mais alta gloria nacional, nem lhes contestarei essa palma, nem lhes impugnarei o seu merito. Sou mui sincera apreciadora da cozinha franceza, nem conheço outra que a exceda em delicadeza; é o que se pode chamar uma cozinheira para senhoras. A nossa, cuja larga base assenta sobre a classica sôpa, vacca e arroz, em doses asselvajadas, é substancial, mas data dos tempos em que os homens se vestião de ferro e manejavão montantes de arroba e meia; não tem feito progressos nem acompanhado a marcha apuradora dos tempos, tornando-se assim anachronica. A ingleza, composta de carnes a verter sangue e indigestas massas de batatas e farinha, faria as delicias de uma horda de anthropophagos, mas repugna a um paladar christão. A allemã dispõe com uma sôpa de cerveja o estomago para um assado de sessenta

arrateis, e o seu melhor acepipe é o *sauerkraut*. Esta é dos tempos heroicos, e creio que se conserva estacionaria desde os dias de Arminio. A italiana é saborosa, bem temperada, mas pesada e empanturrante. Um prato de macarrão, talharins ou rabiolis, é capaz de sequestrar o mais amplo estomago, sem deixar campo para mais nada.

Por mais que andem, não encóntrão cozinheiros como os francezes, a verdade manda Deus que se diga. Dotados de um prodigioso talento de invenção, senhores de recursos verdadeiramente inexhauriveis, são capazes de apresentar n'uma mesa trinta pratos diversos por dia sem se repetirem uma unica vez no espaço de um anno. Acostumado com esta variada cozinha, com razão se maravilhou um Francez, cujos fados adversos o levárão a Inglaterra, de encontrar alli cem religiões differentes e um só môlho para tudo, emquanto na França havia uma só religião e mais de cem môlhos para uma e a mesma vianda.

Esta innumeravel multidão de manjares implica a necessidade de doses homœopathicas de cada um, e é isto mesmo que constitue a delicadeza da mesa franceza, em que mais se *depenica* do que se *come*, segundo uma expressão conhecida. E com a mesma facilidade com que se inventa iguarias, vae aquella nação logo engendrando palavras e termos com que

designal-as, de modo que só no seu vocabulario gastronomico possue ella um verdadeiro Calepino.

Mas, se convém saber o que é a cozinha franceza para fazer por imital-a ou ao menos para apreciał-a, tambem não deixa de ser util, ainda que não seja senão para nos rirmos, conhecer os usos gastronomicos de outros povos mais atrazados. Eis a esse respeito alguns apontamentos:

O rei de Loango tem duas casas differentes, uma para comer, outra para beber.

Um negro nunca toma as suas refeições senão a sós; as mulheres e os filhos comem longe d'elle. *Ma che bestia!* Outros povos mais racionaes não comem senão de companhia. O insular das Philippinas não despensa pelo menos um consocio, e algumas vezes corre bastante para encontral-o; por muito que a fome o acosse, não é capaz de aplacal-a, emquanto a sorte lhe não depara um conviva.

Os negros (bem entendido, no seu estado primitivo e africano) nunca levão a comida á bôcca se não com a mão direita, porque a outra é destinada a trabalhos menos nobres. Seria indecente, dizem elles, e até um sacrilegio, tocar o rosto com esta. Mais escrupulosos são ainda os habitantes do Malabar, considerando crime enorme pôr a mão esquerda no que está destinado a servir de alimento.

Os Abyssinios não bebem nem falão senão depois da refeição. O rei e os figurões imaginão que seria derogar da sua prosopopéa levarem elles mesmos a comida á bôcca, pelo que têem pagens, que fraccionando com os dedos as viandas, lh'as mettem entre os dentes. No que elles merecem louvor é em fazerem recitar, antes de qualquer refeição, todo o psalterio, não se contentando com uma simples oração; comtudo, para não perderem tanto tempo distribuem os psalmos por differentes pessoas, cada uma das quaes vae recitando o seu ao mesmo tempo que as outras.

Quando um Khan dos Tartaros, que nem casa tem, vivendo unicamente de rapina, conclue o seu jantar composto de lacticinio e carne de cavallo, manda publicar, ao som de trombeta, por um arauto que todos os potentados, principes e grandes da terra podem pôr se á mesa.

Entre os Negais não ha pobres que môrrão de fome. Se alguem não tem que comer, entra na primeira casa onde vê jantar, assenta-se, faz como os outros, e retira-se. Paiz ditoso! Entre nós tambem ha quem pratique pouco mais ou menos a mesma cousa, mas sempre é com um pouco mais de difficuldade, pois de ordinario exige-se, para assim proceder, um tal ou qual conhecimento com o dono da casa invadida, ou, quando tanto não seja,

com alguma pessoa da familia, ou pelo menos hospede.

Isto me leva a falar dos parasitas, nome que vulgarmente se dá aos pápa-jantares; mas deixem-me primeiramente concluir os apontamentos de que n'esta occasião me occupo, descrevendo o cerimonial usado nos festins chinezes, porque por fim de contas ninguem está livre de assistir a algum d'elles ainda que não seja na mesma China, ao menos em casa do representante do filho do sol e neto da lua, que o celeste imperio não tardará a enviar-nos, agora que, segundo dizem as folhas inglezas, penetrou a civilisação do occidente n'aquelles ultimos confins do oriente. É natural que, ao par da sua civilisação, consiga John Bull introduzir uma boa dose de opio e de rhum; mas são drogas altamente civilisadoras estas, e depois já o leopardo britannico empolgou lá mais um naco de terra, e decerto não parará n'isso, o que tudo é outro tanto territorio christianisado. Vamos, porém, ao ponto em questão.

Os banquetes da China excedem em materia de cerimonia, senão em maravilhas gastronomicas, tudo quanto é possivel imaginar-se. Não é para comer que se convida a gente, mas para fazer visagens e momices. Não se mette nada na bôcca, não se bebe uma gôtta de vinho, que não custe cem contorsões e tregeitos.

Ha alli, como nas nossas orchestras, um regente, que bate o compasso, para que todos os convivas ao mesmo tempo vão ao prato, levem a comida á bôcca, e levantem os pausinhos, que servem de garfos, pondo-os depois, com a mesma regularidade e consonancia, no seu logar. Cada um tem a sua mesa particular, sem toalha, sem guardanapo, sem faca nem colhér, pois tudo lhe põem deante já cortado, de modo que elle em nada tenha de tocar senão com dois pausinhos de ponta de prata, de que não ha Chim que se não sirva com pasmoso geito e destreza.

Dá-se principio ao jantar, bebendo vinho puro, que se apresenta ao mesmo tempo a todos os convivas n'uma tacinha de porcellana ou prata, que se deve tomar com as mãos ambas. Cada qual a levanta quasi até á altura da cabeça, convidando-se por gestos uns aos outros a beber primeiro. Basta chegar a taça á bôcca e conserval-a n'esta posição até que os outros acabem de beber, porquanto, guardadas as formalidades apparentes, pode cada um beber ou deixar de beber.

Depois d'este primeiro trago, põe-se em cada mesa uma como bacia de porcellana com viandas, todas ensopadas. Todos prestão attenção aos signaes do mestre de cerimonias, que regula os movimentos dos convidados, e, ao commando d'este, applicão as

mãos aos dois pausinhos, erguem-n'os ao ar, apresentão-n'os em differentes sentidos, e depois de um longo exercicio, entérrão-n'os na tal bacia, d'onde sácão destramente um boccado, que se deve comer nem muito devagar, nem muito depressa, sendo uma incivilidade tanto adeantar-se aos outros, como fazel-os esperar. Recomeça então o exercicio dos pausinhos, que afinal são postos outra vez em cima da mesa.

Passado um momento, torna a vir o vinho, que se bebe com todas as cerimonias já indicadas; depois do que serve-se segundo prato, com o qual se havém a gente como com o primeiro, e assim por deante até se cobrir a mesa de umas vinte a vinte e quatro das sobredictas bacias. Servidos todos os pratos, não se traz mais vinho, e pode-se comer com mais liberdade, tomando d'elles indistinctamente o que se quer, com tanto, porém, que uns fação como os outros, guardando-se exactamente a ordem. Principia-se então a distribuir arroz e pão, não se tendo comido até então senão carne. Offerecem-se tambem caldos simples de carne ou peixe, para misturar com o arroz, querendo. Assim se passão á mesa tres ou quatro horas na maior gravidade e seriedade, sem proferir uma só palavra.

Vendo que ninguem mais come, faz signal o mestre de cerimonias, e passa se, durante um quarto

de hora, a um jardim ou a outra sala para conversar. Volta-se então para a mesa, agora guarnecida de toda a especie de dôces e fructas sêccas, que servem para acompanhar o chá.

Estes modos cerimoniosos fazem com que ninguem coma á sua vontade, nem mesmo os mais acostumados, e só quando se sae da mesa é que se começa a sentir appetite.

Depois do jantar vem uma companhia de saltimbancos desenvolver uma comedia, que, pelo comprimento, não cança menos do que a que cada um acaba de representar á mesa.

Tambem os Moscovitas ricos têem um singular costume, que se prende ao assumpto de que tratamos. A mulher do que dá um banquete, não come com os homens. Trajando as melhores galas que tem, entra ella na sala do banquete, seguida de algumas servas, e apresenta ao mais respeitavel dos convidados um copo de agua-ardente, em que molha primeiramente os labios. Emquanto elle bebe, retira-se ella promptamente, e tomando outro vestido, vem fazer a mesma civilidade a outro, e assim por deante, até que, tendo, satisfeito o ultimo, vae encostar-se á parede, e baixando os olhos e deixando cahir dos dois lados os braços, de cada um recebe um beijo.

E que tal? Ora venha cá algum Moscovita pedir-

me para mulher, e verá a resposta que leva. E verdade que ha uma consideração ponderosa; quando meu marido convidasse vinte ou trinta amigos, teria de dar-me outros tantos vestidos. Seria uma tal ou qual compensação. Emfim, a cousa em todo o caso valia a pena de ser meditada, mas deixo isso para quando se apresentar o pretendente.

Agora, accrescentando que os Persas começão os seus jantares pelos dôces e fructas por que nós acabamos os nossos, e dando da Persia um salto mortal para Londres, onde á mesa do soberano apparece invariavelmente no dia de Natal um pedaço de vacca composto dos dois quartos trazeiros do animal, postos n'um prato do tamanho de qualquer mesa ordinaria, respeitavel assado a que se dá o nome de *barão de boi*, terei concluido quanto sobre este capitulo me propuz dizer, e com isto não aborrecerei mais os leitores.

Vamos agora aos senhores parasitas, antes que eu me esqueça do promettido. Hoje em dia ninguem se imagina grande cousa debaixo d'este nome; mas nem sempre assim foi.

Era outr'ora mui honrado o titulo de parasita, com o qual tem succedido o mesmo que com o de philosopho, que já serve menos para designar o amante da sabedoria, do que o amante da porcaria; de forma que ninguem o preza em muitó. O certo

é, porém, que bem poucos ainda são dignos d'este ultimo nome na sua primordial e genuina accepção, e talvez que, mesmo para elle achar em quem assentar, se lhe mudasse a significação.

Epulones chamavão os Romanos aos parasitas, homens propostos nos templos para receberem a offerta dos primeiros fructos, distribuindo-os depois pelo povo, e reservando os destinados aos festins consagrados aos deuses. Cada divindade tinha os seus parasitas, que tambem fazião certos sacrificios com as mulheres que não tinhão tido mais que um marido.

Comendo á mesa dos deuses como convivas de Jupiter, de Baccho, de Apollo, gosárão aquelles sujeitos primeiramente de grande reputação entre os povos, mas não tardárão estes a perceber n'elles appetite tão robusto, que davão conta do quinhão de seus divinos hospedes. Pouco a pouco fôrão-se os taes *epulones* aviltando, a ponto de passarem dos templos para as casas particulares, onde se introduzião sob pretexto do serviço dos deuses, na realidade, porém, para devorarem o pão da familia, a trôco de elogios, que prodigalisavão ao dono da casa, como antes praticavão com Mercurio e Hercules.

Foi então que se começou a chamar parasitas aos lisonjeiros e condescendentes que, para arranjarem

um bom jantar, sacrificavão toda a probidade e delicadeza. Admittindo-os á mesa, os Romanos usavão e abusavão do direito de rir á custa d'elles, chasqueando-os, e até passando occasionalmente dos chascos ás pauladas, costume que se perdeu não sei se feliz, se infelizmente. Hoje tomão-se por boa moeda os gabos de um parasita. Achão-n'os divertidos, e muita gente, que come sem appetite a sua fortuna, dá o cavaco por ter á sua mesa esta especie de bôbos, que ás vezes com seus repentes e dictos chistosos lhe dissipão o tédio filho das riquezas e da saciedade.

Ha tempos immemoriaes que nos portos se tem observado, quando se arma um navio, os ratos, que se propõem ajudar a tripulal-o, embarcarem pelo cabo no dia em que se mette o mantimento a bordo, e desembarcarem da mesma forma concluida a viagem, quando vem para terra o resto da matalotagem. Os loucos que dão jantares por costume, são uns como armadores e os seus convivas são os ratos do armamento. Nas grandes capitaes ha sempre um certo numero de ricaços, e de outros que não sendo querem parecel-o, que têem dias marcados em que dão de jantar ou cear, ou ambas as cousas, fechando a porta no resto da semana. Estes estalajadeiros gratuitos pouca affeição vótão aos seus freguezes habituaes, sobre cuja escolha são bastante

indifferentes: todas as pessoas que lhes fôrão uma vez apresentadas, lá podem ir quando lhes convém, e comtanto que haja quem lhes coma o jantar ou a ceia, dão-se elles por satisfeitos.

Não é, pois, extranho ouvir a dona da casa morder furiosamente na pelle de um dos seus commensaes mais assiduos. Se qualquer se apresenta no momento mesmo em que o punhão pelas ruas da amargura, ainda menos extranho é vêr essa mesma dona da casa que d'elle falava como de um homem insupportavel e aborrecido, acolhel-o com a mesma affabilidade, mostrar-lhe a mesma urbanidade, dar-lhe as mesmas demonstrações de consideração, como ás pessoas que mais agradaveis parecem ser-lhe. Não deixa de ser um tanto mortificador para quem tem consciencia de valer alguma cousa, e contribuir lealmente com o seu quinhão para a sociedade, vêr-se medir assim pela mesma bitola com os caracteres mais abjectos; mas os auctores das taes festas tambem rara vez colhem bom pago. Como de ordinario não dão de comer senão por ostentação, são mais procurados por amor da sua mesa do que da sua companhia, e se alguma razão particular os põe na necessidade de supprimirem esta verba de despesa, logo se vêem abandonados pelos seus convivas mais regulares: desembarcão os ratos, quando não ha mais mantimento a bordo. Pergunta-se a

qualquer d'estes frequentadores de jantares, porque não vão mais á casa de fulano. Já não tem mesa, responde elle no mesmo tom, com que diria—morreu. E com effeito, o *amigo* tinha deixado de existir para elle apenas acabára com os banquetes; morrêra não de morte physica, nem civil, mas de morte mensal.

Quanto não vale mais reunir-se em roda da mesa farta, porém não ostentosa, uns poucos de amigos leaes e experimentados, que nos procurem não por comerem, mas por amor de nós mesmos.

Persicus odi, puer, apparatus.

É certo que se come melhor, que se come quasi o dôbro em boa e alegre companhia; mas é preciso que seja entre gente que se entenda, banido todo o cerimonial enjoativo, guardada, porém, sempre certa cortezia decente e honesta. Imitemos em tudo os Gregos, grandes cultores do bello, menos no costume barbaro de não admittirem mulheres á mesa, para estarem mais em liberdade, e poderem sem recato entregar-se a conversas licenciosas. Os Inglezes, fazendo-as retirar á sobremesa, para abandonarem á intemperança, tambem não dão prova de melhor gôsto.

Só homens pervertidos e de mui baixa esphera

moral podem achar prazer em práticas, a que não deve assistir uma senhora bem educada. São as mulheres que dão alma e vida á sociedade, que fórmão o encanto de toda a companhia, que derramão o prazer, a animação e a alegria em toda a reunião onde ellas podem apresentar-se sem derogação da sua dignidade. São ellas que obrigão a guardar o decoro, sem o que degenera todo o folguedo em folgança de selvagens, e nas festas gastronomicas constituem o verdadeiro elemento civilisador, cohibindo os excessos, que aviltão o homem, fazendo-o descer abaixo do bruto, que, uma vez repleto, dá-se por satisfeito.

Uma mesa sem mulheres é um jardim sem flôres, onde o nabo e a couve não deixão logar ao cravo nem á rosa, e quanto mais lindas ellas fôrem, tanto melhor.

Não quero com isto dizer que o unico merecimento da mulher seja a formosura, mesmo porque a minha modestia me não deixa inteira certeza sobre o logar que em tal caso me caberia; mas o que não soffre duvida é que as bonitas levão infinita vantagem ás outras, o dicto mais simples tem nos seus labios infinita graça, e o homem mais grave sente um prazer intimo em arrancar-lhes ainda que não seja senão um monosyllabo, um sim ou um não, emtanto que as feias vêem-se reduzidas, a com-

pensar á custa de dotes de espirito, que bem poucas possuem, o peccado de terem sahido desfavorecidas das mãos da natureza.

O defeito, que u'uma bella passa despercebido e ás vezes até se toma como mais uma graça, na feia é insupportavel, faz rir e expõe a misera á mofa, ao escarneo e á zombaria de todos. Se a triste procura sorrir para mostrar agrado a quem a ella se dirige, faz uma careta ridicula, e logo entrão os circumstantes a taxal-a de — sobre feia — presumida. Se, cerrados os dentes, tenta impôr acatamento senão ganhar affeições, é — sobre feia — mal creada. Se se atreve a mostrar indignação pelo que quer que seja, por mais justo que possa ser o motivo, é — sobre feia — delambida. E assim por deante. Não pode praticar acto que lhe não mereça algum epitheto affrontoso e sempre acompanhado do barbicacho de feia, á guisa de circumstancia aggravante, mas que, pela sua constante vinda á baila, está mesmo indicando ser o crime principal e talvez o unico.

Têem, pois, as feias de vencer a desfavoravel impressão que causão todos os seus actos e movimentos, e para isso é necessario um raro merecimento de outra ordem, extremamente difficil de encontrar-se. Não sei que laço mysterioso e occulto se dá entre a belleza moral e a physica, mas o certo

é que, se se encóntrão espiritos brilhantes na numerosa classe das nem feias nem bonitas, creio que ainda nenhum se foi aninhar no corpo de uma verdadeira feia.

É por isso que a belleza feminil tantos cuidados inspira ás mulheres, e por concomitancia aos homens, como estão provando os auctores de innumeros livros, que sobre este topico se têem escripto, e os fazedores de collecções, como a seguinte, que nem sempre primão pelo criterio.

A BELLEZA E LEALDADE NA MULHER

— A verdadeira sciencia de uma mulher é ser bella; o estudo e os livros não servem senão para a tornar insupportavel. — *P. Commère.*

— Uma bella mulher agrada aos olhos, uma boa mulher agrada ao coração: uma é uma joia, outra um thesouro. — *Napoleão.*

— O primeiro merecimento das mulheres para com a maior parte dos homens, é serem lindas, e o maior prazer das mulheres é ouvirem-no dizer. — *M.me d'Arconville.*

— Uma mulher, cuja grande belleza eclipsa a das outras, é vista com olhos differentes por tantas pessoas quantas a ólhão: as mulheres bonitas vêem-

n'a com inveja, as feias com despeito, as velhas com pesar, a juventude com transporte.

— A belleza é o objecto mais ordinario da ambição das mulheres, porque sabem todas as vantagens que d'ella podem tirar.

— As mulheres celebres por alguma belleza têem sempre a loucura de tomar por consideração a frivola curiosidade do publico.

— A fealdade é uma dôr, que uma mulher conserva toda a vida.

— A fealdade nas mulheres é um peccado, que só a bondade é capaz de extinguir.

— A fealdade e a belleza depende do capricho e da imaginação dos homens.

— Á fealdade é difficil agradar. É por isso que as mulheres, que a natureza fez para agradarem, não tolérão que as chamem feias. Certo dia fôrão dizer ao duque de Roquelaure que duas damas da côrte se tinhão fortemente injuriado uma á outra. — Chamárão-se ellas feias? perguntou o duque. — Isso não. — Então bem está, eu me encarrego de reconcilial-as.

— Uma mulher muito feia, vendo a sua fealdade ao espelho, enraiveceu-se e fêl-o em cem pedaços. Qual foi a consequencia? Foi que o espelho, que só a tinha representado feia uma unica vez, a representou feia cem vezes.

— Pode comparar-se uma mulher bella, mas que não é senão bella, a uma dahlia ou qualquer outra flôr sem perfume, e uma mulher feia, mas boa ás florsinhas que calcamos aos pés e que embalsamão o ar; uma deleita a vista; a outra agrada ao coração e dilata a alma: esta insinua-se em nós; aquella contenta-se com fazer-se admirar, etc.

E com isto não os enfado mais por hoje. Todo este capitulo sobre materia aliás inquestionavelmente gastronomica, pelo menos na generalidade, pode considerar-se como intercalada, pois que para dar-lhe logar interrompi o plano geral da minha obra, plano rigoroso, severo, e *irreprochable*, como dizem os Francezes; creio que me farão a justiça de por tal o reconhecerem á vista da amostra que já têem e ainda melhor se verá d'aqui por deante. O livrinho de que falei, foi que me obrigou a isto.

Agora ainda uma advertencia, e terei concluido.

Minha prima Anastacia Pimpim, pede-me que previna os leitores de que o seu luminoso artigo sobre modas terá infelizmente ainda alguma demora. A razão, porém, é tão plausivel, que ninguem deixará de acceital-a.

É o caso que tinha ella o seu casamento tratado com um primo irmão, rapaz sacudido e sisudo, com um brilhante futuro em perspectiva, e eis senão quando desmancha-se, pela mais futil das cousas,

este consorcio que tanto promettia. Aposto que não são capazes de adivinhar o motivo? Nem eu o queria; se a cousa fôsse assim facil de imaginar-se, não valia a pena contar-se.

O pae do noivo lêu n'uma gazeta (e é isto mais uma prova dos males incalculaveis que fazem os taes periodicos, que abomino, apesar de gostar de lêl-os) esta noticia.

«*Casamento entre parentes.* — A assembléa legislativa de Ohio (Estados-Unidos) votou ultimamente diversas leis restrictivas, ácêrca de enlaces entre parentes, e sobretudo entre primos carnaes. Durante a discussão, adduzírão-se importantes dados. Por exemplo:

«De 873 casamentos entre primos (contrahidos no Estado de Ohio) nascérão 3,900 filhos, e ainda em Massachussets ha 17 familias d'estas, que cóntão 95 filhos, dos quaes 44 são idiotas, 14 escrofulosos, e 37 que têem apenas as condições de uma mediana saude.

«Dos 3,900 filhos de casamentos entre parentes 2,490 padecem deformidades graves, ou de completa imbecilidade. Cita-se o caso de uma familia com nove filhos todos idiotas.»

Antes nunca se tivesse inventado a imprensa!

Apenas isto lêu, concebeu o pae do primo da prima, solícito pela sorte da sua posteridade, invenciveis escrupulos contra o projectado matrimonio, e jurou aos seus deuses què o filho se não casaria com mulher que estivesse com elle em gráu mais proximo de parentesco, do que entre nós todos constitue a nossa commum descendencia de Adão e Eva.

Rogos, supplicas, tudo foi perdido, não houve demovel-o do seu proposito. Debalde se lhe ponderou que dos netos de nossos primeiros paes, filhos de enlaces entre irmãos, parentesco muito mais chegado ainda, não constava que algum fôsse idiota ou escrofuloso; o homem teimou e a teimar continúa.

N'estas circumstancias não restava a minha prima outra alternativa senão pôr-se á procura de outro noivo. É n'este empenho de muito maior gravidade, que ella actualmente se occupa, e emquanto não concluir este negocio, já vêem que não pode distrahir-se para o trabalho litterario que annunciei. Áchão alguma cousa que dizer-lhe?

VII

Agora advirto um erro commettido, e advirto-o felizmente a tempo de corrigil-o ou attenual-o, pois que sou do numero d'aquelles ou d'aquellas que entendem. que nunca é tarde para reparar uma falta.

Aqui quero que me comprehendam bem, porque prezo, sobretudo, a clareza. São tão infinitamente vários os pensamentos, que, por mais cuidado que haja nas excepções, em qualquer d'estas se podem descobrir uns poucos; nem ha phrase que, por mui castigada, se não preste a interpretações diversas. Assim, quando digo que nunca é tarde para reparar uma falta, não pense alguem que entendo que nos podemos deixar ir indo com ella, porque a todo o tempo será tempo de emendal-a; cálculo errado com que muitos se têem enganado. Deixamos a emenda para amanhã, sem sabermos se será nosso, sequer, o dia de hoje.

Não é isto. O que quero dizer é que, apenas descobrimos uma falta commettida, por mais velha que

seja, nunca pode ser tarde para reparal-a immediatamente.

Que falta é, porém, essa de que se trata agora? É a de ter começado, e embrenhado-me n'elle até ao ponto em que me vejo, um assumpto tão grandioso, magnifico e incommensuravel, sem uma invocação, ode, hymno, ou cousa que o valha em verso retumbante. Materia digna de uma epopéa tratada de fio a pavio em prosa fria e rasteira, sem uma linha heroica, sequer, entremeada, é cousa, sobre triste, feia. Fizerão-me esta observação, e eu cahi em mim, e achei-lhe razão de sobra.

Restava uma pequena difficuldade, que era forjar a necessaria peça poetica, o que não era tão facil como á primeira vista pode parecer a quem vir, não direi precisamente a nossa litteratura, mas as nossas folhas periodicas de todos os formatos e côres, e o papel de embrulho de todas as nossas tendas, illustrado de linhas mais ou menos curtas, evidentemente escriptas por quem não fez ainda o seu exame de sufficiencia em primeiras lettras; mas devo confessar que, se já fiz versos de todos os calibres, metros e combinações de rima imaginaveis e não imaginaveis, constipou-se a minha musa terrivelmente ao passar a linha equinoxial dos vinte annos, e tal foi o defluxo chronico que apanhou, que ficou peor do que uma gata com gafeira. Desde

então, todas as vezes que lhe tenho querido arrancar um verso, tem sido o mesmo que forcejar por tirar de uma viola rachada um som harmonioso.

Desistindo, pois, de em materia de poesia apresentar cousa de lavra propria, puz-me a vasculhar os poetas, á cata do que carecia. Encontrei muitas canções bacchicas, mas não era isso o que eu buscava, até que afinal deparei com a seguinte ode, que procurei verter para a nossa lingua pela forma que já ides vêr adeante. O que tive a sinceridade de confessar sobre a sequidão e indocilidade da minha musa vos induzirá, espero eu, á indulgencia para com os tristes versos que ella, á fôrça de mui aguilhoada, foi atamancando a troncos e a barrancos.

Mova-vos a piedade sua e minha.

A ode devêra ter ido no principio, ou então ter ficado para o fim, onde *coroaria a obra*; mas no principio não foi, nem já agora é possivel voltar atraz para introduzil-a no seu logar, e esperar até ao fim, confesso que para isso me falta a paciencia, agora que dei conta do meu recado e estou morta que o publico veja como me sahi da empresa. Talvez excusasse de ter tanta pressa de decahir no

conceito dos leitores pelo lado poetico, mas gosto das posições definidas. E como a ode não foi no principio d'este meu tratado gastrosophico, nem pode esperar pelo fim, vá mesmo aqui, no meio, onde ficará tão bem como em qualquer das extremidades.

No meio?! parece-me que ouço exclamar, pallido de susto, mais de um leitor. Pois que então ainda agora não estamos senão no meio d'este interminavel aranzel, d'esta longuissima enfiada de cousas desconjuntadas, d'esta verdadeira *olla podrida* de indigestas semsaborias! Socega, leitor irritavel e irritado, tranquillisa o teu ánimo com razão ou sem ella exacerbado, que, se todos os calculos me não falhão, vamos já assás adeantados do meio para o fim, para o fim, que será o repouso de nós todos, de ti, que tão cançado já te mostras, e de mim, que lido e trabalho sem esperança de gloria.

Sem gloria, sim, com mágua o digo, porque me tem zoado aos ouvidos que se põe em duvida a minha *personalidade*, que se questiona a realidade da minha existencia. Não ha nada mais duro do que vermo'-nos assim desconhecidos. Acreditae, pios leitores, que são boatos falsos e absurdos adrede propalados por alguns mal intencionados, que querem prejudicar-me na vossa estima; acreditae que sou uma creatura de carne exactamente como qualquer

de vós, tão real e physicamente existente como tudo quanto n'este mundo pode apreciar-se pelos cinco sentidos; acreditae-o, e se não quizerdes acredital-o procurae-me, e se ainda assim persistirdes na duvida, eu, como o philosopho antigo, que a outro que lhe negava o movimento respondia erguendo-se e movendo-se em todas as direcções, responder-vos-hei, invocando o meu privilegio de senhora, com — com um bem assentado puxão de orelhas, que acabará de desenganar-vos.

Duvidar da existencia de D. Ignez d'Horta, quando ha em toda esta cidade tanta gente que me conhece, que conhece meu pae, que conhece meu irmão, digno empregado publico que todos os dias é certissimo na secretaria a assignar o ponto, e depois não menos certo na rua do Ouvidor, em cujas lojas todas tem cadeira de assignante! Parece incrivel. Mas deixem estar que eu dentro em pouco saberei fazer calar todas as duvidas. Já me entendi com o editor d'esta *Revista* para, no numero em que sahir o meu ultimo artigo, dar aos assignantes o meu retrato. É um sacrificio imposto á minha modestia, mas é necessario, faça-se.

E agora, sem mais preambulos, passemos á tal ode

528

Á BARRIGA

Tu, o maior dos despotas da terra,
De poder autocratico infinito,
A appar'cer ante o qual ninguem se atreve,
    Senão assado ou frio:

Dos nossos grandes és fiel imagem,
E n'isso fazes honra ao mais guapo,
Despovoando terras, rios, mares
    Para encher o papo.

Qual *fiat* creador illimitado
É o grande poder de que tu usas;
Nem ha sob este sol cousa comivel
    Que a cisco não reduzas.

Não ha na vasta terra logarejo,
Que não te pague humilde o seu tributo,
E de milhões de mãos industriosas
    Devoras o producto.

Gente, que mata, esfola, ensopa e assa,
D'essa inteiro um exercito te cabe.
Quanto mais ella te esfrangalha o povo,
    Tanto melhor te sabe.

Tu és o deus, que os povos todos amão,
E, estando escripto, não pareça extranho,

Que sejas o pastor, e nós formemos
D'ovelhas um rebanho.

Pagãos, judeus, christãos, todos te adorão,
N'este mundo ninguem te faz affronta,
Unica crença, que não tem atheus,
Nem scysmaticos conta.

Victimas mil os montes, valles, mares
Dão-te em cada estação, cada maré,
E perfumes sem conta a ti se elevão
De cada chaminé.

O altar que em toda a casa te consagrão
Com cheiro suavissimo rescende,
E ao dia vezes tres dos sacrificios
A pyra se te accende.

E d'alvos aventaes sacerdotizas,
Que cozinheiras *vulgo* são chamadas,
Trábalhão por te apimentar offrendas
Com arte preparadas.

Mas quem quizer, primaz dos potentados,
Em pleno resplandor te vêr luzir,
Bem pode, como aos deuses d'esta terra,
Olhar-te a digerir.

Té dá ás trancas a philosophia
Deante ti qual pomba escorraçada,
E basta o ar que em ténue bolha cabe
Para pôl-a em debandada.

É que a mesma particula divina
Que assentou na cabeça a sua séde,
Se humilha quando alguma cousa as nobres,
Altas funcções te impede.

Subjugas dos instinctos o mais forte.
Por ti mettido o deus d'amor n'um sacco,
Esquece o trovador a sua Julia,
De pão filado a um naco.

Ante a tua tremenda, impetuosa
Se cala toda a voz no peito do homem,
E, impellidos por ti, entes humanos
Uns aos outros se comem.

Mas de quantos te servem, o teu sceptro
Nunca nenhum jámais tanto vexou
Como os pobres poetas, e é por isso
Que nenhum te cantou.

Eu mesma, este meu canto não te voto,
Embora n'elle só teu nome assome,
Por saber que te agrada unicamente
O que te cheira á fome.

Depois d'este magnifico introito, entremos em materia, afim de que este hymno, se não pode servir de introducção a toda a obra, sirva ao menos a este capitulo, que tenho esperanças não será um dos mais somenos, pois que n'elle não só me proponho, mas vou já expender a theoria da fritada, ou antes,

da fritura, palavra mais generica, mas por isso mesmo mais precisa n'este caso, pois comprehende tanto a acção de frigir, como o meio empregado para frigir, como a mesma cousa frita, exactamente como me convém. Ora, sendo tão numerosa e importante a classe das iguarias fritas, comprehende-se facilmente a importancia e o interesse do capitulo que se occupar d'ella.

Esta theoria, porém, a expenderei, não segundo os meus principios, que apesar de alguns estudos especiaes me não reputo auctoridade na materia, mas segundo cs de um illustre professor, que chamando um dia o seu primeiro cozinheiro, fez-lhe a seguinte prelecção, que mais tarde deu á estampa para beneficio de todos:

«Mestre Braz, disse o professor com esse tom grave que penetra até ao fundo dos corações, de quantos se assentão á minha mesa não ha um só que não te gabe a arte de fazer uma boa sôpa, o que sem duvida vale muito, pois que é a sôpa o primeiro consôlo do estomago necessitado, mas com pesar vejo que não passas de um mediocre artista em materia de fritadas.

«Hontem ouvi gemer sobre aquelle linguado triumphal que nos puzeste na mesa pallido, molle, descórado. O meu amigo R... deitou-me um olhar

desapprovador; M. X. R. virou ao oeste o nariz gnomonico, e o presidente S... lamentou este accidente como uma calamidade publica.

«E esta desgraça veiu de teres feito pouco caso da theoria, cuja importancia não conheces toda. Tens o teu tonto de teimoso, e já não sei como fazer-te entrar na cachola que os phenomenos, que se dão no teu laboratorio, não são mais do que a execução das leis eternas da natureza, e que muitas cousas que fazes sem attenção e só por as teres visto fazer a outros, nem por isso deixão de ser corollarios das mais altas abstracções da sciencia.

«Escuta, pois, attento, e apprende para não teres que tornar a córar das tuas obras.

CHIMICA

«Os liquidos, que expões á acção do fogo, não podem adquirir todos egual intensidade de calor, pois que a natureza para isso os dispôz em gráus differentes: é uma ordem de cousas esta de que ella julgou dever guardar para si mesma o segredo, e que chamamos *capacidade do calorico.*

«Assim, poderias mergulhar impunemente o dedo em espirito de vinho a ferver, tiral-o-hias depressa da aguardente, mais depressa ainda sendo agua, e em azeite fervente qualquer immersão, por mais

rapida que fôsse, te faria uma queimadura dolorosa, pois que esta substancia pode esquentar-se pelo menos tres vezes mais que a agua.

«É em consequencia d'esta disposição que os liquidos quentes óbrão de differente modo sobre os corpos sapidos n'elles mergulhados. Os que se mettem em agua amollecem, dissolvem-se e reduzem-se a cozido, dando-nos caldo em extractos, emquanto, pelo contrario, os que se fervem em azeite, ficão mais apertados, adquirem uma côr mais ou menos loura, e acabão por se carbonisarem.

«No primeiro caso, a agua dissolve e leva comsigo os succos internos dos alimentos n'ella mergulhados; no segundo, conservão-se estes succos, que o azeite não pode dissolver, e se as substancias se tornão cada vez mais sêccas, é porque o calor lhes vae vaporisando as partes humidas.

«Têem tambem nomes diversos os dois differentes methodos, e chama-se frigir á acção de ferver em azeite ou gordura os corpos destinados a servirem-nos de alimento. Creio ter-te já dicto que *officinalmente* falando, azeite e gordura passão pouco mais ou menos por synonymos, não sendo a gordura mais do que um azeite concreto, nem o azeite mais do que uma gordura liquida.

APPLICAÇÃO

«As iguarias fritas são bem acolhidas n'um banquete, pela variedade estimulante que apresentão; são agradaveis á vista, conservão o seu gôsto primitivo, e podem comer-se á mão, cousa de que as senhoras sempre gostão [1].

«Tambem offerece a fritura aos cozinheiros muitos meios de mascarar o que já veiu á mesa na vespera, dando-lhes, quanto é preciso, infinitos recursos para os casos imprevistos, pois que, para frigir um redovalho de oito libras, não é necessario mais tempo do que para cozer um ôvo com casca.

«Todo o merecimento de uma boa fritada provém do repente ou da *surpresa*, como em giria de cozinheiro, pelo menos de cozinheiro francez, se chama á invasão do liquido fervente que carbonisa ou tosta no momento mesmo da immersão a superficie do corpo n'elle mergulhado.

«Por meio d'esta *surpresa* forma-se uma especie de crosta, que cobre o objecto, não deixa a gordura

[1] Nego pela minha parte, pois não sou das que dizem que o feijão com farinha perde todo o seu sainete não sendo amassado e comido com os dedos. Como ainda não estive em Paris, não sei o que por lá vae a este respeito.

penetral-o e concentra os succos, que passão assim por uma cocção interna, da qual o manjar recebe todo o gôsto de que é susceptivel.

«Para que se dê, porém, a *surpresa* é mistér que o liquido fervente tenha adquirido calor sufficiente, afim de que a sua acção seja energica e instantanea; mas para leval-o a este ponto é mistér tel-o por bastante tempo exposto a um fogo activo e flammejante.

«Se quizeres saber quando o liquido está já tão quente como é preciso, corta um pedaço de pão como para fazer sôpas, mette-o na sertã e deixa-o lá cinco ou seis segundos; se ao tiral-o o achares duro e córado, podes passar immediatamente á immersão, quando não, activa o fogo e torna a fazer a experiencia.

«Conseguida a *surpresa*, modera o fogo para que a cocção não seja por demais precipitada, e possão os succos reunidos passar com o auxilio de um calor prolongado pela modificação que os une, requintando-lhes o sabor.

«Já terás por sem duvida notado que a crosta dos objectos bem fritos não dissolve mais nem o sal nem o assucar, de que todavia carecem segundo a sua diversa natureza. Nunca deixes, pois, de reduzir estas duas substancias a um pó finissimo, para que, contrahindo ellas grande facilidade de adhe-

são, possa a fritura, com auxilio de um polvilhador, temperar-se por *justa posição.*

«Não te falarei agora na escolha dos differentes azeites e gorduras, porque te hei dado por vezes as instrucções necessarias; advirto-te, porém, para que o conserves bem impresso na memoria, que do azeite de oliveira te não deves servir senão para as operações que pouco tempo exigem, porquanto a ebullição prolongada desenvolve n'elle um gôsto empireumatico e desagradavel, proveniente de uma porção de parenchyma de que é mui difficil purgal-o e que se carbonisa.

«Vae, concluiu o professor, continúa a prestar o maior cuidado a tudo quanto fizeres, e nunca já mais te esqueça que desde o momento em que os convivas põem o pé na minha sala de jantar, *somos nós* que tomamos a nosso cargo a sua felicidade.»

Tenho até aqui discorrido *tant bien que mal* sobre as comidas; é tempo de me occupar um pouco das bebidas. Arregalae o ôlho, amanteticos d'esta especialidade, que, não vôl-o afianço, mas emfim é possivel que tenhaes alguma cousa que apprender, d'onde tireis proveito. Mas, assim como preludiei a primeira parte, explicando o que era fome, cumpre-me agora, antes de passar á segunda, dizer o que é sêde. Chama-se isto ser coherente, qualidade que eu

sempre prezei muito e muito, esforçando-me para merecer ser por possuil-a reputada.

E esta necessidade de sermos coherentes com as nossas idéas nos deve fazer cautelosos em estabelecer principios, pois que teremos de estar-lhes por todas as consequencias. Ainda ha pouco, foi uma d'estas noites passadas, em casa de meu pae, um sujeito, que gosta de mostrar-se *excentrico,* propoz-se sustentar a these de que o amor, se não é mais egoista do que as outras paixões todas, pelo menos o é tanto como qualquer outra.

Chovérão logo de todos os lados as reclamações, e não houve um só amoroso presente que não elevasse semelhante proposição á categoria de blasphemia. O amor, a mais completa abnegação de nós mesmos! O amor, a mais pura emanação da Divindade! O amor, o sentimento mais nobre, mais sublime, mais desinteressado de que é capaz a humanidade, por que elle se ergue quasi ao par da essencia não creada!

O homem deixou passar toda esta trovoada de apostrophes, mais ou menos vehementes, mais ou menos vulgares, e pôz-se depois a desenvolver a sua these n'uma longa dissertação, em que o pobre amor foi assás maltratado, vendo-se, coitado, quasi rebaixado ao rez de instincto animal.

—Estão-me ahi falando em sacrificios, disse elle,

mas porque é que se fazem esses sacrificios? Pelo que elles aproveitão á pessoa por quem se fazem? Não, porque ella muitas vezes nada lucra, como quando me dá a toleima para passar uma noite de chuva a contemplar uma janella fechada, em vez de me ir deitar socegado; logo, fazem-se porque nós mesmos temos gôsto em fazel-os, sentimos n'isso prazer, e portanto é sempre o *eu* que por fim de contas lisonjeamos, é sempre elle que nos impelle.

«Senão, pergunto, quem se sacrifica pelo idolo dos seus amores, sente n'isso verdadeiro prazer, deixa-se mover pela esperança, de alguma recompensa, ou não sente cousa alguma? D'estas tres hypotheses uma me haveis de conceder. Se me concedeis a primeira, que na vossa opinião é talvez a mais nobre, estamos no caso: o sacrificado sente prazer em sacrificar-se, vae atraz d'esse prazer, que porcerto é mais forte do que a dôr do sacrificio, aliás elle o não preferia, salvo cahindo na segunda hypothese; e como procura o proprio prazer, que sempre é uma especie de proveito, é egoista. Se me concedeis a segunda, por vós mesmo vos condemnaes; quem faz alguma cousa com a mira na recompensa, qualquer que esta seja, é sem duvida egoista. Se fugis para a terceira e sustentaes que o homem nada sente, nenhum fim tem e comtudo faz o sacri-

ficio; então, meus senhores, concedo-vos que não seja egoista, mas haveis de, a vosso turno, conceder-me que é tôlo, e sobre acções de tôlos não ha argumentar.

«Vinde cá, continuou elle em tom quasi pathetico, qual é de vós o mais firme amador, que não deseje possuir, canonicamente, bem entendido, a sua amada? E se algum ha que tal desejo não nutra, estou certo que pelo menos se não julgará dispensado de simulal-o, quando prostrado aos pés do seu bem, prova de que, se o não tem, sente que devêra tel-o. Não será, porém, o desejo de possuir sempre e invariavelmente um desejo egoista? Porque desejamos possuir? Porque sentimos que a posse concorrerá para a nossa felicidade, para o aperfeiçoamento do nosso *eu*, e se isto não é ser egoista, confesso não saber o que o seja.

«Desenganem-se; a provida natureza deu-nos muitos sentimentos para nos conservarmos, mas nenhum para nos destruirmos; tal seria, porém, aquelle, que nos fizesse esquecer de nós mesmos inteiramente para nos votarmos á felicidade de outrem. Por mais que tenhamos esta deante dos olhos, entremos bem no amago das cousas, consultemos a fundo o coração, e lá encontraremos bem aninhado no recanto mais escuro o cuidado do nosso proprio bem. Os sonhadores e os poetas é que nos têem

transtornado as idéas, pintando tudo a seu geito com palavras sonoras mas vazias de sentido, conforme as necessidades da chamada poesia, e ás vezes mesmo da rima. Amor platonico foi cousa que nunca existiu senão na cachola exaltada de um visionario, que concentrou toda a sua vitalidade na cabeça, soltando rédeas á imaginação, sem querer saber do que vae cá por este mudo, nem mesmo talvez do que lhe ia lá dentro pelo coração, se é que coração tinha ainda o homem, e o fogo da intellectualidade lhe deixára n'elle alguma cousa mais do que as valvulas e comportas que servem para pôr o sangue em giro.

«Ora dizei-me, se d'isso ainda vos recordaes, que sentistes quando vistes a pessoa que vos inspirou amor? Assim alguma cousa como que parecida com desejo...

— Desejo, sim, atalhou o noivo de uma *sinhá*, que se achava presente, mas desejo de fazel a feliz pura e simplesmente.

— De fazel-a feliz, disseste muito bem, e repara que não foi so desejo de que ella fôsse feliz.

— Ora, sou um teu creado! pois se eu desejava fazel-a feliz, está bem visto que era para que ella o fôsse.

— Devagar, devagar, que não é tanto assim. Menos que não sejas pessimo christão, estou certo

que desejas que todo o mundo seja feliz, e que d'este teu caritativo desejo não exclues a ultima filha de Eva, assim como creio piamente que não porás de fora o derradeiro dos homens.

— A differença está na intensidade do desejo.

— E tambem um pouco na natureza d'elle. A respeito de qualquer outra, que te agradasse menos, limitar-te-hias a desejar que ella fôsse feliz; mas com referencia á tua predilecta, desejaste *fazel-a* feliz.

— Estamos na mesma.

— Não estamos tal. Contentar-te-hias tu que ella fôsse feliz por si mesma, ou por circumstancias inteiramente alheias da sua vontade, ou quererias que houvesse algum concursozinho...

— Sempre estimaria poder concorrer alguma cousa para isso.

— Chegamos á differença. A respeito das outras desejas que sejão felizes, se poderem; a respeito d'esta quererias tu mesmo concorrer para a sua felicidade; não te contentarias que ella fôsse feliz por si mesma, e ainda digo mais, não se te daria que ella fôsse um pouco infeliz, só para teres o gostinho de mudar-lhe em felicidade a desventura. Mas, se é sómente a felicidade d'ella que desejas, como disseste com tanto rompante, uma vez que ella a consiga, pouco cuidado te deve dar se a chega a lograr graças a ti ou graças a qualquer outro.

Aqui viu-se o mantenedor do amor não egoista em terrivel apuro, apesar da santidade da sua causa, o que prova que com uma boa causa tambem pode qualquer engasgar-se. Percebia elle já o precipicio a que o queria arrastar o adversario, se dizia que queria vêr feliz a sua bem amada, mas que só para si reservava o cuidado de a tornar ditosa; além d'isso a necessidade da coherencia (e era aqui que eu queria chegar) obrigava-o a mostrar-se inteiramente desinteressado e de si mesmo esquecido; mas, se declarava que, comtanto que a sua querida fôsse feliz, não se lhe dava que fôsse com elle ou outro, receava que a sua noiva, que, como julgo ter advertido, estava presente, o tomasse pela palavra.

Isto, porém, nada era a par da consideração, que repentinamente o assaltou, como elle depois me confessou muito em particular e em segredo. Um relampago illuminou-lhe o espirito, mostrando-lhe n'um instante todas as terriveis consequencias, por mais extranho que isso pareça, da doutrina do amor desinteressado. O pobre rapaz transportou-se em espirito do estado de noivo para o de casado, que já antevia proximo, e teve uma como intuição de todos os parceis, cachopos, recifes, escolhos e farelhões que ouriçãо aquelles perigosos mares.

Desde logo sentiu arrepiarem-se-lhe as carnes só

com apalpar em espirito o córte da formidavel arma de dois gumes, que ia metter nas mãos da futura consorte, estabelecendo ou mesmo admittindo a these de que, comtanto que o objecto amado seja feliz, pouco se nos deve dar do modo como. É para minha felicidade, seria o argumento irrespondivel com que ella apoiaria toda a exigencia por mais desarrazoada que fôsse, dado que creatura tão perfeita pudesse ter exigencias desarrazoadas, o que elle mal concebia possivel, mas contra o que sempre julgava prudente precaver-se. E que havia elle de allegar contra a declaração formal: é para minha felicidade? O unico recurso seria disputar sobre a verdadeira felicidade; mas, se ella não se deixasse convencer, se teimasse no direito de fazer consistir a sua felicidade no que realmente consistia?

Emfim, o caso era grave e mesmo gravissimo, e tão grave se afigurou ao animo do infeliz argumentador, que elle, apesar de vêr imminente a derrota, responde mandando ao diabo a coherencia e mais quem a inventára.

— Não, lá isso não; quero que ella seja feliz, porém commigo.

— Então, meu amigo, tu que a ninguem queres ceder o cuidado de a fazer feliz, é porque a cousa em si não ha de ser muito ruim. O sacrificio tem

seu lado gostoso, mas ao menos não venhas cá dizer que o amor não é egoista.

— Li algures, sem que occorra agora aonde:

O amor, oh! céos, o amor a mór ventura,
Que inda sem illusão gosar-se pode!
Faisca divinal do ser supremo
Sobre creadas almas emanada
P'ra desprendel-as da mesquinha terra
E ser-lhes prova da celeste origem!
Oh! eu quizera amar, porém não basta
Todo o universo p'ra extinguir meu fogo:
Quero, abraçando-o, empregar minha alma,
Sinto p'ra o meu amor estreito o mundo.
E eu só pudera amar, sem que no peito
Um vácuo me ficasse; uma alma nobre,
Sublime, pura, altiva sem soberba,
Uma alma emfim que amor valesse infindo.
E com que amor então eu amaria!
Fôra elle o unico fim da vida minha,
Tudo lhe havia dar, nada pedindo,
Nada nem mesmo amor em recompensa.
Seria o meu prazer só dar ventura,
E se nos braços de outro ella estivesse,
Levára o ente amado aos braços de outro.
Só interesseiro amor gera ciume.
Como proprio gosando o gôso dado
Fôra dita fazer feliz quem amo,
Se commigo ou com outro que me importa!
Ante este gôso de alma independente
É dos sentidos o prazer bem pobre.

— Pêtas, meu amigo, pêtas. Ainda bem que o tal poeta philosopho nos diz, não o que faz ou o que fez, mas o que faria. É o que haviamos de vêr, dado o caso. Eu cá por mim acredito de melhor vontade o que o meu bardo, como que descosendo-se sem dar por isso, diz logo em seguida:

Que ventura! poder n'um dôce beijo,
Só gosando o prazer que a outro damos.
Um seculo viver n'um só momento.
Unir ao peito um coração que pulsa
Ebrio do gôso, que de nós emana,
É um prazer que assemelhar-se deve
Ao que Deus sentirá quando em triumpho
O justo receber na gloria sua.

— Quanto a esta ultima parte, confesso que é em demasia transcendental para a minha pobre e curta intelligencia.

Não posso dar aqui, nem mesmo em substancia, toda esta conversação, por mais interessante que seja a materia; pelo menos a mim interessou-me bastante. Mas é preciso não perder de vista que tudo isto vem a proposito de coherencia, e que convém não divagar fora do assumpto. Limitar-me-hei, pois, a dar ainda um transumpto do fim da discussão, apesar de ser um pouco tetrico (não ha mortes, mas fala-se n'ellas) por tornar ahi a manifestar-se a necessidade da coherencia.

Apresentou-se novo campeão a combater o homem do egoismo.

— Admitto que ás vezes haja prazer em fazer um sacrificio, como á custa de algumas privações compro uma pulseira ou umas arrecadas de brilhantes para dar á dama dos meus pensamentos; mas, quando esse sacrificio chega a ser o da propria vida, e creio que me não contestarão que d'esses sacrificios se têem feito, quizera que me explicassem que prazer pode haver n'isso.

— Em primeiro logar, responde o sujeito, forçado a mostrar-se coherente, cumpre distinguir bem a amizade, de que não tratámos agora, do amor, que se não pode dar senão entre os dois sexos, condição indispensavel que leva agua no bico, e que já por si mesma dá que pensar sobre o desinteresse da paixão. Restringindo-me, pois, ao amor, concordo que elle tenha feito perder muitas vidas, e mesmo que tenha levado ao sacrificio mais ou menos voluntario a algumas; mas é necessario precisar bem as circumstancias de cada caso, porque só assim se poderão apreciar os motivos. Quanto aos suicidios por amor, desde já os ponho de parte: quem se mata por não poder lograr o que deseja, dará provas do que quizerem, menos de desinteresse. Agora, pelo que respeita a dar a vida pela salvação do objecto amado, é mistér vêr como as cousas se

passão. Não ha muito que um homem, que vinha nas torrinhas de uma d'essas diligencias da Tijuca chamadas Maxambombas, voando-lhe o chapéo com o vento, se atirou ao chão para resgatal-o, com tanta infelicidade, porém, que morreu arrebentado. Ora, se este homem deu a vida pelo chapéo, que admiração que qualquer arroste a morte e de facto a encontre na defensão de um objecto, que por fim de contas sempre tem mais valor? Isto não se chama dar a vida, é arriscal-a na esperança de conserval-a, conservando com ella a posse do que nos é caro.

— Bem, quer que se precisem as circumstancias, pois precisemol-as e veremos. Supponhamos um marido, que, percebendo a paixão irresistivel de sua mulher por outro, mata-se directa ou indirectamente para que ella possa ser feliz.

Terrivel necessidade da coherencia: a hypothese era apertada, mas o homem não se deu por vencido.

— Admitto a possibilidade, posto que um tanto forçada, do caso, mas não a necessidade da conclusão. O marido podia proceder por motivos alheios d'esse inculcado desinteresse ou platonismo do amor. Podia ser levado do desgôsto, do tédio da vida, do desespêro mesmo que o conhecimento de semelhante cousa devia produzir, e podia até ser determinado

por um cálculo de prudencia, preferindo um mal que se lhe antolhava menor, a outro maior que previa imminente.

— Tinha outros meios: podia matar o concorrente, podia matar a mulher...

— Isso depende do temperamento e dos genios. Elle entendeu que era mais simples matar-se a si.

— Está bom, vamos a outro caso em que desafio a qualquer que me descubrão motivos de interesse ou egoismo. E é um facto authentico este, occorrido na Hespanha no anno de mil cento e tantos.

«O conde de Zelia morria de amores pela filha do marquez de Villa Montes, que só com frieza e desdens lhe correspondia. Persuadido que á fôrça de extremos e carinhos lograria mover aquelle coração, a cuja altiva exempção attribuia unicamente a propria sua fortuna, pediu-a em casámento ao pae, que, encantado com o brilhante partido que se lhe offerecia, não só annuiu immediatamente, mas mandou aprompt ar tudo para as bôdas. Prevenir a filha foi a ultima cousa que lembrou ao marquez, afinal porém communicou-lhe que tinha disposto da sua mão. A donzella nem sequer tentou dobrar o ánimo inflexivel do pae; mas, conhecendo o caracter cavalheiroso do conde, declarou-lhe francamente que podia, constrangida, dar-lhe a mão de esposa, mas não o coração de amante, pois que já d'este fizera

dom a um simples fidalgo por nome D. Ruy d'Oledo. Com tão inesperada confissão ficou assombrado o conde; voltando a si, perguntou se D. Ruy teria ánimo de romper com elle uma lança, e ouvida a resposta affirmativa, retirou-se.

«No dia seguinte dirigiu-se o conde a seu futuro sôgro e pediu-lhe que, para maior solemnidade das nupcias, mandasse apregoar para o dia d'estas umas justas, como n'aquelles tempos usavão, e que elle, para melhor merecer a sua bem amada, pelejaria por ella contra quem quer que se apresentasse na liça. E tão certo se mostrou da victoria, que declarou que, se alguem o vencesse, lhe cederia não só a noiva mas até o seu condado e todos os seus bens. O marquez hesitou, mas vendo que em virtude d'esta ultima declaração seu genro sempre havia de ser pelo menos conde de Zelia e senhor de todas as terras e senhorios dependentes do condado, annuiu sem grande custo.

«Chegou o dia do torneio, e entre os numerosos contendores prestes a disputar a mão da linda mão, via-se D. Ruy d'Oledo, a quem o conde disse que não combateria com elle senão em ultimo logar. Deu-se o signal, començárão as justas, e não houve um só que, enristando a lança contra o conde, não fôsse deitado fora da sella. Assim que não viu na arena senão D. Ruy (é natural que alguns escar-

mentados com a sorte dos companheiros se tivessem esgueirado sem tentar o encontro) dirigiu se a elle o conde, declarando porém que o combate não seria com armas de cortezia, mas á vida e morte. O fidalgo acceitou, trouxerão-se lanças afiadas, tomárão posição os dois e despedírão um contra o outro. No momento de encontrarem-se, o conde desviou o escudo, e offerecendo á ponta da lança contraria a couraça de industria falseada, cahiu atravessado pelo mortal golpe.»

— Agora dizei-me se no procedimento d'este homem não foi tudo nobre e generoso e se essa nobreza e generosidade não fôrão pelo amor inspiradas. Não só deu voluntariamente a vida pela sua amada, que votava a outro os seus affectos, mas deu-a para que ella pudesse casar com este, e accrescentou a isso a transmissão dos seus bens, sem o que talvez se não pudesse effectuar o casamento. Agora accrescentem a isto o modo por que tudo se fez, de sorte que com a felicidade dos dois se não viesse misturar a idéa, quasi o remorso, de que para fundal-a outro se sacrificára voluntariamente, pois que a morte devia parecer resultado da lucta e não suicidio premeditado; accrescentem isto e digão-me onde é que descobrem o interesse proprio, o egoismo.

Perseguido de trincheira em trincheira, de reducto em reducto, viu-se o homem do amor egoista

encurralado n'este ponto sem meios de escapulir-se. Mas a coherencia, a coherencia, oh! a coherencia é uma terrivel necessidade. Continuou, pois, a estrebuxar.

—É um facto esse, que não encontro nos meus livros...

—Vem na *Chronica dos Reis de Oviedo*, observou, não sei se com alguma malicia, um circumstante, ou antes circumsedente, pois que estava sentado o sujeito.

—Venha lá onde vier, sempre seria bom que o escriptor nos tirasse toda a duvida sobre a circumstancia de ter-se o conde deliberadamente sacrificado, e não haver succumbido victima do desejo de despachar para o outro mundo o seu rival, pois que é exactamente aqui que bate o ponto, e para nos tirar essa duvida, era necessario que o mesmo escriptor apresentasse todas as razões que tinha para saber d'esta premeditação do seu heróe. Mas quero dar tudo por bem averiguado e admittir a possibilidade do caso, pois que bastaria essa possibilidade para provar o que se deseja. Seria o amor que levou o conde a deixar-se matar? Não, mil vezes não. O amor levou-o a pedir a mão da môça ao pae, isso sim, mas o resto do seu procedimento dictou lh'o porcerto outro sentimento, sentimento, que principiou por abafar n'elle o amor. Esse sentimento seria

natural generosidade, seria exaltação cavalheirosa, seria alguma cousa parecida com a que obrigava D. Quixote a andar quebrando lanças em desaggravo das viuvas e protecção das donzellas, mas não era porcerto o mesmo amor. Para ser amor, era necessario admittir que fôsse uma aberração d'elle, uma especie de amor degenerado, que desdizia da propria natureza e essencia d'este sentimento. Não vemos um mancebo gentil e bem disposto namorar-se de um dragão, de uma verdadeira furia, e uma joven formosa e prendada apaixonar-se ás vezes por um monstro na alma e no corpo, corcovado, tôrto, zanaga, feições de mône e de mais a mais estupido, teimoso, presumido, cruel, etc., etc.! São d'estes transvios dos instinctos humanos, que ninguem explica.

— Mas o conde de Zelia era um caracter nobre.

— Era-o já por si, não que o amor o fizesse. Antes foi essa nobreza fundamental de caracter que n'elle corrigiu os naturaes effeitos do amor, que serião matar o rival, casar com a rapariga e guardal-a a sete chaves. Isto dado, jámais existiu um conde de Zelia.

— Se não existiu, devia ter existido, e com isto — boas noites! disse alguem e despediu-se, indo-se despedindo todos os mais uns atraz dos outros.

Chama-se isto levar a coherencia aos ultimos limites, e eu, por causa da coherencia, esqueci-me da parte liquida da minha gastrosophia; mas não importa, ainda assim não fui muito incoherente, pois falei de amor, e o amor passa por soffrivelmente gastronomo e amigo dos bons boccados.

VIII

Não ha nada como viajar, para quem gosta de escrever; não ha nada como lêr viagens, para quem gosta de instruir-se. Um d'estes dias puz-me a lêr a descripção que Walsh nos deixou da viagem que fez ao Rio de Janeiro, e fiquei sabendo muitas cousas que ainda ignorava a respeito da minha propria terra. Entre outras, tomei nota das seguintes, que communico aos meus leitores, porque, sectaria do communismo na republica das lettras, ainda que nenhures mais, nada sei reservar para mim exclusivamente.

«O numero onze, applicado a um individuo,

reputa-se injuria proverbial, tanto em Lisboa como no Rio. Na primeira d'estas duas cidades, dizer de qualquer que é um homem de onze lettras, considera-se affronta, por ter havido um famoso scelerado, para escrever cujo nome era necessario este numero. Na segunda, é egualmente injurioso chamar a alguem *homem de onze varas,* por entender-se por isto estar elle condemnado á morte ignominiosa. Com effeito, ao subir ao cadafalso, leva o padecente uma camisa do *comprimento* em questão.»

E logo adeante:

«Nos arredores da capital encontra-se a cada passo um mamoeiro, e é esta uma das feições caracteristicas do paiz. A fructa tem um gôsto mui succulento, analogo ao da carne, ou antes, ao do tutano, o que sem duvida lhe valeu o nome, pois na lingua do Brazil — mamão significa tutano.»

Relevem-me a primeira transcripção, que confesso ter feito por lhe haver achado graça; mas a segunda é inquestionavelmente propria do assumpto de que nos occupamos, pois versa sobre cousa comivel. E uma vez que encetei o capitulo das viagens, antes quero demorar-me agora um pouco mais, do

que voltar depois a elle. Bem me recordo que estou em dívida a respeito da parte liquida da gastrosophia, tendo principiado a falar n'elle sem adeantar cousa que se visse; mas essa, emfim, já é materia interrompida, e não tem volta, e se interrompesse agora esta para soldar aquella, o resultado seria ficarem ambas partidas. O melhor, pois, será continuar esta, e voltar em seguida á outra. Melhor ainda seria não haver começado a segunda antes de concluida a primeira, é verdade, mas essa observação fôra boa para fazer-se emquanto era tempo; agora, que o mal está feito, isto é, a cousa principiada, é preciso leval-a ao cabo.

Comtudo, não serei longa; apenas de algumas relações, das mais authenticas e veridicas que se conhecem, tirarei um ou outro apontamento de interesse puramente gastronomico.

Em primeiro logar far vos-hei assistir com um illustre viajante a um jantar na Turquia, n'esse paiz de encantos, onde tudo é mysterio, principalmente para mim e outros como eu, que nunca lá estiverão. Não lhes prometto que o saboreiem tão perfeitamente como elle, mas emfim poderão achar-lhe mais ou menos sabor, conforme fôr mais ou menos viva a imaginação de cada um. É a condição inseparavel dos gôsos imaginarios.

«Sahimos ambos (o sujeito que escreve e um

amigo d'elle) ás seis horas da tarde para chegarmos ao sol posto a Beschick-Tagh (historia turca sem nomes congenitos nunca prestou) onde morava o pachá, pois estavamos no Ramadão, ou quaresma musulmana, épocha em que o jejum se não rompe senão depois que o astro do dia se some por detraz das collinas de Eyub (outro appetitoso nome tur co).»

Aqui não posso deixar de interromper por um momento tão sómente o fio da historia, ou antes, da descripção (pois ninguem deve persuadir-se que seja isto algum conto), para lamentar o relaxamento do nosso jejum, comparativamente com o dos adoradores de Allah. Conta minha avó que no tempo d'ella não succedia outro tanto, nem o mal veiu repentinamente, mas pouco e pouco. Todos os padecimentos da nossa fragil natureza se começárão a attribuir ao jejum: se apparecia qualquer erupção de pelle, embora a causa fôsse a carne, levava as culpas o peixe; se alguem não podia dormir de noite, o mal vinha da ichthyophagia irritar os nervos; se rebentava o sangue do nariz, só o jejum podia ser o motivo. Qualquer incómmodo de saude, pois, principiou a servir para cada um dispensar-se a si mesmo do cumprimento do preceito, e assim como se dispensavão os que estavão doentes, julgárão os que o não querião estar poder fazer outro

tanto, e d'esta forma, juntos os enfermos aos que receiavão enfermar, poucos ficárão que jejuassem. Ainda os ha, porém, é bom que se saiba.

Entremos outra vez no rêgo.

«Um creado, vestido á européa, excepto as indefectiveis bombachas vermelhas, veiu abrir-nos uma porta baixa, precedida de um patamar a que levavão tres degraus, e, trocados os sapatos por chinelas, de que iamos munidos, subimos ao primeiro andar, onde era o selamlik, ou sala dos homens, sempre separado do odalik, ou sala das mulheres, seja rica ou pobre a casa.»

Deixemos de parte os cumprimentos, e prosigamos :

«Ao declinar do dia vierão alguns creados pôr ao lado do divan, em que nos sentavamos, uma enorme bandeja redonda de cobre amarello cuidadosamente brunido e reluzente como um escudo de ouro, e n'ella figuravão várias iguarias mettidas em palanganas de porcellana. Postas sobre um pé não muito alto, servem estas bandejas na Turquia de mesa, a que tres ou quatro convivas podem assentar-se. Toalhas e roupa branca são luxo desconhecido no Oriente. Os guardanapos supprem-n'os uns quadri-

nhos de musselina com passadores de ouro, precaução não inutil onde ninguem se serve senão do garfo de cinco dentes. Por excesso de cortezia, quiz o dono da casa mandar dar-me uma colhér, mas recusei agradecendo, por querer a todos os respeitos conformar-me com os usos estabelecidos.

«Á luz da sciencia dos Brillat-Savarin, dos Cussy, dos Grimod de la Reynière, dos Carème deve a arte culinaria turca parecer absolutamente barbara e patriarchal; são insolitas approximações de substancias, misturas extravagantes para um paladar delicado, mas não filhas do acaso, nem feitas sem cuidado. Os pratos, de que com os dedos se tirão alguns boccados, são numerosissimos, succedendo-se rapidamente. Consistem em pedaços de carneiro, gallinhas esquartejadas, peixes cozinhados com azeite, pepinos crús, recheados e arranjados de toda a forma, escorcioneiras viscosas, parecidas com raizes de malvaisco, e estimadissimas por causa das suas qualidades estomacaes, bolinhos de arroz envôltos em folhas de videira, polme de abobora com assucar, várias iguarias feitas com mel, tudo borrifado de agua de rosas, temperado com azeite, hortelã e hervas aromaticas, e coroado pelo pilão sacramental, manjar nacional, como o pochero hespanhol, o cuscussu arabe, o *sauerkrant* allemão, o plumpudding inglez, e que figura invariavelmente em todas

as refeições, tanto nos palacios como nas choupanas. Á falta de vinho, prohibido pelo Corão, bebeu-se agua, cherbet e summo de cerejas, que se tirava de uma compoteira com uma colhér de tartaruga de cabo de marfim.

«Findo o banquete, levárão a bandeja de cobre, trouxerão agua para as mãos, cerimonia indispensavel quando se jantou sem outra baixella além dos dez dedos, e, depois do café, o chibukdji apresentou a cada um seu bello cachimbo com boccal de ambar e tubo de cerejeira lizo como setim, bem fornido de excellente tabaco da Macedonia.»

Saltemos do velho para o novo mundo, e vejamos como por aqui se come. Não viremos para a nossa terra, porque todos nós sabemos mais ou menos um jantar, desde o nacional feijão com carne sêcca, até aos mais apurados requintes da cozinha franceza, já quasi naturalisada n'esta boa cidade, pelo menos nas casas dictas de tratamento; mas desfiramos o vôo para qualquer paiz vizinho, por exemplo, a Venezuela, que não dista do Rio de Janeiro mais de por ahi umas seiscentas leguas em linha recta.

Consultemos um viajante, que por alguns dias foi hospede de um fazendeiro d'aquelle paiz, e apanhemol-o, para abreviar, no momento de assentar-se á mesa:

«Observar-vos-hei, disse o dono da casa assentando-se defronte de mim e mostrando-me a mesa núa de iguarias, que não tolero que me sirvão differentes pratos de uma assentada, para que me não assaltem ao mesmo tempo diversos cheiros, impedindo-me de apreciar o do objecto que estou saboreando.

«De todo o coração louvei esta precaução inteiramente gastronomica. Uma mulatinha de saia curta, ancas bem pronunciadas e olhos languidos, veiu offerecer-nos as *arepas*, pãesinhos redondos feitos da flôr da farinha e torrados no fôrno. Começou o jantar pela sôpa de *gombo* com camarões, que se come com farinhento *fundji*; veiu logo o *sancocho* nacional dos mil legumes do novo mundo flanqueando uma gorda gallinha das Canarias; seguírão-se as *akras* de S. Thomé, as *tortolitas* ou pombas rôlas lardeadas de presunto de Baquira; as hervilhas *woudus* com inhames, o *morocoi* ou tartaruga de terra recheado de azeitonas e pimentas verdes, cozinhado dentro da sua casca e escoltado do *mondugo* de bananas, principiárão a fazer-me reflectir. Apparecérão os assados; era o *pojui* de crista amarella, ave delicadissima e saborosissima; a *lapa*, quadrupede de carne succulenta, principalmente sendo cozinhada ao sol ardente; o *cachicamo* assado na sua couraça; tres saladas, uma de palmito, outra do talo de certa

arvore com manteiga vegetal, e a terceira de sabugo de canna ds assucar com azeite de côco clarificado.

«Passámos á sobremesa. Era um diluvio de pasteis de goiabas e marmelos que brilhavão com as côres do rubí e do topazio, de geléas e de fructas innumeraveis, umas mais appetitosas que as outras.

«Tinhamos humedecido todos estes manjares, para mim tão novos, com *guarapo de pina*, bebida tão fresca para o paladar como traiçoeira para o cerebro, e com algumas garrafas de Laffitte velho, que em nenhuma parte vem fora de proposito.

«Levantamo'-nos para ir para a varanda, onde nos aguardavão o oleoso curaçau das Antilhas e o café de Santo Antonio, excellente grão que os Inglezes monopolisão, segundo me asseverou o meu hospede.

«Mostrei desejos de vêr o cozinheiro, auctor de tantos prodigios, e apresentárão-me um negro gordo, sem ser obeso, já não creança, de barrete branco e gravata de musselina.»

Depois de tanto navegar, ferremos a vela e deixemo'-nos ficar em casa. É tempo de cumprir a minha promessa, occupando-me com a parte liquida do meu assumpto, que, por mais talhado que seja

para agradar a todos, convém que tenha tambem o seu termo. Não é que não houvesse materia ainda para oitenta volumes, mas este seculo, que tudo despoetisa, não ha de vêr na nobre sciencia de que me occupo senão materialismo, quando nada ha mais espiritual do que ella, a não ser, talvez, a metaphysica, e a natural inconstancia do genero humano já me está bradando que mude de tom, ou me cale se não tenho outra cousa em que tocar. Opto pela segunda, e communico aos leitores a agradavel noticia de que será este, não direi o ultimo, mas certissimamente o meu penultimo artigo, salvo sempre o caso de fôrça maior ou occorrencias imprevistas, *cela va san dire*.

No firme proposito de não me afastar d'este meu programma, vejo-me obrigada a fugir de tudo quanto mesmo de longe possa parecer digressão, e posta sempre deante dos olhos a velha, mas acertadissima regra, *esto brevis et placebis*; já principio.

A sêde é a sensação da necessidade de beber.

Um calor de cêrca de 32 gráus Reaumur a vaporisar constantemente os diversos fluidos, cuja circulação entretem a vida, e a perda, que d'ahi provém, depressa tornarião estes fluidos incapazes de desempenhar a sua missão, se não fôssem frequentemente renovados e refrescados: é esta necessidade que faz sentir a sêde.

Ora, convém saber que esta sêde pode ser latente, facticia ou ardente.

A primeira acompanha-nos sempre, fazendo como parte da nossa existencia, pois outra cousa não é senão o equilibrio insensivel que se estabelece entre a evaporação transpiratoria e a necessidade de entretel-a. É ella que, sem causar-nos dôr alguma, nos incita a beber quando comemos, e faz com que possamos beber a todo o momento.

A sêde facticia, privativa da especie humana, vem-nos d'esse instincto que nos leva a procurar nas bebidas uma fôrça que a natureza lhes não conferiu e que só a fermentação pode dar-lhes. Constitue um gôso mais artificial que natural, e é verdadeiramente inextinguivel, tendo as bebidas, que para apazigual-a se tomão, o effeito de a fazerem renascer. É esta sêde, que mais cedo ou mais tarde se torna habitual, a que forma os ebrios de todos os paizes.

Quando se mata a sêde com agua simples, sem antidoto natural, nunca se bebe um gôlo além da quantidade necessaria; mas quando se recorre aos licôres, então, os entendidos que o digão, não se pára senão exgottados elles, ou posto fora de combate o bebedor.

A sêde ardente nasce do augmento da necessidade de beber e da impossibilidade de satisfazel-a.

Acompanhada de um ardor na lingua, uma seccura no paladar e um calor devorador em todo o corpo, com razão lhe quadra o epitheto.

Tão viva é a sensação da sêde, que em quasi todas as linguas esta palavra se tornou synonymo de um desejo impetuoso, e assim dizemos — sêde de ouro, de poder, de vingança, etc., expressões que nunca terião tido voga universal, se não bastasse haver uma vêz na vida sentido sêde para avaliar-lhes a propriedade.

O appetite ainda vem acompanhado de uma sensação agradavel, quando não toca as raias da fome; mas a sède não tem crepusculo, e, apenas se faz sentir, logo se segue mal-estar, anciedade, e anciedade que se torna horrivel, quando não ha esperança de satisfazer a necessidade de beber.

Por uma justa compensação, pode o acto de beber causar nos, segundo as circumstancias, gôsos extremamente vivos, e quando matamos uma sêde exacerbada, tudo quanto são papillas nos titillão de prazér desde a ponta da lingua até as profundezas do estomago.

Desejo-vos, ao menos uma vez uma boa sêde, se alguem ha que ainda a não sentisse.

Mas que não seja excessiva, pois morre-se mais depressa de sêde do que de fome, e a razão é que o esfomeado só morre de esfalfamento e fraqueza,

em tanto que o sedento é prêsa de uma febre que o queima, augmentando e exasperando-se cada vez mais.

Diversas circumstancias concorrem para augmentar a sêde, e d'ahi têem nascido muitos dos nossos costumes.

O calor augmenta a sêde, e d'ahi a inclinação que sempre têem mostrado os homens para edificar suas casas á baira dos rios.

Os trabalhos corporaes fazem outro tanto, e d'ahi o costume de fortificar com bebidas os obreiros para que renda mais o serviço.

A dansa da mesma forma, e d'ahi os refrescos, que não podem faltar n'uma reunião dansante.

A declamação tambem, e d'ahi o copo d'agua que os oradores se ensaião a beber com graça, e que não tardaremos a vêr em cima das bordas da tribuna e do pulpito ao lado do lenço branco.

O cantar e tocar concorrem não menos para o mesmo effeito, e d'ahi a reputação universal de intrepidos bebedores, que se têem sabido grangear os musicos. Entreguem-lhes os restos da ceia de um baile, por mais abundantes que sejão, e verão o que escapa.

O remedio contra a sêde é beber, isso todo o mundo sabe, nem presumo dar grande novidade; só o que quero dizer é que depois de ter falado

da sêde, pede a boa ordem que passemos ás bebidas.

D'entre todas ellas, a mais natural, e até se pode dizer, a unica capaz de apaziguar completamente a sêde, é a agua, tão necessaria á vida animal como o mesmo ar que respiramos. Se a ella nos houvessemos atido, não se diria do homem que um dos privilegios por que elle se distingue dos outros animaes é por beber sem ter sêde.

Cousa mui digna de exame é essa especie de instincto, tão geral como imperioso, que nos impelle á busca das bebidas fortes.

O vinho, a mais amavel das bebidas, na phrase do meu mestre, quer o devamos a Noé, que plantou a vinha, quer a Baccho, que expremeu o summo da uva, data da infancia do mundo, e a cerveja cuja descoberta se attribue a Osiris, remonta a tempos além dos quaes nada ha que possa ter-se por certo.

Todos os homens, ainda mesmo os mais rudes e selvagens, têem-se visto tão atormentados por esta appetencia das bebidas fortes, que por fim hão conseguido preparal-as, por mais apertados que fôssem os limites dos seus conhecimentos.

Uns deixárão azedar o leite dos animaes domesticos, outros extrahírão o succo de diversas fructas e raizes, mas todos adivinhárão os elementos da

fermentação, e por toda a parte onde se têem encontrado homens reunidos em sociedade, achamol-os sempre munidos de licôres fortes, de que fazião uso nos seus festins, nos seus sacrificios, nos seus casamentos, nos seus funeraes, n'uma palavra, em todas as occasiões festivas e solemnes.

Durante muitos seculos cantou-se e, sobretudo, bebeu-se o vinho, sem que ninguem se lembrasse que fôsse possivel extrahir-lhe a parte espirituosa que lhe constitue a fôrça. Assim, porém, que os Arabes nos ensinárão a sua arte de distillar, por elles inventada para extrahir o perfume das flôres, começou-se a desconfiar que se poderia descobrir no vinho a causa da exaltação de sabor, que tão particularmente excita o gôsto, e de apalpadela em apalpadela chegou-se a obter o alcool, o espirito de vinho, a aguardente.

É o alcool o monarcha dos liquídos: a elle devemos não só esses licôres, que tão bem nos sabem depois de uma chicara de café, mas tambem os elixires de que lança mão a medicina, e além d'isso é uma arma formidavel, que para domar as nações do novo mundo fez mais do que o ferro e o fogo.

Creio que não podia ser mais breve tratando d'esta metade da gastrosophia, metade digo, porque não vejo razão para que a parte liquida em cousa

alguma deva ceder á solida. Receio mesmo que este capitulo sahisse tão tacanho e resumido, que prejudique não só a elegancia, mas até a segurança do edificio.

Com effeito, supponhamos que os solidos constituem uma parede e os liquidos outra; se aquella tiver ficado muito mais alta, o resultado será que, ao assentarmos o telhado, ha de elle inclinar-se todo sobre esta, e como para cumulo de desgraça é exactamente a mais fraca, por isso mesmo que é liquida, não me admirará que desabe toda a fabrica.

Prescindamos, porém, d'este ligeiro defeito de architectura; assentemo'-nos em cima da cumieira, supponhamos que estamos perfeitamente escorados de um lado e do outro, e lancemos uma vista d'olhos sobre o vasto campo.

Que a gastronomia é uma predestinação, ninguem o duvida; assim como uns nascem para vêr mal, outros para andar mal, e ainda outros para ouvir mal, quaes os miopes, os côxos e os surdos, assim tambem ha alguns desgraçados que veem ao mundo com o paladar tão embotado, que nenhuma differença sabem achar entre um robalo e um cação, entre o vinho do Porto e a zurrapa de Bordéos. Mas o meu mestre vae mais longe e admitte não só gastronomos de nascimento e predestinados, mas tambem por profissão e estado, e entre estes faz

menção de quatro classes principaes, a saber: financeiros, medicos, homens de lettras e devotos.

Não ha aqui motivo de offensa. Em primeiro logar pertence o auctor a uma d'essas quatro classes, pois é medico, e portanto não havia de querer injuriar-se a si mesmo; em segundo logar, ou eu tenho perdido toda a cêra gasta até agora, ou os leitores estarão convencidos de que chamar alguem gastronomo ou gastrosopho é antes elogio do que vituperio: este estaria em chamar comilão ou beberrão.

Os financeiros são os heróes da gastronomia, heróes, sim, porque houve combate, e combate renhido, e a aristocracia nobiliaria teria esmagado as finanças debaixo do pêso de seus titulos e escudos d'armas, a não haver sido o contrapêso de uma mesa sumptuosa e de burras bem recheadas. Os cozinheiros desbancárão os genealogistas, e se os orgulhosos barões nem sequer esperavão por sahir a porta para escarnecerem do amphitryão, que os regalava, comtudo tinhão vindo e a sua mesma presença lhes attestava a derrota.

Além d'isto não ha quem com facilidade ajunte muito dinheiro, que não se veja irremediavelmente obrigado a ser gastronomo.

A desegualdade das riquezas constitue a desegualdade das condições, mas não traz comsigo a desegualdade das necessidades, nem o appetite cres-

ce na proporção que augmentão os meios de satis-fazel-o; antes por via de regra succede o contrario. Cumpre, pois, que a arte exgotte os seus recursos para, com manjares que sem damno o sustentão e sem abafal-o o lisonjeião, reanimar o quasi extincto appetite.

Sobre os medicos óbrão causas de outra natureza, posto que não menos poderosas: é a seducção que os faz gastronomos, e de bronze havião elles de ser para não succumbirem á tentação.

Dispensadores da saude, que é de todos os bens o mais precioso, são os caros doutores esperados com impaciencia e festejados com jubilo. Aqui é uma bella e interessante doente que os convida a ficarem para o jantar, alli é um pae que por todos os modos os afaga, acolá um marido que busca captivar-lhes o zêlo em prol do que tem mais caro no mundo. A esperança os toma pela direita, a gratidão pela esquerda, elles não têem remedio senão deixarem-se ir, e em menos de seis mezes estão com o habito dos bons boccados ferrados a nunca mais os largar.

Por esta occasião deixa-se o meu mestre arrastar a uma furiosa abjuração contra os seus collegas pela demasiada severidade empregada para com os pobres doentes. É que, mal alguem tem a desgraça de lhes cahir nas mãos, logo ouve um tremendo

kyrie eleison de prohibições e por fôrça ha de renunciar aos habitos mais gratos.

Reputa elle estas interdicções, pelo menos na maxima parte, inuteis, porque os doentes quasi nunca appetecem o que lhes faria mal.

Assim não deve o medico racional perder jámais de vista a natural tendencia das nossas inclinações, lembrado sempre de que, se sensações dolorosas são funestas por natureza, as agradaveis dispõem para a saude. Tem-se visto um trago de vinho, uma colhér de café, algumas gôttas de licor revocarem o riso ao rosto mais hippocratico.

Demais estas rigorosas prescripções raras vezes se cumprem á risca, já pelas exigencias imperiosas do enfermo, já pela condescendencias dos que o cercão, sem que por isso se morra nem mais nem menos.

Não me quero metter a falar em medicina, sciencia de que pesco tanto ou antes tão pouco como da de Ulpiano, mas pedirei a todos os Esculapios, e sobre todos ao meu, a quem terei o cuidado de mostrar a passagem no original, a que meditem sobre isto. Talvez que assim, quando eu estiver com febre, me não tornem a privar da gemmada que tomo todas as manhãs antes do levantar, para fortificar a voz e robustecer o peito.

Quanto aos homens de lettras, diz o meu mestre

que é de pouco tempo a esta parte que elles se têem tornado gastronomos: antigamente o que fazião era entregar-se á embriaguez, no que aliás se cingião aos dictames da moda, como talvez ainda eu tenha occasião de fazer, vêr se me resolver algum dia a commetter, a favor dos leitores, algum acto de pirataria sobre um curioso livrinho intitulado: *Du rôle des coups de baton dans les relations sociales et en particulier dans l'histoire littéraire*, a que vem appensa uma lista dos auctores esbordoados, ou *batonnés*, na qual figúrão nomes muito conhecidos, como Balzac, Aretino, Boileau, Demosthenes, Dryden, Harpe, Malherbe, Molière, Mozart, Racine, Rousseau, Scudéry, Voiture, Voltaire.

E outros em quem poder não teve a morte, mas teve o cacete.

Hoje está isto felizmente muito mudado, e os litteratos, e mais particularmente ainda os jornalistas, são convidados para toda a parte, pela estima que inspirão os seus talentos, pelo agrado da sua conversação, e tambem um pouco porque se tem tornado de bom tom fazer de protector das lettras.

Ora estes senhores accommodárão-se maravilhosamente á mudança, que não extranhárão nada: chegão quasi sempre tarde, são talvez por isso acolhidos ainda com mais distincção, todos lhes fazem

a bôcca dôce, para que voltem outra vez, e assim vierão elles a ser, são e ficarão sendo gastronomos de *primo cartello.*

Finalmente, diz ainda o mestre (reparem bem que não sou eu) conta a gastronomia muitos dos seus mais fieis servos entre os devotos, ou antes entre os beatos.

De quantos trabálhão por salvar-se, a grande maioria busca o caminho mais suave: os que fogem dos homens, dormem em cima de uma tábua, e vestem o cilicio; nunca têem sido, nem poderão já mais ser senão excepções.

Ora, ha cousas condemnaveis sem duvida alguma, e com as quaes de modo nenhum se pode transigir como bailes, theatros, jôgo e outros passatempos semelhantes.

Emquanto, pois, os abominamos e os que a elles se entregão, vem a gastronomia apresentar-se-nos, e introduzir-se-nos sorrateiramente no espirito, ou onde quer que seja que ella se introduz, sob um aspecto inteiramente theologico.

Por direito divino é o homem o rei da natureza, e tudo quanto a terra produz para elle foi creado. Como, pois, deixar de gosar, pelo menos com a moderação conveniente, dos bens, que a Providencia nos offerece, principalmente se continuarmos a olhal-os como cousas transitorias, principalmente se

ellas exaltão em nós a gratidão para com o auctor de tudo?

Os beatos têem razão, e em qualquer convento de frades ricos se verá a demonstração prática d'esta eterna verdade. Nunca entrei em nenhum, alto lá! mas tenho ouvido dizer.

Não terminarei por hoje sem annunciar-vos uma grata noticia, que mais vos deve ainda confirmar na crença a que supponho ter-vos convertido, e esta noticia vem a ser nada mais, mas tambem nada menos do que a longevidade promettida aos gastrosophos, áquelles que souberem regular pelos preceitos da sciencia os alimentos destinados a entreter a vida, e cuidar sabiamente da barriga. Honrar seu pae e sua mãe não será, pois, d'ora avante o unico meio de viver longo tempo sobre a terra; egual beneficio será partilha dos que honrarem o ventre e o estomago, comendo e bebendo bem, isto é, *secundum artem*.

Ora, que uma boa alimentação é infinitamente superior á outra ruim para conservação da saude e prolongação da vida, não soffre nem pode soffrer a menor duvida. A consequencia é que, em egualdade de circumstancias, os gastronomos vivem mais que os que o não são. Provou-o arithmeticamente o Dr. Villerment n'uma memoria apresentada á Academia das Sciencias.

Comparou elle diversos estados da sociedade em que se passa bem de bôcca com aquelles em que a gente se alimenta mal, percorrendo-lhes a escala inteira. Da mesma forma comparou entre si os differentes bairros de Pariz, onde a abastança é mais ou menos regra geral, e entre os quaes se dá, como é sabido, differença extrema.

Ora, o que é verdade em Paris, porque o não ha de ser egualmente no Rio de Janeiro e em toda e qualquer outra parte?

Mas o nosso doutor, não contente com as suas investigações na capital, foi fazel-as em todos os departamentos da França, comparando no mesmo intuito os que são mais ou menos ferteis, e em toda a parte achou como resultado geral diminuir a mortalidade na proporção que augmentão os meios de subsistencia. Para os pobres é isto uma consolação, pois equivale á esperança de se vêrem dentro em pouco livres da sua miseria, e para os ricos não menos, pois promette-lhes duração dos seus gôsos.

Os dois extremos d'esta progressão são, que, no mais favorecido estado da vida, não morre por anno mais do que um individuo d'entre cincoenta, emquanto nos mais miseraveis morre um d'entre quatro em egual lapso de tempo.

Não quer isto dizer que os que se tratão á véla de libra nunca adoecção; como quaesquer outros,

cáem estes tambem de vez em quando nas mãos da medicina, que soe chamal-os *bons doentes*, mas tendo elles maior dose de vitalidade, e melhor entretidas todas as partes do organismo, possue a natureza mais recursos e o corpo resiste mais efficazmente á destruição.

Se fôr ainda preciso recorrer á historia, virá ella em apoio d'esta incontestavel verdade, mostrando como todas as vezes que alguma causa extraordinaria, como guerra, assedio, inclemencia das estações tem vindo diminuir os meios de alimentação, sempre se tem seguido molestias contagiosas e grande augmento de mortalidade; guerra, fome e peste são tres irmãs inseparaveis.

Sirva isto de aviso ás companhias de seguro de vidas, para melhor organisação das suas tabellas. Guiem-se mais pelo que cada um come, do que pelos annos que tem vivido, e desenganem-se que um sexagenario com o estomago sempre convenientemente confortado offerece infinitamente mais probabilidades de vida do que outro que, com metade da edade, anda sempre com a silha na barriga, segundo vulgarmente se diz, com felicissima bem que não parlamentar expressão. Por tal m'a desculpem.

Não choreis, pois, o dinheiro que gastaes com a barriga, que vos paga com usura o que lhe confiaes;

comei e bebei o melhor que puderdes: lembrae-vos, porém, que o homem vive, não do que come, mas do que digere.

É o melhor conselho que posso dar-vos, e até outra vez, que talvez seja a ultima.

IX

Para despedir-me em bem dos meus pacientes leitores, quero ao menos uma vez cumprir o promettido, e com este artigo pôr termo ao meu aranzel gastrosophico. Depois, mas ha de ser mais tarde, pois desde já previno o respeitavel publico que me retiro por algum tempo para trás dos bastidores, escolherei outro titulo egualmente promettedor, e sobretudo bem lato, e principiarei outra vez a discorrer sobre cousas de não menor ponderação e interesse, se todavia o editor se não queixar de que lhe afugento os assignantes. Mas deixemos para o fim o meu acto de contricção, e tomemos o discurso, onde da ultima vez o cortámos, que não ha tempo nem espaço para divagações,

ou então lá se vae pela agua abaixo o meu protesto, e por acabar, o que fôra realmente pena, ficaria esta minha bella obra, que talvez ainda me valha um marido (tomae isto, leitores discretos, como uma semi-confidencia), pois escrever mais é o que não farei decididamente.

Pelo que toca a marido, bem sei que Affonso Karr disse que o casamento é o maior luxo que um homem pode supportar. Tirso de Molina, que de casado a cançado não vae mais que um *n*. Isto é lá com os homens. Outros dizem que o matrimonio é proveniente de uma influencia lunar, que o casamento é uma mentira theorica e uma verdade prática; que é uma necessidade social como as tempestades o são physica, para purificar estes a atmosphera, e arrancar aquelles á sociedade dos entes inuteis; que os maridos são na sociedade o que as cegonhas são nos campos. Ainda outros entendem que o matrimonio é um dueto difficil, escripto por mão divina, cujos executantes tendem sempre para a desafinação.

Tudo isto assim seria, mas não se me dava de experimentar por mim mesma para depois poder falar da cousa com conhecimento de causa.

Ou eu tenho até agora perdido inteiramente o meu tempo, ou todos quantos me têem lido terão comprehendido que a gastronomia, e muito menos

ainda a gastrosophia, não é a arte de comer muito, mas a sciencia de comer bem. Mas de uma vez já tenho achado occasião de prevenir contra o perigo das indigestões; aqui, porém, é o logar que escolhi para mais *ex-professo* tratar d'esta materia.

Não vive o homem do que come, mas do que digere: maxima é esta que não se lê; era digna de lêr-se no livro da sabedoria e entre os proverbios de Salomão. Tende-a vós ao menos sempre presente, é o que por vosso proprio bem vos peço.

Cumpre pois digerir; quantos, porém, o fazem sem saber como! Não duvido que por via de regra sejão exactamente esses os que melhor digerem, da mesma sorte que alguns dos nossos poetas escrevem prosa sem se sentir, julgando fazer versos, mas como para o homem pensador é indispensavel conhecer a razão das cousas, ainda que essa razão seja mais obscura que a mesma cousa, pareceu-me que incompleto ficaria este trabalho, sem uma breve dissertação sobre a digestão, base e fundamento da sciencia de que me occupo.

A digestão, porém, é um acto complexo, que mal comprehenderia quem lhe não conhecesse os antecedentes e consequentes.

O antecedente primario é a ingestão.

O appetite, a fome e a sêde nos advertem de que carece de refazer-se o corpo, e a dôr, a dôr,

que é o mais eloquente de todos os *monitores* de Paris e do Rio de Janeiro, não tarda a vir fazer-nos sentir a sua mão pesada, se não damos prompto ouvido ao conselho amigavel.

Segue-se o comer e o beber que é o que constitue a ingestão, operação que principiando no momento em que os alimentos chegão á bôcca, termina logo que entrão no esophago.

Mais do que breves pollegadas não mede este trajecto, e comtudo quantas cousas se não passão durante elle!

Os dentes partem e mastigão os alimentos solidos; as glandulas de toda a especie que pelo lado de dentro guarnecem a bôcca os humedecem emquanto a lingua trata de mexel os; comprimindo-os depois contra o paladar para expremer-lhes o succo e saborear lhes o gôsto, e reunindo-os todos em massa no meio da bôcca, feito o que, apoiando a ponta no queixo inferior e curvando-se no centro forma na raiz um plano inclinado, que os faz escorregar para a pharinge, a qual, contrahindo-se por sua vez, os introduz no esophago, cujo movimento peristaltico os conduz directamente ao estomago.

Engolido assim um boccado, succede-lhe outro, seguindo a mesma via as bebidas todas nos entreactos, e continúa a deglutição até que o mesmo instincto, que convidára á ingestão, nos adverte de

que é tempo de fazer ponto final. Raras vezes, porém, se obedece á primeira voz, pois que um dos privilegios da especie humana é beber sem ter sêde e no estado a que chegou a arte sabem muito bem os cozinheiros fazer-nos comer sem fome.

Termina aqui o imperio da vontade e começa a digestão propriamente dicta, operação inteiramente mechanica, podendo o respectivo apparelho considerar-se como um moinho fornido de todas as peças necessarias não só para extrahir dos alimentos quanto pode restaurar as perdidas fôrças corporaes, mas tambem para repellir o resto despojado das suas partes nutritivas ou animalisaveis.

Longa e renhida disputa se tem travado sobre a maneira por que no estomago se faz a digestão, se por cocção, maturação, fermentação, dissolução gastrica, chimica ou vital, etc.

Entra na operação um pouco de tudo isto e o erro estava em querer attribuir a um agente unico o que é resultado de differentes causas necessariamente unidas.

Com effeito, impregnados de todos os fluidos, que lhes fornecem a bôcca e o esophago, chegão os alimentos ao estomago, onde os penetra o succo gastrico de que este está cheio sempre. Alli submettidos por espaço de horas a um calor de trinta gráus Reaumur são joeirados e misturados pelo movimento

organico do mesmo estomago, e óbrão uns sobre os outros por meio do attrito, sendo impossivel deixar de haver fermentação, quando é fermentavel quasi tudo o que é alimenticio.

Com todas estas operações se vae elaborando o chylo. A camada alimentar immediatamente sobreposta é a primeira a ser apropriada, e passando pelo pyloro vae cahir nos intestinos. Succede-lhe outra, e assim por deante até que não reste nada no estomago, que d'esta forma se esvazia aos boccados tal qual se enchêra.

É o pyloro especie de funil carnoso, que communica o estomago com os intestinos, e está construido de modo que os alimentos não possão, pelo menos sem difficuldade, subir por onde havião descido. Sujeita a obstruir-se ás vezes é esta importantissima viscera, e ai do infeliz a quem tal succede: entre dôres atrozes morrerá de fome.

Duodeno, por medir dez dedos de comprimento, se chama o intestino que recebe os alimentos ao sahirem do pyloro.

Chegado ao duodeno, passa o chylo por nova elaboração misturado com a bilis e o succo pancreatico, e perdendo a côr grisalha que tinha, principia a adquirir outra amarellada. Os diversos principios que entrão n'esta mistura óbrão reciprocamente uns sobre os outros, e prepara-se o chylo, não podendo

por essa occasião deixar de haver formação de gazes analogos.

Continuando o mesmo movimento organico, que do estomago fizera sahir o chylo, é este impellido para os intestinos miudos, onde é absorvido por orgãos para este effeito destinados e levado ao figado para juntar-se com o sangue, que refresca, reparando as perdas causadas pela absorpção dos orgãos vitaes e exhalação transpiratoria.

Muito menos complicada do que a dos solidos é a digestão dos liquidos.

Separa-se a parte alimenticia, que se acha suspensa, e unida ao chylo atravessa as mesmas vicissitudes.

A parte puramente liquida é absorvida no estomago por orgãos especiaes, e lançada na circulação d'onde passa pelas arterias emulgentes para os rins, afim de ser alli filtrada a elaborada.

Segundo a particular disposição do individuo, dura a digestão mais ou menos, mas como meio termo podem assignar-se-lhe sete horas, tres das quaes se passão no estomago, e as demais no trajecto intestinal.

Entre todas as operações corporaes nenhuma ha que tanto como a digestão influa no estado moral do individuo.

A razão facilmente se comprehende. Os princi-

pios da mais simples psychologia nos ensinão que a alma não recebe impressões senão por meio dos orgãos, que lhe são sujeitos e que a põem em contacto com os objectos externos. D'aqui se deixa vêr que mal conservados, mal refeitos, ou irritados estes orgãos, exerce semelhante estado de degradação uma influencia necessaria sobre as sensações, que são os canaes intermediarios e occasionaes das operações intellectuaes.

É assim que a maneira habitual por que a digestão se faz e sobretudo se termina, nos torna tambem habitualmente tristes, alegres, taciturnos, palradores, morosos ou melancholicos, sem que dêmos por isso, nem o possamos remediar.

Nos moços vem a digestão frequentes vezes acompanhada de um ligeiro arrepio, e nos velhos quasi sempre de uma grande somnolencia; no primeiro caso é a natureza, que retira da superficie o calorico para empregal-o no seu laboratorio; no segundo é a mesma potencia que, enfraquecida pela edade, já não pode com o trabalho simultaneo da digestão e da excitação dos sentidos.

Agora tomae nota e gravae bem na memoria que nos primeiros momentos da digestão não vos deveis entregar a trabalho algum serio, seja espiritual ou corporal. É regra velha e de todos sabida, não ha duvida, mas ainda menos duvida ha de que o des-

prêzo d'ella tem entulhado os cemiterios, e muito doloroso me seria saber que algum dos que tomárão o trabalho de lêr-me, tão pouco aproveitasse que fôsse esbarrar de encontro a um dos preceitos mais triviaes e comezinhos.

O somno e os sonhos não são da minha jurisdicção, ou antes da comprehensão d'este artigo, mas dizer a influencia que sobre essas cousas tem a alimentação, creio que não pode vir senão muito a pêlo.

Para o trabalho todo o mundo sabe que ella faz muito e muito. Mal alimentado não pode o homem supportar longas fadigas, e coberto de suor o corpo sente abandonarem-no as fôrças. Se se trata de um trabalho de espirito, nascem sem vigor nem precisão as idéas, a reflexão recusa-se a ligal-as, o juizo a analysal-as, e extenuado o cerebro n'estes vãos esforços, adormece-se no campo de batalha.

Mas ainda no dominio do somno, onde a mesma lei, não cessando de proteger o homem, deixa de impôr-lhe os seus preceitos, impera o effeito do que comemos e bebemos.

Filho de milhões de observações ensina a experiencia que a alimentação regula os sonhos.

Em geral todos os alimentos ligeiramente excitantes fazem sonhar: taes são as carnes negras, os pombos, o pato, a caça de pelle e particularmente

a lebre, e muitos vegetaes, e com especialidade os dôces perfumados e sobretudo a baunilha possuem esta propriedade.

Baniremos, porém, das nossas mesas por isso as substancias assim somniferas? Pelo contrario, pois que agradaveis e leves são por via de regra os sonhos que d'ellas resultão, prolongando a nossa existencia mesmo durante o tempo em que ella parece suspensa. Pessoas ha até para quem os sonhos constituem uma como vida á parte, uma especie de romance contínuo; tal a ligação entre os seus sonhos, que ellas concluem na segunda noite o que na primeira havião principiado, vendo a dormir muitas physionomias que reconhecem por já vistas, embora nunca as encontrassem no mundo real.

Quem pois tiver reflectido sobre a sua existencia physica, regulando-a pelos principios da verdadeira sciencia gastronomica, preparará com sagacidade o seu repouso, o seu somno e os seus sonhos.

Dividirá o trabalho de modo que nunca se veja acabrunhado, e o tornará mais leve, variando-o com discernimento, e refrescando a propria aptidão por meio de curtos intervallos de descanço; que longe de retardal-o o adeantão, tornando mais proficuos os momentos que se lhe dedicão.

Se no correr do dia repouso mais longe se lhe faz preciso, não se entregará a elle senão sentado, re-

sistindo ao somno, quando este não é invencivel, e livrando-se sempre de contrahir-lhe o habito.

Quando a noite tiver trazido a verdadeira hora do descanço, elle se retirará a um quarto bem arejado, e não se cercará de pesadas cortinas que o farião respirar sempre o mesmo ar, abstendo-se de fechar as portas das janellas, para que, todas as vezes que entreabrir os olhos, venha um resto de luz consolar-lh'os.

Extender-se-ha n'um leito um pouco mais alto para a cabeceira, o seu travesseiro será de crina, e sem sobrecarregar o corpo com o pêso das cobertas, terá cuidado em conservar bem agasalhados e quentes os pés.

Terá comido com discreção, não enjeitando os bons e ainda menos os excellentes boccados e bebido dos melhores vinhos. A' sobremesa terá falado mais de amores do que de politica, e feito mais madrigaes do que epigrammas, tomando a sua chicara de café, e um gôlo de fino licor para perfumar a bôcca sómente, sem que em cousa nenhuma ultrapassasse senão um quasi nada os limites da necessidade.

N'este estado se deitará contente de si e dos outros, seus olhos se cerrarão, e pouco a pouco, atravessando a especie de crepusculo que o precede, virá o somno mergulhal-o por algumas horas em profundo esquecimento.

Entretanto terá a natureza cobrado o seu tributo, restauradas pela assimilação as perdas, e então virão sonhos agradaveis dar-lhe nova e mysteriosa existencia, em que verá as pessoas que mais ama, e se entregará ás suas occupações favoritas, transportando-se aos logares que mais lhe agradão.

Afinal, dissipado lentamente o somno, tornará elle a entrar na sociedade sem ter de lamentar o tempo perdido, pois que mesmo dormindo gosou de uma actividade sem fadiga e de um prazer sem mescla.

Assim fala o meu mestre, e ao vosso proprio criterio e experiencia deixo o avaliar se tem elle ou não razão.

Fôra aqui porventura o logar mais azado de dar-vos as boas noites e remetter-me ao silencio, o que estou me agradecerieis, mas é que não quero ficar-me com uma parte integrante das minhas lucubrações, e que invariavelmente constitue ou appendice, ou introducção obrigada de todo o livro que trata de uma sciencia ainda não assás reconhecida. Vem a ser uma historia da mesma sciencia.

Não vos apavore, porém, o nome da historia; será menos que um resumo, menos que um esbôço, menos quiçá ainda do que um elenco. Quero ser breve, e para isso, e tambem um pouco para commodidade propria, não tirarei os apontamentos senão

do livro do meu mestre, e isso mesmo só até onde a historia é para assim dizer uma e universal, fazendo ponto onde ella começa a decidir-se pelos differentes povos que habitão a terra.

Grande polemica tem havido entre cozinheiros e alfaiates, e sobre de quaes d'elles será mais antiga a arte. A imparcialidade, mas notem que é individual esta minha opinião, ficando livre a todos seguir cada qual a sua, obriga-me a dar sobre este ponto o meu laudo a favor dos ultimos. Emquanto esteve no paraiso, é de crer que Adão se contentasse com os manjares, que a natureza lhe offerecia já guisados e promptos, não curando pois da arte da cozinha, ao passo que, mal comeu o fructo prohibido, logo inventou a de alfaiate, fazendo-se um vestido de folhas de figueira, ou de vide, pois é ponto controverso entre os antiquarios, mas que para o caso vertente vem tão a proposito como a questão do fio de que elle se serviria para coser as taes folhas.

Dêmos pois de barato que a arte da cozinha não fôsse como a do alfaiate, inventada dentro ainda do paraiso, mas foi certissimamente logo depois da expulsão, datando assim dos tempos primitivos. Para isto, se outra prova nos fallecesse, bastaria vermos como Caim matou Abel com tição do fogo, em que assava carneiros, o que presuppõe necessariamente conhecimento pelo menos da theoria dos assados. A

par d'isto consignaremos o facto de ser seguramente á arte da cozinha que se deve a invenção do fogo, talvez a mais importante descoberta do genero humano.

Imaginemos um pouco como as cousas se passariam. Depois que o homem chegou a conhecer que as carnes levadas ao fogo ficavam melhores, não só mais saborosas, mas até de mais facil digestão, é natural que procurasse remover o inconveniente do contacto das cinzas e carvões, e inventasse o espêto que, apoiadas em pedras as duas extremidades, conservasse as viandas expostas sim á acção do fogo, mas livres d'aquelle contacto.

Assim se conservarião muito tempo estacionarias as cousas, pois que não as achamos muito mais adeantadas nos dias de Homero.

E' vêr entre outros o festim que Achilles preparou a tres Gregos dos mais conspicuos, dos quaes um até era rei. Pode tambem este banquete dar-nos um padrão approximado dos vigorosos appetites d'aquelles tempos heroicos, pois que se compunha dos quartos de uma ovelha, de uma cabra gorda e dos lombos succulentos de um porco para quatro convivas, tudo isto assado ao espêto, e preparado pelas proprias mãos do divino Achilles e do seu fiel Patrocolo, em honra dos hospedes, porquanto aos escravos incumbião de ordinario os cuidados da cozinha.

Passavão então por manjar delicadissimo as entranhas dos animaes recheadas de sangue e gordura, e ás delicias da mesa associavão-se a poesia e a musica. Cantores venerados, e que exercião uma especie de sacerdocio, celebravão as maravilhas da natureza, os amores dos deuses, e os altos feitos dos guerreiros.

Em parte nenhuma fala Homero de viandas cozidas; os Hebreus, porém, graças talvez á sua longa residencia no Egypto, estavão mais adeantados. Tinhão vasilhas de pôr ao fogo e n'uma d'ellas fôrão cozinhadas as célebres lentilhas que Jacob tão caras vendeu a Esaú.

Uma vez obtidos vasos de metal ou barro capazes de resistir ao fogo, começou logo a arte culinaria a fazer grandes progressos. Tornou-se desde então possivel temperar as viandas, cozinhar legumes, fazer caldos e preparar geléas, tudo cousas que mutuamente se auxilião.

Com effeito, nos livros mais antigos se faz menção honrosa dos banquetes dos reis do Oriente, nem é difficil de crêr que monarchas que reinavão sobre paizes ricos de tudo, e particularmente de especies e perfumes, tivessem mesas sumptuosas; faltão-nos, porém, os pormenores. Apenas sabemos que Cadmo, introductor da escriptura na Grecia, fôra cozinheiro d'el-rei Sidão.

Foi entre aquelles povos molles e voluptuosos que nasceu o costume de cercar de leitos as mesas dos festins, comendo deitados. Não foi por toda a parte egualmente bem recebido este requinte de commodidade. Athenas, porém, o adoptou, e por muito tempo foi este o uso geral do mundo civilisado.

Fôrão os Athenienses, povo gamenho e ávido de novidades, que na Grecia antiga lançárão mais longe a barra em materia de boa papança. A caça, a pesca e o commercio lhes fornecião objectos, que ainda hoje passão por excellentes, e que a concorrencia elevava a preços exorbitantes.

Todas as artes se davão as mãos para lhes ornarem as mesas á roda, das quaes jazião os convivas em leitos cobertos de ricos tapetes de purpura.

Com agradaveis conversações se procurava de industria dar maior realce aos prazeres da mesa, e tornou-se quasi uma sciencia este estudo.

Fôrão perdendo pouco a pouco a antiga severidade os cantos, que se entoavão do meio para o fim do banquete, e postos opportunamente de parte os deuses, os heroes e os feitos historicos, levantavão-se hymnos ao amor e á amizade.

Os vinhos da Grecia, que ainda gosão de merecida nomeada, fôrão examinados e classificados por peritos, e passava-se dos mais dôces aos mais espirituosos, chegando-se ás vezes a percorrer a escala

inteira, e ao contrario do que se pratica hoje, augmentavão os copos de capacidade na razão da excellencia do vinho, o que muitos não deixarão de achar razoavel.

Vendo tão estimada a arte da cozinha principiárão os sabios á porfia a escrever sobre ella, e Platão e Atheneu ligárão seus nomes a obras d'este genero infelizmente perdidas; nenhuma, porém, tão lamentada dos entendedores como a *Gastronomia de Achestrades.*

Emquanto não combatiam senão pela propria existencia ou para subjugarem vizinhos tão pobres como elles mesmos, não se mostravão os Romanos mui pichosos na comida. Os seus generaes pegavão na rabiça do arado, e vivião de legumes, e frugivoros historiadores desfazem-se em elogios d'estes tempos primitivos em que sobretudo se honrava a frugalidade. Apenas, porém, aquelles ferozes guerreiros alargárão as suas conquistas á Sicilia, Africa e Grecia, e apprendérão a regalar-se á custa dos vencidos em paizes onde mais adeantada estava a civilisação, introduzírão tambem em Roma, que os acolheu ás mil maravilhas, os guisados que entre os extrangeiros mais lhes havião dado no gôtto.

Enviárão a Athenas uma deputação para copiar as leis do Solão, e muitos jovens lá ião estudar bellas lettras e philosophia, mas a par dos segredos da arte

e da sciencia iniciárão-se tambem nas delicias dos festins, e de envôlta com oradores, philosophos, rhetoricos e poetas chegavam a Roma egualmente os cozinheiros.

Com o tempo e a serie de triumphos que a Roma fizerão affluir todas as riquezas do universo, foi o luxo da mesa levado a um ponto quasi incrivel.

Principiou-se a comer de tudo, desde a cigarra até ao abestruz, desde o organaz até ao javalí, e tudo quanto podia estimular o paladar foi empregado como tempêro.

Os principaes d'entre os Romanos olhavão como titulo de gloria possuirem magnificos jardins em que cultivassem toda a sorte de fructos, não só os conhecidos desde os tempos antigos, mas tambem os recentemente introduzidos das conquistas asiaticas, como o damasco da Armenia, o pêcego da Persia, o marmelo do Sidão, a amora dos valles do monte Ida, e a cereja, trophéo immortal colhido por Lucullo no reino de Ponto.

Entre os comestiveis erão os peixes sobretudo objecto de luxo. Estabelecérão-se preferencias a favor de determinadas especies, preferencias que dobravão quando a pesca era feita em paragens sabidas. De longinquos paizes se trazia o peixe em vasos cheios de mel, e o que excedia o tamanho ordinario pagava-se por preços fabulosos.

Alvo de menores cuidados não erão as bebidas. Os vinhos da Grecia, da Sicilia e da Italia fazião as delicias de Roma, e como já do logar, já do anno em que havião sido produzidos, dependia o seu preço, inscrevia-se em cada amphora uma especie de acto de nascimento.

O nata mecum consule Manlio.

Não contentes já com o que lhes offerecia a natureza, procurárão os Romanos tornar mais estimulantes e perfumados os seus vinhos, misturando lhes flôres, aromas, e drogas, e sonhando já com o alcool que só quinze seculos depois devia ser descoberto.

A par d'isto principiárão a fazer-se com esmero, já pelo lado da materia, já pelo do trabalho, todos os trastes necessarios para os festins. Augmentando gradualmente chegou a passar de vinte o numero dos serviços, isto é, dos pratos que de uma vez se punhão na mesa, renovando-se sempre para cada um toda a baixella que se empregara nos anteriores.

Para cada funcção convival, e minuciosamente indicadas estavão todas, se designavão escravos especiaes, e os mais preciosos perfumes embalsamavão a sala do banquete. Uns como arautos apregoavão o merecimento dos manjares dignos de singular attenção, annunciando-lhes os titulos que

tinhão para esta distincção, e nada se esquecia de quanto podia aguçar o appetite ou prolongar o gôso.

Exempto de aberrações e extravagancias não podia ficar muito tempo este luxo, pois como qualificar de outra forma esses festins em que os peixes e aves se contavão por milheiros, e esses manjares cujo unico merecimento erão as sommas que tinhão custado, como um prato dos miolos de quinhentos abestruzes, e outro composto das linguas de cinco mil aves, que todas havião falado.

Basta isto para se comprehender como Lucullo podia gastar rios de dinheiro nos famosos banquetes que dava na sua não menos famosa sala de Apollo.

Fôrão estes os seculos dourados da cozinha, a que veiu pôr tristissimo fim a invasão dos barbaros.

Ao apparecerem estes rudes extrangeiros, sumiu-se a arte alimentar com as outra sciencias, de que é companheira e complemento. A maior parte dos cozinheiros fôrão trucidados nos palacios, cujas delicias fazião, outros fugírão para se não verem obrigados a regalar os oppressores da patria, e os poucos que vierão offerecer os seus serviços passárão pela vergonha de os vêr com desdem rejeitados. Aquellas bôccas selvagens, aquellas guelas queimadas, erão insensiveis ás doçuras de uma papança delicada. Enormes quartos de animaes, incommensuraveis amphoras das mais fortes bebidas, bastavão

para beatifical-os: e como os usurpadores andavão sempre armados não raro degeneravão em orgias estes banquetes, correndo o sangue de envôlta com o vinho.

Mas nunca o que é excessivo durou muito. Cançárão-se de ser crueis os vencedores, e, alliados com os vencidos, tomárão uma tintura de civilisação, principiando a saborear os encantos da vida social.

Não tardárão os festins a resentir-se d'este adoçamento de costumes. Já se convidavão os amigos menos para fartal-os do que para regalal-os; os hospedes percebérão que se procurava agradar-lhes, mais decente alegria começou a animal-os, e mais affectuosos se fôrão tornando os deveres da hospitalidade.

Principiados no seculo quinto da nossa era, recebérão estes melhoramentos rapido impulso no reinado de Carlos Magno, cujas capitulares claramente estão revelando os cuidados pessoaes que este monarcha dava aos meios de sustentar o luxo da sua mesa.

E razão tinha elle e quantos após d'elle se têem preoccupado d'este importantissimo elemento do nosso bem-estar e felicidade terrestre.

Quizera aqui rematar pelo extracto de um capitulo, que o meu mestre consagra especialmente aos

prazeres da mesa, mas levar-me-hia isso longe de mais, e receio trazer-vos já assás aborrecidos; não posso comtudo furtar-me a transcrever, embora vos não possa obrigar a lêr, os preceitos d'elle para se dar um bom jantar. Escutae-o, se vos apraz:

«Recolhei-vos, leitores, e prestae me attenção: é Gasteréa, das musas a mais gentil, que me inspira. Serei mais claro do que um oraculo, e os meus preceitos sobreviverão o andar dos seculos.

«Não passe de doze o numero dos convivas, para que nunca deixe de ser geral a conversa.

«Escolhão-se de modo tal, que variadas sejão as suas occupações, analogos os gôstos, e conhecidos já uns dos outros, para que se possa dispensar a odiosa formalidade das apresentações.

«Illuminada com luxo deve ser a sala, de irreprehensivel limpeza todo o serviço da mesa, e trese a dezeseis gráus do thermometro Reaumur a temperatura da atmosphera. (O homem escrevia em Paris).

«De agudo engenho, mas sem fatuidade, hão de ser os homens, e amaveis as mulheres sem serem por demais garridas.

«Sejão delicados, mas em numero limitado, os manjares, e de primeira qualidade os vinhos.

«Siga-se nos primeiros a ordem dos mais sub-

stanciaes para os mais ligeiros, e nos segundos a dos mais carregados para os mais perfumados e generosos.

«Moderado convém que seja o movimento do jantar, que é o ultimo negocio de cada dia, olhando-se os convivas como viajantes que juntos querem chegar ao mesmo termo.

«Sirva-se o café a ferver, e revele-se a mão do mestre na escolha dos licôres.

«Espaçosa deve ser a sala para onde tiverem de passar os commensaes, afim de que se possa organisar uma partida de jôgo para os que não dipensão este entretenimento, sem que escasseie o logar para os colloquios post-meridianos.

«Captivem os agrados da sociedade os convidados, e seja bem feito, mas não carregado de mais, e bem servido o chá.

«Não comece antes das onze horas a retirada, mas esteja á meia noite todo o mundo na cama.»

Disse.

Seguir-se-hia agora o acto de contricção, que no principio prometti, pedindo-vos perdão das penas e aggravos que vos posso ter causado. Bem pensado tudo, porém, resolvi deixar isso para melhor occasião, e pura e simplesmente despedir-me por uma emporada, não em latim, o que passa por má crea-

ção, mas em hebraico, contra o que ninguem achará que dizer :

Lebt wohl, ihr Hette, ihr geliebten Seiten,
Ihr traulich stillen Blaetter, lebet wohl !
Ignez sie geht, einst aber kommt sie wieder,
Sie sagt noch nicht euch ewig Lebewohl.
Zerstreuet euch nicht, Leser, auf der Haiden !
Ihr bleibt nicht eine hirtenlose Schaar !
Doch eine andere Heerde muss ich weiden
Wo mehr die Dint'und grœsser die Gefahr !
So ist des Geistes Ruf an mich ergangen,
Mich treibt nicht eit des irdisches Verlangen.

INDEX